

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

ANA RÍSIA SOARES CAMÊLO

**PERCEPÇÃO DAS COMUNIDADES LOCAIS SOBRE A TURISTIFICAÇÃO DA
ROTA ECOLÓGICA EM ALAGOAS**

Maceió
2016

ANA RÍSIA SOARES CAMÊLO

**PERCEPÇÃO DAS COMUNIDADES LOCAIS SOBRE A TURISTIFICAÇÃO DA
ROTA ECOLÓGICA EM ALAGOAS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Lindemberg Medeiros de Araujo

Maceió
2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário Responsável: Valter dos Santos Andrade

C181p Camêlo, Ana Rísia Soares.
Percepção das comunidades locais sobre a turistificação da rota ecológica em Alagoas / Ana Rísia Soares Camêlo. – 2016.
232 f.: il.

Orientador: Lindenberg Medeiros de Araujo.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2016.

Bibliografia: f. 207-225.

Apêndice: f. 226-230.

Anexos: f. 231-232.

1. Turistificação. 2. Rota ecológica - Alagoas. 3. Lugar. 4. Comunidades – Percepção. I. Título.

CDU: 711.4:338.48

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

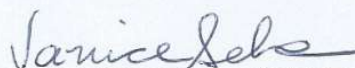
Ana Rísia Soares Camêlo

PERCEPÇÃO DAS COMUNIDADES LOCAIS SOBRE A TURISTIFICAÇÃO
DA ROTA ECOLÓGICA EM ALAGOAS

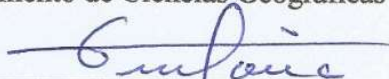
Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

APROVADA em: 18/01/2016

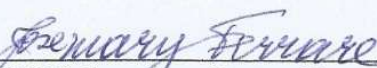
BANCA EXAMINADORA



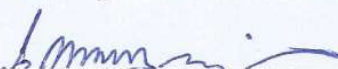
Profª Drª. Vanice Santiago Fragoso Selva
Departamento de Ciências Geográficas - UFPE



Profº Dr. Geraldo Majela Gaudêncio Faria
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL



Profª Drª. Josemary Omena Passos Ferrare
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFAL



Profº Dr. Lindemberg Medeiros de Araujo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL

Às comunidades locais da Rota Ecológica

AGRADECIMENTOS

À Deus;

Ao professor e orientador Lindemberg Medeiros de Araujo, que além de tudo é amigo e parceiro dos seus alunos, apoiando tanto profissionalmente como psicologicamente para que este trabalho pudesse ser realizado;

Aos professores do Mestrado do DEHA-UFAL, pelos ensinamentos de profissão e de vida, assim como pelo trabalho em conjunto para o crescimento e desenvolvimento do PPGAU-FAU-UFAL;

Aos funcionários da parte administrativa do DEHA, assim como os bolsistas, por terem sido sempre prestativos na resolução de problemas;

À CAPES pelo apoio financeiro para o desenvolvimento da pesquisa;

Aos moradores dos municípios de Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras, os quais foram fundamentais para os resultados deste estudo com suas falas, opiniões e histórias de vida importantes ao estudo;

À minha família, em especial à minha mãe Josefa Camêlo pelo apoio emocional neste trajeto

Aos amigos de turma do DEHA, pela amizade, apoio nas horas difíceis e compartilhamento de ideias úteis à pesquisa;

Aos amigos da Geografia da Graduação e Pós Graduação pelo apoio na elaboração de mapas e demais contribuições acadêmicas

Ao grupo de pesquisa da Rota Ecológica – LTTD –UFAL pela contribuição de informações sobre esses lugares

O Mundo é um livro, e aqueles que não
viajaram leram apenas uma página.

Santo Agostinho

RESUMO

Este estudo examina como a população dos povoados litorâneos dos municípios de Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras percebem a inserção das pousadas da Rota Ecológica no lugar onde eles moram. A atividade turística se materializa nos destinos como um segmento econômico dinamizador dos lugares em que se instala e reorganizador do espaço para atender interesses de determinados investidores, podendo apresentar, ao mesmo tempo, mudanças positivas e negativas, variando de acordo com as diferentes formas pelas quais cada lugar é turistificado. Frente às mudanças negativas causadas pelo turismo, nos mais variados lugares em todo o mundo, vêm aumentando os questionamentos sobre os impactos do turismo de massa. Com isso, formas alternativas de desenvolvimento turístico vêm sendo desenvolvidas, o que representa um contraponto ao turismo de massa. Na Rota Ecológica, pousadas que apresentam características semelhantes aos meios de hospedagem dos chamados “roteiros charme” se instalaram localmente, oferecendo tipos de serviços diferenciados, associados de alguma forma com a noção de desenvolvimento sustentável, valorizando o meio ambiente, a sociedade e a cultura local. Para verificar como ocorre a interação entre a atividade das pousadas da Rota Ecológica e os moradores dos povoados locais, este estudo teve como base a percepção geográfica dos residentes a respeito da chegada desses empreendimentos hoteleiros nos seus lugares. O estudo adotou uma abordagem qualitativa, com o emprego de observação direta, registro fotográfico e entrevistas semiestruturadas, realizadas com 12 pessoas da população local dos três municípios. Os dados da pesquisa são analisados de forma qualitativa, considerando-se temas chave, relacionados a aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais. Os resultados apontam para uma relativa aceitação da atividade turística como sendo benéfica na percepção dos moradores dos povoados da Rota Ecológica, apesar de também tecerem críticas em relação a alguns aspectos da inserção dessas pousadas e do turismo em seus lugares.

Palavras-chave: Turistificação. Rota Ecológica. Lugar. Comunidade. Percepção

ABSTRACT

This study examines how the population of littoral villages of the municipalities of Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres and Porto de Pedras (*Rota Ecológica*) perceive the arrival of small-scale accommodations (*pousadas*) in their places. Tourist activities are an economic segment that brings new life to the places where they develop and they re-organize the local space in order to meet their interests, causing simultaneously both positive and negative changes, which vary according to the touristification style that is adopted. There has been an increase in the critique regarding mass tourism negative impacts around the world. In turn, alternative forms of tourism development have emerged as a type of counterpoint to mass tourism. A number of *pousadas* that are similar to the accommodations related to the so-called “routes of charm” have been built in the *Rota Ecológica*. The *pousadas* offer particular types of services that are also somehow associated with the notion of sustainable development, in which the values of the environment, of local societies and the culture are emphasized. In order to examine the interaction between the *pousadas* of the *Rota Ecológica* and the local population, this study explored the geographical perception of key residents regarding the construction of such accommodations in the interviewers’ places. The study used a qualitative approach based on direct observation, photographic survey, and semi-structured interviews that were run with 12 local residents of villages in the three above-mentioned municipalities. Data were analyzed in a qualitative way based on themes related to the social, economic, cultural and environmental aspects of the villages involved in the study. Results show that the interviewers have an overall positive perception about tourism development in the *Rota Ecológica* based on the *pousadas* despite the fact that they also identify a few key problems related to the construction and operation of the *pousadas* in point in their places.

Key-words: Touristification; *Rota Ecológica*; Place; Community; Perception

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa com a marcação das pousadas da Rota Ecológica	16
Figura 2: <i>Resorts</i> da rede Iberostar no mundo.....	32
Figura 3: Equipamentos de turismo de massa (<i>resorts</i>) no Brasil e em outros países.	36
Figura 4: IBEROSTATE – Condohotel em construção pertencente ao <i>resort</i> IBEROSTAR - Praia do Forte - BA.....	38
Figura 5: Modelo de enclave	39
Figura 6: Ciclo de vida da área turística	41
Figura 7: Ouro Preto (MG) – Lugar turístico com ênfase no patrimônio arquitetônico e cultura	50
Figura 8: Uso de formas alternativas de turismo. Treasure Beach (Jamaica)	53
Figura 9: Exemplo de ecoturismo – Itapema -SC.....	55
Figura 10: Imagens que caracterizam o perfil aloccêntrico (A) – Três Coroas/RS e o perfil psicocêntrico de turista (B) – Aparecida do Norte/SP.....	64
Figura 11: Comunidade do povoado de Porto da Rua – São Miguel dos Milagres. Lugar com o maior número de pousadas da Rota Ecológica.....	70
Figura 12: Mapa de localização dos municípios de Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras.	92
Figura 13: Afastamento da AL 101 Norte da pista que liga até Japaratinga e Maragogi no trecho da Rota Ecológica (Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras- Alagoas)	92
Figura 14: Vista da Barra de Camaragibe com destaque para a praia dos Morros (praia no canto direito com imensas áreas de coqueirais)	94
Figura 15: Águas cristalinas próximas à praia de Porto da Rua.....	95
Figura 16: Balsa no rio Manguaba que separa os municípios de Porto de Pedras e Japaratinga	95
Figura 17: Praia do Patacho.....	96
Figura 18: Planície Costeira vista do alto do Farol de orientação náutica em Porto de Pedras.....	97
Figura 19: Passeio de observação do peixe-boi em Porto de Pedras.....	97
Figura 20: Venda de Loteamentos na área da Rota Ecológica – Município de Porto de Pedras	98
Figura 21: Galpões para armazenamento de coco na área da Rota Ecológica	99
Figura 22: Pescador artesanal na foz do rio Manguaba em Porto de Pedras.....	100
Figura 23: Casas rústicas na Rota Ecológica.....	102
Figura 24: Projetos sociais Instituto Yandê - São Miguel dos Milagres	105
Figura 25: Projetos Sociais e reuniões junto a órgãos públicos realizados pela AMITUS.	106
Figura 26: Pesca Artesanal	109
Figura 27: Artesanato da Rota Ecológica	110
Figura 28: Atividades Territoriais – vide localização de agricultura familiar.....	111
Figura 29: Rota Ecológica – panorama geral	113
Figura 30: Patrimônio Cultural.....	117

Figura 31: Pastoril dos Homens de São Miguel dos Milagres	118
Figura 32: Fotos das ruínas da casa do bode do ponte antigas.....	119
Figura 33: Ruínas da Casa recente da lenda do Bode do Ponte, município de São Miguel dos Milagres.....	120
Figura 34: Oitizeiro na subida do farol náutico em Porto de Pedras.....	120
Figura 35: Foto da Revista “O Natal” de dezembro de 1939 falando sobre a árvore secular em São Miguel dos Milagres.....	121
Figura 36: Parte do Patrimônio Histórico dos municípios da Rota Ecológica.....	123
Figura 37: Cartaz do evento I Milagres Fest 2014	125
Figura 38: Local em que é realizado o passeio de turismo de observação do peixe-boi – Tatuamunha- Porto de Pedras.....	129
Figura 39: Foto interna da pousada Riacho dos Milagres localizada no município de São Miguel dos Milagres.	132
Figura 40: Desenho ilustrativo da Rota Ecológica	133
Figura 41: Características territoriais gerais do litoral norte de Alagoas	134
Figura 42: Fotos internas de Pousadas da Rota Ecológica	135
Figura 43: Imagens da Rota Ecológica.....	138
Figura 44: Logomarcas, fotos de satélite e fotos internas das pousadas da Rota Ecológica..	141
Figura 45: Horta Agroecológica orgânicas– Pousada do Toque	146
Figura 46: Novos empreendimentos da região que vem surgindo nos últimos anos depois das pousadas da Rota Ecológica com padrões parecidos.....	151
Figura 47: Placa na entrada do povoado de Barra de Camaragibe, indicando o início da Rota Ecológica	154
Figura 48: Divulgação nas redes sociais do Réveillon 2015 pela agência TJ.....	155
Figura 49: Passeio das piscinas naturais – São Miguel dos Milagres	156
Figura 50: Bar da Praia – Praia de Marceneiro – Passo de Camaragibe	156
Figura 51: Cartaz do documentário da lenda do Bode do Ponte	161
Figura 52: ICMBio em ações de limpeza nas praias de Porto de Pedras	167
Figura 53: Reunião do Conselho Consultivo da APA Costa dos Corais – ICMBio, AMITUS, Instituto YANDÊ - 2014	171
Figura 54: Jangadas a beira mar – Povoado de Porto da Rua – São Miguel dos Milagres	173
Figura 55: Palhoças dos pescadores locais – Praia do Patacho – Porto de Pedras.....	177
Figura 56: Instituto Yandê – Povoado do Toque – São Miguel dos Milagres	181
Figura 57: Turistas nas praias da Rota Ecológica – Porto da Rua – São Miguel dos Milagres	183
Figura 58: Casas populares e arruados do município de São Miguel dos Milagres.....	185
Figura 59: Ocupação de encostas no povoado de Marceneiro – Passo de Camaragibe	186
Figura 60: Marisqueiros e turistas na praia de Porto da Rua – São Miguel dos Milagres	189
Figura 61: Marisqueiros e Jangadeiro (ao fundo) que levam o “turismo”	191
Figura 62: Morador de Porto de Pedras.....	192
Figura 63: Estrada da AL 101 Norte, principal acesso aos municípios da Rota Ecológica, recém pavimentada.....	199

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Exemplos de discussão sobre o turismo de massa	34
Quadro 2: Moderno X Pós-Moderno.....	45
Quadro 3: Mudança de paradigma associado às políticas públicas de turismo.....	57
Quadro 4: Tipos de turismo alternativo que emergiram nos últimos anos.....	61
Quadro 5: Tipos de turistas.....	63
Quadro 6: Os tipos de autóctones existentes nos lugares turísticos segundo Krippendorf	79
Quadro 7: Modelo Irridex de percepção do turismo pelos residentes de um destino turístico.	89
Quadro 8: Caracterização socioeconômica dos municípios que compõem a Rota Ecológica	107
Quadro 9 - Total de projetos em andamento e concluídos da Política de Polos Turísticos no Nordeste (2000-2012).....	115
Quadro 10: Quadro das Pousadas da Rota Ecológica	136
Quadro 11: Características associadas às pousadas da Rota Ecológica em São Miguel dos Milagres.....	137
Quadro 12: Produtos comprados pelas pousadas	140
Quadro 13: Síntese da percepção da população local sobre a inserção das pousadas da Rota Ecológica - AL.....	201

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMITUS	Associação Milagrense de Turismo Sustentável
APA	Área de Proteção Ambiental
APL	Arranjos Produtivos Locais
BNB	Banco do Nordeste do Brasil
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano
IGDEMA	Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente
LTTD	Laboratório de Território, Turismo e Desenvolvimento
MTur	Ministério do Turismo
OMT	Organização Mundial de Turismo
ONG	Organização Não Governamental
PDITS	Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável
PIB	Produto Interno Bruto
PNMT	Programa Nacional de Municipalização do Turismo
PNT	Política Nacional de Turismo
PRODETUR	Programa de Ações para o Desenvolvimento do Turismo
PTCC	Polo de Turismo Costa dos Corais
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SEPLANDE	Secretaria de Estado do Planejamento e Desenvolvimento Econômico

SETUR-AL	Secretaria de Estado do Turismo de Alagoas
TJ	Tamo Junto
UHS	Unidades Habitacionais
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 O TURISMO NOS LUGARES: TURISMO DE MASSA, TURISMO ALTERNATIVO, COMUNIDADES E PERCEPÇÃO GEOGRÁFICA.....	19
1.1 Diferentes possibilidades de desenvolvimento turístico	20
1.2 O Turismo de massa	28
1.3 Turismo Alternativo	44
1.3.1 Moderno X Pós Moderno	44
1.3.2 Tendências do Turismo Alternativo	49
1.3.3 Perfil dos turistas alternativos.....	63
1.4 Lugar e a Percepção das Comunidades Locais.....	66
1.4.1 Lugar, Comunidade e Identidade.....	66
1.4.2 Percepção da população sobre os impactos do turismo.....	74
1.4.3 A percepção geográfica	81
2 METODOLOGIA.....	85
3 A ROTA ECOLÓGICA: ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS, CULTURAIS E AMBIENTAIS	91
3.1 Os lugares da Rota Ecológica	91
3.1.1 Aspectos Socioeconômicos	97
3.1.2 Aspectos Culturais	118
3.1.3 Aspectos Ecológicos.....	127
3.2 As pousadas da Rota Ecológica	132
3.3 Novos empreendimentos e eventos na Rota Ecológica - O Réveillon Tamo Junto (TJ).....	150
4 UMA PERCEPÇÃO CRÍTICA DAS COMUNIDADES LOCAIS RESULTANTE DA TURISTIFICAÇÃO DAS POUSADAS DA ROTA ECOLÓGICA	158
4.1 Percepções dos moradores das comunidades da Rota Ecológica.....	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	203
REFERÊNCIAS	208
APÊNDICE I.....	227

INTRODUÇÃO

A atividade turística se apresenta de um modo geral como um dos mais eficientes setores econômicos, porque além de proporcionar um grande envolvimento de pessoas dos locais em que se instala, promove também um significativo acréscimo na renda das famílias envolvidas com o turismo, sendo assim considerada como uma das atividades de maior durabilidade e com maior distribuição dos benefícios gerados ao longo do tempo, principalmente quando comparada a atividades econômicas já consolidadas, como, por exemplo, a indústria. Se tomadas as devidas precauções e planejamento, o turismo pode se apresentar nos destinos como um segmento econômico que potencializa seus efeitos positivos e diminui ao máximo seus efeitos negativos (ARCHER; COOPER, 1998, BOYER, 2003, CRUZ, 2006).

Desta forma, apesar da demanda turística ser gerada nos lugares de origem dos turistas, que podem ser distantes dos destinos que eles visitam, é principalmente nos lugares visitados que as principais mudanças espaciais se materializam (CRUZ, 2003). Assim, pode-se dizer que a atividade turística reorganiza, realinha e dinamiza os lugares de acordo com seus interesses, organizando e/ou modificando o território, frequentemente inserindo-se em lugares que ainda não conheciam o turismo como atividade econômica.

O mundo vem passando por profundas transformações econômicas e sociais associadas ao processo de globalização, interferindo na forma como se dá a produção, consumo e sua relação com o espaço habitado das populações, e isto não se dá de forma diferente com o turismo; na realidade, atualmente ele é um dos protagonistas centrais dessas transformações. Tais mudanças podem ser o indício de uma transição entre o período moderno da História para uma nova ordem social, que para alguns já se caracteriza como o início de um período pós-moderno, ou, apenas ainda como um desdobramento do período moderno (GIDDENS, 1991; HARVEY, 2012). Essas alterações significativas vêm ocorrendo nas diversas sociedades ao redor do mundo e independente de qual nomenclatura se dê ao fenômeno, pós-moderno ou desdobramento do moderno, o fato é que esses autores questionam o modelo clássico moderno.

O surgimento do turismo contemporâneo está normalmente associado ao período moderno (BARRETTO, 1995), sobretudo o turismo de massa. Como consequência das grandes transformações e impactos (econômicos, sociais, culturais, políticos e ambientais) causados por essa forma de turismo, nas últimas décadas surgiram novas orientações associadas a como o turismo pode ser desenvolvido, que se configura como uma alternativa ao modelo de turismo de massa. Nessa perspectiva, surgem modelos ou formas alternativas de turismo que não se

baseiam mais nos clássicos modelos do turismo moderno, normalmente caracterizado por equipamentos hoteleiros de grande porte e por grandes fluxos de turistas, mas sim com base em modelos de escala menor, mais brandos e alinhados ao conceito do que se tem chamado de turismo responsável.

Esta orientação alternativa vem sendo um segmento do turismo que valoriza a cultura dos lugares turísticos e a troca de experiências, estabelece e/ou fortalece os laços entre visitantes e visitados, se adequando às peculiaridades das localidades. Além disso, essa forma de turismo dinamiza as formas de apropriação do espaço habitado em uma escala menor, não consistindo exatamente de um segmento do turismo em si, mas sim de um modo diferente do modo moderno de se fazer turismo, independente de segmentação, com formas que se encaixam a cada lugar e seu jeito de ser único ou singular. Nesse paradigma emergente, como irá dizer Cruz (2006) e Costa (2001), as intervenções negativas relacionadas ao meio ambiente, cultura e cotidiano das comunidades receptoras são minimizadas.

Com a orientação alternativa de turismo é importante destacar que as características vinculadas à categoria lugar, consideradas como tempo em um determinado espaço, e como abrigo, alinham-se às diversas escalas do turismo alternativo, inclusive as escalas vinculadas à noção de turismo comunitário, que parece ser o modo mais radical de contraponto ao turismo de massa, este normalmente disseminado pela concepção tradicional de turismo de “sol e mar”.

Deste modo, lugar e comunidade são conceitos interligados, o primeiro remetendo a uma concepção geográfica e o segundo a concepções sociológicas e antropológicas do termo. Pode-se dessa forma chegar à interpretação de que o conceito de comunidade está inserido no conceito de lugar, que, segundo Bauman (2003) seria a composição de comunidade com o espaço que o abriga, sem poder ser dissociados. Atualmente incontáveis lugares, com arranjos espaciais, econômicos, sociais e culturais singulares, já possuindo uma configuração de ocupação espacial anterior, têm se tornado objeto de consumo do turismo (CRUZ, 2003). O que vem ocorrendo é que com a expansão do turismo, os lugares que se tornam turísticos são afetados por decisões tomadas em lugares distantes das destinações, muitas vezes em outros países ou continentes e isto tem afetado o cotidiano de vida das comunidades receptoras que observam seu poder de voz sobre o seu lugar ser cada vez mais perdido com a chegada do turismo.

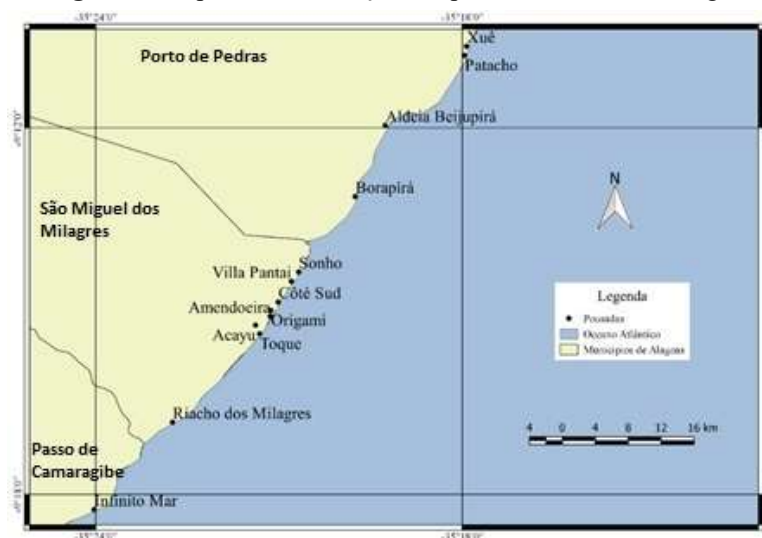
Nesta perspectiva é importante ressaltar que os lugares que se tornam turísticos têm uma história precedente ao turismo, o que faz com que eles sejam permeados de memórias, experiências vividas e afetos. Por essas características, ao tempo em que esses lugares se tornam alvo dos interesses turísticos externos, eles sofrem as consequências negativas da

turistificação¹. As experiências das pessoas desses lugares, adquiridas antes do turismo, somadas à forma pela qual eles veem essa atividade, permitem que elas tenham uma visão sobre a relação entre o turismo e o seu lugar.

De acordo com o contexto local, as pessoas desenvolvem determinadas formas de perceber essa relação. Por exemplo, em muitos lugares as comunidades terminam se aproveitando do turismo para criar alternativas de fontes de renda como visto por Conway e Timms (2012) e por Coriolano (2009). Noutros lugares, no entanto, os impactos negativos podem trazer sérios transtornos para as comunidades locais como abordado por Panosso Netto (2010). De qualquer modo, seja qual for a forma que prevaleça em determinado lugar, o fato é que as pessoas dos lugares turistificados desenvolvem uma percepção sobre como o turismo interfere com o seu lugar, ou seja, eles desenvolvem uma percepção geográfica do seu lugar face à atividade turística (XAVIER, 2007).

O recorte espacial alvo deste estudo – a Rota Ecológica – é conhecido pela existência de pousadas singulares, de alguma forma associadas à noção de roteiros charme, como será explicado mais adiante (Figura 1). Essa área é formada por um trecho de aproximadamente 23 km do litoral norte de Alagoas, com inúmeros lugares que apresentam características naturais, sociais, econômicas e culturais parecidas ou comuns. Três municípios (Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras) formam esta rota que possui pequenos povoados, a maior parte dos quais, localizados ao longo da rodovia AL-101 Norte, um lugar afastado da via principal que liga Barra de Santo Antônio a Maragogi (AL 105 e AL 465).

Figura 1: Mapa com a marcação das pousadas da Rota Ecológica



Fonte: LTTD/UFAL 2015

¹ Turistificação: Implantação de infraestrutura e serviços para atender a atividade turística.

Essa área possui em suas características naturais, seu principal atributo de atratividade, e vem se beneficiando com o desenvolvimento do turismo nos seus povoados. A Rota Ecológica não foi planejada e pensada previamente como um produto turístico específico, não possuindo assim um sentido conceitual que o estruturasse. Se concretizou como um produto turístico espontaneamente a partir da chegada de empreendedores de fora da região, e que investiram em meios de hospedagem com características diferentes dos modelos convencionais.

A inserção do turismo nestes lugares, através das pousadas da Rota Ecológica, está associada às mencionadas formas alternativas do fazer turístico que se desenvolveram nas últimas décadas mundo afora. Trata-se de um turismo alternativo às ofertas do turismo de massa, pelo qual os turistas buscam lugares de beleza cênica, sobretudo natural, que ao mesmo tempo ofereçam serviços de qualidade, proporcionando frequentemente um contato maior também com as características sociais e culturais dos lugares visitados.

No caso específico dos municípios da Rota Ecológica, o turismo que vem se desenvolvendo com base na sofisticação da estrutura de seus ambientes, cuja oferta está de alguma forma ligada à concepção dos roteiros de charme e associada a uma orientação alternativa do turismo, tem trazido benefícios para a população local, sobretudo pela oferta de postos de trabalho. Esse é um aspecto muito relevante em uma área econômica e socialmente com sérios problemas.

Com isso a urbanização desta área acontece simultaneamente com a implantação de infraestrutura turística. Os elementos urbanos já presentes como estradas asfaltadas, acesso a telefonia e redes de internet, melhorias na distribuição de energia e água vem ocorrendo principalmente após a chegada das pousadas da Rota Ecológica e o turismo desencadeado por elas nos últimos anos. O espaço urbano destes municípios vem apresentando alterações significativas após a chegada desta atividade econômica nestes lugares que até então só conheciam atividades tradicionais de ocupação como a pesca, a retirada de coco, empregos no poder público local e trabalhos sazonais no cultivo da cana de açúcar.

Os municípios que formam o território da Rota Ecológica apresentam déficit social com um grande número de famílias que participam e/ou são cadastrados em programas assistencialistas do governo federal. O turismo tem sido para esses lugares, uma alternativa econômica que pode transformar de certo modo as suas condições de vida, ao menos esta é a esperança da população local, conforme constatado neste trabalho. Porém, o risco de que a atividade seja direcionada a médio e longo prazo aos interesses de grupos hegemônicos de grandes redes hoteleiras é grande. A exemplo do que já vem ocorrendo nos demais trechos do

litoral norte de Alagoas, tendo em Maragogi o seu maior exemplo do crescimento desenfreado do turismo, não desenvolvendo as comunidades locais e sim as excluindo dos benefícios que podem ser gerados através do turismo, tornando assim o turismo mais um problema social e cultural para os lugares em que se estabeleceu.

Este estudo tem como objetivo entender as percepções dos residentes das comunidades que formam a Rota Ecológica sobre a relação entre o turismo das pousadas em questão e o cotidiano das pessoas do lugar. O estudo surgiu com base em questionamentos que foram formulados a partir do trabalho de Iniciação Científica (2011/2012), realizado nestes mesmos lugares, porém com o foco na análise sobre como se dava a gestão institucional nos municípios desta área. Neste trabalho, no entanto, o foco se voltou à percepção da população local sobre o desenvolvimento do turismo nestes lugares.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos. O primeiro capítulo aborda as questões teóricas mais relevantes para o estudo, discutindo, por exemplo, os conceitos de turismo de massa e de turismo alternativo, e suas relações com as dinâmicas espaciais dos lugares turísticos, em geral, e com comunidades tradicionais, em particular. O segundo capítulo é dedicado as informações metodológicas utilizadas no trabalho. O terceiro capítulo apresenta uma contextualização geral da Rota Ecológica, buscando construir o objeto de pesquisa, proporcionando ao leitor uma visão das principais características do turismo das pousadas da Rota Ecológica e dos aspectos relevantes que embasam a formação de um lugar, em uma perspectiva geográfica. Por último, o quarto capítulo apresenta e discute os resultados do estudo, aborda os aspectos mencionados pela comunidade através de suas vozes, incluindo diversos aspectos do cotidiano de vida local. Por fim, este texto encerra-se com a apresentação das considerações finais e demais apontamentos para outras pesquisas que podem ser realizadas sobre o objeto de estudo.

1 O TURISMO NOS LUGARES: TURISMO DE MASSA, TURISMO ALTERNATIVO, COMUNIDADES E PERCEPÇÃO GEOGRÁFICA

Este capítulo apresenta os conceitos centrais que alicerçam o desenvolvimento deste estudo. Para tanto, inicialmente é traçado um panorama geral de como a atividade turística tem se desenvolvido historicamente enfatizando que o turismo provoca mudanças espaciais nos lugares onde se instala, com implicações sociais, econômicas, territoriais, culturais e ambientais, além de também provocar mudanças significativas nas instituições políticas locais.

Em um segundo momento, será discutido o conceito de turismo de massa, iniciando por autores da literatura internacional, como Boyer (1999) que trabalha o histórico do turismo de massa, passando depois pelas críticas ao modelo massivo de turismo na obra de Krippendorf (2009), e uma discussão sobre o modelo de ciclo de vida da área turística através de Butler (1980). A partir disto chega-se a literatura nacional sobre o assunto, chegando aos autores que abordam o desenvolvimento do turismo principalmente na região Nordeste, como Araujo; Moura (2007); Cruz (2003) e Rodrigues (2006).

Em um terceiro momento discutem-se os conceitos relacionados a diversos tipos de orientações alternativas² de turismo, tanto de autores internacionais (HEITMANN; POVEY; ROBINSON, 2011) como de autores nacionais (RODRIGUES, 2007; SILVA, 2007; ZAOUAL, 2008). Ao longo da discussão, as orientações alternativas de turismo são relacionadas com o tipo de turismo que a área da Rota Ecológica tem priorizado, se configurando como uma forma alternativa às ofertas do turismo de massa. Nesta mesma seção, serão discutidos os conceitos do embate entre as concepções de moderno e pós-moderno, discussão realizada principalmente com base em Bauman (1999), Harvey (2012) e Lyon (2005).

E por final, serão discutidos os principais conceitos relacionados à categoria lugar, comunidade e percepção geográfica (BAUMAN, 2003; CORIOLANO, 2009; GOMES, 2013; MARIANI, 2002; YAZIGI, 2001; XAVIER, 2007), formando assim as bases conceituais deste estudo, para então se examinar o turismo que vem sendo praticado na Rota Ecológica. Ainda neste capítulo serão destacadas a importância de se ouvir as vozes das comunidades e a relevância da participação da população no que diz respeito às tomadas de decisão e sobre os

² O uso do termo orientação alternativa e não segmentação se faz necessário por entender que dentro da orientação alternativa existem vários segmentos do turismo como por exemplo, ecoturismo, turismo cultural, turismo de aventura etc.; para o Ministério do Turismo “A segmentação é entendida como uma forma de organizar o turismo para fins de planejamento, gestão e mercado. Os segmentos turísticos podem ser estabelecidos a partir dos elementos de identidade da oferta e também das características e variáveis da demanda” (BRASIL, 2006, p.3).

efeitos do turismo nos lugares habitados por populações autóctones (ARAUJO, 2009; CORIOLANO, 2009; HARVEY, 2012).

1.1 Diferentes possibilidades de desenvolvimento turístico

A atividade turística pode ser mais eficiente que outros tipos de atividades econômicas para gerar desenvolvimento em determinados lugares. Por exemplo, o turismo envolve mais pessoas da população local, promove maior acréscimo na renda das famílias envolvidas, sendo assim mais eficiente ao longo do tempo, principalmente quando comparado a atividades econômicas já conhecidas, como agricultura e indústria, já que é um setor que parece promover uma maior equidade na distribuição de benefícios gerados (COOPER; ARCHER, 1998). E além do mais, se forem tomadas as devidas precauções e planejamento, o turismo pode apresentar mais aspectos positivos do que negativos nas destinações.

O ideal da atividade turística seria maximizar os efeitos positivos e diminuir os efeitos negativos da atividade turística (OLIVEIRA, 2008). Claro que tal meta se realiza apenas no campo do ideal, tentando as ações reais chegar o mais próximo disto, e também não desmerecendo as demais atividades econômicas ligadas ao primeiro e segundo setores da economia, que são importantes na ajuda ao fortalecimento de economias locais junto a atividades do setor de serviços.

O turismo tem se apresentado como uma atividade que além de poder contribuir para diminuir as desigualdades sociais através de seu viés econômico, também pode valorizar as culturas locais (MENDONÇA, 2003). Na realidade, há um segmento turístico específico, o turismo cultural, praticado especialmente em cidades históricas e outras áreas com rico patrimônio cultural. No Brasil, encontramos o exemplo de Ouro Preto – MG, que tem como base o patrimônio cultural, material e imaterial. O segmento cultural vem sendo, juntamente com outros de orientação alternativa, que será discutido mais à frente, um dos grandes mercados em ascensão da atividade turística nas últimas décadas.

Quando se fala em turismo sempre se pensa nos lugares a serem visitados, os equipamentos turísticos que podem ser encontrados, os serviços disponíveis etc., ou seja, sempre na perspectiva do turista e da oferta turística, poucas vezes na visão dos moradores, e na maneira como essas comunidades podem ser afetadas pela presença de pessoas de fora do lugar e das novas relações sociais, econômicas, culturais estabelecidas a partir de então.

Apesar da demanda turística ser produzida no lugar de origem dos turistas, é no destino que as ações se concretizam, produzindo novas configurações de lugar e território, afetando todos os setores da sociedade. Ainda sobre o turismo, de acordo com Rodrigues (2006), essa atividade econômica assim como as demais atividades existentes em um determinado lugar, tem o poder de reordenar e realinhar as ordens territoriais de um lugar. Em sentido parecido, Xavier (2007, p.62) complementa:

O turismo é uma atividade construtora e modificadora dos espaços. Pode produzir melhor qualidade de vida para as comunidades, mas pode gerar impactos, invadindo, destruindo, alterando ou produzindo novas territorialidades.

Uma das principais interferências do turismo se dá no espaço das áreas afetadas, pois o espaço é o seu principal produto de consumo, vendendo os lugares. Todos os serviços que são criados por essa atividade apresentam uma dimensão espacial. E o espaço do turismo será compartilhado com o espaço de outras atividades econômicas pré-existentes, podendo ou não estar entrelaçados diretamente um com o outro. Por exemplo, em áreas litorâneas,

[...] entre as rodovias e o mar está a porção do espaço que cabe ao turismo³; o que está do lado interior do continente pode ou não tecer relações com os 'territórios do turismo', dependendo do modelo de uso turístico que aí se estabeleça (CRUZ, 2002, p. 136).

Outro fator preponderante da maneira como se desenvolve a apropriação do espaço pelo turismo é o tipo de política pública que se pratica no lugar. Pode ser uma política direcionada aos interesses de grupos hegemônicos exógenos, como ocorre na maior parte dos destinos no modelo de turismo de massa (BRANDÃO, 2013), ou direcionada aos interesses das comunidades, como é o caso do turismo comunitário, como ocorre na praia do Cantinho Verde no Ceará (CORIOLANO, 2009). Os projetos nacionais de desenvolvimento do turismo no Brasil, em boa parte do litoral nordestino (BNB, 2011) até hoje tem obedecido à primeira lógica, dos grupos internacionais de turismo, que estão constantemente à procura de novos espaços para a instalação de seus empreendimentos, excluindo-se apenas alguns trechos de litoral que fogem ao padrão requerido pelo turismo de massa.

Em sua fase atual, o sistema capitalista exige que os lugares do seu interesse, sob o poder de grupos econômicos, se adequem à sua ideologia homogeneizadora, ou seja, de tornar os lugares parecidos apesar das distâncias geográficas, tal lógica se expande também às atividades

³ Nesta citação a autora está se referindo ao turismo de sol e mar, por se tratar de áreas litorâneas

turísticas. O turismo está presente em diversos pontos do globo, dos mais urbanizados aos mais rurais e exóticos, que são lugares considerados como detentores de natureza com bom nível de preservação. Xavier (2007, p.59) exemplifica tal situação no seguinte trecho:

Hoje, no país, a implementação do turismo está presente tanto nas grandes cidades como em pequenas localidades ou no campo. Muitas vezes é implementado em lugares habitados por pessoas de baixo nível social e econômico, prescindindo de informações sobre a atividade.

Quando o turismo apropria-se de um lugar, juntamente com suas atividades econômicas pré-existentes, o processo de turistificação, ou seja a lógica de apropriação de lugares para a atividade turística, estará sempre presente, independentemente se a orientação da atividade turística, com os produtos turísticos produzidos em questão são de caráter alternativo ou não (RAMOS, 2010). Esse processo de turistificação dos lugares envolve três tipos de agentes e se dá da seguinte forma: a) turistas⁴, os quais são fundamentais na criação de lugares turísticos, apesar de na atualidade serem relativamente esquecidos em benefício dos outros dois aspectos; b) mercado⁵, que é a fonte mais significativa de turistificação do espaço, sendo um dos agentes mais problemáticos, pois normalmente ignoram as comunidades e os interesses das destinações afetadas, com um foco exacerbado no lucro; c) planejadores e promotores ‘territoriais’⁶, que são uma das fontes mais influentes no desencadeamento de mudanças territoriais pelo turismo (KNAFOU, 1996, p.70), os quais envolvem também o próprio governo.

Em sua essência mercadológica, como atividade capitalista, as empresas de turismo estão sempre à procura de lugares para formatar novos produtos. Essa busca incessante pelo novo, para a criação de novas ofertas turísticas, compromete as condições naturais e socioeconômicas pré-existentes à formação das destinações (MENDONÇA, 2003). Nesse sentido, áreas naturais preservadas são os lugares que têm sido mais procurados pelo turismo nas últimas décadas, pois se apresentam como o contraponto às áreas urbanizadas das quais procede a maior parte da demanda turística (CRUZ, 2002). Essas áreas normalmente são pobres e com um grande patrimônio natural e cultural preservado, e que são alvo de altos investimentos turísticos, principalmente de capital estrangeiro (ARAÚJO; MOURA, 2007).

Após a redescoberta da natureza (SANTOS, 1992), a partir do início da década de 1990, as pessoas têm procurado uma fuga do cotidiano urbano. Elas buscam lugares ainda inexplorados pelo turismo ou atividades urbano-industriais, nos quais buscam contato direto

⁴ Compradores dos serviços turísticos oferecidos pelo Mercado e agente receptor do processo.

⁵ Empresas fornecedoras dos serviços turísticos ofertados aos turistas e agente provedor do processo.

⁶ Agentes do poder público ou da iniciativa privada contratados pelo agente de Mercado.

com a natureza preservada, além de frequentemente também procurarem durante sua experiência turística nesses lugares, o conhecimento de aspectos dos lugares visitados e da sua cultura.

Nesta procura, a mídia, como meio de comunicação para atender as demandas de mercado, divulga os lugares a serem visitados e também incentiva à prática do turismo e ao envolvimento com atividades prazerosas durante o período de ócio dos indivíduos (BOYER, 2003), conquistado através dos direitos trabalhistas. Fenômeno este que convencionalmente surgiu na Inglaterra durante a Revolução Industrial (BARRETTO, 1995) e que se espalhou pelo mundo com o avanço do capitalismo e das regulações do trabalho assalariado. Nos últimos anos, com a facilidade de acesso aos pacotes turísticos por uma parte crescente da população, os meios de comunicação divulgam cada vez mais pessoas a usarem seu tempo livre na prática do turismo, estimulando ao consumo turístico dos mais variados lugares ao redor do mundo, por camadas cada vez mais amplas da sociedade.

As paisagens consideradas mais atrativas pelo turismo na atualidade são criações culturais que têm muito a ver com o que se habituou chamar cultura de massa e, portanto, com o papel da mídia na homogeneização de gostos e na disseminação de padrões homogeneizados (CRUZ, 2003, p.10).

Ao mesmo tempo em que a mídia e a chamada “indústria do turismo”⁷ trabalha com base em um processo de homogeneização dos lugares, também estão sendo formatados produtos de caráter heterogêneos, únicos e exclusivos, que proporcionam uma experiência que foge ao lugar-comum. Esse fato tem correlação com o tipo de filosofia difundida pelos destinos alternativos de turismo. Apesar dessa atual difusão de propostas alternativas de turismo dispondo de modelos de turismo mais inclusivos, conectando a atividade turística com os interesses locais, mesmo nesses casos, o turismo continua apresentando características elitistas, envolvendo apenas um percentual muito pequeno das pessoas de qualquer país.

De uma maneira geral, o turismo se caracteriza pela inovação e com isso também vem atendendo às fantasias de invenção da elite (BOYER, 2003). Por isso, novos lugares, diferentes dos que vêm sendo explorados pelo turismo de massa, estão sendo procurados por esse público de alto poder aquisitivo. São lugares de baixa densidade demográfica, com aspectos peculiares tradicionais e que apresentam uma maior interação e contato entre a comunidade local e o visitante.

⁷ A utilização da referência de indústria para definir o turismo vem de uma visão economicista de alguns autores comparando esta atividade do terceiro setor com a geração de riquezas do setor secundário, sendo utilizado por muito tempo o termo chavão de turismo como a ‘indústria sem chaminés’ (ANDRADE, 2001).

O turismo pode contribuir para o desenvolvimento dos lugares. Obviamente, as atividades turísticas não são a única saída para resolver os problemas sociais que afetam grandes parcelas da sociedade, sobretudo em áreas periféricas, mas podem contribuir para o alívio da pobreza dos lugares envolvidos, orientação que permeia grande parte da política oficial de turismo no Brasil (BRASIL, 2005).

Paradoxalmente, o turismo também pode gerar mais pobreza, dependendo de sua forma de apropriação dos lugares (CRUZ, 2006; EVANS, 2011). Se a atividade turística for desenvolvida buscando trazer benefício para as comunidades envolvidas, como no caso do turismo comunitário, cujos protagonistas são as pessoas do próprio lugar, no sentido de que são elas as detentoras do poder de decisão sobre a orientação do turismo a se desenvolver, onde e como, mantendo o controle sobre o desenvolvimento da atividade, sobre os lucros e sobre a sua distribuição no âmbito da comunidade (CORIOLANO, 2009), poderá em tese haver uma maior contribuição do turismo para a redução das desigualdades nos lugares em que se instala. Nesse sentido, Cruz (2006, p. 342) argumenta que “O desenvolvimento do turismo deve ser um projeto construído coletivamente e não resposta a interesses particulares, de grupos sociais específicos”.

Esse raciocínio embute uma fundamental diferença entre o desenvolvimento do turismo e desenvolvimento pelo turismo, apesar destes conceitos parecerem ser complementares. O primeiro é restrito ao desenvolvimento da atividade em si, podendo ou não atender as necessidades da população residente e destinos; já o segundo se refere ao desenvolvimento através da atividade, englobando o maior número de beneficiados pela atividade turística nos locais explorados. Podendo assim o turismo se apresentar de uma forma ou de outra de acordo com o direcionamento das políticas locais:

Desenvolvimento turístico, entende-se, pode ocorrer tanto através do desenvolvimento do turismo, como do desenvolvimento pelo turismo. Pensar o desenvolvimento do turismo é defender o desenvolvimento da atividade. Encarado desta forma, o sujeito a ser beneficiado permanece implícito, e isto permite, até certo ponto, o favorecimento do setor privado. Por outro lado, a ideia de um desenvolvimento pelo turismo muda o foco das atenções. Ou seja, conduz à discussão do plano abstrato e do implícito para o do concreto, uma vez que põe em causa quem ou o quê será alvo do dito desenvolvimento (CORDEIRO; BENTO; BRITTO, 2011 p. 365).

Esse tipo de argumento torna-se válido, pois o governo e também a iniciativa privada, comumente defendem que os investimentos no turismo trarão desenvolvimento, e, desta maneira, frequentemente agem sem qualquer contestação pelas populações dos locais alvos desses investimentos.

Nesta perspectiva, apesar do governo, e a iniciativa privada, tenderem a enfatizar o turismo como uma alternativa de desenvolvimento, suas ações por muitas vezes não condizem com esse discurso. Alguns autores alertam que é importante que a atividade turística seja vista apenas como uma das alternativas de desenvolvimento local e precisa estar alinhada com as demais atividades econômicas, e não ser, a única via de busca pelo desenvolvimento. Por exemplo, Cruz (2006, p. 343) argumenta que “Esquecer-se de tudo para cuidar do turismo é o pior caminho. Relacionar o turismo com todas as coisas é um bom começo”. Assim, o turismo pode se tornar mais benéfico para o desenvolvimento dos lugares, caso haja uma diversificação das atividades econômicas locais.

Frequentemente, no mesmo espaço que hoje é ocupado pelo turismo, também é ou já foi ocupado por outras atividades econômicas, de caráter tradicional, ou seja, atividades antigas do lugar, como a pesca e a agricultura familiar etc. Em vez de substituir essas atividades, é importante que seja criada uma relação entre as atividades pré-existentes e o turismo, de tal forma a se manter a diversidade de atividades socioeconômica dos lugares para que não seja criada uma dependência econômica com base no turismo (ARAUJO; MOURA, 2007; ARCHER; COOPER, 1998). Krippendorf (1986, p. 104) menciona que já há casos nos quais “Os meios envolvidos começam a compreender que uma economia que se apoia apenas no setor turístico é muito mais frágil que uma economia multissetorial”.

Quando o turismo se desenvolve em determinado lugar sem o devido planejamento, vários problemas tendem a se acumular ao longo do tempo. Há casos nos quais “[...] os custos sociais e ambientais do turismo superam bastante seus benefícios econômicos” (ARCHER; COOPER, 1998, p.86). De qualquer forma, apenas os benefícios econômicos não são suficientes para o desenvolvimento de uma localidade através do turismo. Muitas vezes as consequências negativas de cunho social, ambiental e cultural são tão grandes que os benefícios econômicos gerados não valem a pena. Assim, apesar da situação de estagnação em que se encontram muitos lugares em países subdesenvolvidos, não basta apenas o crescimento econômico; se faz necessário o desenvolvimento, traduzido em benefícios efetivos para as pessoas das comunidades hospedeiras.

Nesses casos, muitas vezes, a comunidade local passa a servir apenas para ser empregada em serviços subalternos e com baixa remuneração. É fato conhecido na literatura voltada ao estudo do turismo que os melhores postos de trabalho do turismo são normalmente ocupados por estrangeiros ou por pessoas do próprio país, mas de fora das comunidades turistificadas. Frequentemente, o que é oferecido às pessoas do lugar sem maiores qualificações profissionais são trabalhos com baixa remuneração e qualificação (EVANS, 2011), assim como

também ocorre na maior parte das demais atividades econômicas. Torna-se necessária desta forma, uma qualificação acessível a essas comunidades receptoras do turismo para que quando abertas vagas no setor, as pessoas preparadas possam trabalhar nas vagas disponíveis, mesmo que este processo seja para ser alcançado como um objetivo de longo prazo.

Ocorre, por assim dizer, uma destruição do turismo pelo turismo, já que é o próprio modo de se fazer turismo que o destrói, especialmente pela ausência do poder público, ou como consequência do foco exclusivo no lucro da atividade, com base em iniciativas que não são adequadas aos lugares em que a atividade turística é implantada. Assim, a despeito das responsabilidades institucionais do governo em relação ao desenvolvimento, “[...] os poderes públicos das regiões turísticas também têm uma parcela de responsabilidade nos erros que são cometidos” (KRIPPENDORF, 1986, p.83), o que se coloca no sentido inverso da noção de desenvolvimento local sustentável, o qual exige uma abordagem de planejamento que buscar envolver todos os setores relevantes (ARAUJO; BRAMWELL, 2002).

Em muitos lugares direcionados ao desenvolvimento do turismo no período posterior à crise de 2008, as consequências ainda são imprevisíveis, pois alguns terrenos de propriedade de estrangeiros que estavam destinados anteriormente à crise, à construção de equipamentos turísticos ainda estão ociosos aguardando uma nova conjuntura econômica favorável (ARAUJO, 2009). Com isso, mais cedo ou mais tarde, novos investimentos estrangeiros vão ser direcionados para esses lugares, com retornos duvidosos para os residentes e para a economia local.

O que tem ocorrido na prática é uma influência estrangeira cada vez maior, ou seja, um maior investimento nestes destinos turísticos de capital estrangeiro e que modifica a dinâmica desses lugares a favor predominantemente de interesses externos, como é visível, por exemplo, no trecho que se estende de Porto de Galinhas ao Porto de Suape (Pernambuco); em Cancun (México); e em Maragogi (Alagoas), só como alguns poucos exemplos. Tais destinos normalmente apresentam conjuntura social, econômica e política mais frágil do que os grandes centros urbanos. São lugares que foram iludidos pelo discurso desenvolvimentista do turismo, e só perceberam isso após os impactos negativos que começam a acontecer pouco a pouco, mudando de forma lenta seu cotidiano, ao longo do seu ciclo de vida (BUTLER, 1980).

O processo que orienta as ações desse tipo de investimento externo em lugares subdesenvolvidos assemelha-se ao que Milton Santos (2000, p.106) denomina de “verticalidades”, em oposição às “horizontalidades”. No que diz respeito às verticalidades, o modelo de turismo de massa globalizado mais difundido são os *resorts* (PEARCE, 2003), que normalmente negam as características sociais, culturais e, às vezes, naturais, dos lugares

explorados. Estabelecendo-se na maior parte das destinações turísticas dos países subdesenvolvidos e apresentando características hegemônicas e indiferentes às características do seu entorno:

Trata-se de uma regulação frequentemente subordinada porque, em grande número de casos, destinada a favorecer os atores hegemônicos. Tomada em consideração determinada área, o espaço de fluxos tem o papel de integração com níveis econômicos e espaciais mais abrangentes. Tal integração, todavia, é vertical, dependente e alienadora, já que as decisões essenciais concernentes aos processos locais são estranhas ao lugar e obedecem a motivações distantes (SANTOS, 2000, p. 106).

Em relação ao segundo conceito – horizontalidades –, os investimentos apresentam características mais ligadas à dimensão local e de forma solidária:

Trata-se, aqui, da produção local de uma integração solidária, obtida mediante solidariedades horizontais internas, cuja natureza é tanto econômica, social e cultural como propriamente geográfica (SANTOS, 2000, p. 109).

Segundo diferentes autores (CORIOLANO, 2009; RODRIGUES, 2007, entre outros), esse é o caso do turismo comunitário, em que, nesse caso, o desenvolvimento turístico tende a gerar melhorias na qualidade de vida de membros da comunidade anfitriã, como citado o exemplo da praia do Cantinho Verde no Ceará por Coriolano (2009).

Muito do planejamento em turismo no Brasil é copiado de modelos internacionais que muitas vezes criam conflitos com as realidades locais do país (ARAUJO, 2009). O governo brasileiro, com base na política pública setorial do país voltada ao fomento do turismo, espera demais dessa atividade para os fins de redução da exclusão social no país (BRASIL, 2005). O discurso desenvolvimentista, associado ao turismo pelo Ministério do Turismo, difundido como via de solução para diversos problemas sociais e econômicos dos lugares, se tivesse os efeitos positivos mencionados, ajudaria a resolver muitos problemas socioeconômicos presentes nas destinações turísticas em todo país, porém, conforme argumenta Ramos (2010), há uma grande distância entre o discurso da política e a realidade efetiva nos lugares.

Com o Programa Nacional de Municipalização do Turismo (PNMT) houve o início do apoio às gestões descentralizadas e com participação popular, ao menos em tese, como nos diz Cruz (2006), pois, foram impostas responsabilidades aos municípios voltadas ao planejamento e gestão do turismo que estes acabaram não podendo cumprir. Como consequência, municípios com menos recursos técnicos e financeiros muitas vezes ficaram isolados, não atingindo os objetivos estabelecidos da política federal.

1.2 O Turismo de massa

O turismo tem se apresentado, em maior ou menor escala, como uma necessidade cultural das sociedades, principalmente por se apresentar como uma atividade de status na sociedade atual, particularmente as mais desenvolvidas. No início do século XX, os lugares que tinham sido ocupados pelo turismo da aristocracia começaram a ser ocupados também por pessoas de outras camadas sociais (BOYER, 2003), e foi a partir de então que o turismo de massa começou a se desenvolver de forma mais significativa e rápida.

O turismo de massa surgiu como consequência principalmente do aumento da produção e consumo de massa de outros setores econômicos, como o da indústria. Outro fator que colaborou para o desenvolvimento do turismo de massa foram as férias remuneradas e a organização do trabalho e do lazer, elas foram uma das impulsionadoras para o desenvolvimento da atividade turística em grande escala, porém isto não quer dizer que se tornaram em turismo logo após o seu início. Foi preciso um tempo de adaptação e mudança, já que neste período o turismo era reservado apenas às elites, não aos trabalhadores assalariados, pois como chama a atenção Boyer, “O turismo contemporâneo é o herdeiro das formas elitistas. Passou-se de um pequeno número às massas sem revolucionar o conteúdo” (2003 p.31). Um grande impulsionador deste fenômeno foi o surgimento do carro popular (BOYER, 2003), que com a sua difusão e posteriormente facilidades no sistema de crédito com o parcelamento, tornou mais fácil os deslocamentos individuais, fazendo assim com que cada vez mais pessoas pudessem praticar turismo.

O fenômeno do turismo de massa só pode ser melhor compreendido se analisado com o olhar no contexto urbano, pois é após a evolução dos grandes centros urbanos que o desejo de viajar, encaixada dentro das horas de lazer que todo trabalhador passou gradativamente a ter direito, que a atividade turística se torna mais um dos produtos do capitalismo (CRUZ, 2002). O grande consumidor desse tipo de turismo são moradores de cidades grandes, e que cansados da rotina diária, passam o ano planejando e economizando para as tão sonhadas férias. De acordo com Cruz (2003, p.6):

Turismo de Massa é uma forma de organização do turismo que envolve o agenciamento da atividade bem como a interligação entre agenciamento, transporte e hospedagem, de modo a proporcionar o barateamento dos custos de viagem e permitir, conseqüentemente, que um grande número de pessoas viaje.

As formas massivas de turismo prezam pelo conforto e facilidades na hospedagem, oferecendo todos os produtos e serviços que os hóspedes precisam sem ser necessário ele procurar serviços fora do hotel e/ou *resort*, mantendo-se desta forma alheio ao entorno e comunidades locais (MARSON, 2011). Ainda de acordo com Marson (2011), turismo de massa tem a ver com grandes quantidades, como exemplo disto, um *resort* chega a ter, por exemplo, 638 quartos, entre apartamentos, suítes e suítes presidenciais, como é o caso do Iberostar na praia do Forte na Bahia, que na alta temporada e grandes feriados atinge sua lotação máxima (IBEROSTAR, 2015).

Isolado de um ambiente acolhedor e das pessoas locais, o turismo de massa promove viagens em grupos guiados e seus participantes encontram prazer em atrações inventadas com pouca autenticidade, gozam com credulidade de ‘pseudo-acontecimentos’ e não levam em consideração o mundo ‘real’ em torno deles (URRY, 1990, p. 23).

Ainda em relação às formas massivas de turismo, outro exemplo são as agências de turismo receptivo que atendem hotéis e *resorts*, levando em média por dia, mais de um ônibus com capacidade de cinquenta pessoas cada. Esses turistas são levados para passeios pré-programados nas cidades em que estão hospedados e no seu entorno. São oferecidos pacotes mais baratos e parcelados, graças à articulação em série das operadoras e agências de turismo que, ao venderem ao mesmo tempo grande número de pacotes para a mesma empresa, conseguem o barateamento com os equipamentos turísticos nos destinos.

Outros autores também conceituam turismo de massa. Para Cooper, Hall e Trigo (2011, p.39) turismo de massa “[...] se refere à produção de turismo organizado industrialmente, que apoia o movimento de grandes números de pessoas”, ou em outras palavras em larga escala, porém vale lembrar de acordo com Cruz (2003, p.6) que mesmo sendo considerada uma produção em massa, está longe de esse número corresponder à população mundial, pois as massas populacionais excluídas de condições socioeconômicas mínimas de subsistência, não possuem condições financeiras de praticar turismo.

As massas populares são na verdade, as receptoras dos impactos causados pelo turismo nos seus lugares, sejam eles positivos ou negativos, enquanto o turista, apenas vive sua experiência de lazer no destino que não é o seu lugar de moradia e trabalho. Com esta forma de entender o turismo de massa, emergente como parte do período moderno da história, pode-se dizer que turismo de massa não significa exatamente um “turismo das massas” (CRUZ, 2003, p.6).

Com a internacionalização da atividade turística, começou uma busca e oferta crescente por lugares exóticos e preservados. Como parte da internacionalização, o capital estrangeiro passou a procurar locais nos trópicos, dentre os quais a América Latina, para seus investimentos. Os lugares mais procurados são os litorais de países em desenvolvimento, como o Brasil e México. Os estrangeiros buscam nesses lugares um investimento lucrativo para o seu capital, já que nos países desenvolvidos tais espaços são escassos, além de procurarem também se aproveitar da flexibilidade das leis ambientais para a instalação de equipamentos e o desenvolvimento de atrativos.

As regiões intertropicais, detentoras de grandes estoques de natureza preservada, passaram a ser um dos principais alvos da demanda turística internacional, com a mobilização de grandes volumes de capitais para investimento, através de financiamentos obtidos de agências transnacionais, sob a retórica, assumida pelos governos locais e obviamente pela iniciativa privada [...] da necessidade de se “desenvolver” essas áreas (ARAUJO; MOURA, 2007, p.96).

O incentivo ao turismo de massa, à criação e ampliação de infraestrutura, e à implantação de empreendimentos privados, no Brasil, se acentuou principalmente após a criação do Programa para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste (Prodetur-NE). Assim como outros programas federais - Política de Megaempreendimentos, também chamada de Megaprojetos Hoteleiros (DUDA, 2013) - esse programa, em sua teoria, tem como um dos seus objetivos diminuir as disparidades socioeconômicas que existem no Nordeste, em relação a outras partes do país através do turismo, dado a importância desta atividade nas economias locais.

Com a implantação desses programas que culminaram na internacionalização de boa parte da zona costeira nordestina, houve um processo de (re)ordenamento do território local através da apropriação e consumo turístico desses lugares litorâneos, principalmente no Nordeste. Isto decorre em parte das políticas federais de turismo, “[...] essa porção do território nacional ser (re)ordenada ao sabor das ações dos atores hegemônicos direta e/ou indiretamente interessados no desenvolvimento da atividade” (CRUZ, 2002, p. 156).

Além de que, com a chegada do turismo de massa em uma localidade, existe uma tendência à homogeneização de paisagens através de uma modernização unificada e padronizada dos equipamentos e serviços turísticos (CRUZ, 2002), tratando-se assim, de uma perda das riquezas singulares dos lugares em detrimento da valorização de um padrão de qualidade único. Há dessa maneira uma standardização da paisagem e relativa exclusão social no processo de apropriação turística dos lugares afetados “Apesar de os cenários e os processos

serem diferentes, os resultados finais tendem à homogeneidade, quase indiferentes ao entorno e às condições históricas” (RODRIGUES, 2006, p. 303), uma vez que são direcionados pelo turismo de massa de orientação fordista⁸.

Nos destinos turísticos vinculados principalmente ao turismo de massa, a ideia é que não se perca tempo, realizando o máximo de atividades possíveis que podem ser realizadas, não perdendo oportunidades de uso desse tempo livre dedicado ao lazer. “A ilusória liberdade de divertir-se e contemplar coisas sempre novas transforma-se em obrigação regulada, e a possibilidade de perder ou ‘matar’ o tempo é agora concebida como uma perda de oportunidades” (MENDONÇA, 2003, p. 39). Um dos grandes problemas na disseminação do tipo de turismo de massa seria a sua saturação com o passar dos anos. Neste caso:

São os casos de povoados que surgem como destinos turísticos ‘selvagens’ e que, com o aumento dos fluxos turísticos, são submetidos a um acelerado processo de urbanização para o turismo, em geral caótico, porque não planejado (CRUZ, 2002, p. 26).

Na maior parte dos destinos de sol e mar que são caracterizados pelo turismo de massa, a singularidade dos lugares perde força com o passar do tempo. Nesses lugares são instalados estes modelos padronizados, diretamente concebidos com a finalidade de efetuar os serviços de turismo nas destinações de forma meramente excessivamente comercial, relegando-se a segundo plano aspectos importantes para a experiência turística, mas que com o tempo podem comprometer as margens de lucro esperadas.

Através do discurso da busca da qualidade e higiene, esses ambientes de hospedagem parecem se tornar mais uma cópia de outros hotéis e *resorts* espalhados em todos os lugares tropicais do planeta (Figura 2). Há desta forma um padrão de ocupação do espaço habitado, mesmo que localizado em diferentes países, sua configuração é igual, além de suas consequências de ocupação também apresentarem as mesmas características, a exemplo do trabalho de Brandão (2013) que em sua tese compara três destinos do Nordeste que usam o modelo *resort*: Porto de Galinhas (PE), Pipa (RN) e Praia do Forte (BA), em que essas características puderam ser comprovadas.

⁸ De acordo com Harvey (2012) o fordismo precisa ser encarado muito mais como um modo de vida total do que só apenas como um sistema de produção em massa

Figura 2: Resorts da rede Iberostar no mundo



A: Punta Cana – República Dominicana

B: Montego Bay - Jamaica

C: Punta Cana – República Dominicana

D: Playa del Carmen - México

Fonte: www.iberostar.com

Há uma espécie de modelo universal dos lugares – centrado na artificialização extrema dos lugares que são explorados pelos *resorts* –, do qual o turismo de massa faz uso para atrair visitantes aos destinos escolhidos, vendendo esta forma padronizada como característica singular do lugar, mas que é apenas uma encenação da realidade, um verdadeiro simulacro. Muitas vezes, os próprios moradores são tratados como atores deste cenário feito para turista ver, e voltar ao seu cotidiano crendo que o que presenciou e viveu foi uma amostra real do folclore e modo de vida do lugar visitado. “A singularidade cede espaço ao modelo internacional, institucionalizando a museificação das cidades ao redor do mundo” (SERPA, 2013, p.109). Um dos vários problemas desse tipo de formatação baseada no turismo de massa é que a localidade pode se tornar mais uma cidade cenográfica, com personagens e figurantes do que uma destinação peculiar e singular em sua existência. O que seria um novo lugar visitado, torna-se, na realidade, o que se conhece por um não-lugar (AUGÉ, 1994).

Esses lugares são assim organizados para tornarem-se espetáculos sob a lógica do monopólio dos lucros para poucos empreendedores (SERPA, 2013). Mas o discurso é sempre de que os benefícios gerados serão revertidos para a população residente em forma de renda e emprego, sem considerar os impactos sociais, culturais e ambientais negativos que o turismo pode causar nos destinos turísticos.

Não é por acaso que turismo de massa é considerado como um dos modelos de turismo mais segregadores e excludentes, tanto para os turistas quanto para as comunidades locais.

Os megaempreendimentos subordinados a esta lógica desenham novas funcionalidades territoriais, desestruturando a organização social local, imprimindo, portanto, novos valores ambientais e socioculturais, desenhando de maneira arbitrária e autoritária novas territorialidades (RODRIGUES, 2006, p. 307).

Devido a negligência com as características econômicas, sociais e culturais mais intrínsecas aos lugares explorados, o turismo de massa infelizmente tende a prejudicar mais do que proporcionar benefícios para as comunidades em que se insere. Os residentes acabam tendo que arcar economicamente com as mudanças feitas em seu lugar em prol do turismo (PANOSSO NETTO, 2010), porém seu poder aquisitivo é menor do que estas despesas, além do que, por muitas vezes os equipamentos que passam a existir nesses lugares turísticos não são de necessidade das comunidades, mas apenas dos turistas.

Em última análise, essa lógica causa um grande ônus social às comunidades locais, tanto de forma indireta, como má alocação de recursos no estabelecimento de prioridades que não contemplam os habitantes locais e, de forma direta, como por exemplo, aumento de IPTU (imposto predial territorial urbano) nos municípios turísticos para custear equipamentos nem sempre necessários aos residentes (RODRIGUES, 2006, p. 308).

O turismo de massa possui algumas características sutis que fazem parte da forma pela qual materializam sua dominação dos lugares, como afirma Krippendorf: “De forma lenta, quase imperceptível, a direção terá saído das mãos dos autóctones. A invasão é perfeita: do exterior pelos turistas, e do interior pelos novos residentes e mão de obra estrangeira” (KRIPPENDORF, 1986, p. 84). Fenômeno semelhante também é identificado por Butler (1980), com base no seu modelo de ciclo de vida dos lugares turísticos, como será explicado mais adiante. Segundo esse modelo, o lugar turístico começa a ser valorizado por turistas aventureiros e, ao passar do tempo tende a evoluir para uma invasão de empreendedores de fora, cujas atividades são normalmente de caráter excludente, suprimindo os residentes antigos dos benefícios do turismo. É com base em raciocínio crítico a esse fenômeno que Barbosa e

Coriolano (2012) argumentam que ao se negar a instalação de grandes empreendimentos turísticos não significa ser contra o turismo, mas sim ser resistente às imposições da hegemonia econômica externa aos lugares.

Neste tipo de orientação turística, mesmo com os deslocamentos geográficos que os turistas fazem para chegar a essas destinações, eles encontram por lá o seu próprio mundo, com as mesmas referências do seu lugar de origem. “Contraditoriamente, apesar do deslocamento geográfico, esta indústria também faz viajar seus clientes com seu próprio mundo” (ZAOUAL, 2008, p.4), tendo, desta maneira, um menor contato e interação com as comunidades desses lugares, como se elas não existissem.

O Quadro 1 mostra uma parte importante do histórico dos estudos em torno do conceito de turismo de massa. Ao decorrer do tempo, esse conceito passou por diversas modificações de enfoque, até se chegar a formas alternativas ao modelo clássico de turismo de massa.

Quadro 1: Exemplos de discussão sobre o turismo de massa

Exemplos de discussão e definições relacionados ao turismo de massa	
Referência	Exemplos de discussão sobre o turismo de massa
Cohen (1972)	Os turistas de massa têm uma maior probabilidade de experienciar o choque cultural por causa do método do turismo de massa que confina o turista em uma bolha.
Murphy (1985)	Turismo de massa não significa apenas um grande número de turistas; também significa o conceito massivo de merchandising.
Shaw e Williams (1994)	Os efeitos negativos do turismo de massa: polarização espacial e temporal, dependência e controle externo, intensa pressão ambiental.
Wheeler (1994)	A tendência futura do turismo de massa em continuar a crescer sua popularidade e aumento de escala, aumentando o uso do termo mega turismo de massa.
Vanhove (1997)	Turismo de massa possui duas características: participação de grande número de turistas; e um produto padronizado, em pacotes fechados e inflexíveis.
Wang (2000)	A atração de consumo: uma sinopse das discussões sobre o significado para lugares e eventos dos pacotes degenerativos de turismo de massa.
Richards (2001)	A distinção e popularização de alta cultura (cultura de elite?) e cultura de massa em atrações culturais.
Shaw e Williams (2002)	A associação entre os custos elevados da sustentabilidade e o turismo de massa. Os custos totais de sustentabilidade do turismo de massa podem ser menores quando comparado com a mesma quantidade de turistas espalhados por uma

Continuação

	área geográfica maior, como acontece com as formas de turismo de nicho.
Bramwell (2004)	O turismo de massa tem uma noção quantitativa desde o seu crescimento nos anos 60. Foco na evolução dos impactos do turismo de massa litorâneo e do turismo alternativo litorâneo. Turismo de massa como um produto que pode se adaptar às crescentes demandas de turistas modernos, oferecendo uma ampla variedade de produtos complementares.
Urry (2005)	O desenvolvimento das viagens de massa por trem na segunda metade do século XIX. Essa revolução causou mais distinção nas formas de turismo, onde destinos se tornaram ridicularizados e “escarnecidos” através do termo “massa”.
Pender (2005)	Turismo de massa é relativamente um fenômeno novo que está chegando ao fim de sua imaturidade e entrando cedo na maturidade.
Beaver (2005)	Turismo de massa é definido como de larga escala. Também foi observada a incorreta suposição desse turismo como 'não sustentável', ajudando a desenvolver uma definição para o termo.
Holloway e Taylor (2006)	O uso da palavra "massas" e desenvolvimento em relação ao carro Ford Modelo T e produção em massa para consumo em massa.
Beech e Chadwick (2006)	Identificação de <i>resorts</i> a beira mar é uma clara indicação do desenvolvimento do turismo de massa. O interessante aqui é a identificação deles para a incompreensão dos benefícios do turismo de massa para a população residente (os impactos realistas de mais turistas).
Digance (2006)	Ao definir o conceito de peregrinação, o primeiro exemplo de turismo de massa provavelmente surgiu no início das peregrinações medievais entre 500 e 1 500 DC.
Holden (2008)	O movimento passando do turismo de massa para o turismo alternativo é caracterizado pelos turistas familiarizados com o conceito de ‘destinação de massa’
Obrador Pons et al. (2009)	O movimento de afastamento da imagem do turismo de massa como um mal do capitalismo e da globalização. Turismo de massa como tendo a capacidade para uma maior profundidade e capacidade para desenvolver a si mesmo (sentido e significado em lazer e estilo de vida a partir deste tipo da atividade turística).

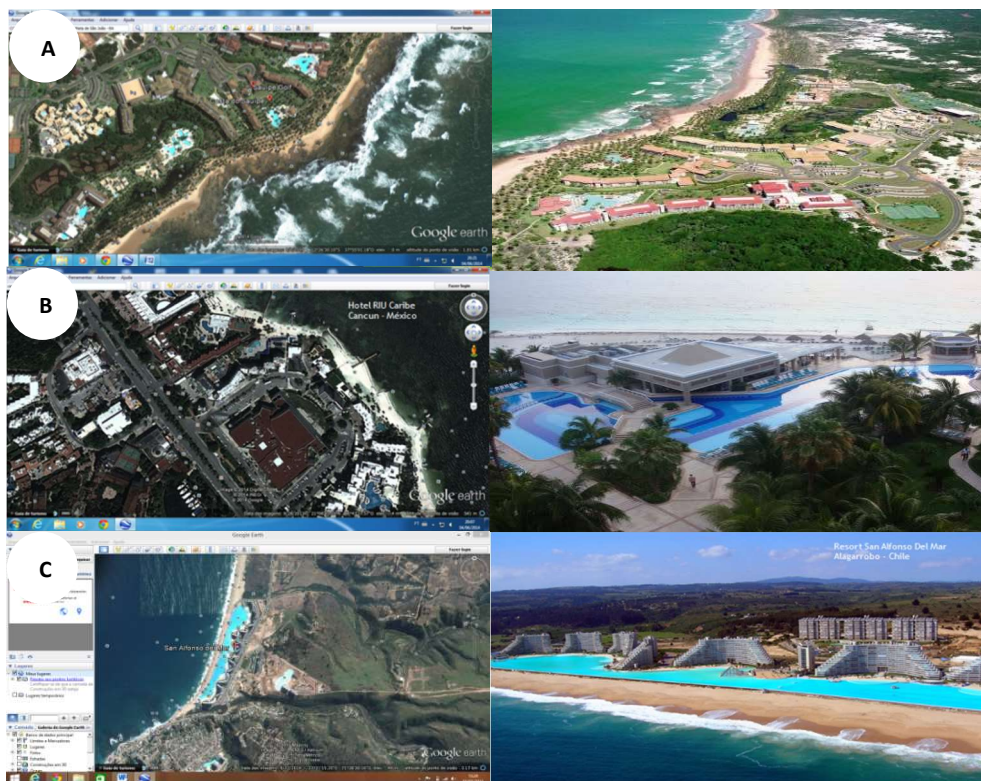
Fonte: Adaptado de Marson (2011)⁹.

⁹ Tabela original em inglês está presente nos anexos. O termo adaptado dos quadros e figuras deste texto refere-se às traduções dos originais, inclusão de demais aspectos relevantes e exclusão de conceitos não necessários.

Esse tipo de orientação da atividade turística tende a isolar os visitantes nos meios de hospedagem, em seus complexos turísticos do tipo *resort* e *village*, já aqui mencionados (Figura 3). Estes equipamentos hoteleiros oferecem pacotes fechados e prontos, com pouca flexibilidade para que o turista faça uma programação individual e se envolva com a comunidade ao redor, transformando deste modo o destino em uma “ilha do turismo” separada da realidade do cotidiano local.

Isolado de um ambiente acolhedor e das pessoas locais, o turismo de massa promove viagens em grupos guiados e seus participantes encontram prazer em atrações inventadas com pouca autenticidade, gozam com credulidade de ‘pseudo-acontecimentos’ e não levam em consideração o mundo ‘real’ em torno deles (URRY, 1990, p. 23).

Figura 3: Equipamentos de turismo de massa (*resorts*) no Brasil e em outros países.



A: *Resort* Complexo Costa do Sauípe – BA

B: Hotel Riu Caribe – Cancún –México

C: *Resort* San Alfonso Del Mar – Algarrobo – Chile

Fonte: Google Earth (2014/2015); Arquivos de fotos Costa do Sauípe (2015); Arquivos de fotos Hotel RIU Caribe (2014); Arquivos de fotos Alfonso *resort* (2014).

Os grandes empreendimentos de turismo com base em *resorts* copiam o modelo das multinacionais de atividades econômicas que dominam o mercado de lazer. Instalam-se preferencialmente em lugares periféricos em que a mão de obra utilizada é mais barata e os lucros auferidos, normalmente altos, são transferidos ao país de origem dos investimentos.

Longe de ser fruto do acaso, a estrutura requintada e padronizada, bem como a localização geográfica (principalmente esta última) dos *resorts* obedece a uma lógica racional de acumulação capitalista” (CORDEIRO; BENTO; BRITTO, 2011, p. 361).

Levando-se em conta que essa forma de desenvolvimento do turismo segue a lógica do capital, alguns autores discutem a necessidade de se analisar esse tipo de investimento em localidades pobres. Por exemplo, Cordeiro, Bento e Britto (2011, p. 365) argumentam que:

É neste sentido que se advoga a necessidade em se rever, com mais minúcia do que a questão costumeiramente é tratada, a posição de que os *resorts* trazem, necessariamente, desenvolvimento para os locais nos quais se instalam.

O turismo com base em *resorts* tende a ignorar o espaço ao redor desses empreendimentos, modificando e alterando os lugares de acordo apenas com seus interesses, criando um local com suas regras próprias e prazeres programados, alheio aos acontecimentos e realidade ao seu redor. Como consequência disto, “A destinação vira um lugar-comum, sem atrativos particulares para se distinguir de outras tantas áreas litorâneas” (ARAUJO; MOURA, 2007, p.100). Essas destinações caracterizadas principalmente pelo turismo de massa, normalmente apresentam características das comunidades locais alteradas pela presença desses empreendimentos turísticos alheios a realidade local, de tal forma que jamais elas serão mais as mesmas (RODRIGUES, 1999). Tornam-se portanto, mais uma entre tantas outras já existentes com características similares, atraindo sempre o mesmo tipo de público.

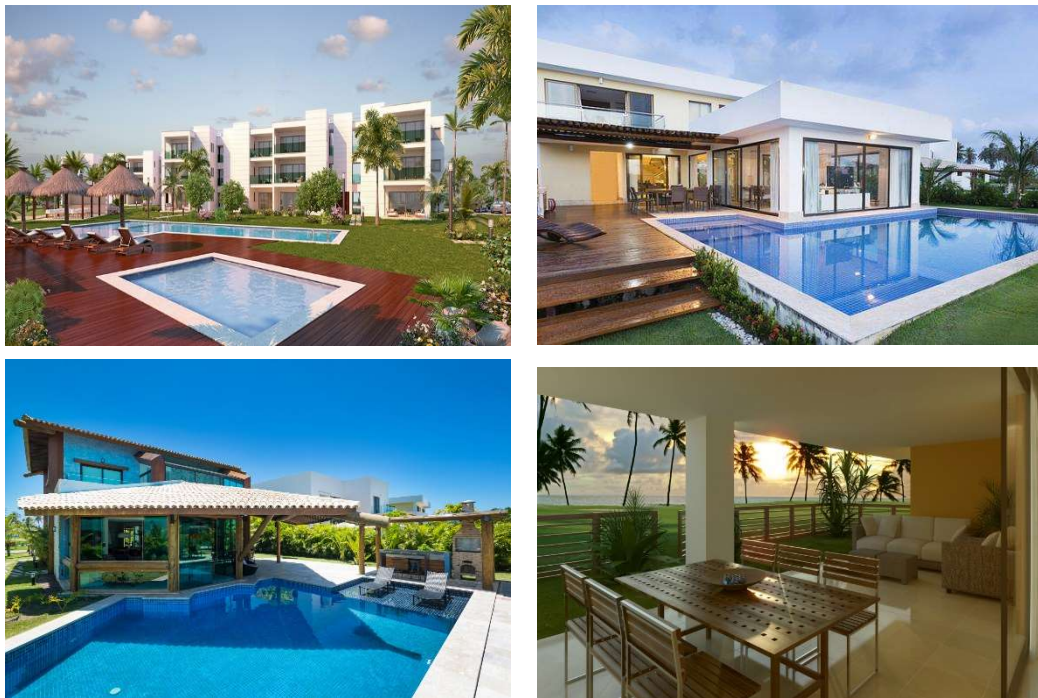
Ainda sobre a espacialização turística com base em *resorts*, esse é um modelo que em geral proporciona poucas contribuições para a população local, já que há pouca ou nenhuma participação dos residentes nos processos de tomada de decisão e planejamento do turismo referente ao lugar deles. São, em sua maioria, estruturas quase que totalmente independentes dos espaços que os circundam, oferecendo aos seus hóspedes todos os serviços que eles necessitam, sendo assim desnecessário que estes se desloquem e venham a manter contato com a parte externa do empreendimento (CRUZ, 2002).

Este é considerado um dos grandes aspectos negativos desse tipo de hospedagem, pois “São microcosmos nos quais tudo funciona a contento de seus moradores temporários, ao

contrário, muitas vezes, do que se passa do lado de fora” (CRUZ, 2002, p.136). Nesta mesma direção de raciocínio, Coriolano (2009) também define *resorts* (Figura 4) da seguinte forma:

Os *resorts* são enormes complexos hoteleiros, verdadeiras obras arquitetônicas que utilizam muitos espaços, pois entendem a hospedagem no sentido pleno, formas de proporcionar prazer ao hóspede. Multiplicaram-se os espaços especializados para diversas situações, surgindo os campos de *golf*, salões de beleza, *spas*, salões de tênis, jogos, boates, ginásios, centros de convenções, cinemas, lojas, ou seja, variedade de ambientes e de serviços. Despontam formas sofisticadas de hospedagens tais como *condohotéis* que oferecem condomínios em tempo compartilhado, *flats*, administrados pelas próprias cadeias hoteleiras, condomínios privados e residências particulares de turistas (CORIOLANO, 2009, p. 61).

Figura 4: IBEROSTATE – Condohotel em construção pertencente ao *resort* IBEROSTAR - Praia do Forte - BA



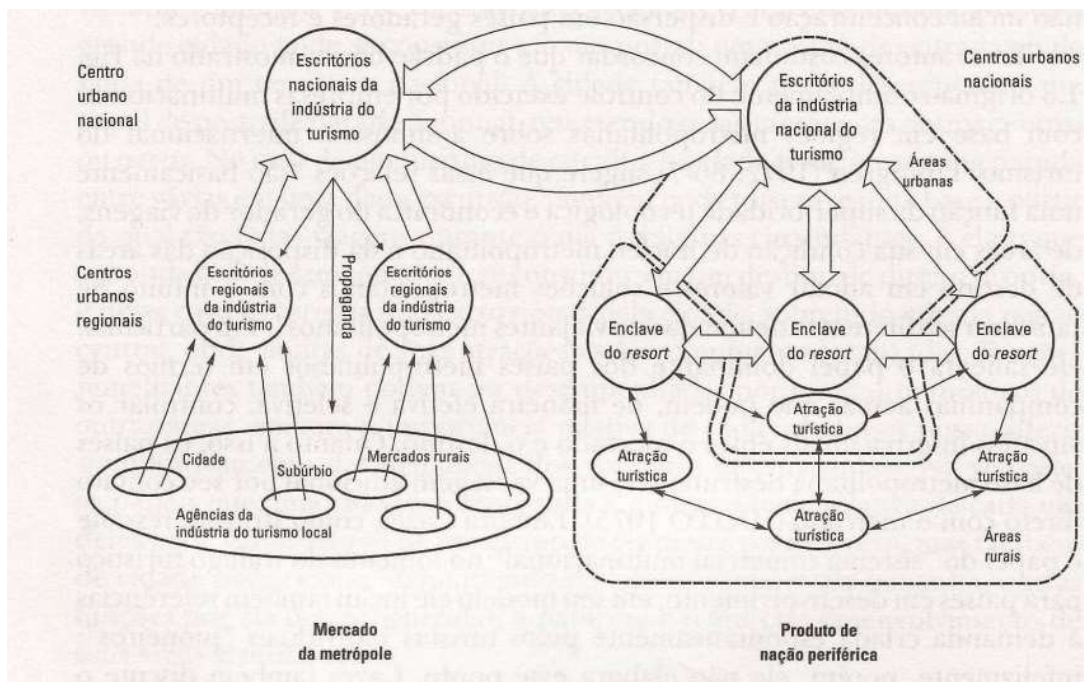
Fonte: www.iberostate.com.br

Apesar de todos os aspectos negativos já relacionados a este tipo de hospedagem, no Brasil este ainda vem sendo um modelo de hospedagem em pleno desenvolvimento (CORDEIRO; BENTO; BRITTO, 2011). Na realidade, o turismo de massa ainda está em sua “fase de infância”, assim segundo a OMT (2006), que afirma em seus documentos a existência de milhares de lugares ao redor do planeta a serem apropriados e utilizados por essa orientação turística. E tem sido exatamente essa forma de desenvolvimento do turismo a mais incentivada pelo poder público brasileiro, particularmente em nível nacional, através dos recursos do

Prodetur (CRUZ, 2006). Além de ser a orientação de turismo mais desenvolvida nacionalmente, também infelizmente se caracteriza largamente por obedecer a uma conduta predatória (MENDONÇA, 2003).

Para Nicoletti (2003, p. 62), o turismo de *resorts* é caracterizado como um modelo de enclave (Figura 5) estandardizado e sofisticado sem interação com as comunidades locais, além de não valorizar as atividades sociais e culturais pré-existentes dos lugares em que se estabelece. Neste entendimento o ambiente do *resort* encontra-se separado física, espacial, econômica e culturalmente do seu ambiente circundante, daí a ideia de enclave associada a esse tipo de empreendimento turístico.

Figura 5: Modelo de enclave



Fonte: Britton (apud Pearce, 2003).

Para a maior parte das pesquisas, o modelo *resort*, incluindo referência ao litoral nordestino, é o que mais tem recebido críticas ao longo dos anos na literatura acadêmica.

Na academia, os *resorts* são bastante criticados em razão, notadamente, da sua capacidade de controlar e manter o turista dentro do espaço e não contribuir com o seu entorno, uma vez que muitas vezes o contato com a comunidade local é inexistente (SILVEIRA, 2008, p.194).

O desenvolvimento do turismo com base em *resorts* tem gerado sérios impactos nos ecossistemas e culturas locais de lugares turísticos, sem mencionar os impactos que podem ser gerados a curto, médio e longo prazos (ARAÚJO; MOURA, 2007, p. 102). Por outro lado, os brasileiros têm se adaptado bem a este modelo de hospedagem, seja pelo *status* proporcionado, seja pelo conforto:

[...] os *resorts* detêm um alto nível de satisfação e são considerados equipamentos de sucesso. Isso se dá porque o turista é parte dessa fantasia de consumo e aprova ter à sua disposição um ambiente perfeito e previsível (SILVEIRA, 2008, p.200).

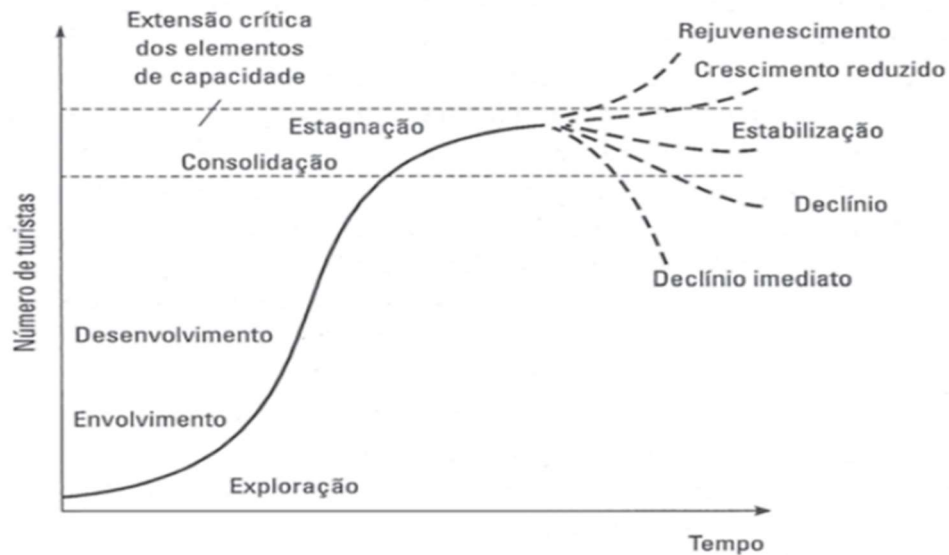
Ainda de acordo com Silveira (2008), na maioria das vezes, o *resort* representa uma continuidade dos hábitos do turista, existindo apenas a sensação de uma falsa ruptura do seu cotidiano, sendo, deste modo, uma extensão das atividades realizadas em sua residência, mesmo esta atividade acontecendo em outro lugar ou país que não o de moradia do visitante.

Segundo o modelo do Ciclo de Vida do Lugar Turístico de Butler (1980) (Figura 6), os destinos turísticos tendem a passar por seis fases no seu ciclo de evolução, a saber: *Exploração*, *Envolvimento*, *Desenvolvimento*, *Consolidação*, *Estagnação* e *Declínio*. Este modelo, associado diretamente ao turismo de massa, permite explicar de que maneira os lugares turísticos se desenvolvem ao longo do tempo, permitindo assim fazer algum tipo de previsão sobre possíveis aspectos relacionados ao futuro de um determinado lugar.

Butler (op. cit) propõem, com seu modelo, que as destinações tendem a evoluir com o tempo no espaço, de uma situação de alta preservação ambiental e cultural, para uma situação de estagnação, e possível declínio, tendo-se a degradação ambiental, em aspectos relativos a poluição e destruição da flora nativa, causada pelo turismo como fator principal, o que, normalmente, é mais frequente no turismo de massa. Assim, de acordo com a forma pela qual o turismo tem sido planejado, fazendo com que os as destinações turísticas cresçam rapidamente, parece ser possível se constar que o turismo é uma “Vítima do seu próprio sucesso, o mega turismo¹⁰ parece, assim, responder à teoria do ciclo de vida dos produtos” (ZAOUAL, 2008, p. 3).

¹⁰ Neste caso o termo mega turismo utilizado pelo autor está relacionado as formas de turismo de massa.

Figura 6: Ciclo de vida da área turística



Fonte: Butler (1980)

Apesar de todas as críticas feitas ao turismo de massa, é de alguma forma necessário se levar em consideração que:

[...] se todas as pessoas que viajam dentro do turismo de massa decidirem praticar alguma modalidade alternativa de turismo haverá, necessariamente, a massificação dessas formas alternativas de turismo, pois maior quantidade de turistas requer mais infra-estrutura (CRUZ, 2003, p. 7).

Ainda nesta perspectiva, vale salientar que através desse modelo muitas pessoas foram e estão sendo inseridas no turismo, pois até pouco tempo atrás era privilégio de poucas pessoas, mesmo apresentando ainda um caráter excludente para a maior parte da população mundial. “Paradoxalmente, são essas bolhas que permitem a muitas pessoas visitarem lugares que, de outra maneira, não visitariam[...]” (URRY, 1990, p. 24). Ou seja, mesmo com seus impactos negativos não pode negar sua importância na inclusão dessas pessoas com os *resorts* no circuito da atividade turística.

Para alguns autores, muitas críticas ao turismo de massa podem ser elitistas e preconceituosas, outras, porém, se mostram de fato sérias e abordam questões ligadas aos impactos ambientais e culturais que podem afetar negativamente os lugares em que esse tipo de turismo é estabelecido (COOPER, HALL, TRIGO, 2011). Há inclusive alguns autores, como é

o caso de Butcher (2003, p. 24), segundo os quais “O turismo de massa pode ser sustentável [...]”, e que argumentam que muitos pesquisadores apenas se concentram nas novas orientações de turismo, como as alternativas, ditas “sustentáveis”, tendo assim uma visão limitada dos aspectos gerais que a atividade turística pode ter.

No mundo atual, no qual se verifica uma crescente preocupação com um desenvolvimento que seja sustentável, que conserve as culturas locais e que integre as sociedades locais à experiência dos turistas, estes também cada dia mais conscientes em relação à necessidade de se proteger os lugares visitados, constata-se um crescimento razoável de ofertas turísticas que se alinham de alguma forma ao discurso e prática da sustentabilidade.

A tomada de consciência sobre a necessidade de se buscar formas sustentáveis de desenvolvimento turístico, e de se evitar formas massivas do turismo – pelo menos para uma parte crescente da demanda turística – demonstra que parece haver algum entendimento entre os turistas potenciais segundo o qual o próprio turismo de massa tem provocado sua autodestruição, pela busca da rentabilidade máxima, negligenciando os cuidados necessários com os lugares explorados. Por isso, nas últimas décadas, esses tipos de hospedagem de orientação massiva têm se reinventado para poder continuar vivendo nos novos moldes da estrutura econômica atual.

O Ministério do Turismo (MTur) publicou, em 2005, um documento abordando a questão do turismo sustentável e sua relação com o alívio da pobreza no Brasil. Em todo o texto há uma crítica massiva ao turismo de massa e o incentivo a um novo modelo de tendência mundial, caracterizado pelo diferente, personificado, de baixa escala, o que se comunica com os modelos que vem sendo adotados em alguns pontos do litoral nordestino brasileiro, contrários à dominação massiva do turismo, como se depreende da transcrição abaixo:

As políticas voltadas à promoção do turismo – calcado em pacotes pré-formatados, em fretamentos aéreos e em estruturas hoteleiras de grande porte, principalmente *resorts*, que, naturalmente, favorece somente as grandes corporações privadas, como cadeias hoteleiras, transportadoras aéreas e grandes operadoras turísticas – constituem modelo concentrador de renda cujos impactos sociais e ambientais, avaliados pelo custo total, terminam sendo negativos. A renda gerada pelo turismo é, geralmente, apropriada pelos grandes centros que exportam seus produtos e serviços para os destinos turísticos, enquanto são nestes que os principais impactos sociais e ambientais ocorrem. Além disso, esse modelo concentrador não valoriza o local e contraria as principais tendências do mercado turístico mundial, caracterizadas pela busca de experiências, pela personalização dos pacotes e pela segmentação. Essas constatações ensejam a revisão desse modelo e permitem vislumbrar alguns passos importantes para superá-lo (BRASIL, 2005, p.23).

Nessa transcrição extensa, transparece uma visão avançada e contundente que reconhece textualmente os problemas inerentes ao turismo de massa, porém o que se vê na prática até os dias de hoje, ainda é o predomínio dos *resorts* em sua forma predatória, principalmente em vários trechos do litoral nordestino, onde há investimentos de bancos internacionais nessa região (BNB, 2011). Fica claro, portanto, que parece haver uma contradição entre o que documentos oficiais do governo federal reconhecem como problema e a natureza efetiva da política, que, predominantemente, privilegia investimentos associados ao turismo de massa.

A despeito do predomínio de apoio ao turismo de grande escala nas políticas públicas no Brasil, sobretudo com base em *resorts*, parece haver um novo paradigma emergindo na sociedade atual, não apenas no país, como ao redor do mundo. Isto é, há o reconhecimento de que o desenvolvimento do turismo interage com e diversas dimensões dos lugares explorados, e que, portanto, é preciso se levar em consideração todos os interesses envolvidos.

Segundo esse entendimento, o foco não deveria ser mais no turista como ator principal da atividade turística, mas sim em toda a cadeia e *stakeholders*¹¹ que são afetados positiva e negativamente. Nesta análise, leva-se em consideração a comunidade, não só como coadjuvante e mera peça de cenário, mas sim como protagonista do turismo em seu lugar.

Acompanhando estas mudanças, a sociedade também modifica seu modo de ver e ser no mundo de acordo com as tendências que vão ganhando valorização entre as pessoas e sendo difundidas. Por enquanto vive-se ainda a junção de diversos modelos de turismo ligados tanto a características modernas, como o turismo de massa, quanto a tipos emergentes de turismo pós-modernos, como as diversas formas de turismo alternativo, o que será abordado a seguir. Frequentemente, formas alternativas de turismo aparecem e se desenvolvem de maneira independente das políticas públicas.

Como o que hoje pode estar na moda, e em um tempo no futuro não muito distante pode ter perdido totalmente o seu valor (BOYER, 2003), as mudanças são constantes na sociedade. De acordo com a cultura das pessoas e dos lugares essas mudanças podem ser significativas ao longo do tempo.

Como a cultura é mutável no tempo e no espaço, os territórios eleitos pelo turismo na atualidade não são, em todos os casos, os mesmos de ontem e não, necessariamente, serão os mesmos de amanhã. E como não há uma cultura mundial, lugares turísticos valorizados por algum grupo social podem não ter qualquer significado para outros grupos (CRUZ, 2002, p. 19).

¹¹ O conceito de stakeholders de acordo com Gray (1989) são todos os grupos, indivíduos ou organizações envolvidas com um determinado problema e que são afetados por ações de outros stakeholders ao resolverem o problema em questão.

Nessa direção, de acordo com Marson (2011) os modelos de *resort* vêm se adaptando a esta nova fase do turismo e promovendo os conceitos de sustentabilidade em seus estabelecimentos, principalmente após os anos 1990. Ainda na visão do mesmo autor, essa orientação de turismo com o tempo passou da posição de herói para a de vilão ao longo de sua história, principalmente na atualidade, com a promoção de formas alternativas de turismo, opostas a ela. Por fim, chega-se à conclusão de que ou este modelo se adapta, ou provavelmente poderá ficar fora do mercado emergente na sociedade atual em longo prazo.

1.3 Turismo Alternativo

1.3.1 Moderno X Pós Moderno

O turismo como atividade econômica surgiu e tem evoluído nos moldes modernos de sociedade, tendo seu funcionamento e razão de ser intrinsecamente ligados ao desenvolvimento do capitalismo. Na sociedade atual, surgiram modos mais flexíveis de acumulação do capital. Para Harvey (2012), esse tipo de comportamento diferente por parte de determinados setores sociais ainda não é o surgimento de uma nova sociedade. Há um grande embate na literatura das ciências sociais e humanas em torno do que seria esse “diferente”, o novo que vem surgindo. Seria uma sociedade moldada no desdobramento do moderno ou o surgimento de uma sociedade nos moldes pós-modernos? Esse é o questionamento central, o qual também é realizado por David Harvey (2012, p.18):

Assim sendo, que é esse pós-modernismo de que muitos falam agora? Terá a vida social se modificado tanto a partir do início dos anos 70 que possamos falar sem errar que vivemos numa cultura pós-moderna, numa época pós-moderna? Ou será simplesmente que as tendências da alta cultura deram, como é do seu feitio, mais uma circunvolução e que as modas acadêmicas também mudaram sem um único vestígio ou eco de correspondência na vida cotidiana dos cidadãos comuns?

Será o pós-modernismo uma ruptura radical ou apenas uma revolta do próprio modernismo? Na forma de ver de alguns teóricos, talvez o pós-moderno seja apenas ainda uma versão do moderno, que se manifesta largamente no momento contemporâneo.

De uma maneira geral, pode-se entender que uma das vertentes do que se diz pós-moderno está nas estratégias pluralistas e orgânicas na escala menor, no local, ou seja, dá-se atenção a aspectos que normalmente são negligenciados pela produção de larga escala.

A fase atual das sociedades capitalistas seria ainda uma exaustão da modernidade que anuncia uma próxima crise social e política, na qual os elementos não hegemônicos ganham visibilidade. Há atualmente uma preocupação com a diferença, com as vozes dos grupos marginalizados, com a valorização do local, com os detalhes na perspectiva que se identifica como pós-moderna.

Essa preocupação é positiva em um período em que se fala tanto, e se defende, os direitos das minorias. O conceito de pós-moderno mostra ser conflitante, assim como ainda é o sentido do que é verdadeiramente moderno (HARVEY, 2012). Seguem, no Quadro 2, as principais oposições e diferenças entre o Moderno e o Pós-Moderno identificadas por Harvey:

Quadro 2: Moderno X Pós-Moderno

Diferenças entre modernismo e pós-moderno	
Modernismo	Pós-Moderno
Romantismo/simbolismo	Parafísica/dadaísmo
Forma (conjuntiva, fechada)	Antiforma (disjuntiva, aberta)
Propósito	Jogo
Projeto	Acaso
Hierarquia	Anarquia
Domínio/logos	Exaustão/silêncio
Objeto de arte/obra acabada	Processo/performance/happening
Distância	Participação
Criação/totalização/síntese	Descrição/desconstrução/antítese
Presença	Ausência
Centração	Dispersão
Gênero/fronteira	Texto/intertexto
Semântica	Retórica
Paradigma	Sintagma
Hipotaxe	Parataxe
Metáfora	Metonímia
Seleção	Combinação
Raiz/profundidade	Rizoma/superfície
Interpretação/leitura	Contra a interpretação/desleitura
Significado	Significante
Lisível (legível)	Scriptível (escrevível)
Narrativa/grande histoire	Antinarrativa/petite histoire
Código mestre	Idioleto
Sintoma	Desejo
Tipo	Mutante
Genital/fálico	Polimorfo/andrógino
Paranoia	Esquizofrenia
Origem/causa	Diferença-diferença/vestigio
Deus Pai	Espírito Santo
Metafísica	Ironia
Determinação	Indeterminação
Transcendência	Imanência

Fonte: Adaptado de Harvey (2012)

É possível traduzir essas diferenças também na forma pela qual o turismo se desenvolve. Por exemplo, o turismo de massa, especialmente os de modelo dos *resorts* (enclaves) representa o moderno, como paradigma que governou o progresso técnico e a expansão econômica no mundo nos dois últimos séculos; o turismo alternativo representaria o pós-moderno, como uma proposta de lazer centrada na alteridade, no singular, em outras palavras, numa experiência que parece buscar a negação da pressa, da rotina, de todo o ethos que foi criado com a emergência do período moderno.

Claramente, há embates entre os próprios teóricos sobre o que seria de fato o pós-moderno, assim como já observa David Harvey (2012). Para Haesbaert (2012), o que se chama atualmente de “pós-moderno” está ainda na multiplicidade do moderno, um desdobramento. O autor considera a modernidade como sendo portadora de várias faces, considerando que se vive atualmente em uma época de crise social e da filosofia. Assim, há uma dificuldade em se entender coerentemente a dinâmica social, cujo contexto encontra-se “[...] acelerado constantemente o processo de mudança, chega-se a um ponto tal em que se confunde a transformação com a simples mobilidade” (HAESBAERT, 2012, p.59).

Segundo ainda Haesbaert (op. cit.), as esferas globais e locais estão entrelaçadas a tal ponto que se confundem os desdobramentos do moderno com o conceito de pós-moderno. Talvez o pós-moderno ainda não esteja solidificado, porém estas rupturas do moderno que vem acontecendo desde meados da década de 1970, com o enfoque nas questões ambientais e mudanças de estilo de vida, já sejam o indício de que o moderno clássico encontra sua estrutura de base abalada e começa a assumir uma nova estrutura conceitual.

O moderno, conhecido por suas formas rígidas, está em transformação e um novo olhar e maneira de ver e viver no mundo está entrando em vigor. Vive-se um período em que a manufatura tornou-se flexível e que a tese do pós-fordismo torna-se fundamental para entender o pós-moderno e suas teorias. “O pós-moderno: uma excursão? O fim do mundo? Ou alguma outra coisa?” (LYON, 2005, p. 109).

Há quem pense que não se deve focar o pós-moderno como um discurso de tempos novos (Lyon, 2005). Na realidade, ainda vigoram tempos modernos, e que em algumas áreas da sociedade na verdade ele está ainda em pleno desenvolvimento. Os tempos atuais são de administração e não de progresso como observado na era industrial.

Em seu livro “Modernidade e ambivalência”, Bauman (1999, p.288) irá afirmar que “A pós-modernidade é a modernidade chegando a um acordo com a sua própria impossibilidade, uma modernidade que se automonitora, que conscientemente descarta o que

outrora fazia inconscientemente”, ou seja é uma nova chance da modernidade se desenvolver, como o mesmo autor reflete.

Assim como para Lyon (2005, p.107), baseando-se na leitura de Bauman, a questão do pós moderno é na verdade uma oportunidade para reavaliar o moderno e não de decretar o seu fim:

Antes, a questão do pós-modernismo oferece uma oportunidade de reavaliar a modernidade, de ler os sinais dos tempos como indicadores de que a modernidade em si é instável e imprevisível, e de renunciar ao futuro que ela uma vez parecia prometer.

Para esse mesmo autor, a modernidade não tem mais para onde ir, deixando assim que surja de fato no futuro uma condição pós-moderna mais desenvolvida e mais clara que os conceitos existentes na atualidade.

Entretanto, a questão não é assim tão simples. Em relação à condição pós-moderna, como visto, existem questionamentos sobre sua existência. Seria o pós-moderno apenas uma crise da modernidade, um desdobramento do movimento moderno ou de fato um novo patamar social vem surgindo? Porém, apesar de todas as contradições acerca do conceito, uma questão é chave: “A condição pós-moderna está inteiramente ligada ao capitalismo de consumo” (LYON, 2005, p.112). São tempos em que há diversidades de ideias e de modos de ser. A modernidade pode estar em alterações e sofrendo crises, mas até o momento segundo alguns autores como Giddens (1991), Lyon (2005) e Harvey (2012), não existe evidências suficientes para se afirmar que já se vive plenamente em uma condição pós-moderna, como afirmado abaixo por Giddens (1991, p. 58):

Não vivemos ainda num universo social pós-moderno, mas podemos ver mais do que uns poucos relances da emergência de modos de vida e formas de organização social que divergem daquelas criadas pelas instituições modernas.

O fato é que mudanças significativas vêm ocorrendo nas sociedades, independente de qual nome será dado ao fenômeno e questionam o conceito de modernidade clássico:

Mudanças sociais e culturais sem precedentes estão acontecendo; se ‘pós-modernidade’ é ou não o melhor termo para consubstanciar essas mudanças é uma questão controversa” [...] ‘Pós-modernidade é um termo que, para o momento, cumpre bem sua finalidade (LYON, 2005, p.128).

Logicamente, as mudanças em curso e a insinuação do novo atingem todos os setores das sociedades, variando da produção, passando pela circulação e pelo consumo, atingindo, inclusive, o simbólico. Essa mudança também está presente na atividade turística, ao se verificar

uma crítica crescente ao turismo de massa, com todos seus impactos negativos (KRIPPENDORF, 2009); e o aparecimento do novo no turismo parece estar, por exemplo, relacionado com e o surgimento e evolução de formas turísticas alternativas, centradas no diferente e na pequena escala (MENDONÇA, 2003).

Soja (1993) em sua reflexão sobre o conceito de pós-moderno direcionado às ciências sociais também reconhece que há uma reestruturação profunda da sociedade contemporânea, especialmente após crises econômicas e sociais que a sociedade vem passando, surgindo assim modificações significativas na maneira de ver o mundo e na aparência das coisas.

Ademais, outros autores como Lefebvre, Foucault, Berger e Mandel são intelectuais fundadores do pensamento pós-moderno, tendo em sua trajetória, contribuições para a formação do debate acadêmico sobre o assunto (op. cit, 1993, p.78). Isto posto, há o entendimento que novos modelos sociais vêm surgindo e que apesar dos embates, não se pode negar os conflitos existentes nas sociedades atuais em relação modos de vida e ações no mundo.

Nesta perspectiva, os modelos alternativos de turismo surgido nas últimas décadas seguem essa nova tendência, não mais baseada no moderno clássico, com os tradicionais equipamentos hoteleiros de grande porte, grandes fluxos de turistas, mas sim em modelos mais brandos da atividade turística, em escala menor e mais alinhados ao conceito do que se entende por pós-moderno até o momento “[...] a mente pós-moderna tem menos necessidade de crueldade e da humilhação do outro[...]” (BAUMAN, 1999, p.271), assim como uma ânsia pela busca da comunidade (op. cit, 1999, p.261) e seu envolvimento com as atividades econômicas que surgem nos lugares, como o turismo por exemplo.

Atualmente, tem-se passado por um período de diversas crises em vários setores da sociedade; “[...] estamos diante de uma crise que vai além da economia, alcançando as formas de solidariedade social e os valores culturais” (CARDOSO, 2013, p. 18), em um processo que tende a culminar na formação de uma globalização com uma face mais humana (CARDOSO, 2013). Se a estas mudanças e processos denominam-se pós-moderno, ou apenas um desdobramento do moderno, não é a chave da questão, o foco parece ser na mudança de postura por uma parte da população ao redor do mundo, por exemplo, na forma de trabalhar, consumir e realizar seu lazer.

Essa mudança de postura, no turismo, oferece indícios do crescimento de novas formas de se realizar a experiência turística do indivíduo, com um número crescente de indivíduos buscando experiências centradas nas características identitárias dos lugares, cuja realização é frequentemente considerada uma maneira alternativa de se fazer turismo – alternativa ao turismo de massa.

1.3.2 Tendências do Turismo Alternativo

A partir da década de 1980, os debates e o surgimento e evolução dos conceitos relacionados ao turismo sustentável e ecoturismo começaram a ter relevância no cenário mundial (COOPER; HALL; TRIGO, 2011). Desde então, o turismo começou a ser uma atividade não apenas estritamente relacionada ao consumo nos moldes capitalistas de massa, mas também a dar valor à troca de experiências e fortalecimento dos laços culturais entre visitantes e visitados. É nesse contexto que Coriolano e Barbosa (2012, p. 80) entendem que “[...] o turismo é uma atividade que implica produção de territórios a serviço do turismo globalizado, mas também produção de territórios solidários, com lógica da economia solidária e da ecossocioeconomia”.

Essa nova forma de se fazer turismo tem sido disseminada e implantada em incontáveis lugares ao redor do mundo, em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, como, por exemplo, na Jamaica na praia de Treasure Beach, e em lugares de ecoturismo consagrados no Brasil como Bonito no Mato Grosso do Sul e Chapada Diamantina na Bahia. Aos poucos, esses novos conceitos e desdobramentos da atividade turística vão se adequando às localidades, aproveitando as suas peculiaridades e amenidades singulares. São formas de se praticar turismo que se encaixam com cada lugar e com suas características únicas, em que as intervenções no meio ambiente, cultura e cotidiano das pessoas das comunidades envolvidas com o turismo são minimizadas. Na visão de Krippendorf, “Mais ou menos no longo prazo, os novos conceitos do turismo vão se impor de maneira geral” (2009, p. 107).

Nesse sentido, de novas perspectivas para o turismo, Xavier (2007, p. 59) argumenta que “Do ponto de vista espacial, o turismo vem passando por profundas transformações, como, por exemplo, o que vem acontecendo no Brasil, criando modelos que constituem uma forma de contraponto ao turismo global” e de defesa de seus mercados. Ainda segundo Xavier (2007), são lugares ainda pouco explorados pelo viés do turismo de massa e que vem com uma ideologia de contraponto às características desse modo de se praticar turismo. Estes lugares possuem estabelecimentos de pequeno porte e que normalmente agregam mais valor à comunidade local valorizando o comércio, a cultura e as atividades tradicionais do lugar (Figura 7).

Figura 7: Ouro Preto (MG) – Lugar turístico com ênfase no patrimônio arquitetônico e cultura



Fonte: www.zmexcursos.com.br

Essa forma de desenvolvimento turístico tende a causar um menor impacto ambiental, social e cultural nas comunidades envolvidas. Seria uma orientação de turismo alternativo ao de massa, porém com algumas características singulares, oferecendo produtos turísticos em um novo formato. É uma forma de turismo que tem por finalidade competir melhor no mercado atual, como uma nova tendência do próprio capital.

Com a finalidade de competir mais eficazmente no mercado, formatam-se novos produtos que contrariam o caráter maciço e o ritmo dos tempos velozes, oferecendo ‘cultura’ e ‘tradição’ – em tratamento personalizado, caseiro, artesanal, hospitaleiro, que inclui ‘comida da avó’, pães artesanais, cerveja e vinho caseiros, casas restauradas, tecidos naturais, ciclismo, antigas vias férreas e trens restaurados, enfim símbolos plenos de apelos nostálgicos que nos remetem ao passado distante, quando o tempo se escoava lentamente, em oposição aos tempos frenéticos e à agitação das grandes metrópoles (RODRIGUES, 2006, p. 300).

Dessa forma, ao invés dos lugares serem modificados de forma significativa para atender o turismo de massa, os objetos dos lugares e as paisagens associadas são ressignificados para uma forma de consumo que se distancia do conceito de consumo de massa. O termo turismo alternativo é usado para descrever produtos e atividades mais amenas do que a maior parte das atividades que compõem o turismo de massa convencional, ou em outras palavras, o turismo alternativo faz parte do fenômeno de resposta ao modelo de turismo de massa difundido ao redor do mundo. Essas formas alternativas de turismo em sua maioria vão contra a ideologia do modelo massivo do turismo. Como foi mencionado antes, esse modelo está em ascensão em

diversas partes do globo, e vem a cada dia ganhando mais adeptos, seja de turistas com esse novo perfil, seja de destinos que passam a atender esta nova demanda turística.

Obviamente, ao mesmo tempo em que novas tendências surgem no turismo, como ecoturismo, turismo sustentável, cultural etc., ainda há grandes investimentos nos empreendimentos ligados ao modelo de turismo de massa (EVANS, 2011). Mesmo já existindo programas e documentos a favor do turismo alternativo e suas vertentes, o poder público insiste na proliferação dos modelos vinculados ao turismo de massa, como é o caso das políticas de regionalização do turismo no Brasil, sobretudo as iniciativas fomentadas pelo Prodetur. Tais políticas ainda dominam as iniciativas governamentais apesar da existência de pesquisas que descrevem os impactos dessa orientação turística para lugares e comunidades pobres “Ora parece que a participação dos poderes públicos revela a opção pelo turismo de massa, ainda que no papel existam outros programas a serem executados” (MENDONÇA, 2003, p. 45).

As novas tendências de desenvolvimento do turismo são geralmente refratárias à tecnificação dos lugares e buscam valorizar a cultura tradicional:

O turismo adapta-se a diferentes formas de consumo e produção de território, desde as de completa artificialização e tecnificação de lugares pelo grande capital, às formas ‘mais modestas’ de transformação, pelos próprios moradores, embora passem por processos de transformação de formas, funções e estruturas onde vivem, tendo em vista garantia da terra, preservação cultural, ambiental e da vida em comunidade (CORIOLANO; BARBOSA, 2012, p.74).

Mais especificamente, essas duas autoras estão se referindo à experiência do turismo comunitário, que segundo elas frequentemente é visto como uma forma de resistência à territorialização do turismo de massa em lugares pequenos, mas que são detentores de amplos potenciais para o desenvolvimento turístico, como vem acontecendo em várias partes do litoral nordestino.

Uma diferença nessa nova era dos chamados “produtos verdes” reside em sua formatação de produção não mais em série e nem mais para grandes quantidades de consumidores com características, assumindo feições pós-fordistas¹². Essas novas ofertas se

¹² Segundo Harvey (2012), nos modelos pós-fordistas ou de acumulação flexível do capital aconteceu uma mudança do modo de produção e acumulação embasada na rigidez de produção por um modelo alicerçado em uma flexibilidade maior dos processos, produtos, padrões de consumo, mercados e da organização do trabalho. Resultando disto, o surgimento de setores novos de produção, modalidades de serviços financeiros, mercados e, de inovação comercial, tecnológica e organizacional, com o objetivo de produzir um sistema que possa atuar se adaptando continuamente as rápidas mudanças de variação de demanda. Consumo pós-fordista de acordo com Urry (1990, p.31): “[...] emergência de novas espécies de mercadorias, mais especializadas, baseadas em matérias-primas que implicam formas de produção não-massivas (produtos ‘naturais’, por exemplo)”.

apresentam como uma produção e consumo por parte de poucas pessoas, com uma menor agressividade ambiental, mas que pode apresentar ainda uma alta agressão social (BRANDÃO, 2013; HARVEY, 2012). Esta orientação do turismo reflete uma mudança de paradigma, passando do pensamento com características estritamente modernas para um pensamento com mais características ligadas a pós-modernidade e suas novas nuances. Essa nova tendência no turismo com novos produtos sendo ofertados no mercado sob novas bases, se configura como um diferencial, na perspectiva sustentável e no desenvolvimento do turismo nos lugares já explorados pela atividade turística.

Isso significa que poderemos oferecer os pacotes sol, praia e cultura ou sol, praia e ecologia, mas também demonstra o desejo de modificar o estilo de desenvolvimento do turismo que, nas últimas décadas, floresceu no País: o turismo de massa predatório e o turismo sexual no Nordeste e Rio de Janeiro, principalmente (MENDONÇA, 2003, p. 31).

Há assim uma reorientação da atividade turística para atender as mudanças de paradigmas sociais e culturais que estão ocorrendo no mundo. Por muito tempo a questão da sustentabilidade era associada apenas ao ecoturismo, porém o respeito às comunidades locais vai além, em todos os outros segmentos da atividade turística. Nessa nova proposta de se fazer turismo, o foco é ‘perder o tempo’ (MENDONÇA, 2003) e apreciar vagorosamente os cheiros, os gostos e as paisagens do lugar, diferente do que é proposto no modelo de turismo de massa que não se pode ‘perder tempo’ e deve-se tentar conhecer o maior número de atrações possíveis em um espaço curto de tempo.

Existe também, nesta esfera – a das maneiras de usufruir do tempo livre -, possibilidades antagônicas e complementares: à massa, são oferecidos o consumo do tempo e dos espaços, a visão daquilo que já se banalizou e a apropriação abundante de mercadorias; à elite se oferecem as possibilidades de variação e de experimentação controlada do ‘outro’ (MENDONÇA, 2003, p. 41).

Na atualidade, o turismo de massa é focado na apreciação da natureza, enfatizado pela mídia e como estratégia do capital, levando a uma mercantilização da natureza também para os fins do turismo. Esse tipo de turismo é procurado para aliviar o *stress* urbano, fazendo assim com que as pessoas sintam a ‘necessidade’ de procurar estes refúgios, com a valorização dos

atrativos naturais ainda intocados e que precisam ser ‘consumidos’ - “[...] o uso do patrimônio turístico tem sido motivo de discussões sobre seus benefícios e suas contradições” (XAVIER, 2007, p. 57). Como por exemplo, o que vem acontecendo em diversos destinos turísticos nos estudos tanto do turismo de massa: na tese de Brandão (2013) com a pesquisa nas praias de Porto de Galinhas (PE), Praia do Forte (BA) e Pipa (RN); nos artigos de Bihu; Min; Xiaoli (2012) com seu estudo no patrimônio mundial da UNESCO na cidade antiga de Ping Yao na China. Quanto do turismo alternativo: no artigo de CONWAY; TIMMS (2012) com a pesquisa na Treasure Beach na Jamaica (Figura 8); Silva; Anjos (2012) com o estudo sobre Meia Praia no município de Itapema em Santa Catarina; o estudo de Bonito em Mato Grosso do Sul na pesquisa de Mariani (2002); as dissertações de Fraga (2013) sobre a expansão do turismo de São Miguel dos Milagres; Santos (2009) com o estudo da expansão do turismo em Porto de Pedras. Apresentam-se aspectos tanto positivos quanto negativos nas duas orientações da atividade turística em questão, porém sendo visivelmente menos nocivos os destinos que se direcionam ao turismo alternativo com bases dos conceitos de sustentabilidade.

Figura 8: Uso de formas alternativas de turismo. Treasure Beach (Jamaica)



A: Treasure Beach - praias

B: Pousada Jake's

C: Treasure Beach – Piscinas Naturais

Fonte: Arquivos de fotos Treasure Beach Hotel; Arquivos de fotos Hotéis.com; Arquivos de fotos Aboututila.com

O movimento do turismo alternativo, segundo Xavier (2007, p. 57): “[...] foi iniciado na Europa e se espalhou pelo planeta, atendendo às necessidades de uma clientela com aspirações e motivações decorrentes de uma nova realidade de uso ou e de proteção à natureza”. É uma forma de turismo que além de valorizar a preservação da natureza e, por extensão, dos ecossistemas, também está baseada na valorização dos saberes e fazeres locais, tanto àqueles associados aos atrativos naturais quanto os relacionados ao patrimônio cultural.

Sob esta perspectiva do surgimento de um “novo turismo”, como uma crítica ao turismo de massa, Krippendorf (2009, p. 76) questiona: “Será que realmente não existe um outro meio, a não ser esse turismo devastador, para salvar do abismo a economia e a sociedade nativas?”. O mesmo autor (Ibid, p. 79) argumenta que em qualquer lugar que o turismo se instale, por mais ameno e brando que essa atividade possa em alguns casos se apresentar, haverá sempre pontos negativos que são contornáveis, pois, segundo ele, para aproveitar os benefícios é necessário tolerar às inconveniências.

A evolução do turismo para formas alternativas ao modelo de turismo maciço, ancorado basicamente no segmento “sol e praia”, sobre o qual se estruturou o mercado fordista de viagens estandardizadas e rígidas, requer repensar as escalas de análise, em que o local assume importância crescente, não somente enquanto cenário para novas práticas, mas reconhecidamente como o único recorte territorial que pode conjugar os interesses dos vários segmentos envolvidos no turismo, a fim de se contrapor à lógica do mercado hegemônico globalizado, sem que isto signifique completo isolamento, não só considerando quase impossível, como contraproducente na atual conjuntura econômica (RODRIGUES, 2006, p. 298).

Esse novo formato de produto turístico, além de ofertar um contato com áreas de natureza preservada, também coloca à disposição do visitante componentes da cultura e das tradições locais como novos produtos do mercado turístico atual (RODRIGUES, 2006). Assim, há uma valorização da memória das pessoas e dos lugares, talvez mais no sentido de memória coletiva do que a individual em si. A cultura e a própria comunidade com suas características passam a ser vendidas como produto. Esse tipo de turismo pode ser considerado como uma distinção simbólica e material (MENDONÇA, 2003) que, na realidade, também pode ter implicações mais profundas, pois:

[...] diante do aproveitamento dos valores locais, apresenta uma oportunidade para a expansão do turismo social e para o desenvolvimento de estratégias com vistas à adoção do turismo solidário, preparando comunidades para as atividades de valorização do saber-fazer (XAVIER, 2007, p.61).

A partir da base do turismo alternativo, vários segmentos para a atividade turística vêm surgindo nas últimas décadas atrelados as bases da sustentabilidade. Se trata assim de um modelo que “Embora ideologicamente perfeito, não se pode perder de vista que o conceito de desenvolvimento sustentável está ideologicamente atrelado ao capitalismo” (CORDEIRO; BENTO; BRITTO, 2011, p.359). Deve-se ter precaução com certos ramos do turismo, pois alguns modelos que dizem possuir características sustentáveis, em sua prática efetiva podem agir de modo igual a ofertas predatórias já bastante conhecidas.

É o caso de determinados produtos vendidos como ecoturismo, modelo mais difundido de turismo alternativo e sustentável, mas que em sua prática essencialmente aplicam fundamentos do turismo de massa. Na realidade, “[...] o ecoturismo não constitui, necessariamente, um turismo sustentável; ou seja, turismo sustentável e ecoturismo não são sinônimos” (KOROSSY, 2008, p. 65). Em alguns casos é que o ecoturismo (Figura 9) também será uma forma sustentável de turismo, todavia isto não é regra.

Figura 9: Exemplo de ecoturismo – Itapema -SC



Fonte: Itapema Jornal

É importante que a noção de turismo sustentável se estenda muito além do meramente natural. Na realidade, “O turismo sustentável relatado nos projetos políticos de turismo [...]” como, por exemplo, no Plano Nacional de Turismo – Viagens de Inclusão (2003), Turismo sustentável e alívio da pobreza no Brasil: reflexões e perspectivas (2005), entre outros “[...] deve ser contemplado em vários aspectos como o social, o cultural, o ecológico, ambiental, o territorial e político [...]” (RAMOS, 2010, p. 18). Diante das críticas crescentes relativas aos sérios impactos ambientais do mundo contemporâneo, este perfil de turistas e de segmentos do

turismo parecem ser o modelo que irá se desenvolver em maior escala nos próximos anos, pois há o entendimento de que “O turismo ‘brando’, ecológico, naturalista, personalizado e realizado em grupos pequenos de pessoas tende a caracterizar os fluxos turísticos do futuro” (RUSCHMANN, 1997, p. 17).

De um ponto-de-vista prático, entretanto, aliar o complexo conceito de turismo sustentável às comunidades, salvaguardando os recursos ambientais e, além disso, saciar os interesses da iniciativa privada e dos turistas, não é tarefa fácil, pois este é um objetivo muito ambicioso ancorado nesse conceito. Essa complexidade parece ser reconhecida por Evans (2011, p. 84) quando ele afirma que:

Sustainable tourism is an accepted paradigm, although complex and besieged with controversies. Its focus is on meeting the needs and wants of the host community, satisfying the demands of tourists and the tourism industry, and safeguarding the environmental resource base for tourism¹³

Com o desenvolvimento do turismo de massa para atender principalmente a classe média, a elite precisou se reinventar nos segmentos de mercado como dito por Boyer (2003). Ou seja, a elite precisa sempre achar novos destinos inexplorados em que o turista de massa ainda não tenha chegado. No turismo, um de seus grandes nichos para esta classe tem sido o viés sustentável, procurando destinos ainda inexplorados ou com baixa frequência, exóticos, em que os serviços exclusivos e de qualidade são os diferenciais do novo “mercado verde”:

O turismo sustentável incrementará os custos de seu desenvolvimento, que se reverterão no aumento do preço das viagens para os turistas [...] Por isso, o turista de massa não terá acesso a esses espaços e o turista de elite voltará a predominar nesse contexto (RUSCHMANN, 1997, p. 17).

Entretanto, o próprio capitalismo tem forjado a necessidade de criação dessas novas tendências e tipos alternativos de turismo, principalmente face às críticas sobre os impactos amplamente difundidos do turismo de massa. As mudanças fazem parte da busca de caminhos para os empreendimentos permanecerem na competitividade de mercado, com as novas demandas e exigências. Apesar desses fatores, é fato que este novo modo de se fazer turismo

¹³ Embora complexo e cercado de controversa, o turismo sustentável é um paradigma aceito. Seu foco está em atender as necessidades e desejos da comunidade anfitriã, satisfazendo as demandas dos turistas e da indústria do turismo, e salvaguardando a base de recursos ambientais para o turismo. Tradução da autora (T.A.), assim como as demais citações em inglês neste texto.

tem beneficiado mais pessoas envolvidas na atividade e se apresentado de um modo mais brando em relação às interferências socioambientais desencadeadas nos lugares que se instala.

Como pode ser visto, com base na transcrição de Zaoual (2008) abaixo, há uma ampla proliferação de segmentos associados ao turismo alternativo:

Esta exigência que altera a autonomia do econômico e lhe impõe a necessidade de incorporar outras dimensões levou, aliás, a uma proliferação de novas concepções na área particular do turismo: turismo solidário, turismo intercultural, turismo de natureza, ecoturismo, turismo durável, turismo de proximidade, turismo de memória e de história, turismo de valores (ZAOUAL, 2008, p. 5).

O Quadro abaixo (Quadro 3), apesar de englobar aspectos das políticas públicas de turismo no Brasil, representa essa nova tendência de postura não só para o campo do planejamento público de turismo como também para a nova oferta turística baseada nos aspectos de mudança que vem passando a sociedade atualmente.

Quadro 3: Mudança de paradigma associado às políticas públicas de turismo

	Passado (até o final dos anos 80)	Presente
Infraestrutura	Criação de facilidades para a implementação de infraestruturas turísticas	Implementação/melhoria de infraestrutura básica e de transporte
Desenvolvimento Econômico	Geração de riqueza (desenvolvimento econômico a qualquer preço)	Geração de emprego e renda/desenvolvimento sustentável
Gestão	Centralização	Descentralização/gestão participativa
Escala	Nacional-regional	Regional-local
Mercado	Estado regulador/interventor	Liberalização/Desregulamentação
Natureza	Atração	Atração e proteção
Espaço/Território	Palco de ações deliberadas	Receptáculo de ações planejadas

Fonte: Adaptado de Cruz (2006)

Apesar de ser uma nova forma do fazer turístico, como contraponto ao turismo de massa, ele não se opõe necessariamente à lógica capitalista. Trata-se de uma nova abordagem de desenvolvimento turístico, que busca inovar na sua capacidade de administrar a própria dinâmica de mercado, oferecendo novos produtos para que o sistema possa fluir, a despeito de suas contradições.

Tradicionalmente, “A oferta turística encontra-se na incapacidade de manter seu ritmo normal e se vê, assim, na obrigação de inovar para atender às novas necessidades” (ZAOUAL, 2008, p.3), sem o que, empreendimentos que são planejados e funcionam com base no paradigma anterior, podem vir a enfrentar crescente crítica de determinados setores da sociedade. Mesmo com as críticas devidas feitas ao modo capitalista de produção, é necessário observar essas mudanças dentro do próprio sistema como positivas. Os lugares turísticos que estão caminhando para vertentes da segmentação do turismo alternativo vêm apresentando mais pontos positivos em relação aos impactos da atividade do que negativos nos destinos.

Por exemplo, lugares em que o contexto socioeconômico e cultural encontra-se de alguma forma preservado, têm mais possibilidades de explorar o artesanato, a pesca, a agricultura familiar etc., como aspectos agregados à oferta turística local, beneficiando as comunidades que aderem ao turismo. Na prática, as atividades econômicas locais estão se complementando e as pré-existentes sendo valorizadas, que são aspectos apreciados pelo turismo alternativo.

Um exemplo disto, difundido no Brasil é a Praia do Cantinho Verde no Ceará (CORIOLANO, 2009), em que alguns estudos mostram que essa comunidade tomou a iniciativa de se opor ao turismo de massa localmente, e organizou uma oferta centrada no conceito da economia solidária, segmento esse denominado de “turismo comunitário”. Esta orientação da atividade turística parece ser até o momento, de todas as invenções e reinvenções do turismo no capitalismo, um dos melhores exemplos da busca pelo turismo sustentável dentro do próprio capitalismo.

Para uma exploração realmente sustentável é necessária a incorporação de alternativas de turismo comunitário, onde as populações locais se envolvam nos planos de gestão e também incorporem os benefícios resultantes dessa atividade econômica (SILVA, 2007, p. 266).

Ao que parece, esta é a forma de se fazer turismo que mais tem se importado com os residentes e os problemas advindos da atividade turística nos seus lugares. Na realidade, parece haver dois movimentos contraditórios em curso na sociedade: o primeiro é padronizador,

comandado pelo mercado de massa; o segundo é diferenciador, valorizando a identidade do indivíduo, suas singularidades, marcado pelos grupos sociais de representatividade local (NICOLETTI, 2003).

Lugares com características rústicas e peculiares têm sido os novos alvos do mercado turístico. São localidades que propiciam ao visitante o contato com uma dinâmica diferente do seu cotidiano, apresentando as danças e folclore locais, valorizando o modo de ser local e os elementos. Nessas experiências turísticas novas, “São as danças, as festas, os ritmos, os artesanatos e até a maneira de ser de algumas populações os elementos valorizados como atraentes” (MENDONÇA, 2003, p. 47). Trata-se de um novo fenômeno sociocultural ligado ao turismo, pois:

Agora não se trata mais de regiões subdesenvolvidas, ou da periferia do capitalismo, mas de regiões com peculiaridades locais que lhe conferem um desenvolvimento específico, diferenciado, especial (RAMOS, 2010, p. 28).

Entretanto, é necessário dizer que não há atividade socioeconômica que não cause algum tipo de impacto. Também nesse caso, os produtos do turismo alternativo, apesar de apresentarem as características sustentáveis, não são sinônimos de desenvolvimento sem impactos negativos para os lugares hospedeiros desta orientação turística.

Não é porque esse produto tão peculiar seja construído dentro dos princípios da sustentabilidade que ele vai produzir, necessariamente, algum tipo de transformação realmente significativa nas condições da sociedade local (RAMOS, 2010, p. 29).

Em uma visão realista, sabe-se que de uma forma geral as mudanças que o turismo alternativo tem proporcionado aos lugares é de pequena escala, mas nem por isso deixam de ser importantes, pois essa nova realidade questiona de alguma forma o capitalismo centrado unicamente no lucro. Na realidade, essas práticas turísticas alternativas são influenciadas não apenas por um novo enfoque em se fazer turismo nos destinos, mas também por novas filosofias associadas à busca de novas maneiras de se estar no mundo. Não seria um modelo de salvação para todos os impactos que o turismo pode causar em uma destinação; porém, pode-se, evidentemente, defender o turismo alternativo como uma orientação turística que apresenta menores impactos nas comunidades e no meio ambiente em que se instala (ARCHER; COOPER, 1998; CONWAY; TIMMS, 2012).

Todo o processo de mudança em curso, associado à emergência de ofertas turísticas alternativas, é de difícil apreensão. Por isso esse viés alternativo do turismo traz muitos questionamentos acerca de sua dinâmica e seus impactos. Ao comparar o grau de complexidade,

ao se tentar entender os fatos do passado e os do presente, Santos (2004, p. 14) argumenta que “O atual é tanto mais difícil de apreender, nas fases em que a história se acelera, quanto nos arriscamos a confundir o real com aquilo que não o é mais”. Para essas novas formas e maneiras de se fazer turismo que vêm surgindo, sua compreensão se torna mais difícil, pois, como diz Santos (op. cit.), analisar o presente é mais complexo que analisar o passado; o pesquisador pode se confundir facilmente.

A emergente valorização dos aspectos singulares locais pelo turismo nas destinações parece ser explicada pelo pensamento de Santos, quando ele discute a relação entre o geral e o particular nas sociedades capitalistas atuais: “Mas a universalização não suprime os particularismos” (2004, p. 23). E tem sido esta a filosofia adotada pelos destinos que se diferenciam da oferta praticada na maior parte do turismo no Brasil, principalmente no litoral nordestino, em que as singularidades e particularidades vem sendo valorizadas como produtos.

A prática turística não é neutra, ela se adapta a diferentes versões do capitalismo (BARBOSA; CORIOLANO, 2012), inclusive iniciativas alternativas. São lugares com pequenos hotéis e pousadas que procuram maior interação com o ambiente e com as pessoas ao redor, sendo desta forma menos concentradores de renda (CORIOLANO, 2009). Essas destinações são locais que na maioria das vezes apresentam baixo desenvolvimento econômico e com características tradicionais que precisam ser preservadas, mesmo que haja mudanças ligadas ao desenvolvimento econômico e a melhorias na qualidade de vida de suas populações.

Alguns autores levantam várias críticas a “[...] essa abordagem dualista ao turismo de massa e alternativo[...]” (COOPER; HALL; TRIGO, 2011, p. 41). Ao invés de agregar e fortalecer os lugares, este posicionamento só enfraquece as destinações turísticas uma vez que elas apresentam diversas maneiras de trabalhar o turismo, pois em todas as segmentações pode se chegar a um nível mais sustentável da atividade independente de sua variação. Por exemplo, Bramwell (2004) defende a possibilidade de se desenvolver atividades associadas ao turismo de massa, alinhada a uma abordagem de desenvolvimento sustentável.

Na realidade, há diversas possibilidades para as ofertas turísticas que possuem a mesma proposta de se praticar um turismo com valor agregado, com preocupação ambiental e social, além de agirem sobre os lugares e comunidades de um modo mais brando, valorizando um turismo sem pressa, contrário ao turismo de massa, pelo qual os turistas trocam a pressa do lugar onde moram pela pressa no lugar visitado. De uma maneira geral,

Turismo alternativo é uma expressão criada para categorizar modalidades de turismo que, do ponto de vista de seu objeto de consumo e da sua forma de consumo do espaço, se contrapõem ao chamado turismo de massa (CRUZ, 2003, p. 6).

Abaixo (Quadro 4) a lista dos principais modelos novos de turismo alternativos que vêm surgindo e se ampliando em vários lugares do mundo, sejam eles de sol e mar, ecológicos, cultural ou até mesmos em lugares em que ainda predominam modelos massivos.

Quadro 4: Tipos de turismo alternativo que emergiram nos últimos anos

Tipos de Turismos Alternativos		
Tipo de Turismo	Citação	Comentário
Slow Tourism	“Using key elements of sustainable development, the concepts of Slow Food, Slow Cities and Slow Tourism can be linked to sustainable tourism development. As with any alternative movement, it can be argued that Slow Tourism is an old wine in new bottles of sustainable development and sustainable tourism can be listed here” ¹⁴ (HEITMANN; POVEY; ROBINSON, 2011, p.122)	O conceito de <i>slow tourism</i> , assim como os demais tipos de turismos alternativos, estão associados ao conceito de desenvolvimento sustentável. Os mesmos conceitos com uma nova roupagem.
Slow Travel	“Slow travel is not about Money or privilege. Slow travel is a state of mind. It is about having the courage not to go the way of the crowd” ¹⁵ (HIDDEN EUROPE 25, p. 12, 2009).	O conceito de <i>slow travel</i> , assim como o de <i>slow tourism</i> , está atrelado a sustentabilidade e a uma mudança de estilo de viagem, acompanhando a ideia de um turismo mais brando e “descongestionado” do que normalmente se é praticado pelo turismo de massa.
Ecoturismo	“Diferentes autores consideram que o ecoturismo é a modalidade que mais se aproxima de uma exploração realmente equilibrada, em seus três elementos básicos para um turismo sustentável. Afirma-se que o ecoturismo se mantém sobre os três principais pilares da sustentabilidade: *ambiental – porque necessita e busca a conservação dos recursos paisagísticos e naturais; *econômico – porque procura melhorar as condições de vida das populações das localidades de destino; *social – porque deve ajudar e aproveitar os valores e patrimônios culturais das comunidades envolvidas, estimulando sua ativa participação” (SILVA, 2007, p. 265)	O conceito de Ecoturismo possui por suas bases os conceitos propostos pela sustentabilidade em seus três pilares: ambiental, social e econômico. Esses pilares também sustentam os tipos alternativos de turismo
Turismo Comunitário	“O turismo comunitário é aquele em que as comunidades de forma associativa organizam arranjos produtivos locais, possuindo o controle efetivo das terras e das atividades	O turismo comunitário tem por base fundamental a participação ativa da população local na oferta do

¹⁴ Usando elementos-chave do desenvolvimento sustentável, os conceitos de *Slow Food*, *Slow Cities* e *Slow Tourism* podem ser associados ao desenvolvimento do turismo sustentável. Como acontece com qualquer movimento alternativo, pode-se argumentar que o *slow tourism* é um vinho velho em novas garrafas do desenvolvimento sustentável, o que se aplica também ao turismo sustentável. T.A.

¹⁵ *Slow travel* não tem a ver com dinheiro ou privilégio. *Slow travel* é um estado de espírito. É sobre ter a coragem de não seguir o caminho da multidão. T.A.

Continuação

	econômicas associadas à exploração do turismo” (CORIOLANO, 2009, p. 66).	turismo em suas destinações, através de cooperativas, arranjos produtivos locais e demais meios de representação coletiva.
Turismo Solidário	“A modalidade de turismo, diante do aproveitamento dos valores locais, apresenta uma oportunidade para a expansão do turismo social e para o desenvolvimento de estratégias com vistas à adoção do turismo solidário, preparando comunidades para as atividades de valorização do saber-fazer” (XAVIER, 2007, p.61).	O conceito de turismo solidário está próximo ao de turismo comunitário. As comunidades são preparadas e envolvidas para a atividade turística. E o saber-fazer de cada lugar é o principal atrativo da região. Há desta forma uma valorização cultural das destinações turísticas.
Turismo situado	“O turismo situado organiza o intercambio intercultural e assegura as durabilidades sociais e ecológicas” (ZAOUAL, 2008, p.11).	No turismo situado se prezam as manifestações culturais e genuínas dos lugares turísticos, transformando essas características nos produtos principais para o turismo da região.
Turismo de Base Local	“Ainda na escala local pode constituir-se um outro tipo de território ao qual denominamos territórios zonais de resistência que não foram capturados pelo processo de globalização. São territórios de abrigo e recurso, prenes de simbologia, onde predominam as relações de poder local, ancoradas nos princípios de liberdade e autonomia. Correspondem à categoria lugar, amplamente estudada na Geografia Humanista” (RODRIGUES, 2007, p. 19).	Essa segmentação aglomera conceitos gerais dos tipos alternativos de turismo focando no conceito de lugar.

Fonte: Adaptado dos autores referenciados no Quadro

Muitos produtos e serviços turísticos apesar do título de sustentáveis, ecológicos, como dito, na verdade estão disfarçados para representar um modelo de massa camuflado, que se apropriam desses termos natureza, ecoturismo, sustentável etc. para fins comerciais desprovidos de uma preocupação genuína com o destino dos lugares explorados e das pessoas que vivem neles.

Paradoxalmente a este fato, também existem destinos em que há o predomínio de grandes empreendimentos ligados principalmente ao modelo *resort*, mas cuja política de planejamento e gestão está direcionada de fato a orientação sustentável da atividade turística (COOPER; HALL; TRIGO, 2011), isto é, incluem uma preocupação real, pelo menos com as normas oficiais vigentes voltadas ao planejamento e gestão ambiental. Existe dessa maneira um

relativismo quanto ao uso dos termos que simbolizam o chamado “mercado verde”. Dessa forma, é importante que os pesquisadores busquem entender a fundo se os conceitos utilizados remetem de alguma forma, a uma mudança de paradigma de desenvolvimento com base no turismo.

1.3.3 Perfil dos turistas alternativos

Entre os diversos perfis de turistas existentes, há uma diferenciação que permeia o espectro entre o turismo de massa ao turismo alternativo. De um lado, os turistas com capital cultural¹⁶ vinculados às formas alternativas; do outro lado, situam-se normalmente os turistas vinculados aos diversos tipos de turismo de massa (MENDONÇA, 2003). Embora seja relativamente arbitrária, esta tem sido uma divisão que tenta explicar os atuais perfis de turistas e as razões pelas quais se vinculam mais a um perfil massivo ou a um perfil alternativo, não fazendo deste modo uma distinção relacionada às características psicológicas e pessoais.

Já se encontra relativamente estabelecido na literatura do turismo uma classificação dos turistas com base em traços psicológicos, resultado do trabalho pioneiro de Plog (1973). O modelo por ele desenvolvido, denominado de “características psicográficas” dos turistas, classifica os turistas em dois tipos. Em um extremo encontram-se os “alocêntricos”, considerados aventureiros; no outro extremo encontram-se os psicocêntricos, vistos como sendo conservadores (Quadro 5) e ilustrado em imagens na Figura 10.

Quadro 5: Tipos de turistas

Psicocêntricos	Alocêntricos
Em destinos de viagem, preferem o que é familiar	Preferem áreas não turísticas
Gostam de atividades lugar-comum	Apreciam o senso de descoberta e se deleitam com novas experiências, antes que outros tenham visitado a área
Preferem lugares com sol e diversão, incluindo um bom relaxamento	Preferem destinos novos e diferentes
Baixo nível de atividade	Alto nível de atividade
Preferem destinos que possam ir de carro	Preferem ir de avião aos destinos
Preferem acomodações turísticas formais, como um hotel com uma estrutura bem desenvolvida, restaurantes para famílias e lojas turísticas	As acomodações devem incluir hotéis e refeições de adequados a bons, não necessariamente em

¹⁶ Capital cultural no sentido do texto refere-se, segundo o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu em seu livro *Capital Cultural, Escuela Y Espacio Social* (1997) fala sobre a forma de conhecimentos apreendidos por livros, cursos, diplomas, leituras em geral, etc. Podendo o legado econômico de uma família transforma-se em capital cultural.

Continuação

	hotéis modernos ou de cadeia; poucas atrações do tipo turísticas
Preferem uma atmosfera familiar (barracas de hambúrguer, entretenimento tipo familiar, ausência de atmosfera estrangeira)	Gostam de conhecer pessoas de alguma cultura diferente ou estrangeira e se relacionar com elas
Pacote de viagem completo, provido de atividades bastante programadas	Os preparativos de viagem devem incluir o básico (transporte e hotéis) e permitir liberdade e flexibilidade consideráveis

Fonte: Adaptado de Plog (1973, p.45)

Figura 10: Imagens que caracterizam o perfil egocêntrico (A) – Três Coroas/RS e o perfil psicocêntrico de turista (B) – Aparecida do Norte/SP



Fonte: MTur (2015)

Na atual configuração da atividade turística, na qual cresce a preocupação com o desenvolvimento sustentável, que busca proteger as culturas locais e que integra populações locais e visitantes, os turistas têm se tornado mais conscientes sob destes aspectos, e, por isso, têm procurado cada vez menos lugares, hospedagens, produtos e serviços que sejam massivos, preferindo destinações alternativas a esse tipo de turismo (ZAOUAL, 2008).

Esta tendência tem acontecido não só nos produtos turísticos, mas também no mercado em geral. Observa-se esse aumento no nível de consciência entre os novos consumidores, o que tem trazido impacto para as empresas, indústrias e prestadores de serviços em geral em praticamente todo o mundo (COOPER; HALL; TRIGO, 2011).

Como se trata de um tipo de mercado, baseado na oferta e na procura, se há um novo tipo de demanda emergindo, quem não se adaptar às novas exigências, pode perder parte do mercado. O termo sustentável ainda está em processo de afirmação, mas tem ele experimentado avanços consideráveis em todos os setores da sociedade, fazendo com que as pessoas percebam

que “A consumação pela consumação não parece mais importante e o homem sem qualidade da sociedade da competição industrial está à procura do sentido de sua existência” (ZAOUAL, 2008, p. 11), ou seja, na sociedade atual ,formatada para viver de consumo, sem qualidade de vida, algumas pessoas vêm procurando outras formas de encarar a vida.

A mudança de perfil entre os turistas, e entre as pessoas de uma forma geral, parece ter resultado de uma espécie de perda de referências. Muitos turistas têm procurado um sentido maior para suas viagens (ZAOUAL, 2008), tentando se relacionar com o ambiente e com as pessoas dos lugares visitados, querendo vivenciar um pouco do seu cotidiano, respeitando e valorizando as diferenças culturais. Como analisa Urry (1990, p.25) ao conceituar o turista:

O turista é uma espécie de peregrino contemporâneo, procurando autenticidade em outras ‘épocas’ e em outros ‘lugares’, distanciados de sua vida cotidiana. Os turistas demonstram um especial fascínio pelas ‘vidas reais’ dos outros, que, de certo modo, possuem uma realidade difícil de descobrir em suas próprias experiências.

De alguma maneira, esses turistas alinhados ao turismo alternativo, parecem procurar um sentido de pertencimento, um intercâmbio cultural maior com as destinações visitadas. Eles também buscam ser mais ativos e solidários com os destinos visitados. Parece sintomático desse aparente mal-estar que muitas pessoas experimentam nas sociedades capitalistas atuais, pois “[...] esse novo tipo de turista tem procurado não mais só a contemplação da beleza cênica dos lugares, ele tem procurado qualidade, relações e sentido para suas viagens” (ZAOUAL, 2008, p. 10). Sendo assim, áreas dotadas de singularidades físicas, sociais e culturais apresentam um grande potencial a ser explorado pelo turismo. Esse é o caso da faixa intertropical do planeta, entre elas a América do Sul e Central, que representa uma vasta parte da Terra atendendo a esse pré-requisito de singularidade, tanto do ponto-de-vista ecossistêmico quanto sociocultural.

Na opinião de Mendonça (2003, p. 30), estes turistas são na verdade viajantes, pois “Só o viajante pode, sendo sujeito de seu próprio destino, conceber o outro como sujeito e utilizar a experiência da viagem para um enriquecimento de experiência vivida e para uma ampliação de sua visão de mundo”. São pessoas que possuem mais conexão com as comunidades que visitam e tentam contribuir de algum modo para o seu desenvolvimento.

Por outro lado, as comunidades locais também têm procurado participar de modo mais ativo da gestão de atividades econômicas em seus territórios, percebendo que o monopólio do turismo, principalmente vinculado ao turismo de massa, tem trazido mais impactos negativos do que impactos positivos para as suas vidas. Zaoual (2008, p. 4) interpreta essa mudança como

resultado do “[...] desejo de um diálogo de sentidos entre visitantes e os visitados” (ZAOUAL, 2008, p. 4).

Na área da Rota Ecológica pode-se encontrar variações entre os dois extremos de tipos de turistas. Os estabelecimentos são diferenciados do perfil de massa, porém muitos visitantes se isolam nos meios de hospedagem e não mantém contato com o seu entorno, sendo assim parecidos com o comportamento do turista massivo.

1.4 Lugar e a Percepção das Comunidades Locais

1.4.1 Lugar, Comunidade e Identidade

Os lugares são cheios de vida, memórias e experiências, pois acumulam a experiência vivida pela sociedade ao longo de várias gerações. Assim, a vivência coletiva do lugar diz muito sobre as soluções para problemas que possam aparecer como resultado da atividade turística.

Falar em lugar é falar em espaço habitado e sua vivência “O lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço” (CARLOS, 1996, p.15). É importante se pensar na história particular dos lugares com suas tradições, hábitos, línguas que lhe são próprios, sendo também construídos juntamente com o que vem de fora. Todos os seres humanos possuem seu vínculo com algum lugar, é o seu convívio:

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade lato sensu a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida/conhecida/reconhecida em todos os cantos (CARLOS, 1996, p.20).

A área da Rota Ecológica é composta por pequenos povoados, e que agora com a chegada do turismo provocado pela instalação das pousadas da Rota Ecológica vem se abrindo para o mundo. Até então, eram lugares desconhecidos pelo público de fora desses municípios, e atualmente possuem uma visibilidade que passa as fronteiras nacionais.

Na área conceitual espaço e lugar por muitas vezes são tratados com o mesmo significado, porém em sua essência tratam de conceitos distintos. Enquanto o primeiro trata de uma perspectiva geral, o segundo trata de particularidades. O lugar para ser entendido, é preciso ir além da descrição com palavras objetivas, sendo necessário carregar o conceito de percepções

e sensações dos indivíduos que vivem neste lugar. Daí a importância de recuperar o espírito do lugar adotando práticas locais tradicionais, tornando o lugar em um ambiente seguro (ROMERO, 2011).

Em relação aos poderes estabelecidos em um determinado lugar, naturalmente será exercido de acordo com o poder de influência e organização de cada indivíduo ou grupo de indivíduos. Por exemplo, em localidades nas quais a comunidade tem poder de voz, as ações sobre este lugar serão mais alinhadas às vontades da população. Já em outros locais, serão os interesses do setor privado, alinhado às ações do poder público que dominarão em detrimento dos interesses das comunidades, este fato se dá principalmente “[...] pela ausência de uma esfera pública mais vigorosa, nos interesses das comunidades” (YAZIGI, 2001, p.283)

Não querendo dizer com isso que os lugares tenham que ficar intactos durante o passar do tempo, já que como nos diz o mesmo autor (op. cit, 2001, p.49) “A estrutura de um lugar não pode ser eterna”, porém o bem comum não precisa ser comprometido em função de tais mudanças. Uma perspectiva comunitária precisa ser estabelecida para que os abismos sociais sejam superados e os lugares sejam propícios ao turismo, envolvidos com as inclusões das comunidades locais pois, “O que incomoda não é o que está dentro dos muros, mas o próprio muro” (op. cit, 2001, p.286).

Levando-se em consideração as experiências e a cultura de um lugar, somadas às dimensões políticas, podemos afirmar que “O lugar é, portanto, um repositório de significados, que encarna experiências e aspirações humanas” (MARIANI, 2002, p. 38). Assim também se comportam os lugares sob a influência do turismo, seja ele de massa, alternativo ou uma combinação de ambas as formas de desenvolvimento turístico.

Várias são as perspectivas teóricas para o conceito de lugar. Para Santos (2009, p.322):

O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Ainda segundo Milton Santos (1985), ele entende que o território, conceito mais trabalhado em estudos urbanos e de turismo, seria um conjunto de lugares. Já o conceito de espaço seria um conjunto de localizações; ou ainda, “Na realidade, a mesma fração do território pode ser recurso e abrigo [...]” (Id, 2000, p. 112). Continuando os argumentos deste autor, os lugares possuem densidade humana além de suas técnicas, isso é que diferencia lugar das outras

categorias como território por exemplo (SANTOS, 2012). Na perspectiva local, a categoria que mais se sobressai é o lugar, e apesar de existir um entrelaçamento do lugar com o conceito de território, há uma distinção entre esses dois conceitos.

Na continuação do conceito de lugar interligado ao conceito de território, Eduardo Yázigi em seu livro “A Alma do lugar”, citado no início deste subitem, discute que se torna quase impossível conceituar lugar sem abordar o conceito de território, pois lugares interligados formam um território, pois “Uma cidade ou um município sempre conta com distintos lugares, como componentes de uma família maior”, que é o território jurídico (YAZIGI, 2001, p.39).

Utilizando-se o campo de estudos do turismo, por exemplo, enquanto o território possui vínculos com as ações do mercado, com os turistas e com o governo, o lugar seria o tempo “lugarizado” (OLIVEIRA, 2012, p. 5), isto é, o lugar representa uma forma particular pela qual o tempo se empiricizou em uma porção particular do espaço geográfico. Ao lugar assim concebido alinham-se normalmente as características do turismo de escala comunitária.

Para Mariani (2002, p. 39), as categorias espaço e lugar estão interligados, pois “Quando a categoria espaço passa a ter vida e experiências adquirindo definição e significado, transforma-se na categoria lugar”. Para este sentido de lugar, chega a ser impossível uma distinção entre lugar e espaço ocupado; estes se mesclam e tornam-se um só.

O conceito de lugar (empírico) seria a visão mais concreta do termo se comparado ao conceito de espaço, que seria um conceito mais abstrato. Na visão de Yi-Fu Tuan (1983), pode-se dizer que lugar é segurança e espaço liberdade, espaço é movimento e lugar é pausa. Lugar está repleto de emoções e sentimentos. E o espaço só será transformado em lugar quando ele se torna familiar, quando se é reconhecido nele. É por isso que “Conhecemos o nosso lugar; cada um tem seu lugar” (OLIVEIRA, 2012, p. 11). Assim, os milhares de lugares possíveis, espalhados ao redor do planeta, representam frações singulares do espaço global.

Outra categoria atrelada ao conceito de lugar é tempo. Para Oliveira (2012) lugar e tempo são intimamente ligados, deste modo o lugar seria como a junção de tempo e espaço envolvidos na vida cotidiana. Quando se dá atenção a um lugar, o olhar se detém ao que é importante sobre determinadas circunstâncias na escala do tempo, e o que é importante hoje para uma população, pode não ser no futuro (GOMES, 2013), pois os lugares e as sociedades locais mudam no transcurso do tempo.

Na relação global/local, associada à busca do turista por alteridades, os lugares comuns, se tornam potencialmente lugares turísticos. A partir disso, o interesse publicitário entra em cena e criam necessidades de consumo, padronizando gostos e desejos, vendendo destinos que estão “na moda” através de uma manipulação midiática, afetando principalmente as pessoas

com pouco senso crítico e portanto mais vulneráveis às armas publicitárias (BARBOSA, 2001). Assim formam-se as destinações turísticas “[...] a cidade turística se torna um produto com conteúdo informacional e ideológico comercializável” (COUTO; NASCIMENTO, 2013, p. 76), respondendo ao padrão previamente proposto de mercado.

Os sentidos de lugar, percepção e identidade são assuntos que ganharam maior visibilidade acadêmica principalmente após o desencadeamento do movimento humanista e cultural (MARANDOLA, 2014), desencadeado nas últimas décadas por movimentos sociais, ONG’s e demais instituições que valorizam o ser humano. As pessoas não abrem mão do seu lugar, pois o sentido de identidade ainda é fundamental para a sobrevivência (YAZIGI, 2001) dos lugares, sendo este o diferencial na competição de destinos. Ser diferente é ser competitivo no mercado turístico alternativo em desenvolvimento.

A despeito da importância, para o turismo alternativo, da vivência de uma maior proximidade entre o visitante e o anfitrião, “[...] muitos visitantes sentem que ganham um sentido de lugar quando visitam destinos turísticos à medida que experimentam a paisagem e as pessoas” (COOPER; HALL; TRIGO, 2011, p.73), ou seja, mesmo estabelecendo uma relação mais superficial frente à realidade que está sendo visitada.

Apesar dos vários conceitos existentes para lugar, o sentimento de pertencimento e de vivência é comum a todos eles. A noção de lugar está centrada no indivíduo, nas pessoas, através das relações que o indivíduo estabelece com o lugar (BERDOULAY; ENTRIKIN, 2012). De acordo com as mudanças que vão acontecendo nos lugares, os seus sentidos também mudam.

Yázigi (2001) ainda refletindo sobre o conceito de lugar diz que quem melhor consegue definir lugar são as pessoas ligadas às artes, poetas, pintores, pois estes entendem as essências e sutilezas de difícil compreensão aos cidadãos comum. Além disso deve existir amor ao lugar já que o “Homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar” (YAZIGI, 2011, p.45) e este consegue lutar para que não se degrade com o passar do tempo.

No início do desenvolvimento da atividade turística em um dado lugar, o residente pode ter uma percepção mais idealizada, otimista, do seu lugar, na sua relação com o turismo, ao passo que ao longo do tempo e com a experiência vivida, na prática direta com o turismo e com as transformações no cotidiano do lugar, esta mesma população começa a perceber uma grande variedade de impactos relacionados à atividade turística nos seus lugares. No desenvolvimento das pesquisas sobre o fenômeno turístico,

[...] os sentidos de lugar são importantes ao examinarem-se as influências do desenvolvimento sobre um local, como mudanças relacionadas a turismo podem levar a mudanças no sentido de lugar, possivelmente gerando certo ressentimento para com o turismo e até mesmo para com os visitantes (COOPER; HALL; TRIGO, 2011, p.73).

Como as pessoas que compartilham uma determinada experiência vivida são uma das marcas centrais do lugar, ao se abordar o conceito de lugar é quase consequência lógica se falar do conceito de comunidade. O conceito de comunidade vem apresentando diferentes acepções ao longo do tempo. Para Coriolano (2009, p. 45), “Comunidade e lugar têm o mesmo significado. Lugar é conceito geográfico e comunidade remete à antropologia”. Neste caso, a interpretação é que os dois conceitos seriam a mesma coisa, apenas modificando a nomenclatura de acordo com qual ciência se está fazendo uso para análises empíricas.

Por outro lado, pode-se interpretar a comunidade como inserida no lugar, e o lugar, composto por comunidade mais o acréscimo de outros elementos espaciais (Figura 11).

Figura 11: Comunidade do povoado de Porto da Rua – São Miguel dos Milagres. Lugar com o maior número de pousadas da Rota Ecológica



Fonte: LTTD/UFAL 2015

Ainda de acordo com Coriolano (Ibid, p. 45), o conceito de lugar talvez seja mais amplo e abrangente espacialmente que o conceito de comunidade, lugar é o conjunto e comunidade é o elemento. Comunidade é relacionada a um grupo específico que reside em um espaço geográfico e que possuem vínculos entre si e com o lugar, suas identidades são intrínsecas entre habitantes e lugares, a tal ponto que o lugar é identificado como a própria comunidade em si.

No mundo contemporâneo, as comunidades tendem a serem críticas ao modo de vida individualista imposto pelas relações de produção impostas pelo capitalismo. Com os crescentes problemas gerados para os lugares pelo capitalismo globalizado, as comunidades terminam por criar formas de resistência à hegemonia externa e buscam uma maneira de se viver com mais igualdade entre as pessoas do lugar. “Assim, falar de comunidade na modernidade significa ir à [sic] contramão do modelo da sociedade posta: individualista, segregada, injusta, centrada nos valores do capital ou do consumo” (CORIOLANO, 2009, p. 42), já se visualizando uma sociedade pós-moderna como nos diz Bauman (1999) em que o conceito de comunidade ganha força.

Na vida em comunidade, de certa maneira até a individualidade é pensada de forma coletiva, pois em sua concepção a felicidade individual depende da felicidade coletiva. Já na sociedade de massa até tempos atrás, ao menos na vida societária, o prazer no envolvimento das pessoas para a busca coletiva por soluções para os problemas comuns à coletividade era raro; preferindo-se o distanciamento e que cada indivíduo seguisse por si só os prazeres e dores da vida. Esse tipo de solução, baseado em decisões coletivas, na vida em sociedades de moldes massivos, era impensado, e até visto como sinal de falta de liberdade, o que ainda faz com que as pessoas se isolem cada vez mais e justifiquem não quererem ser incomodadas (CORIOLANO, 2009). Apesar disso, na contramão deste pensamento, na sociedade capitalista contemporânea a noção de comunidade, em vários países, tem assumido crescentemente o significado de um grupo que reivindica por uma vida melhor, em luta por uma sociedade mais justa e com menos desigualdades.

Como propõe Coriolano (2009, p.43), “A vida em comunidade exige igualdade para que a liberdade possa se realizar”. É mais ou menos isso o que tem ocorrido no âmbito das ofertas turísticas de base comunitária, cuja organização envolve diversos indivíduos da própria comunidade receptora, de uma forma tal que haja uma distribuição equitativa dos lucros entre as famílias que são responsáveis pela experiência turística nas suas comunidades.

Mais uma vez, chamamos atenção para o fato de que o lugar, a comunidade e o lugar são dimensões interligadas empiricamente no processo de turistificação do espaço, associados principalmente ao sentimento de pertencimento e de resistência, entrelaçados por suas identidades e relações de poder intrínsecas (BARBOSA; CORIOLANO, 2012).

A noção de comunidade passa o sentimento de bom, de aconchego, e que é, portanto, contrário ao egocentrismo e aos individualismos que predominam na sociedade em uma escala mais ampla. Reforçando esse ponto, o sentido de comunidade sempre remete a aconchego, proximidade, energia positiva, segurança e confiança. É por isso que o turismo alternativo, no

qual normalmente a comunidade participa com certo nível de protagonismo, sinaliza a possibilidade de um verdadeiro encontro entre as pessoas, entre visitantes e anfitriões.

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos (BAUMAN, 2003, p. 134).

Ou seja, a busca por uma experiência de lazer com base em formas de turismo associado ao viés alternativo, pode representar um anseio por se reencontrar uma comunidade mais coesa internamente, mesmo que não seja a sua própria comunidade. Na esteira desse sentimento, tem crescido a oferta de experiências de base comunitária ou local, por exemplo, em diversas partes do Brasil, como são os casos da Chapada Diamantina (BA) e de certos lugares do litoral nordestino.

Esta busca por lugares diferentes do convencional vem em contrapartida da homogeneização que veio ocorrendo desde o princípio da era Moderna em nossa sociedade:

Hoje se assiste a uma repetição da relação arquitetura-urbanismo em muitos centros urbanos e dinâmicos do Brasil. Com o desenvolvimento da indústria brasileira da construção, propagou-se o uso dos mesmos materiais e, muitas vezes, das mesmas tecnologias. Este fato se faz acompanhar de certos estilos de gestão municipal, cheios do vício de copiar ou da vergonha pelo velho. Repete-se, por quase todas as partes, a adoção dos mesmos tipos de equipamentos no espaço público (YAZIGI, 2011, p.15).

Muito da arquitetura moderna, tendem a descaracterizar o lugar, retirando seu valor simbólico, neutralizando os espaços ao redor, diminuindo a sensação de vizinhança (ROMERO, 2011). Na modernidade o contato com as pessoas em seus lugares, foi com o tempo se perdendo, principalmente em cidades com traços marcantes do Modernismo, como Brasília “Não é necessário dizer que a visibilidade de uma cidade moderna carece de ocasiões públicas em que as pessoas saem às ruas e transformam-nas em palcos” (TUAN, 1983, p.192). Nestes lugares a Arquitetura e Urbanismo teve um papel marcante no desenvolvimento de marca característica dos lugares “Um arquiteto revolucionário nos promete uma nova cidade e pode nos dar gramados vazios e estacionamentos cheios” (TUAN, 1983, p.218).

As pessoas, em todas as partes do mundo, atualmente têm a necessidade de ser e estar no mundo, se sentir pertencentes de modo único a um lugar, pois o “padronismo” já não satisfaz:

Hoje em dia, até cidadãos comuns já notaram que muitos lugares do mundo estão ficando com a mesma cara, não só em razão da consciência da globalização, mas já antes (sem que dela se falasse) pela força da evolução de tecnologias e modismos – que eram etapas do mesmo processo (YAZIGI, 2001, p.11).

De acordo com Castells (2002), por maior que seja essa tendência ao individualismo em nossa sociedade, as pessoas ainda resistem e se organizam em grupos, gerando um sentimento de pertencimento e identidade cultural. Há resistências contra a homogeneização social, com base em forças locais, apesar de o mundo estar passando por processos de globalização que tendem a se insinuar em todos os lugares do planeta. Surge, assim, uma identidade defensiva nas cidades, grupos que vão contra a hegemonia de grandes empresas e contra a imposição de certos padrões de comportamento social. As identidades são assim construídas como abrigos e defesa contra condições impostas de fora.

Falar dos conceitos de comunidade, lugar e identidade é entrar em contato profundo com o ser das populações em sua essência. É apreender os sentimentos das pessoas enraizados nas suas moradas, entender que o sentimento de pertencimento a lugares vai além de análises econômicas e políticas, e que além disso, existe uma simbologia cultural e um apego com os lugares. Como exemplo disso, Khanna (2008, p. 12), em seu livro “O segundo mundo”, explica como, para sua pesquisa em países em desenvolvimento, foi importante o contato direto com as pessoas, com seu cotidiano e suas dinâmicas:

Em minhas viagens pelo Segundo Mundo, nunca saí de um país antes de ser capaz de apreender seu significado em seus próprios termos, antes de assimilar todo um panorama de perspectivas das cidades, aldeias e paisagens, com base em conversas com uma ampla variedade de pessoas – funcionários, acadêmicos, jornalistas, empresários, motoristas de taxi e estudantes. Eu ficava até conseguir ver o mundo pelos olhos deles (KHANNA, 2008, p. 11).

A despeito da importância das comunidades no contexto de planejamento urbano e turístico Roux (2004, p.59) irá dizer que “O espaço habitado se oferece ao conhecimento somente através da experiência intuitiva e conceptual que os sujeitos que habitam e que conhecem se constroem” pois, a comunidade que possui vínculos emotivos com o seu lugar pode fazer mais por ele do que políticas e normas. Ainda de acordo com o mesmo autor, e com a concepção de Yázigi (2001), um lugar só será bom se atender primeiramente as necessidades dos residentes, para depois atender a de seus visitantes, dessa forma, o desenvolvimento local tende a ser completo.

Pensar em comunidade é refletir sobre interação e dinâmica, conjunto, um todo feito de partes, que apesar de diferentes possuem pontos em comum que fazem desenvolver todos juntos. Em última instância, “[...] a comunidade é uma entidade interativa comunicativa e dinâmica” (MOSCARDO; PEARCE, 2002, p. 58). E é através dessa interatividade que os turistas interagem com os lugares dos outros, possuindo por muitas vezes uma imagem diferente, até distorcida da realidade. Como por exemplo, enquanto para os residentes o lugar é o seu habitual, a vida real, para os turistas é a experiência do diferente, sem esforço, a vida irreal. São dois modos de experienciar o mesmo lugar, porém sobre olhares diferentes:

O real são os afazeres diários, é como respirar. O real envolve todo o nosso ser, todos os nossos sentidos. Em férias, embora os problemas tenham ficado para trás, uma parte importante de nós também ficou pra trás; nos tornamos especializados e desligados, turistas que experimentam a vida sem esforço (TUAN, 1983, p.162).

Sendo assim, quando visitantes associados a ofertas turísticas do viés alternativo chegam a um lugar, com as características descritas acima, eles têm uma possibilidade ímpar de perceber, experimentar e passar um tempo em uma comunidade diferente do seu lugar de origem, pois a maior parte da demanda turística procede de áreas urbanas de relativo porte. Ao mesmo tempo, as pessoas do lugar inevitavelmente desenvolvem uma percepção aguda do comportamento do turista, nas suas idas e vindas diárias, e se capacitam, assim, para perceber como a presença desse visitante interfere no seu lugar.

1.4.2 Percepção da população sobre os impactos do turismo

Inevitavelmente, com o aparecimento de novas atividades econômicas em seu lugar – como é o caso do turismo –, as pessoas das comunidades visitadas perceberão alterações ao longo do tempo no lugar que habitam e na sua dinâmica usual. As mudanças afetarão tanto o homem – nos seus afazeres, relações com outros, e sentimentos – quanto os demais aspectos que constituem o lugar em que ele vive; disso decorrerão alterações em sua relação com o meio que o cerca. Essas alterações são um fenômeno normal, pois “A relação entre o homem e o seu entorno é um processo sempre renovado, que modifica tanto o homem quanto a natureza” (SANTOS, 2008, p. 96). Entretanto, é necessário lembrar que o turismo pode afetar uma destinação positiva e/ou negativamente, dependendo principalmente do modo como esta atividade será espacializada. Por isso, para atender aos interesses tanto de turistas como de moradores é fundamental para o sucesso de desenvolvimento local, pois ao satisfazer a comunidade também é possível satisfazer os turistas (MURPHY, 1985).

Infelizmente por sua fragilidade, assim como devido a situações de estagnação econômica, muitas comunidades tendem a acreditar nas promessas de progresso ligadas ao turismo, feitas pelo governo e pela iniciativa privada. Na prática, com frequência “A comunidade local cai facilmente nas armadilhas retóricas que se escondem por trás do discurso desenvolvimentista” (ARAUJO; MOURA, 2007, p. 99), não se atendo muitas vezes aos impactos negativos do turismo sobre as comunidades, afetando-as socialmente, sem equalizar os benefícios (EVANS, 2011). Essa perspectiva negativa do desenvolvimento turístico pode ser ampliada caso as políticas públicas, tanto locais quanto nacionais ou regionais não sejam direcionadas à população residente, que, de fato, são o segmento social mais afetado pelas ações decorridas de uma atividade turística mal planejada.

O que pode ser observado é que até hoje a manutenção dos ecossistemas dos destinos turísticos afastados dos centros urbanos, em grande parte, só foi possível pela economia de subsistência que foi adotada por essas populações locais (ARAUJO; MOURA, 2007). E que atualmente essas áreas correm perigo caso a dinâmica desses lugares seja totalmente modificada em favor apenas da atividade turística e seus serviços, principalmente no caso de projetos de grande expressão espacial.

De acordo com Archer e Cooper (1998) apesar das melhorias geradas pela infraestrutura que a atividade turística acaba trazendo, em algumas destinações, poucos são os benefícios diretos para a população local. Ainda de acordo com estes autores os residentes por muitas vezes acabam vendendo suas terras e tendo que se sujeitar a trabalhar com baixa remuneração. Outra consequência, identificada por eles é que em muitos destinos, os cidadãos estão sendo impedidos de usufruir das instalações físicas e de acesso a determinadas áreas do seu próprio lugar.

Dando continuidade as considerações de Archer e Cooper (1998), essa dinâmica ocorre com maior frequência em lugares em que há o predomínio do turismo de massa, nos quais incidem controles externos do uso do solo. Nos lugares em que têm predominado as formas alternativas ao modelo de massa esses impactos negativos têm sido amenizados, e os benefícios têm sido distribuídos de maneira mais equitativa.

Por isso, deve haver uma preocupação maior com as condições de vida dos residentes do que com a quantidade crescente de visitantes que o destino turístico deve ter. Daí a importância do planejamento adequado com participação, para que as pessoas do lugar possam expressar seus interesses no processo de planejamento. Entretanto, o que ocorre na maior parte dos casos, é que o planejamento oficial do turismo, principalmente turismo de massa,

contemplam os residentes apenas em teoria; em termos práticos, ainda tem muito a evoluir (ARCHER; COOPER, 1998).

Apesar da maior parte dos discursos, tanto da iniciativa privada, quanto do poder público, de que o turismo contribui para o desenvolvimento local, na realidade é comum a comunidade ser excluída e o meio ambiente ser degradado. Por isso, as populações dos lugares turísticos têm o direito de serem ouvidas, já que a maior parte dos impactos recairá sobre elas “Além disso, têm o direito de permanecer nas terras que ocupam historicamente, mantendo as suas atividades culturais” (ARAUJO; MOURA, 2007, p. 103). É essencial que para o maior benefício de uma comunidade em que a atividade turística se instale sejam produzidos modelos de participação contemplando o maior número de atores sociais possíveis.

Nessa mesma linha de raciocínio, David Harvey (2012, p. 52) afirma que “A ideia de que todos os grupos têm o direito de falar por si mesmos, com sua própria voz, e de ter aceita essa voz como autêntica e legítima, é essencial para o pluralismo pós-moderno”, ou seja, a condição pós-moderna ligada ao turismo precisa ir às últimas consequências, para que o novo paradigma – desenvolvimento sustentável – seja fortalecido.

A contribuição teórica de planejamento que contribua para o envolvimento do maior número possível de *stakeholders* locais já existe, o que falta, no entanto, é a prática. Quanto maior o número de vozes ouvidas dentro de uma comunidade que a ser afetada pelo turismo, pelo menos em tese, maiores são as chances de um desenvolvimento mais saudável da atividade. As ações planejadas podem mudar de rumo, atendendo não só os interesses dos atores hegemônicos como dos participantes que possuem menores poderes de intervenção (ARAUJO, 2009; RAMOS, 2010; RODRIGUES, 2006). A participação também é importante porque se constitui em oportunidade para que as pessoas possam expressar sua percepção, em relação a como veem o turismo, mas também sobre a natureza do seu lugar.

É fato incontestável que a melhor saída é a participação da população na tomada de decisão sobre o desenvolvimento do turismo no seu lugar. Atualmente, os documentos oficiais do planejamento que emanam do poder público sempre incluem a participação e inclusão das comunidades receptoras, porém o que se percebe ainda é uma lacuna entre teoria e prática, e o uso do discurso da participação da população apenas como uma estratégia de dominação (ARAUJO, 2009; RAMOS, 2010). Frequentemente, os interesses da população local são valorizados independentemente da política pública, quando o perfil da oferta de tem a ver com o viés turístico alternativo. Nesse caso, as características socioeconômicas e culturais das comunidades fazem parte da oferta, e os residentes terminam sendo chamados a desempenhar um papel direto na criação da experiência turística local.

Os residentes, em geral, possuem mais conhecimento dos problemas do seu lugar e podem ter soluções endógenas mais práticas do que os planejadores contratados (NICOLLETTI, 2003), já que para eles os espaços são cheios de vida, memórias, experiências e vínculos emocionais. A vivência do lugar diz muito sobre as soluções de problemas que possam aparecer com a atividade turística.

Uma das melhores alternativas para evitar problemas é buscar a participação das comunidades desde o início da atividade turística, e não só quando os conflitos começarem a aparecer, pois, como mencionado acima, os residentes possuem uma percepção melhor do que os planejadores das necessidades, dos problemas e das soluções para os impactos das atividades econômicas em seu lugar, de forma mais precisa, a curto, médio e longo prazo. O que acontece é que muitas vezes as comunidades perdem a autonomia do poder de decisão sobre as atividades econômicas do seu lugar. Entretanto, em alguns lugares a situação tem começado a mudar, pois como salienta Krippendorf,

Muitas são as regiões turísticas no mundo onde foi introduzido o processo gerador de uma política do turismo, nova e diferenciada. Desde então, as populações locais vêm esforçando-se para, pouco a pouco, ter de volta a soberania no que se refere às decisões importantes (2009, p. 106).

Mesmo quando acontece o envolvimento e participação ampla, deve-se ter em mente que sempre existirão problemas e níveis de poder desiguais quando se fala em políticas públicas (ARAÚJO, 2009). Quanto maior o número de envolvidos em um determinado segmento econômico mais conflitos aparecerão, o que não exclui a importância da participação. O ideal, como molde a ser atingido, é que neste cenário se preze mais pelos interesses coletivos do que os individuais.

Com a chegada do turismo em um local subdesenvolvido, agrário e não industrializado, há normalmente uma passagem do setor primário para o setor de serviços. A comunidade local, passa a ocupar novas profissões, saindo do setor primário vinculado principalmente a pesca e a agricultura para o setor terciário na prestação de serviços turísticos. Nesse contexto, a população pode servir apenas de mão-de-obra barata para os novos empreendimentos do setor de serviços (BARBOSA; CORIOLANO, 2012). Apesar das novas oportunidades trazidas pelo turismo, é importante que as atividades do setor primário sejam protegidas e fortalecidas, pois a diversificação das atividades econômicas é boa para o turismo.

Além disso, há o risco real de o turismo se tornar uma monocultura, tornando-se, portanto, sujeito aos efeitos das crises econômicas. Há casos de comunidades que entraram em

declínio após uma crise no setor de turismo, como foi o caso dos lugares atingidos pelo Tsunami em 2004 na Ásia (BRANDÃO, 2013, p. 181). Dependendo de como se dá a dinâmica da atividade turística em determinado lugar, o poder público e associações e cooperativas – quando elas existem no lugar – podem buscar diversificar a economia. Por exemplo, pode-se buscar incentivar o microempreendedorismo e uma maior autonomia das comunidades locais (MENDONÇA, 2003). Uma política desse tipo faz com que o turismo seja mais uma entre as diversas atividades econômicas do município.

É por isso que a oferta de turismo alternativo, que valoriza o lugar, em todas as suas dimensões – natural, econômica, social e cultural – tem o potencial de contribuir genuinamente para o desenvolvimento local. Paradoxalmente, esse pode ser o caso mesmo quando as iniciativas de turistificação do lugar partem da iniciativa privada, quando os empreendedores – muitas vezes de fora do lugar, do estado e até do país – buscam explorar o turismo, com base em uma valorização dos interesses locais.

Normalmente, um povo só consegue participar ativamente de decisões que podem impactar o seu lugar quando há uma educação adequada ou, por causa de determinadas conjunturas, que ajudam na formação política de muitas pessoas do lugar. Quando ela não existe, é importante que seja criada uma consciência crítica dos envolvidos com o turismo; só assim a atividade poderá se desenvolver beneficiando o maior número de participantes (ARAUJO, 2009).

Poucas são as pesquisas em que o foco é na população local, com a análise das consequências do contato entre visitantes e visitados. A simples presença do turista pode transformar culturalmente ao longo do tempo toda uma comunidade. Adyr Rodrigues (2006, p.302) afirma que esse ‘embate’ será mais forte na medida em que os autóctones tiverem fortalecido suas identidades:

Do outro lado, nas destinações turísticas, há que desvendar que mecanismos culturais e simbólicos se exercem sobre a população anfitriã, a partir do contato com os visitantes, que permitiria um cosmopolitismo impingido de fora para dentro, que vai produzir consequências inenarráveis em nível das representações sociais, pois a viagem e o conhecimento do novo através do outro – exercício de alteridades distintas -, também se dá entre a população local.

No geral, a população local pode ser vista meramente como um “mal necessário”, como observa Rodrigues (op. cit.), principalmente em destino em que prevalece o modelo do turismo de massa. Os moradores do lugar passam a habitar as periferias desses lugares que se tornaram turísticos, em terrenos ocupados ilegalmente e em condições de vida muitas vezes insalubres,

como constatou Kaspary e Araujo (2013), ao estudarem o desenvolvimento do turismo no município de Maragogi, litoral norte de Alagoas.

A interação do turismo com a comunidade das destinações turísticas ainda é pouco desenvolvida, mesmo em lugares em que a atividade turística está plenamente estabelecida. Ouvir a voz da população local é uma das formas de se realizar um turismo sob novas perspectivas, ligado às questões de sustentabilidade das destinações e da própria atividade, pois entende-se que “A voz da população local continua praticamente inaudível. Mesmo nas regiões fortemente desenvolvidas com tradição turística, é muito raro que a população local possa exprimir claramente a sua opinião” (KRIPPENDORF, 2009, p. 71). Tanto os turistas quanto a população local devem usufruir igualmente dos benefícios da atividade turística em seus lugares, e serem repartidos da forma mais igualitária possível, portanto a participação mais direta dos anfitriões no planejamento e gestão da atividade é legítima.

Ao chegar a um destino os visitantes normalmente esquecem que enquanto para ele o lugar visitado é sinônimo de liberdade e prazer, para o residente é o seu ambiente de trabalho. Como alerta Krippendorf, “O ambiente de férias choca-se com o ambiente de trabalho, e a necessidade de repouso com as necessidades da existência” (2009, p. 87). Para o turista as experiências da viagem são únicas e para o morador não passam de sua rotina diária. Um aspecto interessante, em relação às pessoas dos lugares pequenos que são explorados pelo turismo, é que não existe um residente padrão, na sua relação efetiva ou potencial com o turismo; há uma variação rica de formas pelas quais essas pessoas se relacionam (ou não) com o turismo (Quadro 6).

Quadro 6: Os tipos de autóctones existentes nos lugares turísticos segundo Krippendorf

Opiniões sobre o turismo dos diferentes tipos de autóctones	
Categoria	Percepção
Profissionais do turismo	“O turista é bem-vindo porque gera trabalho e retorno financeiro” (KRIPPENDORF, p.72). Há o atrativo do dinheiro.
Proprietários de empresas turísticas e indústria local que não pertençam a estrangeiros	O turismo representa um negócio e deve proporcionar lucro e vendas no seu limite. “Como consegui-los não importa. O fim justifica os meios” (KRIPPENDORF, p.73).

Continuação

Moradores que possuem uma parte do ganho vindo da atividade turística	Possui relações pontuais, mas percebem as vantagens da atividade, como também possuem uma análise mais crítica dos inconvenientes e dos problemas que existem por conta do turismo no seu lugar.
Moradores que possuem contato escasso com os turistas	Suas colocações são diversas, vão do apoio à negação, ou sendo indiferentes com a atividade.
Políticos e o poder público	Analizam a atividade sob a ótica dos benefícios econômicos advindos do turismo, desejando o aumento do nível de vida dos concidadãos.

Fonte: Adaptado de Krippendorf (2009)

Em alguns lugares turísticos há um distanciamento dos moradores locais dos recursos naturais da sua região, como foi o caso da pesquisa de Mariani (2002) em Bonito (MS). Todos os espaços foram destinados aos turistas, sobrando poucos lugares que os residentes pudessem ter condições de frequentar. Nesse caso, o turismo nega um aspecto central do lugar, ou seja, o morador, diferentemente dos tipos de oferta que envolvem o autóctone intencionalmente na atividade, por entender que tal inserção enriquece a experiência dos visitantes, fator que contribui para a valorização do lugar e para a sustentabilidade.

A OMT (1999, p. 6) publicou um documento com a lista dos princípios do Código de Ética para o Turismo, que deve ser seguida independente de qual configuração do turismo será estabelecido, reconhecendo, portanto, que a atividade é perpassada por questões relacionadas à Ética, ou a falta dela. De acordo com esse Código, as comunidades locais dos destinos turísticos devem participar dos benefícios econômicos, sociais e culturais advindos da atividade, assim como ter disponível para sua população postos de trabalhos diretos ou indiretos do turismo; prioridade para a contratação de pessoas do lugar, além de políticas públicas de turismo que devem estar alinhadas para melhorar a qualidade de vida dos residentes e suas necessidades; as zonas litorâneas e rurais frágeis devem ter uma atenção particular, já que o turismo para estes lugares é uma das poucas oportunidades de desenvolvimento por boa parte das culturas tradicionais econômicas estarem em declínio nas últimas décadas com a modernização de produção; os investidores e profissionais do turismo destes lugares devem, de acordo com regulamentação das autoridades públicas dos municípios, fazer estudos prévios de impactos ambientais dos seus projeto sobre o lugar e as pessoas que podem ser afetadas, abrindo espaço para diálogo e sugestão com o máximo de transparência possível. Se seguidas tais orientações,

difícilmente o turismo apresentará mais pontos negativos que positivos, porém na prática o que se pode ver ainda é uma grande lacuna na execução desses princípios.

Diante das vastas implicações possíveis do turismo para os lugares turistificados, e considerando-se também que as pessoas, por conhecerem bem o seu lugar e por interagir de uma forma de outra com o turismo, é essencial que se analisem as percepções dessas pessoas, pelo menos em três perspectivas, a saber: 1) em relação à percepção deles sobre como veem o próprio turismo, como uma atividade econômica; 2) como eles percebem o seu lugar de moradia, em relação às diversas dimensões que o formam; e 3) em relação a como – depois de o turismo ter se implantando localmente há um tempo razoável – eles percebem os impactos (positivos e negativos) do turismo sobre a sua vida e lugar. A percepção dos residentes é importante para que ocorra um desenvolvimento adequado do turismo nos lugares.

No processo de pesquisa acadêmica dos lugares turísticos, assim como nos levantamentos técnicos realizados no âmbito do planejamento, é essencial se ter consciência que “A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação, e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência” (SANTOS, 2008, p. 68). Portanto, é importante que se dê voz aos residentes, que eles falem livremente, ou com certa liberdade metodológica, sobre o seu lugar, o turismo e sobre quem são eles.

Em outras palavras, é preciso entrar afundo na análise, buscando-se entender também, além dos aspectos mais externos, os anseios da comunidade, seu perfil psicológico, e outras questões subjetivas das comunidades envolvidas com o turismo. Isto trará uma visão mais clara sobre um conhecimento além das aparências do lugar. Essa proposição se justifica metodologicamente porque, dentre outras razões, as pessoas desenvolvem uma “percepção geográfica” (XAVIER, 2007, p. 27) do lugar onde moram, na relação com as atividades socioeconômicas, políticas e culturais locais.

1.4.3 A percepção geográfica

A percepção geográfica tem sua base na geografia humanística e “[...] encontra seus fundamentos na fenomenologia e no existencialismo, e valoriza as experiências do homem em seu meio” (XAVIER, 2007, p.27). Essa concepção de percepção nada mais é do que a percepção que os homens têm com o meio em que vivem, suas relações com as atividades existentes no seu lugar, sejam essas atividades ligadas aos setores econômicos sociais, culturais ou

ambientais, ou seja, em outras palavras, é a percepção das comunidades receptoras na sua forma de envolvimento na valorização dos recursos dos seus lugares disponíveis aos turistas.

A percepção geográfica do turismo pelos residentes é importante para o estudo dos destinos turísticos, pois eles conseguem ter uma visão abrangente dos aspectos que vem modificando seus lugares. Conhecer como era o lugar antes da atividade turística chegar, como se dá o dia-a-dia das pessoas, e como as comunidades se envolvem com a atividade turística nos seus lugares, é fundamental para poder compreender as influências a que essas comunidades estão submetidas, assim como eles percebem a dinâmica do lugar. Segundo Xavier (2007) depois de uma convivência com as atividades turísticas no seu lugar por um período relativamente longo de tempo, as populações envolvidas desenvolvem uma percepção sobre as mudanças trazidas pelo turismo para o seu lugar, daí a relevância de ouvir essas vozes locais.

A percepção começou a ser estudada com um maior aprofundamento nas décadas de 1940 e 1950, quando surge uma preocupação maior em relação aos valores da população e sua relação com os lugares. Já a percepção geográfica dos espaços turísticos em específico, auxilia no entendimento da relação do homem com a natureza e com os espaços que são designados ao lazer e ao *habitat* ao mesmo tempo. Assim é um modo de percepção do mundo através das inter-relações homem *versus* meio ambiente e suas implicações sociais, econômicas e culturais, através do fazer turístico. Na visão de Xavier,

A percepção geográfica é considerada de crucial importância para o melhor entendimento da conduta do homem no espaço geográfico, conduzindo a esclarecimentos sobre suas relações com a natureza e outros grupos humanos que se evidenciam no espaço turístico (XAVIER, 2007, p. 28).

Através do espaço geográfico várias informações acerca do lugar e daqueles que ali habitam podem ser extraídas. Muito da visão de mundo da população irá desempenhar papel importante no desenvolvimento da capacidade de percepção das comunidades; o contato com o seu lugar e meio ambiente constrói seu espaço perceptivo.

Nos lugares em que o turismo tem se instalado é gerada uma grande expectativa acerca da implantação da atividade turística. Os lugares normalmente apresentam baixo desenvolvimento social e econômico e colocam suas esperanças de progresso no turismo para corrigir os desníveis locais. Porém o que é percebido na prática, é que a atividade tem sido desenvolvida sem o planejamento que deveria abranger todos os aspectos de impactos do turismo para o destino em questão (ARCHER; COOPER, 1998). Diante desse descompasso, entre as promessas de desenvolvimento com base no turismo, e como efetivamente as coisas

acontecem nos lugares, os residentes percebem as mudanças e com isso podem ajudar para um melhor desenvolvimento da atividade turística nos seus lugares.

Não levar em consideração o que a população residente sente com a instalação do turismo em seu lugar é um dos erros mais recorrentes nas destinações turísticas espalhadas por todo o país. Através da percepção geográfica do turismo pode-se conhecer a relação entre as pessoas e o espaço construído pelo turismo, seja ele de massa ou de base local.

O espaço formado pelo turismo é construído por diversos atores, e cada um deles com sua visão de mundo irá ter uma percepção e conduta diferentes em relação à atividade turística. Logicamente, cada grupo com sua visão de mundo particular irá ter uma percepção sobre o turismo de maneira diferente. Por isso a importância de se ouvir os atores envolvidos na atividade. Nessa perspectiva, “[...] torna-se necessário considerar os sentimentos das pessoas, seus laços afetivos com o meio ambiente e suas atitudes em relação ao lugar” (XAVIER, 2007, p.62).

Apesar do relativo avanço, nas três últimas décadas no Brasil no planejamento do turismo, em geral associado a imposições de política pública, percebe-se que a falta de interlocução com a população local ainda é uma grande falha, assim como ocorre em outras políticas públicas no Brasil, a exemplo a política de preservação cultural (IPHAN, 2009). Infelizmente, boa parte disto ocorre em razão de que quem olha o lugar apenas com o olhar técnico planejador não leva em consideração necessariamente as necessidades e vontades dos moradores dos núcleos receptores.

Sendo assim, as orientações técnicas do planejamento quase sempre não são aceitas pelas comunidades, mas são executadas. Além disso, com o passar do tempo, a visão que os residentes têm do turismo se modifica à medida que aumenta sua relação com a atividade, sendo guiada pelo modo de interferência no seu lugar e cotidiano, a partir disso as pessoas mudam de percepção para mais positiva ou mais negativa (PANOSSO NETTO, 2010).

A percepção dessas pessoas é influenciada por inúmeros fatores, como a possibilidade de trabalho, a renda, o conforto e a perda de privacidade, além do fato de os moradores locais verem seus bens de uso transformarem-se em mercadorias colocadas à disposição dos visitantes. Sendo a percepção individual e seletiva, as respostas dadas pela comunidade serão alteradas, à medida que a implantação do turismo vai adquirindo maiores proporções (XAVIER, 2007, p. 68).

Perceber geograficamente um lugar, tendo-se como referência analítica a sua turistificação, é principalmente analisar as dinâmicas do espaço habitado sob as influências da atividade turística. De acordo com Xavier (2007, p. 68), algumas questões podem ser levantadas

junto às comunidades turistificadas, para se averiguar o andamento do turismo nas destinações, tais como: “A comunidade receptora, no Brasil, está preparada para um envolvimento na atividade turística? A atividade turística vem garantindo a sustentabilidade dos lugares? Como a prática do turismo poderá contribuir para esses propósitos?”. Para que o exercício da análise da percepção da comunidade sobre a relação do turismo com o lugar seja de relevância, é fundamental, obviamente, que esta exposição da comunidade ao turismo já ocorra há certo tempo.

2 METODOLOGIA

O estudo da percepção dos moradores da Rota Ecológica em relação à presença das pousadas em questão nos seus lugares e as mudanças causadas por elas, justifica-se pelo fato dessa análise ser fundamental para que se entenda os impactos causados pela atividade turística no cotidiano dessas populações. Isso porque, ao se estudar a percepção das comunidades receptoras, mesmo que esta visão esteja utilizando de variáveis individuais e subjetivas, no contexto geral, ela representa o que uma parcela do coletivo observa do turismo nestes lugares, podendo servir como base para o estudo de como a população pode ser melhor beneficiada pelo desenvolvimento turístico, não só com os ganhos econômicos, como o aumento na geração de emprego, renda e desenvolvimento, mas também em aspectos de valorização cultural, conservação ambiental e melhorias sociais para os residentes em destinos turísticos.

As comunidades receptoras conseguem apontar, não apenas os malefícios, mas também os benefícios, trazidos pelo turismo, já que o seu cotidiano é alterado por essa atividade e podem perceber as mudanças de forma mais aguçada, pois elas alteram inexoravelmente o espaço vivido dessas comunidades. Através desta percepção tem-se o panorama do que a população espera com o turismo e, assim podem ser criadas formas de se viabilizar concretamente esses desejos e aspirações, contribuindo assim para que um maior número de pessoas envolvidas com o turismo seja beneficiada.

Frequentemente, o que pode ser observado em estudos sobre o turismo é que a maior parte das pesquisas normalmente se direciona à análise dos impactos causados pelo turismo. Embora os estudos de impactos sejam importantes, é necessário se investigar outras dimensões das mudanças que o turismo causa nos lugares. Por exemplo, na visão de Moscardo e Pearce (2002, p. 62), “[...] o que precisamos identificar é a visão da comunidade e dos grupos comunitários significativos e não uma lista de variáveis isoladas”. Com esse objetivo, este estudo voltou-se à fala aberta das pessoas e à opinião dos moradores em relação à presença das pousadas da Rota Ecológica nos seus espaços cotidianos, que eram anteriormente animados por outras dinâmicas econômicas e sociais.

O estudo adotou uma abordagem qualitativa, com ênfase na fala dos entrevistados, a partir do roteiro de entrevistas que foi usado. “Na pesquisa social, estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que é importante para elas e como elas pensam sobre suas ações e as dos outros” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 2). A utilização de entrevistas semiestruturadas teve como fundamentação a abordagem qualitativa, adotada pelas ciências sociais que estudam o ser humano e suas relações, uns com os outros e

com o lugar aonde vivem (ALAMI; DESJEUX; GARABUAU-MOUSSAOUI, 2010; BAUER; GASKELL, 2002; QUEIROZ, 1991; POUPART, 2012). O uso da fala das pessoas é um instrumento importante na averiguação do que é de fato importante para a comunidade a ser analisada. Com uma entrevista semiestruturada, pontos que os entrevistados acham importantes, assim como suas opiniões, são ouvidos e comparados com as demais entrevistas. Ao final, se tem um panorama dos pontos mais críticos e importantes a serem analisados sobre a visão da população residente dos benefícios e dos problemas causados pelo turismo nos seus lugares.

O estudo da percepção geográfica do lugar turístico permite que o entrevistado identifique e discorra sobre os aspectos mais relevantes do seu lugar em relação a como ele é afetado pelas atividades turísticas. Nesse sentido, além de favorecer uma análise da percepção geográfica, as entrevistas com questões semiestruturadas, em que o entrevistado pode expressar de maneira livre sua opinião, podem contribuir para um melhor entendimento sobre como residentes de lugares turísticos associados a uma oferta turística alternativa percebem a relação da atividade com o cotidiano dos lugares em que habitam.

Essa pesquisa baseia-se metodologicamente na percepção das pessoas das comunidades envolvidas com o turismo das pousadas da Rota Ecológica. O instrumento de coleta de dados foi a realização de entrevistas semiestruturadas (Apêndice I) com 12 residentes da área litorânea dos municípios, onde se localizam as pousadas do estudo. A elaboração do roteiro de entrevistas foi feita com base em aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais do lugar, inspirados nos tipos de mudanças que a atividade turística pode desencadear nos lugares nos quais se inserem, usando como referência Panosso Netto (2010). Nesse sentido, o entendimento para este trabalho é que os mencionados aspectos são algumas das características mais relevantes para a estrutura dos lugares; com base nelas os residentes desenvolvem uma percepção geográfica (XAVIER, 2007) do seu lugar.

O número de entrevistados em uma pesquisa qualitativa é relativo. De acordo com Bauer, Gaskell e Martin (2002), esse número é atingido quando o pesquisador vir que chegou ao ponto de saturação da pesquisa, ou seja, quando já está se repetindo um padrão de respostas. Outro procedimento comum nesse tipo de abordagem é a escolha intencional de pessoas que, segundo levantamentos preliminares da pesquisa, têm características pessoais e situacionais relevantes para o que se quer investigar. Este foi o procedimento que foi adotado neste estudo, cujo conhecimento sobre estes lugares vem sendo acumulado deste o estudo de Iniciação Científica e que com as 12 entrevistas o padrão de resposta já se igualava com as entrevistas abertas de pessoas representativas de cada lugar. Para se assegurar que o roteiro de entrevistas

estava adequado aos objetivos da pesquisa, foram realizadas duas entrevistas piloto. Com base nessas duas entrevistas se constatou que uma questão precisava ser modificada. O uso do termo “meio ambiente” gerou interpretação inadequada por parte dos entrevistados na questão nº 24; esse termo foi substituído por “questão ambiental”, resolvendo o problema.

As entrevistas abertas semiestruturadas foram feitas com o gravador COBY cxr190-1GB com duração por entrevista de no mínimo 30 minutos e no máximo 1 hora. Todas as transcrições e áudios das entrevistas estão disponíveis no LTTD da Universidade Federal de Alagoas. Além disso todos os entrevistados aceitaram por escrito participar desta pesquisa com o total sigilo de suas identidades

Os 12 entrevistados que foram selecionados reuniam características importantes para este estudo de representação perante a seus povoados e municípios, morando há mais de vinte anos e/ou terem nascidos no lugar e viverem nele até os dias de hoje. Além do mais, estas pessoas selecionadas são representativas e influentes em suas comunidades, participando da pesquisa membros de Colônia de Pescadores, representantes de associações ligadas ao turismo local, comerciantes ligados ao turismo e pessoas dos lugares estudados que, segundo levantamentos exploratórios junto a diversos indivíduos, moravam há muito tempo no lugar e o conheciam muito bem. Destes, três entrevistados foram do povoado de Barra de Camaragibe pertencente ao município de Passo de Camaragibe; seis de São Miguel dos Milagres; e três do município de Porto de Pedras. O município de São Miguel dos Milagres teve a maior quantidade de entrevistados já que também possui a maior quantidade de pousadas pertencentes à Rota Ecológica.

Entendemos que a abordagem de pesquisa adotada e os procedimentos de coleta de dados são adequados ao estudo proposto. Entretanto, sabemos também que sempre há limitações. Na realidade, nenhum tipo de método ou metodologia será capaz de abarcar por inteiro uma pesquisa sem deixar lacunas. “Em síntese, todo método encontra seu limite ante a grandeza dos fenômenos e a subjetividade humana” (LANDIM et al., 2006, p.54). Trabalhar com um método que envolve crenças, valores, atitudes, opiniões e representações dos indivíduos, conseguindo desta forma um detalhamento mais profundo das questões a serem analisadas, é, a nosso ver, e para os fins deste estudo, a forma que chega mais próximo da essência dos dados pesquisados:

Em vez da medição, seu objetivo é conseguir um entendimento mais profundo e, se necessário, subjetivo do objeto de estudo, sem preocupar-se com medidas numéricas e análises estatísticas. Cabe-lhes, pois, adentrar na subjetividade dos fenômenos, voltando a pesquisa para grupos delimitados em extensão, porém possíveis de serem abrangidos intensamente (LANDIM et al., 2006, p. 55)

A pesquisa qualitativa tem a função de explorar opiniões e as diferentes representações das pessoas sobre uma questão ou tema em específico. Na realidade, “A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões. As diferentes representações sobre o assunto em questão” (GASKELL, 2002, p. 68). O instrumento metodológico da fala das pessoas envolvidas diretamente com seu objeto de estudo exerce um papel vital para a obtenção das informações para a pesquisa (LANDIM, et al., 2006).

Nas entrevistas semiestruturadas, o entrevistado é convidado a falar abertamente e com tempo de reflexão entre as perguntas. Assim, o pesquisador tem abertura para adicionar questionamentos e esclarecimentos durante a entrevista. O *rapport* é um termo utilizado para falar do estabelecimento de uma relação de confiança e segurança entre entrevistado e pesquisador (GASKELL, 2002), e que na medida do possível tentou-se utilizar nesta pesquisa esta confiança entre pesquisador e entrevistado para uma maior confiabilidade dos dados colhidos.

Na pesquisa qualitativa “[...] não se analisam correlações estatísticas, mas os mecanismos subjacentes aos comportamentos e a interpretação que os atores elaboram sobre seus próprios comportamentos” (ALAMI; DESJEUX; GARABUAU-MOUSSAOUI, 2010, p. 8). Uma das funções da pesquisa qualitativa é recortar a realidade social e conseguir adaptar-se às nuances do campo, adaptando-se a restrições e até improvisando técnicas. Ainda de acordo com Alami; Desjeux; Garabuau-Moussaoui (2010) o pesquisador sob esta perspectiva é um catalisador mais do que um instrumento, já que o campo também age sobre o pesquisador, fazendo com que ele tenha que ser ao mesmo tempo rígido com os processos metodológicos, mas flexível com o campo.

Os métodos qualitativos atualmente são mais aceitos e valorizados do que no passado. E seu desenvolvimento passou a ser maior a partir dos anos setenta do século XX com diversos modelos tendo sido desenvolvidos, o que é importante, pois:

[...] a pesquisa qualitativa não se pratica segundo um modelo único; ao contrário, seus ‘praticantes’ têm recorrido a diversas técnicas ou abordagens e também demandado diferentes modelos de análise, que podem variar de acordo com as situações, os objetivos de pesquisa, ou ainda, a posição epistemológica dos pesquisadores (POUPART, 2012, p.33).

No caso específico deste estudo, se deduziu que para a realização das mencionadas entrevistas, as pessoas dos lugares que formam a Rota Ecológica estão envolvidas, de forma

mais ou menos profunda, com a atividade turística nestes lugares, que teve início principalmente com a chegada das mencionadas pousadas, dando assim o impulso necessário ao desenvolvimento do turismo nessa parte de Alagoas, com uma economia, sociedade e culturas tradicionais. Os residentes, além de conseguirem visualizar os benefícios trazidos por essa orientação alternativa de turismo, também possuem, como se deduziu, uma visão crítica dos problemas já existentes no seu lugar.

Outro ponto interessante a respeito da percepção de moradores de lugares turísticos é que de uma forma geral, e normalmente no âmbito do turismo de massa, já se conhece razoavelmente as fases que compõem o processo de interação/percepção do residente com o turismo que se instala no seu lugar. Vários estudos realizados nas décadas de 1960 e 1970 contribuíram inclusive para que fosse contextualizado um modelo explicativo de tal relação. Trata-se do Modelo Irridex de Doxey (1975) (Quadro 7). Como esse modelo foi publicado já há 40 anos, no contexto do turismo de massa, seria interessante testar sua validade para ofertas turísticas alternativas, depois de toda discussão e avanços em torno da questão do planejamento ambiental e da sustentabilidade.

Quadro 7: Modelo Irridex de percepção do turismo pelos residentes de um destino turístico

MODELO IRRIDEX DE DOXEY	
Fase	Relações Sociais
Euforia	Fase inicial do desenvolvimento turístico, na qual visitantes e investidores da atividade são bem vindos. O turismo é visto como fonte de emprego e renda pelos residentes
Apatia	Os visitantes são valorizados. O turismo é visto como uma atividade de lucros. O contato entre visitantes e visitados é mais formal. Existe o predomínio de interesses comerciais no contato com turistas por parte dos residentes
Irritação	Residentes tornam-se saturados com a chegada de turistas e passam a desconfiar e duvidar dos benefícios da indústria turística
Antagonismo	O nível de irritação dos residentes é amplamente expresso. Os visitantes são vistos como a causa de todos os problemas.

Fonte: Adaptado de Doxey (apud PANOSSO NETTO, 2010).

Como não poderia deixar de ser, tendo-se como referência o turismo de massa, cada fase demonstra os níveis de irritabilidade pelos quais uma comunidade turística passa, à medida que o ciclo de vida turístico do lugar evolui. Nem todos os destinos precisam necessariamente passar

por todas estas fases, porém o que se tem percebido principalmente, como mencionado antes, em lugares que têm adotado o modelo de turismo de massa, é a sequência desses acontecimentos até o último estágio. Esta pesquisa desenvolveu a análise dos dados da percepção dos moradores segundo este modelo Irridex, identificando através das falas dos entrevistados se o nível de irritabilidade das pessoas destes lugares turísticos que tem participado de um modelo de turismo ligado à linha alternativa da atividade turística, é diferente ou não de destinos massivos de turismo.

Por fim, cabe ressaltar que esta pesquisa está baseada no estudo da dinâmica do espaço habitado e por isso, em se tratando de uma das vertentes dos estudos geográficos, os estudos empíricos desta área fazem, em maior ou menor grau, menções às categorias espaço, território, paisagem, região e lugar. Torna-se então inevitável a esse estudo não abordar tais categorias, mesmo que de modo implícito, porém a condução e a interpretação dos dados valorizaram o conceito de lugar, por esta categoria se adequar mais ao estudo das percepções humanas, aplicadas ao tema como o do presente estudo.

3 A ROTA ECOLÓGICA: ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS, CULTURAIS E AMBIENTAIS

Os lugares que formam a Rota Ecológica concentram uma orientação de turismo diferente daquela seguida no restante do litoral norte alagoano – turismo de massa –, também parte do Polo de Turismo Costa dos Corais (PTCC). Contudo, esse direcionamento da Rota Ecológica se formou espontaneamente pela iniciativa dos primeiros empresários ligados ao trade turístico que chegaram e estes lugares ainda inexplorados por qualquer atividade relacionada ao turismo.

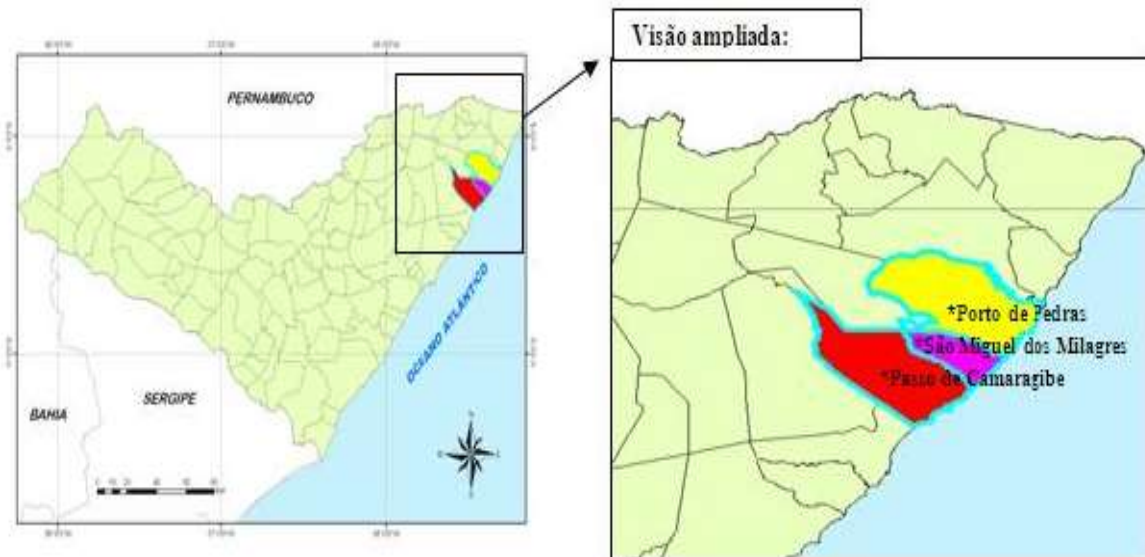
Com o objetivo de apresentar em detalhes esses lugares, este capítulo faz uma caracterização social, econômica, cultural e ambiental dessa área em que as pousadas da Rota Ecológica estão estabelecidas, com os dados colhidos em campo e em alguns documentos oficiais (MASTER ECOPOLIS, 2010; ALAGOAS, 2011). Em seguida, é realizado um detalhamento das características dessas pousadas com imagens de satélite e dos próprios sites das pousadas, para assim melhor identificar o que elas representam e de que forma se dá sua disposição espacial. E por último, discutem-se novos aspectos turísticos que têm chegado à área através do desdobramento do desenvolvimento turístico proporcionado por estas pousadas pioneiras, como novos empreendimentos no mesmo padrão delas ou parecidos, assim como o evento de um réveillon que é realizado nessa área município de Passo de Camaragibe – que dinamiza os três municípios que forma a Rota Ecológica em poucos dias.

3.1 Os lugares da Rota Ecológica

Os três municípios que formam a Rota Ecológica estão localizados aproximadamente no centro do litoral norte do estado de Alagoas (Figura 12) e estão afastados da rodovia que conecta a cidade de Barra de Santo Antônio a Maragogi (Figura 13). Como a área está entre a foz de dois rios – Camaragibe e Manguaba – talvez esta seja ainda uma das razões dessa área não contar com grandes fluxos turísticos, os quais se concentram no trecho entre Maceió e Barra de Santo Antônio e no trecho entre Japaratinga e Maragogi. A Rota Ecológica posiciona-se entre esses dois trechos de litoral norte. São municípios pequenos e que ainda preservam boa parte de suas características tradicionais e naturais. Possuem população e área como se segue: Passo de Camaragibe com 14.763 habitantes em uma área de 244 km²; São Miguel dos Milagres

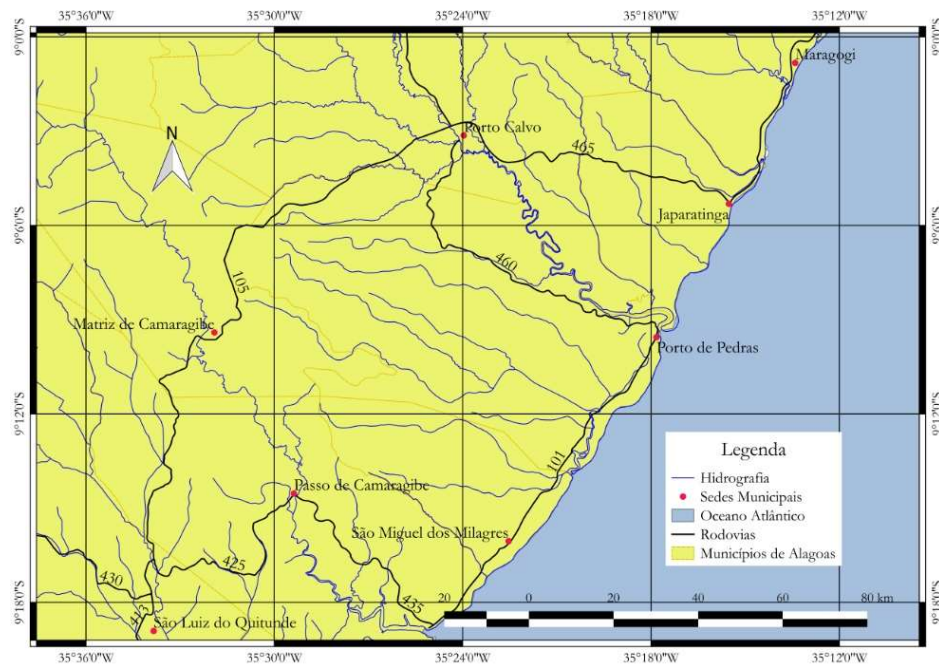
com 7.163 habitantes em uma área de 77 km²; e Porto de Pedras com 8.419 habitantes em uma área com 258 km² (IBGE, 2010).

Figura 12: Mapa de localização dos municípios de Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras.



Fonte: LTTD UFAL

Figura 13: Afastamento da AL 101 Norte da pista que liga até Japaratinga e Maragogi no trecho da Rota Ecológica (Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras- Alagoas)



Fonte: LTTD/UFAL 2016

Os lugares que compõem a Rota Ecológica possuem características naturais, sociais, econômicas e culturais parecidas. São municípios compostos por pequenos povoados com raízes históricas parecidas. Historicamente, trata-se de uma área caracterizada desde sua colonização pela base econômica da monocultura da cana-de-açúcar, com a instalação de diversos engenhos com mão-de-obra escrava de origem africana, e com a presença de uma forte aristocracia rural quase toda de formação estrangeira (LINDOSO, 2000).

A parte que forma a Rota Ecológica foi colonizada por portugueses, e durante um curto período de sua história (entre 1630-1654) também recebeu influência holandesa, com a ocupação de suas tropas nesses lugares e na área em que hoje se encontra o município de Porto Calvo (localizado mais ao interior, afastado do litoral), principal ponto da colonização na época (LINDOSO, 2000). Ao longo deste processo de colonização, surgiu o cultivo do coco-da-baía, a pesca artesanal e, nas últimas duas décadas, a atividade turística.

Toda área litorânea dessa parte de Alagoas, até um passado não muito remoto, por volta do início dos anos 1980, era um trecho praticamente desconhecido pelos turistas que visitavam Alagoas. Ocorria apenas a presença de viajantes que chegavam a esses lugares para comércio ou apenas de passagem, sem ter assim como principal destino o lugar para fins de turismo e lazer. Até aquele momento, essa área possuía péssimas condições de acesso e nenhuma estrutura turística, excetuando-se reduzido número de segundas residências de veraneio, com a área mantendo-se praticamente isolada dos demais trechos do litoral norte de Alagoas.

Nesta época, além dessa área ser mais tranquila do que hoje, as casas ainda eram predominantemente de palha com estrada sem pavimento asfáltico ou de paralelepípedos. Só após a chegada do turismo é que restaurantes e até a iluminação pública veio chegar com uma qualidade melhor. Alguns turistas e visitantes considerados “aventureiros” é que já visitavam esses municípios, sobretudo pela beleza natural local, assim como insinua Bulgarelli: “Mas aquela praia, aqueles coqueiros, aquele jeito pacato de litoral nordestino tinha algo diferente. Talvez fosse a gente ou talvez fosse o ar” (2013, p. 75), identificando características que, em maior ou menor grau, perduram até hoje na Rota Ecológica.

No município de Passo de Camaragibe, a Rota Ecológica se inicia com o povoado de Barra de Camaragibe, localizado próximo à margem esquerda do rio Camaragibe (Figura 13 – parte centro-esquerda da imagem). Aparecem na imagem abaixo, a praia, uma parte marítima rasa durante maré baixa, e a barreira de recifes que ocorre ao longo de toda a Rota Ecológica, conferindo à região grande beleza paisagística. Neste povoado quando se fala sobre o turismo no lugar, os moradores sempre falam da área privada da praia de Morros – área pertencente a um grupo internacional para construção de um *resort* (canto inferior direito da Figura 14) – e

que já se tornou um ponto turístico com alguns jangadeiros locais fazendo passeios turísticos, porém com algumas restrições por se tratar de um terreno privado.

Figura 14: Vista da Barra de Camaragibe com destaque para a praia dos Morros (praia no canto direito com imensas áreas de coqueirais)



Fonte: LTTD/UFAL 2012

O município de São Miguel dos Milagres é conhecido por suas praias de águas mansas e cristalinas (Figura 15), das quais a mais conhecida é a praia do povoado de Porto da Rua (WIKIALAGOAS, 2012). Foi por volta de 1960 que Porto da Rua abriu seu primeiro meio de hospedagem, a pensão Santo Antônio, com apenas três quartos e que servia refeições para os viajantes que de passagem por ali. Após esse período, outros estabelecimentos, também pequenos e sem maior sofisticação se instalaram no lugar. Porém, essas hospedagens ainda não eram direcionadas para o turismo, só após a abertura da Pousada do Toque, no ano 2000, considerada uma das primeiras pousadas da Rota Ecológica – a primeira pousada nesses moldes a ser implantada na área foi a Côtê Sud em 1999 (CARVALHO, 2014) –, pode-se dizer que de fato teve início o desenvolvimento do turismo na região e das pousadas da Rota Ecológica, trazendo novos empreendimentos e o início da implantação de uma infraestrutura turística básica (BULGARELLI, 2013).

Figura 15: Águas cristalinas próximas à praia de Porto da Rua



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=praia+de+porto+da+rua-al>

O município de Porto de Pedras, último que integra a área das pousadas da Rota Ecológica, também atrai turistas e visitantes por suas características naturais e culturais. A travessia do rio Manguaba em pequenos barcos, canoas ou balsa, para se chegar ao município de Japaratinga, é um dos pontos mais movimentados e bonitos da cidade (Figura 16).

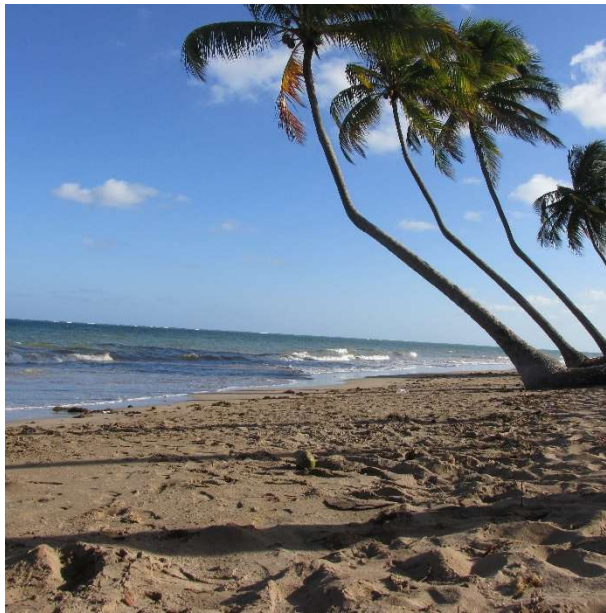
Figura 16: Balsa no rio Manguaba que separa os municípios de Porto de Pedras e Japaratinga



Fonte: LTDD/UFAL2013

Entre as principais praias deste município destacam-se as do Patacho e a de Tatuamunha, ao longo das quais há um denso coqueiral, com o acesso realizado por meio de estreitas estradas sem pavimentação, normalmente com acesso de areia, da planície litorânea, que do ponto de vista geomorfológico, domina a paisagem física local. Não por acaso, a praia do Patacho (Figura 17) foi considerada uma praia cinco estrelas, como consta do Guia Quatro Rodas (GUIA QUATRO RODAS, 2013).

Figura 17: Praia do Patacho



Fonte: LTTD/UFAL 2014

Além das características naturais, existem outros pontos de atração turística na Rota Ecológica, como por exemplo, o farol de orientação náutica, localizado em um ponto alto da sede municipal de Porto de Pedras, com uma vista da planície costeira e do mar (Figura 18) e o destaque para atividade do peixe-boi, realizado no povoado de Tatuamunha, que vem dando visibilidade e desenvolvimento para este lugar e toda a Rota Ecológica (Figura 19). Esse trabalho, que é realizado com o apoio do ICMBio, vem trazendo boa parte do desenvolvimento turístico, além de trazer junto com ele muitas mudanças no cotidiano das comunidades locais.

Figura 18: Planície Costeira vista do alto do Farol de orientação náutica em Porto de Pedras



A: Vista do rio Manguaba no Farol náutico de Porto

B: Farol náutico de Porto de Pedras

Fonte: LTTD/ UFAL2014

Figura 19: Passeio de observação do peixe-boi em Porto de Pedras



Fonte: LTTD/UFAL 2012

3.1.1 Aspectos Socioeconômicos

As comunidades e povoados da área da Rota Ecológica têm orgulho de ser e de falar do seu lugar. Eles o descrevem como um paraíso, um lugar relaxante, para descansar, paradisíaco, tranquilo e calmo, apesar de já terem notado a chegada da violência com o tráfico de drogas, porém não vinculam esses males estritamente ao turismo, já que tem conhecimento de outros municípios próximos não turísticos, mas que apresentam o mesmo tipo de violência.

Apesar de toda a tranquilidade dessa área, já é percebido por parte da população algumas mudanças no cotidiano local. Por exemplo, em São Miguel dos Milagres parte dos residentes acredita que antes do turismo chegar o município era melhor no sentido de tranquilidade, pois já consideram como invasiva a chegada de pessoas de fora do lugar, fechando as antigas estradas, tomando posse dos seus lugares e se enriquecendo com os atrativos naturais desses municípios. Já começa a existir, dessa forma, uma certa irritação com a presença de turistas, o que ocorre em lugares de turismo de massa já consolidados.

Além disso, a chegada de loteamentos em vários pontos da Rota Ecológica (Figura 20) é um processo em pleno desenvolvimento e que tem fechado vários acessos das pessoas à praia, principalmente em São Miguel dos Milagres, com destaque para os povoados do Toque e Porto da Rua, que é o maior povoado que desenvolve o turismo na Rota Ecológica.

Figura 20: Venda de Loteamentos na área da Rota Ecológica – Município de Porto de Pedras



Fonte: LTTD/UFAL 2015

De toda a extensão da Rota Ecológica, percebe-se que os residentes de São Miguel dos Milagres são os mais críticos quanto à percepção da atividade turística no seu lugar, conseguem observar melhor tanto o lado positivo quanto o negativo, talvez por terem em seu lugar um maior desenvolvimento da atividade turística com a presença do maior número de pousadas da Rota Ecológica e segundas residências, principalmente no povoado de Porto da Rua.

Ainda na visão destas pessoas antigamente não existia tanta “gente de fora” como hoje e que os empresários que chegaram com as pousadas e formaram a Rota Ecológica é que foram

os responsáveis pela maior visibilidade desses municípios, até então esquecidos do restante do litoral norte de Alagoas.

Antes, nesses lugares as únicas profissões conhecidas eram: pescador, tirador de coco (Figura 21) e funcionário público da prefeitura. Muitos moradores que saíram do lugar para fazer a vida em outros estados ou até mesmo em Maceió, têm voltado a morar nesses lugares depois de aposentados, por ainda ser um lugar mais tranquilo se comparado com as grandes cidades.

Figura 21: Galpões para armazenamento de coco na área da Rota Ecológica



Fonte: LTTD/UFAL 2015

Quanto a essas atividades tradicionais locais, como a pesca artesanal (Figura 22) e a produção do coco, estes trabalhos têm se tornado cada dia mais difíceis, vêm com os anos perdendo espaço, além disso o comércio local que sempre foi atrasado, com dificuldade de acesso a diversos produtos, veem que com a chegada do turismo das pousadas da Rota Ecológica, o lugar passou a ser mais divulgado, recebendo maiores atrativos e aumentando sua dinâmica social e econômica.

Figura 22: Pescador artesanal na foz do rio Manguaba em Porto de Pedras



Fonte: LTTD/UFAL 2015

Após a chegada do circuito das pousadas é nítido as mudanças ocorridas nesses lugares. Especialmente na oferta de empregos diretos com carteira assinada e empregos indiretos, contratando principalmente jovens como mão de obra. Para estes lugares, tal reconfiguração de atividades é fundamental já que boa parte das famílias tem a renda baseada no programa do governo federal bolsa família e esses lugares apresentam defasagens em vários aspectos sociais desde em relação aos níveis escolares até a oferta de oportunidades para os locais.

Além disso, após o turismo das pousadas da Rota Ecológica passou a existir uma maior promoção de cursos para os empregados destas pousadas e para a comunidade local em línguas estrangeiras e cursos de etiqueta. Vários cursos relacionados a turismo e hospitalidade vêm chegando a esses lugares através do Sebrae com o trabalho no APL de Turismo Costa dos Corais, e oferecendo à população novas perspectivas e especializações para suas carreiras, transformando a rotina local ligada apenas às atividades tradicionais. Apesar dos problemas sociais ainda existentes, toda essa área ainda é considerada como calma e tranquila no dia a dia pela população local, sobretudo se comparado a lugares urbanos de grande porte.

Os povoados de Barra de Camaragibe e Marceneiro, pertencentes ao município de Passo de Camaragibe, são os menos afetados pelo desenvolvimento das pousadas da Rota Ecológica. Os moradores desses lugares consideram que antes do turismo, o lugar era simples e atrasado, com a energia ainda a motor durante muito tempo, a renda era basicamente dos pescadores, que era pouca. Observam que Passo de Camaragibe, a sede municipal, era a parte mais desenvolvida e com profissões e ocupações diferentes dos povoados que estão no litoral do município (Barra de Camaragibe e Marceneiro). Outro fator de contribuição de melhoria do lugar vem com a chegada dos programas do governo federal, como bolsa família e o defeso, subsídios que

mudaram significativamente o lugar e sua renda. Porém, no caso do povoado de Barra de Camaragibe é perceptível ainda sua exclusão do eixo do turismo proporcionado pelas pousadas da Rota Ecológica.

Na área da Rota Ecológica a maior parte dos moradores possui algum tipo de ligação e conhecimento a respeito das pousadas da Rota Ecológica, conhecendo alguém que trabalhou ou trabalha em alguma dessas pousadas, ou até eles mesmos, alguns deles já trabalharam nelas em algum momento de suas vidas, prestando serviços direta ou indiretamente.

Antes de as pousadas chegarem, os residentes desses lugares não tinham a visão do potencial turístico local e não chegaram a tomar nenhuma iniciativa neste sentido. Após a chegada dos “pousadeiros” é que a população local também começou a se interessar pelo turismo fornecendo produtos e serviços aos novos visitantes, surgindo assim novos restaurantes, pequenas pousadas, artesanato etc.

Enquanto há o pleno desenvolvimento das pousadas da Rota Ecológica vinculadas a uma orientação alternativa do turismo, por outro lado a chegada dos *resorts* parece não demorar nesses lugares, já que há terrenos comprados nos povoados com esta finalidade tanto em Barra de Camaragibe, mais especificamente na praia de Morros, como em Porto de Pedras, na praia do Patacho. Não é de se estranhar tal informação, pois com o aumento na divulgação da Rota Ecológica nos últimos anos, a região tem recebido grande visibilidade.

Apesar desses lugares não serem configurados como modelos massivos de turismo, algumas dessas características podem já ser percebidas, porém muitas delas são vinculadas ao próprio crescimento desordenado dos municípios e pela conjuntura social do estado em que estão localizadas. Como é o caso da Rota Ecológica que se configurava como um lugar seguro para os seus povoados antes da chegada do turismo nesses lugares, principalmente em relação à questão da violência causada particularmente pelo tráfico de drogas instalado após a chegada cada vez maior de pessoas de fora do lugar, e não pela presença das pousadas da Rota Ecológica e o turismo trazido por elas.

É importante destacar que a praia, para as pessoas que moram na área da Rota Ecológica, significava no passado trabalho, lugar dos pescadores e marisqueiros para tirar o sustento da casa. E este fato perdura até hoje, sendo espaço dos trabalhadores do mar, e agora também para trabalhadores do turismo. O uso da praia como diversão, só se tornou mais significativo após o turismo e à disseminação das mídias sobre esse modo de lazer, e mesmo assim os jovens são os frequentadores mais frequentes, as pessoas mais velhas locais não possuem o costume de ir à praia apenas por lazer.

Só no caso do povoado de Barra de Camaragibe é que irá existir uma variação no lazer, desde tempos passados, por parte dos moradores da sede municipal de Passo de Camaragibe que fica a alguns quilômetros de distância da praia e a procura até hoje nos finais de semana. Diante desta realidade, pode ser observado que as piscinas naturais agora são exploradas turisticamente, as quais antes eram apenas conhecidas como “bacias” e eram usadas única e exclusivamente para a pesca. O que eles consideravam “turismo” era praticado pelas pessoas do próprio lugar com suas famílias principalmente nos finais de semana e mesmo assim em pequena escala.

Não é de se estranhar que a privacidade e acesso de alguns povoados da Rota Ecológica foram prejudicados após a chegada dessas pousadas, principalmente nos que possuem um maior fluxo de turistas e equipamentos turísticos, pois a chegada do turismo nos lugares tende a modificá-los em alguma escala. Alguns lugares antes frequentados pela população local e pescadores estão sendo fechados. Devido a este maior fluxo de empreendimentos turísticos e de turistas, o povoado do Toque e Porto da Rua em São Miguel dos Milagres foram os mais atingidos, as casas que eram de pescadores foram vendidas ao empresariado.

Décadas atrás, toda a área litorânea desses povoados era ocupada por vilarejos de pescadores com casas de taipa cobertas com folha de coqueiro, porém atualmente essa paisagem tem sofrido alterações, tanto por causa da atividade turística, quanto pelo próprio desenvolvimento de outros setores econômicos e sociais desses lugares (Figura 23). Apesar de a população local observar o desenvolvimento advindo da atividade turística, também reconhecem os problemas que chegam também junto com essa nova dinâmica econômica.

Figura 23: Casas rústicas na Rota Ecológica



Fonte: LTTD/UFAL 2012

Com esta consciência mais crítica a respeito do turismo, nota-se que no município de Porto de Pedras, a praia do Patacho foi a mais privatizada. Esse processo tem levado à exclusão dos moradores da área da praia e isso se reflete no dia a dia dos povoados locais. O que não ocorre de forma diferente em São Miguel dos Milagres em que os pescadores tem sido os mais afetados na questão de acesso à praia. Esse fato talvez se deva pela maior quantidade das pousadas e demais estabelecimentos da atividade turística estarem nesse trecho da orla, como dito anteriormente.

As reclamações são constantes, mas a população local ainda não deixou de ir totalmente à praia, buscando caminhos alternativos. Mesmo com esses problemas já aparecendo, ainda existe compartilhamento dos espaços da praia entre turistas e moradores mesmo a comunidade já apresentando certa inibição com a presença de turistas no seu lugar, considerando alguns espaços como “lugar pra turista”. Os pescadores e moradores de Porto de Pedras também sentem as alterações negativas do turismo das pousadas. Apenas os dois povoados de Passo de Camaragibe (Barra de Camaragibe e Marceneiro) é que ficam mais afastados desses problemas até agora.

Outra questão são as palhoças dos pescadores, principalmente em São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras, que vem sendo impedidas de continuar na faixa litorânea após as compras dos terrenos por pessoas de fora. Porém, as colônias desses lugares têm se unido para resolver este problema para toda a área da Rota Ecológica.

Uma questão interessante é que a população local já tem consciência que esses impedimentos de acesso são ilegais e fazem algumas mobilizações junto a instituições locais que possuem voz mais ativa no lugar. O ICMBio é que vem atuando nestes casos, tentando um diálogo com os pousadeiros e impedindo certas ações judicialmente relativas às questões ambientais locais. Este papel do ICMBio tem disso importante não só para a reintrodução do peixe-boi marinho no litoral da Rota Ecológica, como também questões ambientais e sociais da Rota Ecológica.

Mesmo com todas essas transformações, os lugares da Rota Ecológica ainda são considerados pela própria população e pelos turistas, como divulgado em diversas redes sociais e blogs especializados em viagem na internet (Viaje na Viagem, Andarilhos do mundo, Entre Viagens etc.), um destino turístico reservado, calmo e com privacidade pelos seus visitantes, apesar da presença constante de artistas e famosos, como será discutido no próximo capítulo. Mesmo com um maior fluxo de pessoas nesses lugares e com maior dinâmica no cotidiano, no dia a dia dos povoados da Rota Ecológica, o modo e jeito de ser das pessoas desses lugares continuam igual, pacato e simpático, mas eles têm se habituado a uma nova realidade.

Com a chegada do turismo das pousadas da Rota Ecológica, alguns projetos sociais começaram a aparecer nesses lugares. Existem atualmente na Rota Ecológica duas iniciativas, o Instituto Yandê: Educação, Cultura e Meio Ambiente (Figura 24) e a Associação Milagrense de Turismo Sustentável – AMITUS (Figura 25). A primeira iniciativa era administrada por proprietários de uma das pousadas da Rota Ecológica, porém atualmente é um Instituto autônomo que conta com a colaboração das demais pousadas locais. A segunda, é uma Associação que reúne empresários locais e moradores do município que trabalham direta ou indiretamente com o turismo.

Estas Instituições atuam junto à comunidade local, oferecendo diversos serviços, como cursos de informática, parcerias com o Senac, palestras, confecção de artesanato de peixe-boi, oficinas de contos infantis etc. Além disso, promovem o estímulo à participação das comunidades locais em reuniões junto aos órgãos públicos na cobrança de soluções para os problemas locais (CARVALHO, 2014).

Figura 24: Projetos sociais Instituto Yandê - São Miguel dos Milagres



A: Oficina de bichos de pelúcia do peixe-boi

C: Exibição de Curta-metragem na rua

B: Oficinas e cursos para crianças da comunidade

D: Oficinas de contos infantis

Fonte: Página do Instituto Yandê na rede social Facebook

Figura 25: Projetos Sociais e reuniões junto a órgãos públicos realizados pela AMITUS.



A: Limpeza das praias

B: Reunião com órgãos públicos e moradores

C: Cinema na praça

D: Projeto Cidade Verde

Fonte: Página da rede social Facebook da AMITUS

Em uma perspectiva social e econômica, os municípios que compõem a Rota Ecológica enfrentam problemas (Quadro 8), sendo caracterizados historicamente como lugares marcados por problemas associados à pobreza que afeta a maior parte de sua população.

¹⁷**Quadro 8:** Caracterização socioeconômica dos municípios que compõem a Rota Ecológica

Caracterização socioeconômica dos municípios que compõem a Rota Ecológica			
	Passo de Camaragibe	São Miguel dos Milagres	Porto de Pedras
Índice de Pobreza (2003)	55,71%	51,05%	61,23%
IDHM¹	0,533	0,591	0,541
PIB² Serviços	R\$ 45.717 62,43%	R\$ 24.611,89 69,26%	R\$ 27.568,20 69,97%
Receitas 2009*/2012	R\$ 17.669.572,41*	R\$ 16.797,683, 94	R\$ 22.144.518,24
Despesas 2009*/2012	R\$ 17.519.795,66*	R\$ 15.836.472,98	R\$ 21.554.162,42
Agropecuária (em toneladas)	485.041(cana de açúcar)	84.491 (cana de açúcar)	112.655 (cana de açúcar)
Famílias inscritas no Bolsa Família	2.534	1.210	1.600
Pessoas inscritas no Cadastro Único³	12.669	6.169	7.020
População Total	14.763	7.163	8.429

Fonte: IBGE (2010); Seplande (2013)

¹⁷ ¹Índice de Desenvolvimento Humano.

² Produto Interno Bruto.

³ Cadastro único é um tipo de registro do Governo Federal brasileiro para ter o controle da quantidade de famílias com baixa renda no Brasil. Podem ser cadastradas famílias que ganham até meio salário mínimo mensal por pessoa; ou que ganham até três salários mínimos da renda total por mês. Mas estar no Cadastro Único não significa a entrada automática nos programas sociais oferecidos.

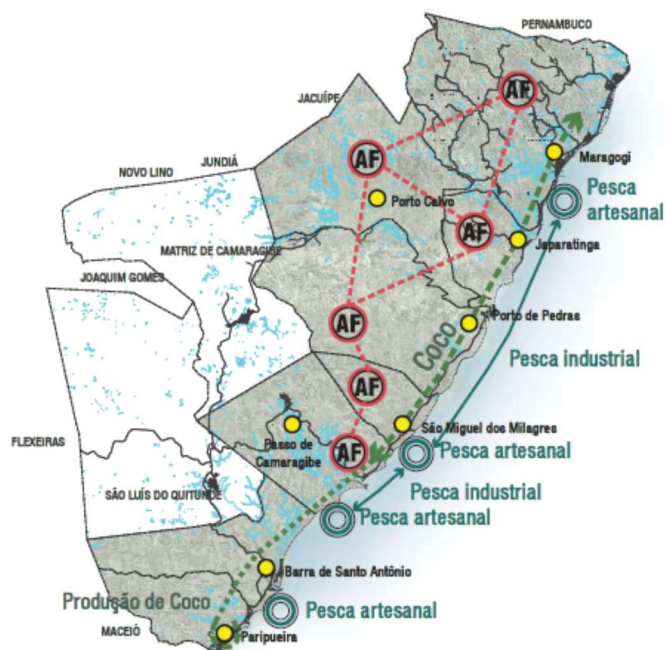
*Dados de 2009

É grande nos três municípios, o número de famílias que recebem o benefício do programa Bolsa Família e de famílias que são cadastradas para fazer parte de programas sociais oferecidos pelo governo federal. Dessa maneira esses lugares têm encontrado no turismo uma alternativa de poder melhorar as condições locais de vida. Porém, caso a atividade não seja direcionada aos interesses da comunidade, ao invés de ser um elemento positivo para o desenvolvimento do lugar, pode acabar tornando-se mais um problema social e cultural, o que frequentemente ocorre em áreas que são turistificadas (PANOSSO NETTO, 2010), embora isso ocorra de forma mais significativa com o turismo de massa.

Além da atividade turística, concentrada nas áreas próximas à orla marítima desses municípios, esses lugares ainda têm como principal atividade econômica o cultivo intensivo de cana-de-açúcar, porém mais centralizado, localizado nas terras mais afastadas do mar, no interior desses municípios. Outras atividades tradicionais também são identificadas como: a pesca, a produção de coco e a agricultura familiar de subsistência, com base na produção de produtos tais como mandioca, banana, feijão e milho (MASTER ECOPOLIS, 2010).

A pesca nesta área é uma das atividades mais antigas, e apresenta duas formas: a artesanal, com maior predominância; e a industrial. As formas realizadas artesanalmente agregam maior valor tradicional, ajudando a formar parte do patrimônio cultural de interesse para o turismo das pousadas da Rota Ecológica. Talvez a pesca artesanal também seja uma forma mais sustentável se comparada à atividade pesqueira de grande escala ou industrializada (Figura 26), porém sem deixar de incorporar as tecnologias disponíveis para os pescadores artesanais locais.

Figura 26: Pesca Artesanal



Fonte: MASTER ECOPOLIS (2010, p. 35)

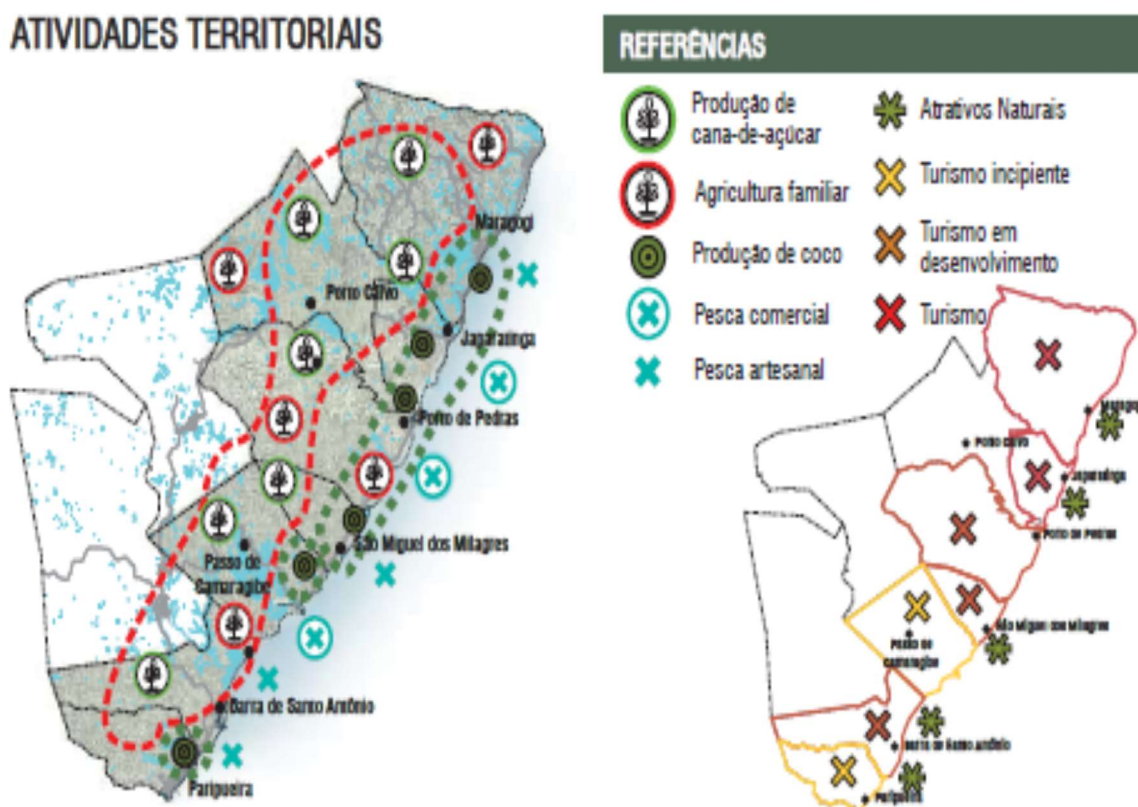
O cultivo do coco é outra atividade importante e muito tradicional de toda a área da Rota Ecológica. Com relação a essa produção, em alguns lugares é a segunda atividade mais importante depois do cultivo da cana. Da produção do coco também derivam outros produtos, como peças de artesanato, móveis, mesmo que ainda em pequena escala (MASTER ECOPOLIS, 2010). É comum se ver oficinas de artesanato às margens da via principal da Rota Ecológica e seus materiais expostos (Figura 27).

Figura 27: Artesanato da Rota Ecológica**A:** Casa de artesanato na beira da rodovia**B:** Material para móveis artesanais

Fonte: LTTD UFAL 2015

Por fim, a agricultura familiar (Figura 28) é uma atividade que contribui para a integração do interior com a parte litorânea desses municípios que é realizada principalmente através de mercados e feiras, desenvolvendo desta forma espaços de agregação e socialização. Na maior parte desses municípios do litoral norte, os produtos originários do campo são comercializados e proporcionam outras dinâmicas para as destinações turísticas, agregando outros produtos além do turismo fundado na natureza, permitindo assim que não se tenha a “monocultura do turismo” nestes lugares, o que economicamente é considerado uma opção não recomendável (MASTER ECOPOLIS, 2010; PANOSSO NETTO, 2010).

Figura 28: Atividades Territoriais – vide localização de agricultura familiar



Fonte: MASTER ECOPOLIS (2010, p.35)

Assim, esses lugares apresentam as atividades econômicas tradicionais como um ponto forte da sociedade local, o que pode fortalecer o sentimento de pertencimento ao lugar por parte das comunidades locais. Tais atividades representam um elemento a mais na formação do produto turístico da Rota Ecológica, inovando e diversificando a economia local, como parte das cadeias produtivas locais.

Deste modo, a área da Rota Ecológica acaba tendo uma maior independência frente ao turismo enquanto atividade econômica, o que é importante tanto para a economia local quanto para a atratividade que ela confere ao turismo. Constatou-se, contudo, no estudo do Master Ecopolis (2010, p.15), que “Existem muitos produtos que não são aproveitados em todo seu potencial [...] falta uma imagem característica com capacidade de promoção de cada lugar”, algo que poderia ser melhorado com o fortalecimento de um turismo que está localmente centrado na orientação alternativa, e não no turismo de massa até o momento.

Nesse sentido, a Rota Ecológica está estabelecida em lugares que apresentam rica pluralidade em recursos culturais, sociais e paisagísticos, valores e saberes que estão sutilmente

no cotidiano das comunidades. Enquanto para o turismo de massa estes atributos não são valorizados, para o turismo alinhado às ofertas alternativas estes são elementos centrais.

Por essas características locais, o turismo vem sendo explorado nos últimos anos nestes lugares como uma das principais atividades econômicas dos municípios envolvidos, mas que não inviabiliza as atividades tradicionais. Isso é importante, pois:

[...] uma região que se baseia exclusivamente no turismo é destinada a ter uma economia frágil e pouco resiliente. Além disso, não é possível construir uma oferta turística de qualidade real, se não se constrói uma boa qualidade de vida para todos os habitantes, se as vantagens provenientes do turismo não beneficiam de maneira difusa a população (MASTER ECOPOLIS, 2010, p. 4).

Como em qualquer lugar detentor de grande variedade no seu patrimônio cultural tradicional, e que ainda não passou por um processo de industrialização e forte urbanização, a população local é uma das grandes potencialidades da Rota Ecológica para o desenvolvimento do turismo. Ao passo que o capital humano local é fundamental para a atividade turística local, o relatório do Master Ecopolis (2010) reconhece que faltam instrumentos e recursos para fortalecer as atividades socioeconômicas destes lugares, pois hoje as atividades socioeconômicas estariam ainda concentradas em determinadas partes desses municípios. Por exemplo, o turismo se localiza na costa e a monocultura da cana-de-açúcar predomina no interior. Tais concentrações, segundo o mencionado relatório, gera uma escassa difusão de benefícios em termos econômicos, sociais e territoriais locais. Uma nova oportunidade espacial seria difundir espacialmente as atividades, movendo o turismo também para o interior desses municípios. Talvez assim houvesse uma aproximação maior das atividades econômicas locais (MASTER ECOPOLIS, 2010).

Constata-se também que em geral as atividades socioeconômicas da área da Rota Ecológica se desenvolvem de maneira informal e centrada em abordagens artesanais. O que por um lado pode se tornar um atrativo, também pode ser a evidência da falta de preparo da área no sentido de oferecer serviços básicos de forma mais organizada (MASTER ECOPOLIS, 2010). Portanto, torna-se necessário introduzir novas formas de tecnologia social que se integrem à forma do fazer artesanal, inovando e melhorando produtos e serviços sem perder o valor tradicional deles.

Outro aspecto importante, que foi identificado pelo Master Ecopolis (op. cit.), não só a área da Rota Ecológica, mas para toda a área de entorno pertencente ao Polo de Turismo Costa dos Corais, a existência de uma tríplice sazonalidade que incide sobre esses lugares, a saber: a turística, a ligada à cana-de-açúcar, e a da pesca, normalmente sobrepostas. A existência de tais sazonalidades cria desequilíbrios socioeconômicos para as comunidades locais durante alguns períodos do ano (MASTER ECOPOLIS, 2010).

Entretanto, o conjunto formado pelos três municípios que compõe as pousadas da Rota Ecológica, essa variedade de aspectos econômicos, sociais e culturais, apresenta um grande potencial turístico, por conta da sua diversidade natural de ecossistemas, com rios, matas, e manguezais, dentre outros atributos de grande beleza paisagística.

Essas características dão um sentido de lugar único para a Rota Ecológica, em cada povoado que a compõe. Além disso, esses lugares também apresentam outras características físicas que contribuem para a beleza cênica do lugar, como uma topografia de encostas, morros, com vista direta para o mar, piscinas naturais com recifes de corais e de arenito, por quase toda a extensão do litoral (Figura 29).

Figura 29: Rota Ecológica – panorama geral





A: Entrada de Porto de Pedras

B: Mirante do Cemitério do povoado de Tatuamuha – Porto de Pedras

C: Estrada de entrada à praia do Patacho – Porto de Pedras

D: Afloramentos de corais na praia do Marceneiro – Passo de Camaragibe

Fonte: LTTD UFAL 2013/2014/2015

Essa orientação de turismo da Rota Ecológica se apresenta de forma diferente do que vem ocorrendo nos demais destinos de sol e praia do restante do litoral norte de Alagoas, em que há o predomínio do modelo de turismo de massa, fortalecido principalmente pelo programa de turismo Costa dos Corais através do PRODETUR/NE. Neste programa há a presença do projeto Destinos Indutores, que em Alagoas são os municípios de Maragogi e Maceió, deixando assim os municípios integrantes da Rota Ecológica distantes destes polos, os quais receberam investimentos nos últimos anos, desde a criação do polo nos anos 2000 (BNB, 2011).

Além disso, em Alagoas existiram apenas dois projetos na política de Polos Turísticos: Conclusão do Centro de Convenções de Maceió e a elaboração da base cartográfica do Polo de Turismo Costa dos Corais (Quadro 9), enquanto outros estados do Nordeste, como na Bahia, chegam a apresentar cinquenta projetos. Tal panorama pode ter se dado principalmente por uma atitude e postura mais proativa de alguns governos estaduais, agilizando a elaboração dos seus Pdits¹⁸, assim como procurando parcerias que pudessem contribuir com mais recursos e

¹⁸ “O PDITS é um plano que deve ser referência norteadora para o desenvolvimento do turismo no polo de um modo geral” (BNB, 2015).

“O PDITS deverá propor objetivos, metas e diretrizes para o desenvolvimento da atividade turística, visando à melhoria da qualidade de vida das populações residentes na área selecionada, que resultem em um documento com informações necessárias à caracterização da situação atual, identificando seus problemas e oportunidades e definindo estratégias e ações” (Setur-AL, 2013).

investimentos (DUDA; ARAUJO, 2014). Em Alagoas, porém, essa ausência de uma posição mais ativa e dinâmica, demonstrando até de certa forma uma falta de interesse do turismo como atividade econômica viável, talvez tenha contribuído para a execução de apenas dois projetos no polo Costa dos Corais. Nesse panorama percebe-se que as políticas oficiais de turismo ao invés de diminuir as disparidades e desigualdades regionais parecem reforçá-las (DUDA, 2013).

Quadro 9 - Total de projetos em andamento e concluídos da Política de Polos Turísticos no Nordeste (2000-2012)

Estado	Total de projetos em andamento e concluídos (2000-2012)
Alagoas	2
Bahia	50
Ceará	35
Espírito Santo	8
Maranhão	0
Minas Gerais	13
Paraíba	0
Pernambuco	38
Piauí	25
Rio Grande do Norte	27
Sergipe	0

Fonte: DUDA, 2013 adaptado de Banco do Nordeste do Brasil (2012).

O objetivo maior desses projetos de polos de Turismo era homogeneizar estes corredores turísticos, porém o que pode ser observado na prática:

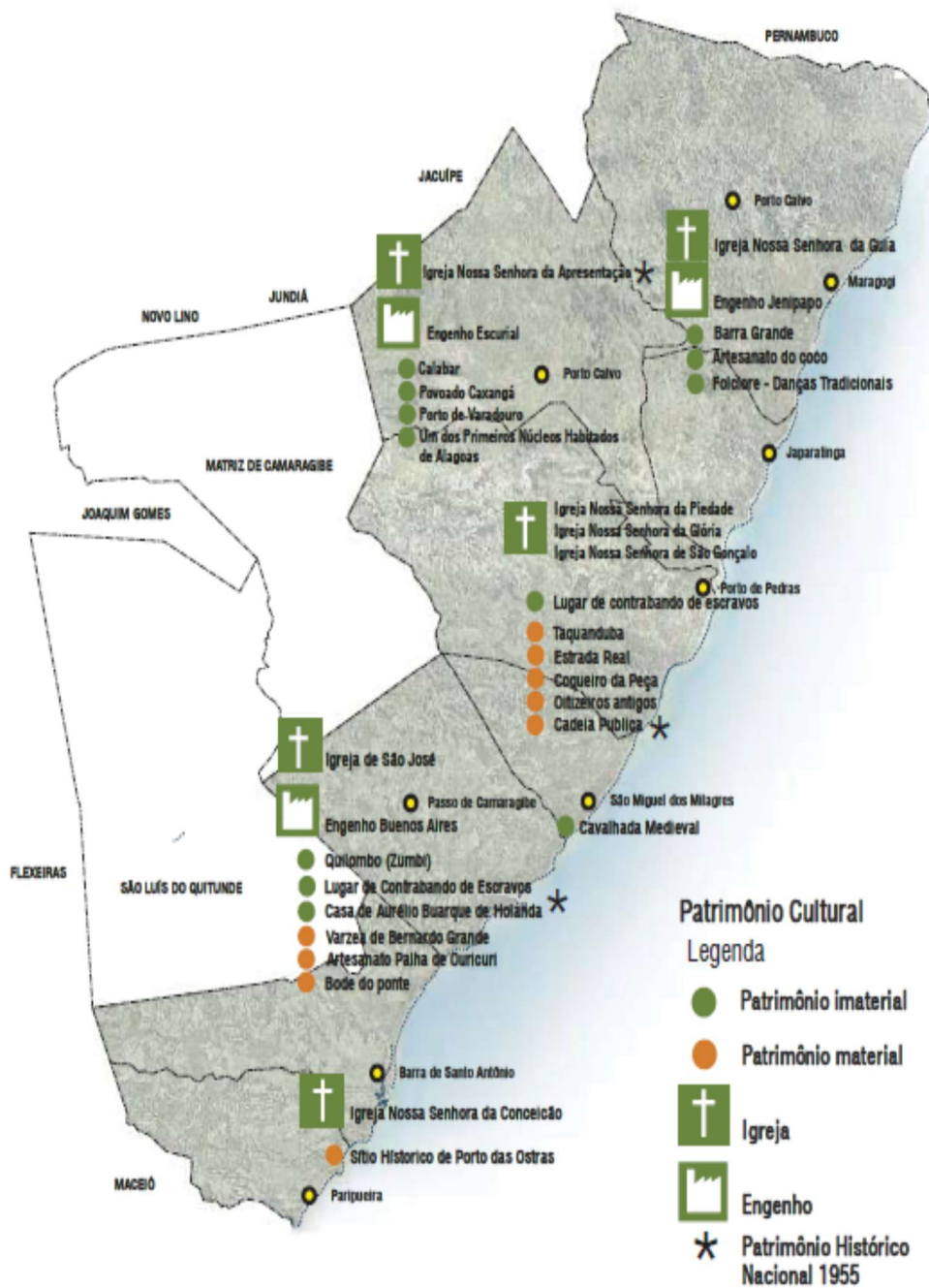
[...]são lugares muito mais preparados e competitivos do que outros, produzindo, assim, um Nordeste também desigual no desenvolvimento turístico polarizado, o que contraria os objetivos de redução das desigualdades regionais (DUDA; ARAUJO, 2014, p.214).

No caso dos municípios da Rota Ecológica, apesar de fazerem parte do PTCC, a dinâmica do turismo se deu de forma diferente, priorizando aspectos do turismo alternativo em detrimento do modelo de turismo de massa que se configura no restante do PTCC. Pela área da Rota Ecológica ter sido desprovida de infraestrutura básica turística durante muito tempo, inclusive no período de andamento do Prodetur e com seu isolamento da rodovia principal de acesso à Maragogi, todo este trecho foi favorecido para implantação de modelos de turismo de menor escala e não de *resorts* que precisam de uma estrutura mínima básica nos lugares em que se instala.

Outro ponto relevante da Rota Ecológica é a interação existente entre uma atividade moderna (turismo) e atividades tradicionais locais, o que tem o poder de contribuir para fortalecer o sentimento de pertencimento e de identidade da comunidade no geral, através da redescoberta do passado cultural, representado em suas diversas tradições, histórias, aspectos linguísticos e manifestações artísticas. Por exemplo, ao estudar a oferta turística de Malta, no Mediterrâneo, centrada no turismo cultural, Bramwell (2003) constatou que a valorização do patrimônio cultural pelo turismo, fez com que a população local percebesse positivamente a atividade turística em seus lugares e assim houve um acréscimo na autoestima dos malteses.

Desta maneira, é necessário que sejam desenvolvidas ações voltadas a conservar e proteger atividades socioeconômicas que contribuem para o patrimônio local, para que ele seja desta forma reconhecido e valorizado como bem comum pela população local. Essas características se somam aos fatos históricos e ao patrimônio cultural mais amplo desses lugares (Figura 30) (MASTER ECOPOLIS, 2010). No conjunto, pode ser um atrativo importante para a atividade turística de forma a complementar o turismo de “sol e mar”, articulando os lugares e ampliando as oportunidades de desenvolvimento locais.

Figura 30: Patrimônio Cultural



Fonte: Master Ecopolis (2010, p.56).

3.1.2 Aspectos Culturais

A área formada pela Rota Ecológica, composta pelos municípios de Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras, é rica em tradições e festejos culturais. Neste estudo foram reconhecidas as seguintes manifestações culturais locais: Caboclinho; Pastoril dos Homens, uma espécie de vingança ao pastoril das mulheres (Figura 31); a Chegança, que é uma homenagem aos marinheiros que chegavam à região; o Pagode; Coco de Roda; as Baianas, quadrilhas, cirandas; todas elas foram citadas pela população local como as mais relevantes dos seus lugares, demonstrando similaridade quantos aos aspectos culturais dos três municípios que fazem parte da Rota Ecológica.

Figura 31: Pastoril dos Homens de São Miguel dos Milagres



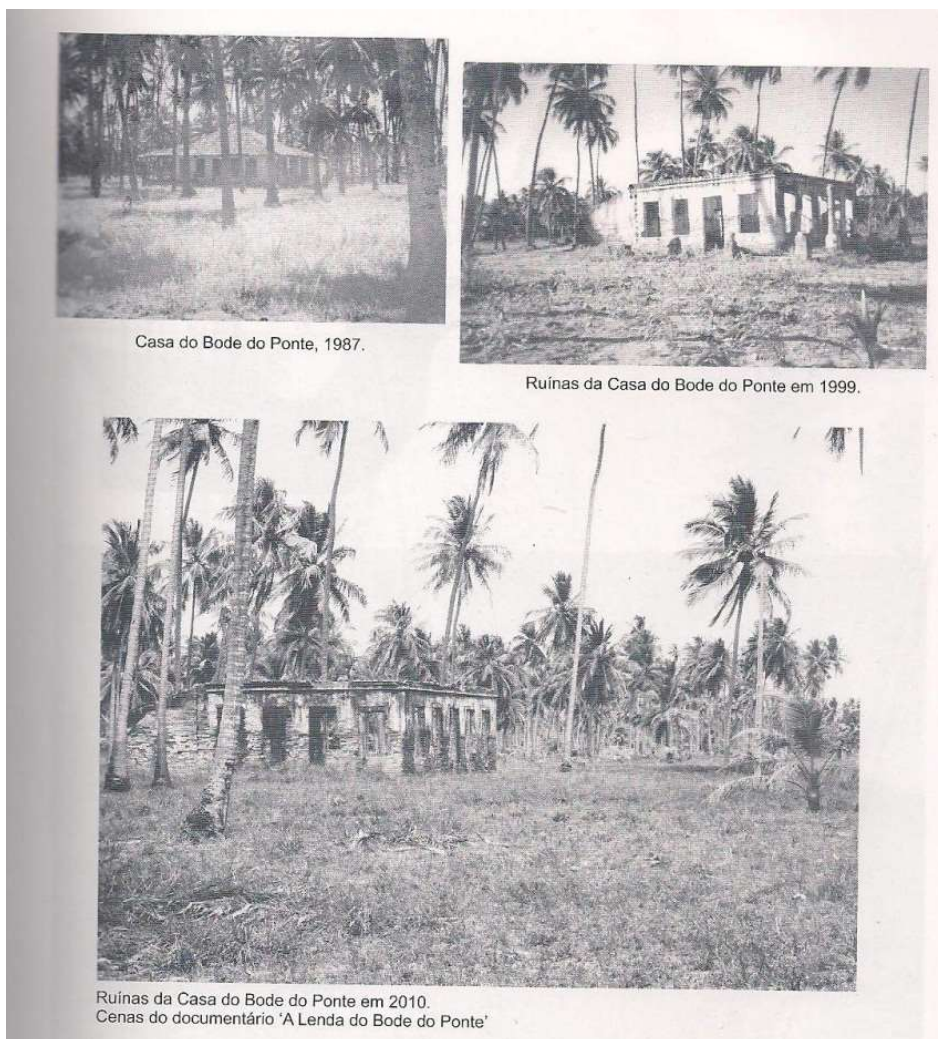
Fonte: G1 AL

Nesse contexto de aspectos culturais da Rota Ecológica, várias são as memórias populares embutidas no cotidiano e no folclore de sua população. Dentre as lendas mencionadas pelos moradores, as que mais se destacam são: a da história do nome de São Miguel dos Milagres, que é atribuída à cura milagrosa de um pescador que encontrou a imagem de São Miguel Arcanjo em um momento em que estava pescando e a lenda da Moça da Capa Preta. Algumas histórias perpetuam lendas no lugar, como é o caso da lenda do Bode do Ponte, que supostamente se passaria nas ruínas de uma antiga casa próximo à praia de São Miguel dos Milagres (Figura 32/ Figura 33) e que já foi tema de um documentário em 2012, dirigido pelo cineasta alagoano Pablo Gomes, nascido no lugar e que de algum modo ajuda a perpetuar o folclore local. Entre a população local, alguns moradores já disseram ter ouvido o bode e toda a história em torno do bode do ponte é levado sério principalmente pelos mais antigos.

Outras lendas e histórias também povoam o imaginário das pessoas da região, como a história em Porto de Pedras, que, segundo os locais, quando D. Pedro II visitou o lugar ele se

sentou para descansar no oitizeiro, na subida para o mirante do farol (Figura 34). E também a lenda da árvore secular no cruzeiro de São Miguel dos Milagres, segundo a qual nunca caiu nenhuma folha dessa árvore até hoje (Figura 35).

Figura 32: Fotos das ruínas da casa do bode do ponte antigas



Fonte: SILVA (2012, p.17)

Figura 33: Ruínas da Casa recente da lenda do Bode do Ponte, município de São Miguel dos Milagres



Fonte: LTTD/UFAL 2015.

Figura 34: Oitizeiro na subida do farol náutico em Porto de Pedras



Fonte: LTTD/UFAL 2015

Figura 35: Foto da Revista “O Natal” de dezembro de 1939 falando sobre a árvore secular em São Miguel dos Milagres



No município de Porto de Pedras, dentre as manifestações as Mucambinas são as mais conhecidas. Já no povoado de Barra de Camaragibe (pertencente à Passo de Camaragibe), as tradições locais são parecidas com os demais municípios da Rota Ecológica; destacando-se a festa de São Pedro no mês de junho na Colônia de Pescadores. Essa festa é tradicional em lugares de pesadores e onde há colônias de pesca, já que este santo é considerado protetor dos trabalhadores do mar. É necessário ressaltar que s três municípios, com seus povoados, compartilham muito do folclore e tradições culturais.

Quando a atividade turística chega à determinada área, ela encontra lugares cheios de significados, experiências, e aspirações humanas, como nos diz Mariani (2002). Em função disso, Panosso Netto (2010) afirma que, dentre outros aspectos, o turismo inevitavelmente causa mudanças nas sociedades afetadas por ele e à sua economia, e complementando o raciocínio, Xavier (2007) afirma que as pessoas das comunidades que são turistificadas desenvolvem uma capacidade de perceber tais mudanças; é o que ele chama de “percepção geográfica”.

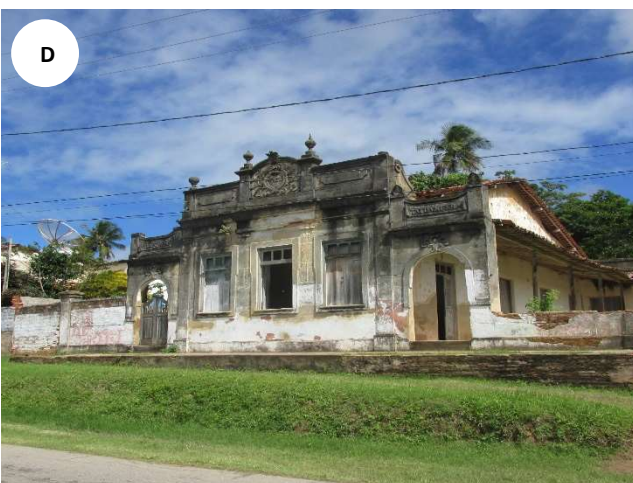
Em toda área da Rota Ecológica há a presença considerável de patrimônio histórico e cultural. Neste aspecto se destacam os municípios de Passo de Camaragibe e Porto de Pedras que possuem um acervo arquitetônico já trabalhado em projeto de Extensão da Universidade Federal de Alagoas. O primeiro de Porto de Pedras com o título: Inventário Arquitetônico do Município de Porto de Pedras – Sede Urbana (etapa 1 e 2), PROEX nº 014, no ano de 2005. O segundo de Passo de Camaragibe, com o título: Inventário do Patrimônio Arquitetônico de Passo de Camaragibe do ano de 2010. Isso demonstra que:

Arquiteturas têm identidades construídas pela forma como organizam a vida dos homens entre espaços, mas principalmente por seus atributos físicos. Reconhecemos paisagens, cidades e edifícios pelos elementos que os compõem, a forma como são arranjados e os materiais aplicados (AMORIM apud FERRARE et al, 2005, p.3).

O documento apresenta um levantamento fotográfico e gráfico dos imóveis. Além de levantamento das características arquitetônicas – materiais empregados, coroamento, revestimento, molduras, cores predominantes, pisos, tetos etc- dimensões das edificações, época da construção das fachadas e classificação do estado de preservação do imóvel “Os elementos arquitetônicos, indicadores do vínculo tipológico – estilístico com a herança da arquitetura colonial brasileira, bem como a expressão vernacular de alguns exemplares se

constituíram nos parâmetros que selecionaram 71 unidades” (FERRARE et. al, 2005, p.5) São vários edifícios nos povoados de importante valor cultural e histórico (Figura 36):

Figura 36: Parte do Patrimônio Histórico dos municípios da Rota Ecológica





A: Cadeia Pública – Porto de Pedras

B: Fórum em Porto de Pedras

C: Igreja no povoado Tatuamunha – Porto de Pedras

D: Casa em Tatuamunha - Porto de Pedras

E: Casa no povoado de Tatuamunha – Porto de Pedras

F: Casa em Tatuamunha – Porto de Pedras

G: Igreja em Porto de Pedras

H: Casa de 1938 São Miguel dos Milagres

Fonte: LTTD/ UFAL 2015

Normalmente todos os componentes formadores do patrimônio histórico e cultural dos lugares turísticos, que em muitos lugares faz parte dos próprios atrativos turísticos, se transformam por causa do turismo. Em alguns casos, as mudanças podem ser tão profundas, ao ponto de gerar um fenômeno que é denominado de “efeito de demonstração” (PEARCE, 2003), pelo qual, depois de expostos por muito tempo à presença dos turistas no seu lugar, os moradores locais passam a copiar o comportamento dos visitantes, e a alterar sua própria cultura. Assim, em lugares como os que formam a Rota Ecológica é normal que certos aspectos da cultural local, como as manifestações folclóricas, mudem ao longo do tempo, devido à exposição das comunidades ao turismo.

Entretanto, no caso deste estudo, verificou-se que, na visão dos moradores, como será visto no terceiro capítulo deste texto, eles não parecem perceber tal tipo de alteração, correlacionados à presença ou interferência das pousadas da Rota Ecológica nas manifestações culturais locais. No que de certa pode parecer paradoxal, os residentes explicam que na verdade esse tipo de hospedagem tem incentivado a continuidade do folclore e cultura locais, já que, na visão deles, esses aspectos do lugar são mais um atrativo para os hóspedes das pousadas. Talvez

essa dinâmica pudesse ser diferente caso a oferta turística da Rota Ecológica tivesse sido baseada nos moldes do turismo de massa.

Como essas pousadas estão alinhadas mais as características das formas alternativas de turismo, nas quais a cultura das comunidades visitadas é importante para os turistas, talvez por isso não tenha ainda ocorrido mudanças perceptíveis pelos moradores. Alguns deles comentam que na verdade essas manifestações estão sendo de alguma forma esquecidas pela falta de apoio do poder público local e da própria comunidade com as novas gerações que não possuem o mesmo interesse que os mais antigos.

Entretanto, apesar da visão negativa de determinados moradores, há alguns eventos que são patrocinados ou apoiados pela prefeitura e por empresários locais (Figura 37); eles patrocinam grupos folclóricos da Rota Ecológica para que possam se apresentar em feiras culturais e em eventos de divulgação do turismo de Alagoas, incluindo a própria Rota Ecológica. Por exemplo, entre setembro e novembro ocorrem alguns festejos tradicionais dos municípios da Rota Ecológica, contando com diversas apresentações, apoiados pela iniciativa privada e poder público local. Porém, esse tipo de incentivo ainda é insuficiente para que seja realizada uma promoção cultural mais eficaz dos municípios dessa parte de Alagoas.

Figura 37: Cartaz do evento I Milagres Fest 2014



Fonte: LTTD/ UFAL 2014

De acordo com as comunidades destes municípios, os turistas e pousadeiros têm a preferência pela cultura local sem muitas alterações, e este seria um ponto que ainda segundo os locais precisa ser mais bem trabalhado e valorizado. Ainda sobre esta questão, entre as pousadas da Rota Ecológica, a pousada do Toque foi a mais citada como pioneira no incentivo a essas manifestações da cultura local. Em São Miguel dos Milagres, município que possui a maior quantidade de pousadas da Rota Ecológica e estabelecimentos de oferta turística, há empresários interessados em difundir mais o folclore e cultura do lugar, tendo a ideia de promover, no período de alta temporada da Rota Ecológica, apresentações no município e entorno.

Parece haver entre os moradores uma sensação de que com o passar do tempo e falta de incentivo às manifestações culturais locais elas estão desaparecendo. É necessário se ponderar já que, nesses tempos de globalização, a maioria dos lugares vem passando por transformações nas suas tradições folclóricas e culturais em geral. Praticamente todos os lugares do mundo têm enfrentado mudanças, maiores ou menores, que se manifestam melhor a cada nova geração. Assim, novos comportamentos, ou padrões de comportamento, são estabelecidos, em que as inovações tecnológicas predominam em detrimento da memória e de valores locais. Enquanto esse é um fenômeno geral, nos lugares em que o turismo penetra as mudanças podem ser rápidas (KNAFOU, 1996) devido aos avanços nos meios de transporte e das comunicações, principalmente nos lugares e destinações turísticas.

No caso específico da Rota Ecológica, pode-se deduzir que há um processo de mudanças no cenário cultural local, devido, em parte, à introdução do turismo localmente. Todavia, enquanto as alterações ocasionadas pelo turismo na cultura de um lugar pode se apresentar de forma negativa, gerando efeitos de demonstração como os mencionados acima, pode ser que devido ao estágio da Rota Ecológica, no seu ciclo de vida (BUTLER, 1980), e a predominância de uma oferta turística alternativa, a atividade turística nesse trecho de Alagoas parece que ainda não causou interferências significativas. Ao menos isso tem ocorrido nas características culturais locais, com as transformações se manifestando mais na introdução de novos comportamentos e posturas dos visitantes, e menos no comportamento dos moradores da Rota Ecológica. Pode ser também que tal configuração se dê apenas por uma questão de tempo, por isso como Rodrigues (2006) argumenta a necessidade de entender as consequências das transformações culturais e simbólicas exercidas pelo turismo nas comunidades anfitriãs, promovidas pela chegada do turismo e dos turistas. Assim, no caso da Rota Ecológica, seria

interessante que fossem realizadas pesquisas longitudinais, usando diferentes metodologias, buscando entender as mudanças em curso.

3.1.3 Aspectos Ecológicos

Um dos aspectos mais pesquisados nas últimas décadas, a respeito da influência do turismo nos lugares e destinações turísticas, são as alterações que ele pode causar no meio ambiente (GODFREY, 2011; CROCIA, 1998; GUNN, 1994). Talvez a principal razão para uma ênfase na busca por uma compreensão das alterações que o turismo pode causar no meio ambiente se justifique, pois como Butler (1980) propôs em seu influente artigo, o turismo tem a capacidade de destruir a base de recursos cuja atratividade motivou o desenvolvimento do turismo em milhares de lugares em todo o mundo.

Antes da chegada das pousadas da Rota Ecológica nos três municípios em questão, o meio ambiente nessa área era praticamente intacto, as praias quase não possuíam interferência humana. Atualmente, a área de localização da Rota Ecológica tem sofrido com a poluição, seja por esgoto não tratado, seja pelo lixo jogado a céu aberto em muitos lugares. Entretanto, a poluição maior é causada pelos próprios moradores, e não pelas pousadas da Rota Ecológica ou pelos turistas que se hospedam nelas. Os moradores não associaram as pousadas em questão a problemas ambientais; nesse aspecto, a crítica é normalmente direcionada ao poder público.

Esse processo de poluição vem como consequência principalmente da evolução, do progresso e dos outros tipos de ocupação presentes nestes lugares, os quais têm degradado o meio ambiente ao longo desse trecho do litoral de Alagoas. Apesar da existência dos problemas de poluição mencionados acima, atualmente já existe uma conscientização ambiental da população local, fenômeno que tem tido um expressivo crescimento nesses lugares, principalmente após a chegada dessas pousadas e os projetos ambientais promovidos pelo ICMBio e parceiros locais.

O turismo que vem sendo praticado pelas pousadas da Rota Ecológica também mantém estreitas relações com o conceito de ecoturismo, que é a segmentação turística mais difundida como sustentável, uma vez que os pilares da sustentabilidade que estão na melhoria nos lugares, em relação aos aspectos ambientais, econômicos e sociais (SILVA, 2007). Apesar de alguns turistas que optam por uma oferta de turismo de massa podem ter um comportamento em contato preocupado com as questões ambientais do lugar que visita, evidentemente que um

turista alternativo, ou que se interesse por áreas mais remotas e bem preservadas ambientalmente, tende a ter uma preocupação maior e mais clara com o meio ambiente.

Obviamente, a própria construção dessas pousadas causa transformações no meio ambiente, entretanto são modificações pontuais, e muito diferentes, em profundidade e escala, dos problemas causados pelos empreendimentos do turismo de massa, empreendimentos esses que assumem frequentemente a forma de grandes hotéis, parques temáticos, e *resorts*.

Na área da Rota Ecológica também está presente, no município de Porto de Pedras, a sede do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). O ICMBio ajudou na formação de uma associação dos condutores do passeio de turismo de observação do peixe-boi marinho (*Trichechus manatus*), no rio Tatuamunha (Figura 38), em cooperação com o Ministério Público Federal. É uma atividade associativa e com cuidados especiais a esse animal que apresenta uma ótima readaptação ao ambiente natural neste trecho do litoral de Alagoas, no qual ele ocorrida de forma abundante no passado. Portanto, de alguma forma esse projeto ajuda a recuperar aspectos das características naturais dos lugares litorâneos da região.

O passeio para ver o peixe-boi é um atrativo-chave da área. Embora não tenha sido criado pelas pousadas da Rota Ecológica, há uma interação entre o projeto e as pousadas, pelo que as pousadas fazem a propaganda dessa oferta. Os proprietários das pousadas souberam articular sua oferta turística com o projeto do peixe-boi, sensibilizando seus hóspedes para comparem passeios de observação do peixe-boi. Em última instância, trata-se de um produto de turismo alternativo para a região, adaptado às necessidades de conservação ambiental local, contribuindo para a conservação dos ecossistemas locais e proporcionando renda complementar para os pescadores vinculados ao projeto, sem que os condutores-pescadores abandonem a pesca totalmente.

Constatou-se que o passeio de jangada pelo rio Tatuamunha é realizado com muito critério, o que pode ajudar a influenciar outras práticas conservacionistas na região (CAMÊLO, 2013). Muitas vezes projetos ambientais pontuais ganham expressão geográfica mais ampla, passando a interagir com diversas dimensões dos lugares, incluindo aspectos sociais, econômicos e culturais, tendo o poder de fortalecer ou fragilizar os lugares habitados e a relação da população com eles.

Figura 38: Local em que é realizado o passeio de turismo de observação do peixe-boi – Tatuamunha- Porto de Pedras



A: Rio Tatuamunha

B: Placa da Associação Peixe-Boi

Fonte: LTTD/UFAL 2012

A presença do ICMBio na Rota Ecológica, tanto com a presença de uma base em Porto de Pedras quanto por suas ações como instituição ambiental do governo federal, pode adicionalmente ter contribuído para a prevenção de problemas ambientais na nesses lugares, que poderiam ser causados por empresários dos empreendimentos turísticos ou pela própria população em geral. Essa instituição vem promovendo projetos e programas em relação à preservação da natureza e à conservação ambiental na área da Rota Ecológica e áreas circunvizinhas, trabalhando também na fiscalização de irregularidades, assim como na recuperação de áreas de manguezais degradadas.

Houve relatos de que o proprietário de uma pousada e empresários do ramo imobiliário tentaram cercar algumas áreas de mangue locais, mas com manifestações da população local, e com a interferência do ICMBio junto ao Ministério Público Federal essa questão foi resolvida. Situações como estas parecem sugerir que, a despeito da Rota Ecológica contar com uma oferta de meios de hospedagem associados a uma forma alternativa de turismo, é necessário que o poder público se faça presente, com o objetivo de cumprir sua missão institucional de gestão ambiental.

Não há dúvidas, portanto, de que a presença do ICMBio na Rota Ecológica é importante para a manutenção do principal atrativo local que é a natureza. Instituições oficiais ligadas à esfera ambiental, associações de moradores e da sociedade civil, além de ONGs locais possuem o papel de amenizar as interferências do desenvolvimento econômico no meio ambiente local. Podendo essas interferências serem causadas tanto pela atividade do turismo não planejado ou

de massa, quanto pelo uso dos lugares apenas para interesses econômicos de pequenos grupos econômicos ou empresas que, podem estar interessados apenas no alcance dos seus objetivos individuais.

Ficou claro neste estudo que o ICMBio é o principal agente de diálogo nas relações com o meio ambiente, por parte da população local, empresários locais e dos turistas. A presença do ICMBio é bastante forte na área da Rota Ecológica devido a dois aspectos principais. Primeiro, toda a extensão Rota Ecológica está na influência direta da Área de Proteção Ambiental (APA) Costa dos Corais. Segundo, a área abriga o projeto de reintrodução do peixe-boi marinho na região, que se constitui também em atrativo ecoturístico. No conjunto, ou seja, a soma desses dois aspectos ligados ao meio ambiente, mais o fato de as pousadas da Rota Ecológica se alinharem as formas alternativas de turismo, transparece neste estudo, que os lugares que participam do turismo não sofreram alterações ambientais significativas, do ponto de vista negativo, interpretação reforçada pelos moradores locais.

Outro fato positivo que vem ocorrendo nessa área após a chegada das pousadas é que a coleta do lixo tem melhorado, já que antigamente o lixo era queimado ou colocado em valas nos quintais das pessoas. A presença desse tipo de turismo nesses lugares – fundado em pousadas cuja oferta turística é dependente da qualidade ambiental, pousadas essas que ofertam empregos para pessoas do lugar e que compram produtos e adquirem serviços informais das localidades – que valoriza deliberadamente a preservação da natureza e a qualidade ambiental, parece apresentar características positivas na região, como percebido pela comunidade local, quando algumas pessoas mencionam abertamente que os problemas ambientais no lugar não vem das pousadas em questão.

As pousadas da Rota Ecológica, pelos relatos obtidos através das entrevistas, parecem se engajar em projetos ambientais locais, como os mutirões de limpeza de praias que ocorrem periodicamente nos três municípios dessa área, que será mais detalhado com imagens no terceiro capítulo. Essa postura das pousadas parece coerente com esse tipo de oferta turística – de pequeno porte e associado ao turismo alternativo –, até porque é de interesse delas que a natureza seja mantida com bom nível de preservação, já que um dos focos desse tipo de hospedagem é proporcionar a seus hóspedes a experiência de um lugar em que os ecossistemas estejam protegidos e que o meio ambiente esteja bem conservado, demonstrando ao visitante que ela também – a pousada na qual ele está hospedado – se preocupa com o meio ambiente e se engaja em atividades com o fim de conservá-lo.

Este dado vai em consonância com a pesquisa de Carvalho (2014) nas entrevistas com os proprietários das pousadas da Rota Ecológica do trecho em São Miguel dos Milagres em que estes afirmam ter uma responsabilidade ambiental com os lugares e com as comunidades em que estão estabelecidos como será visto no próximo subitem de caracterização das pousadas da Rota Ecológica.

Esse posicionamento dos moradores da área da Rota Ecológica difere substancialmente das previsões de Doxey (1975) – modelo Irridex –, visto no capítulo de metodologia deste texto, normalmente associadas ao turismo de massa, pelas quais a população dos lugares explorados pelo turismo tende, com a evolução do lugar turístico, a ficar irritada com a atividade, podendo, inclusive, desenvolver uma aversão aos turistas. No caso específico da Rota Ecológica, não se pode saber ainda se o posicionamento favorável dos entrevistados ao turismo das pousadas locais está intrinsecamente ligado ao tipo de pousada, ou se, mais uma vez, é uma questão de tempo. Entretanto, outros lugares semelhantes à Rota Ecológica, como é o caso de Treasure Beach, na Jamaica (CONWAY; TIMMS, 2012) a situação é semelhante à da Rota Ecológica.

Se comparado com destinos de turismo de massa localizados na região Nordeste do Brasil, como no caso do estudo de Brandão (2013), que investigou Porto de Galinhas (PE), Pipa (RN) e Praia do Forte (BA), percebe-se que a forma de desenvolvimento turístico adotado pelas pousadas da Rota Ecológica, associada a formas alternativas de turismo, pode ser considerado um modelo mais brando e com menores alterações ambientais negativas nos lugares em que está estabelecido. A Rota Ecológica parece ter maior similaridade, ambientalmente, com a forma pela qual o turismo vem sendo praticado na Jamaica, no trecho de litoral chamada de *Treasure Beach*. De acordo com Timms e Conway (2012), que estudaram esse caso, diferentemente do restante dos lugares e destinações turísticas da Jamaica, este destino resolveu aderir à concepção e filosofia do chamado *slow tourism*, já abordado nesse estudo, que inclui características do turismo sustentável em suas ações, promovendo uma maior conservação ambiental e preservação da natureza nos lugares em que se instala. Este parece ser também o caso da Rota Ecológica.

Assim, em relação às questões ambientais da Rota Ecológica, fica claro, com base neste estudo, que a interferência negativa das pousadas locais é mínima, já que na visão dos moradores as pousadas na verdade possuem o interesse na preservação da natureza e na conservação do meio ambiente, mantendo-se uma relação sustentável e ecologicamente correta com os lugares envolvidos. Até porque estes aspectos parecem estar intimamente ligados à proposta de experiência turística dessas pousadas, não apenas como consta dos seus respectivos

sites, mas também como se observou em campo, e com base na visão dos moradores entrevistados para este estudo.

Não significa que essas pousadas, e os turistas que nelas se hospedam, não causem nenhum problema ambiental. Por definição, as atividades socioeconômicas inevitavelmente alteram o meio ambiente. Entretanto, apenas problemas pontuais com determinadas pousadas em específico foram citados, mas que já foram resolvidos pelos órgãos competentes cuja ação incide sobre o lugar. Constatou-se que os problemas ambientais maiores, sobretudo aqueles causados por esgoto e pelo lixo, vêm da própria comunidade e de outros estabelecimentos comerciais do município, que não as pousadas da Rota Ecológica.

3.2 As pousadas da Rota Ecológica

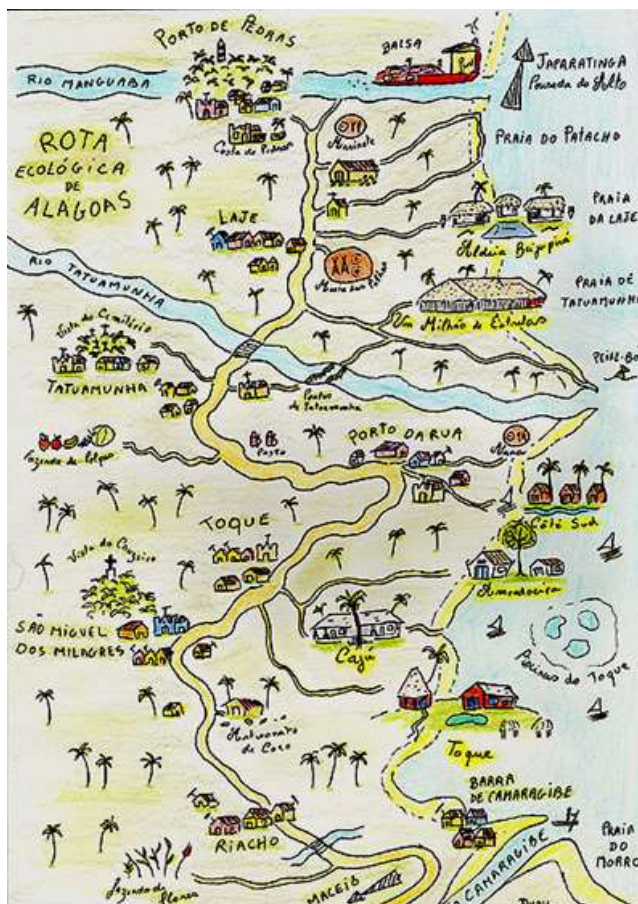
As pousadas da Rota Ecológica, como já mencionado anteriormente, se instalaram em três municípios do litoral norte de Alagoas – Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras apresentando características diferentes de outros estabelecimentos hoteleiros nas proximidades, a exemplo de Maragogi e seus *resorts*. Estas pousadas possuem uma filosofia diferente daquela usada pelas grandes redes de hotéis e de *resorts*, oferecendo uma proposta com maior integração e conservação do meio ambiente, além de estímulo à economia local e maior interação com a comunidade residente (Figura 39 e Figura 40).

Figura 39: Foto interna da pousada Riacho dos Milagres localizada no município de São Miguel dos Milagres.



Fonte: LTTD/UFAL 2012

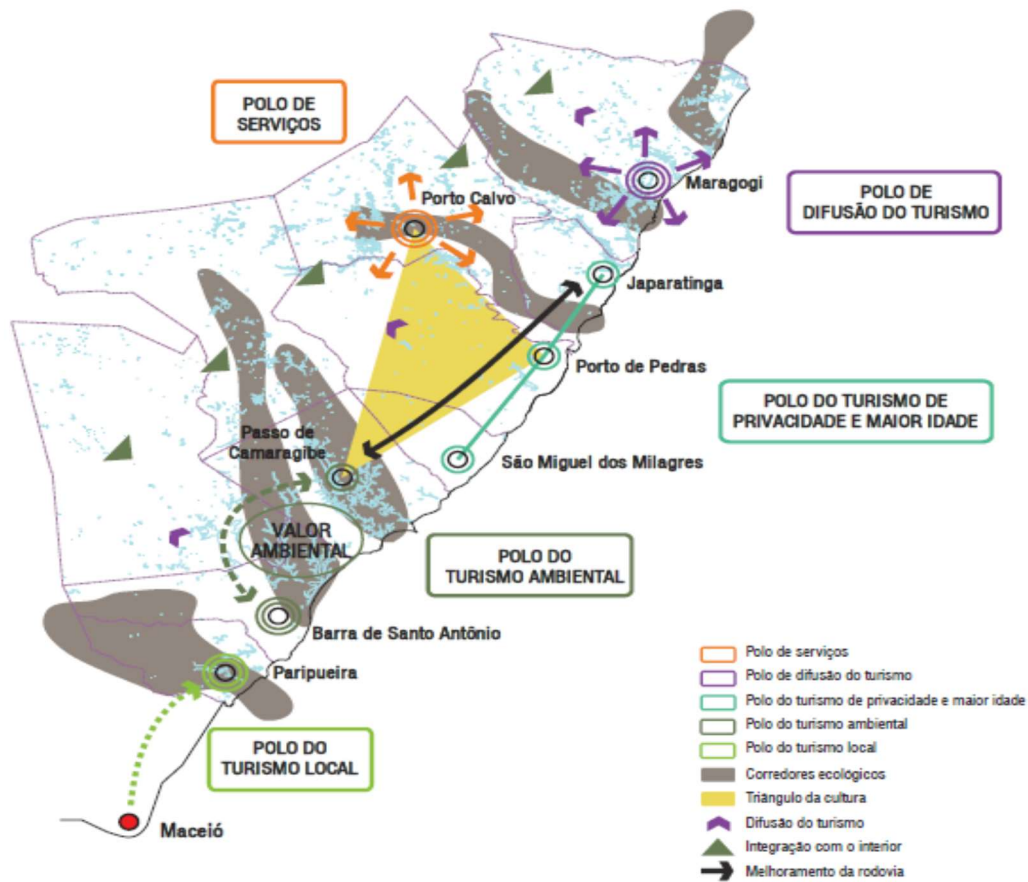
Figura 40: Desenho ilustrativo da Rota Ecológica



Fonte: Blog Viaje na viagem, 2007

No estudo Ecopolis (2010) os pesquisadores chamam o turismo praticado por essas pousadas de turismo de privacidade (Figura 41). Sua maior característica é se configurar como um tipo de turismo diferente ao praticado no restante do litoral alagoano, mais ameno em suas implicações ambientais e também sociais. Mesmo com denominações diferentes, o conceito é o mesmo sobre as práticas desses empreendimentos baseados na perspectiva de turismo alternativo e de baixo impacto.

Figura 41: Características territoriais gerais do litoral norte de Alagoas

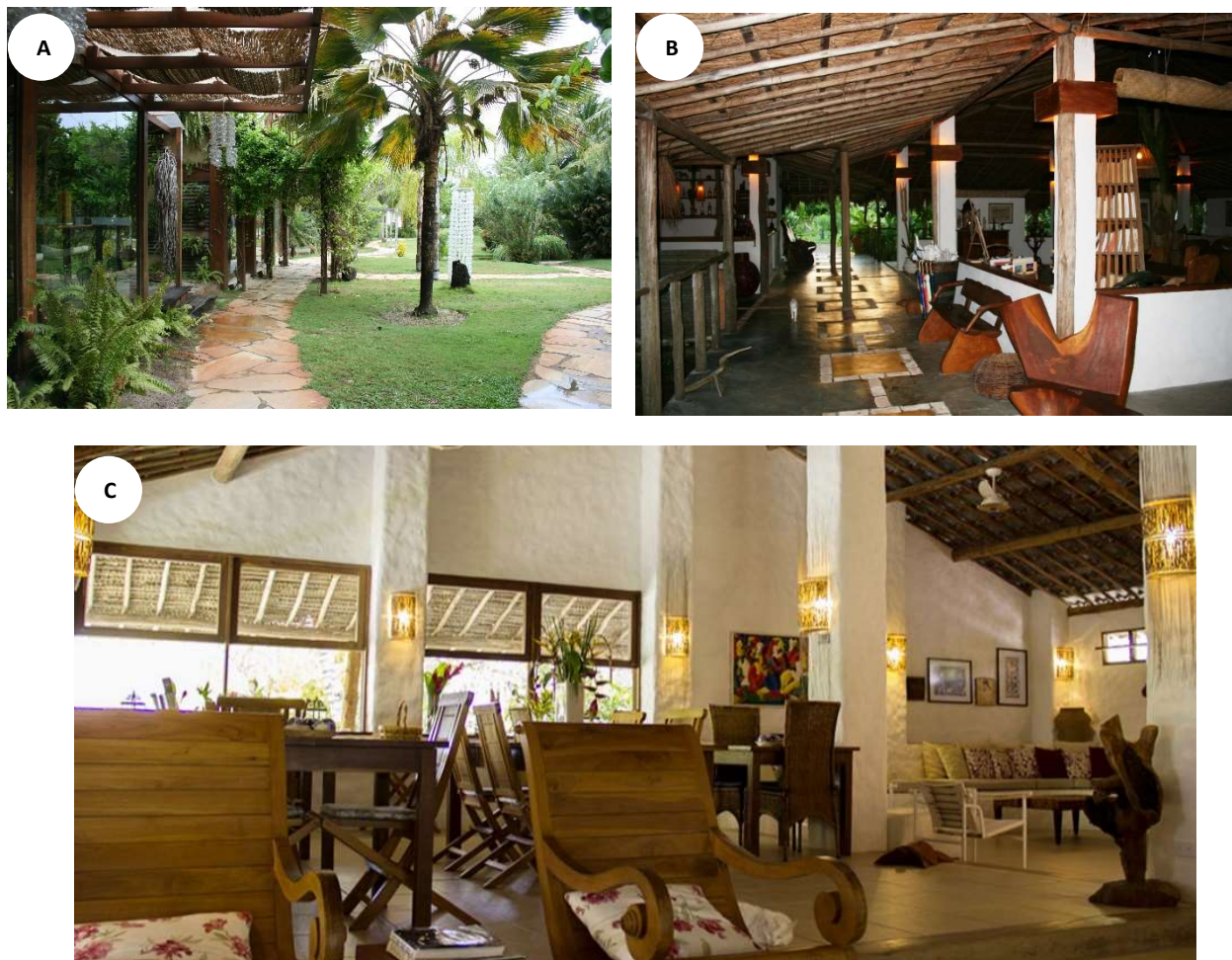


Fonte: MASTER ECOPOLIS (2010, p.85)

A orientação turística praticada por essas pousadas é influenciada de alguma forma pelo chamado “turismo de charme”, que envolve hotéis, pousadas e rotas naturais (ROTEIROS DE CHARME, 2012), consistindo de uma oferta de certa forma oposta ao do turismo de massa, do qual os *resorts* são o maior símbolo. O Roteiro de Charme apresenta em seus meios de hospedagem no Brasil as seguintes características principais: poucas unidades de apartamentos, bangalôs ou chalés; decoração dos ambientes baseado no charme; exclusividade e atendimento personalizado dado aos clientes; preocupação com aspectos ambientais ligadas à gestão ambiental, como reciclagem do lixo, uso de fontes alternativas de energia, uso de produtos orgânicos e plantação de hortas; além dessas pousadas participarem de projetos ambientais e sociais nos lugares que se instala, valorizado as características identitárias dos lugares/regiões

que eles exploram para o turismo e lazer (ROTEIROS DE CHARME, 2012). Na Rota Ecológica a Pousada do Toque é a única que faz parte da Associação de Hotéis e Roteiros de Charme. Mesmo não participando da Associação de Hotéis e Roteiros de Charme as demais pousadas da Rota Ecológica possuem o mesmo estilo e filosofia (Figura 42):

Figura 42: Fotos internas de Pousadas da Rota Ecológica



A: Pousada do Toque - São Miguel dos Milagres

B: Pousada Aldeia Beijupirá – Porto de Pedras

C: Pousada Infinito Mar – Passo de Camaragibe

Fonte: A e B – LTTD/ UFAL 2012; C – www.pousadainfinitomar.com.br

Quanto a origem dos proprietários dessas pousadas a maioria é formada por estrangeiros (Quadro 10) e tendo no seu quadro de funcionários pessoas das comunidades nas quais se localizam.

Quadro 10: Quadro das Pousadas da Rota Ecológica

Pousadas da Rota Ecológica	Município	Nacionalidade do proprietário	Ano de início das atividades das pousadas
Pousada Infinito Mar	Passo de Camaragibe	Argentinos	2010
Pousada Riacho dos Milagres	São Miguel dos Milagres	Brasileiros	2007
Pousada do Toque	São Miguel dos Milagres	Brasileiros	2000
Pousada Acayu (antiga Pousada do Cajú)	São Miguel dos Milagres	Portugueses	2003
Pousada da Amendoeira	São Miguel dos Milagres	Israelense e Brasileira	2004
Pousada Origami	São Miguel dos Milagres	Brasileiros	2009
Pousada Villa Plantai	São Miguel dos Milagres	Brasileira	2004
Pousada Côté Sud	São Miguel dos Milagres	Franceses	1999
Pousada do Sonho	São Miguel dos Milagres	Italiano	2008
Pousada do Patacho	Porto de Pedras	Franceses	2008
Pousada Aldeia Beijupirá	Porto de Pedras	Portugueses	2005
Pousada Borá Pira	Porto de Pedras	Portugueses	2005
Pousada Xuê	Porto de Pedras	Italiano	2012

Fonte: Adaptado de Camêlo; Silva (2012); Carvalho (2014)

Além dos aspectos mencionados acima, em sua maioria, são pousadas cujo planejamento, gestão e operação valorizam ações ligadas a aspectos do conceito de sustentabilidade, como reciclagem do lixo, compostagem dos restos de material orgânico, horta agroecológica, projeto adaptado às condições naturais locais, adoção de parceria com serviços locais etc. (CAMÊLO, 2013). Mesmo que frequentemente esses empreendimentos ocupem partes dos Terrenos de Marinha, a interferência é considerada amena se comparada as alterações territoriais de outros tipos de meios de hospedagem associados principalmente ao turismo de massa.

A principal distinção das pousadas locais está em oferecer gastronomia fina, tranquilidade, conforto, estilo, descanso etc. De acordo com o Quadro 11, do estudo de Carvalho (2014) sobre as seis pousadas da Rota Ecológica que estão localizadas em São Miguel dos Milagres, esses empreendimentos oferecem serviços diferenciados, exclusivos e de qualidade, procurando superar as expectativas dos seus clientes. Seus hóspedes são um público com um alto poder aquisitivo, proveniente principalmente das regiões Sul e Sudeste, e estrangeiros. Portanto, os conceitos de exclusividade, conforto e preocupação com o meio ambiente são alguns dos seus diferenciais. São características que se assemelham ao conceito dos Roteiros de Charme, que integram o hóspede em alguns aspectos a realidade local (ASSOCIAÇÃO DE HOTÉIS E ROTEIROS DE CHARME, s.d.).

Quadro 11: Características associadas às pousadas da Rota Ecológica em São Miguel dos Milagres¹⁹

CARACTERÍSTICAS	NÚMERO DE POUSADAS					
GASTRONOMIA	■	■	■	■	■	■
TRANQUILIDADE	■	■	■	■	■	■
CONFORTO	■	■	■	■	■	■
CHARME	■	■	■	■	■	■
SEGURANÇA	■	■	■	■	■	■
ESTILO	■	■	■	■	■	■
ROMANCE	■	■	■	■	■	■
DESCANSO	■	■	■	■	■	■
ACONCHEGO	■	■	■	■	■	■
LUXO	■	■	■	■	■	■
REQUINTE	■	■	■	■	■	■

Fonte: Carvalho (2014).

¹⁹ Número de pousadas que mencionaram item.

Como não poderia deixar de ser, a inserção dessas pousadas na Rota Ecológica trouxe, em maior ou menor grau, modificações para as atividades socioeconômicas desses lugares. Entretanto, se pode deduzir que tais modificações têm sido muito mais brandas e diferentes em escala e profundidade das alterações que normalmente são causados pelo turismo de massa. A Figura 43 mostra algumas características da área que comporta as pousadas da Rota Ecológica, a maior parte associada ao turismo, o que demonstra como são intervenções brandas, em relação ao ambiente local, se comparadas às ofertas de turismo de massa de outros lugares.

Figura 43: Imagens da Rota Ecológica



- A:** Placa da Rota Ecológica – Pousada Origami **D:** Pousada Riacho dos Milagres-visão da praia
B: Quarto da Pousada Borapirá – Porto de Pedras **E:** Pousada do Toque – vista interna
C: Clube de Futebol de São Miguel dos Milagres **F:** Pescador em Praia do Marceneiro

Nesse sentido de acordo com Carvalho (2014, p. 40) “[...] houve uma organização dos proprietários de pousadas na região para ofertar serviços turísticos valorizando a paisagem natural, a população e a cultura local”. Essas pousadas possuem número de apartamento variando entre 8 UHs (Unidades Habitacionais) e 17 UHs, variando assim entre 12 e 40 leitos. São, portanto meios de hospedagem com baixa densidade de ocupação, proporcionando menores alterações ambientais nesses lugares, além de integrar os visitantes com as comunidades locais.

No perfil dos visitantes que atualmente frequentam as charmosas e luxuosas pousadas do município da Rota Ecológica, percebe-se o interesse e busca pela interação e aprendizado acerca de aspectos locais da cultura. Além dos aspectos bucólicos e particulares das comunidades e povoados dos municípios, ainda existem abundantes e genuínas manifestações culturais que devem ser agregadas dentro de uma experiência turística sustentável (ALAGOAS, 2011, p.447).

Os donos das pousadas da Rota Ecológica em sua maior parte vieram de grandes centros urbanos, e ao visitarem essa área primeiramente como turista despertaram o interesse de viver ali com um estilo de vida mais saudável. Decidiriam então empreender nesses lugares, mas procurando sempre se adequar as localidades, com uma proposta de baixa intervenção ao meio ambiente e integração com a comunidade local (CARVALHO, 2014). Além disso, as pousadas durante a pesquisa de Carvalho (2014) afirmaram que possuem ações voltadas aos seus funcionários como segurança no trabalho, promoção da saúde, ajuda de custos em consultas médicas e parcerias de cursos de treinamento com o SEBRAE.

As pousadas da Rota Ecológica também afirmam comprar produtos e serviços locais como frutos do mar, artesanato e serviços como os passeios de jangada, táxi, contratação de profissionais da construção civil pertencentes à comunidade local (CARVALHO, 2014) como pode ser visto no Quadro 12, relativo ao estudo das seis pousadas da Rota Ecológica em São Miguel dos Milagres:

Quadro 12: Produtos comprados pelas pousadas

PRODUTOS	NÚMERO DE POUSADAS					
PEIXES						
POLVO						
FRUTAS						
VERDURAS						
PRODUTOS DEMERCEARIAS/ MERCADINHOS						
LAGOSTA						
CAMARÃO						
CARNES						
MASSUNIM						

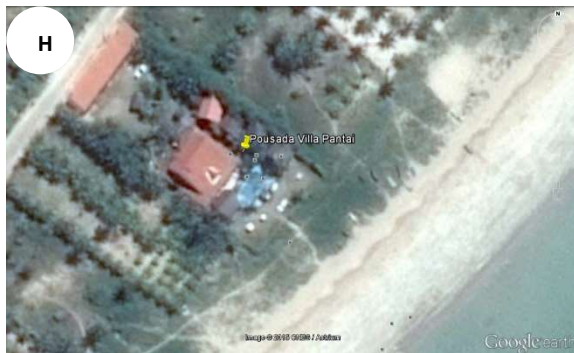
Fonte: CARVALHO, 2014.

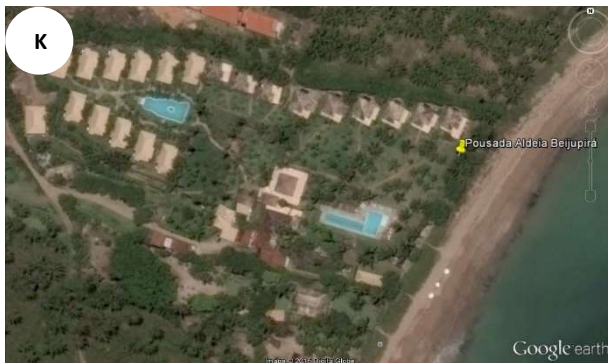
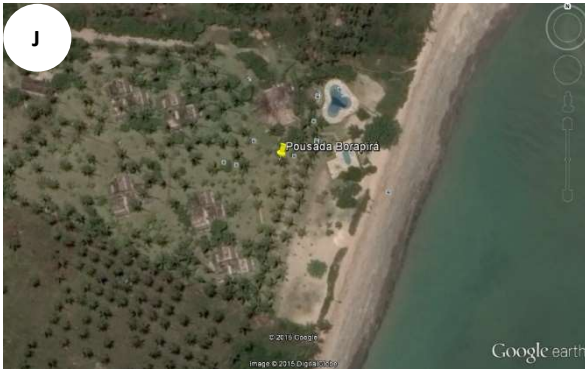
Há a inserção da comunidade local na atividade turística nos lugares em que as pousadas da Rota Ecológica estão presentes, seja através do emprego direto nas próprias pousadas, seja como fornecedor de produtos e serviços para essas pousadas, ou beneficiado por projetos sociais promovidos por esses empreendimentos em parceria com ONG'S, demais setores privados e públicos dos municípios envolvidos. Buscando desta forma, manter relações com as pessoas dos lugares e de certa forma aumentando a qualidade de vida local (CARVALHO, 2014).

Figura 44: Logomarcas, fotos de satélite e fotos internas das pousadas da Rota Ecológica











A: Pousada Infinito Mar – Passo de Camaragibe
B: Pousada Riacho dos Milagres – São Miguel dos Milagres
C: Pousada do Toque - São Miguel dos Milagres
D: Casa Acayu - São Miguel dos Milagres
E: Pousada da Amendoeira - São Miguel dos Milagres
F: Pousada Origami - São Miguel dos Milagres
G: Pousada Côté Sud - São Miguel dos Milagres

H: Pousada Villa Pantai I: Pousada do Sonho – São Miguel dos Milagres
I: Pousada do Sonho - São Miguel dos Milagres
J: Pousada Borapirá – Porto de Pedras
K: Pousada Aldeia Beijupirá - Porto de Pedras
L: Pousada Patacho - Porto de Pedras
M: Pousada Xuê - Porto de Pedras

Fonte: Google Earth, 2015; LTTD/UFAL (2012,2013,2015), site das pousadas (logomarcas) e fotos A e I

Quanto à responsabilidade ambiental destes empreendimentos de acordo com Carvalho (2014, p 52) “[...] as pousadas adotam algumas práticas com o objetivo de minimizar os possíveis impactos ambientais causados com a instalação e operação dos empreendimentos”. Como exemplo a autora cita as seguintes práticas: Redução da geração de resíduos; separação do lixo; utilização de produtos biodegradáveis; reciclagem; redução do consumo de água; utilização de sanitários com baixo volume de descarga; utilização de serviços de empresas especializada para tratamento de esgoto sanitário; utilização de lâmpadas de baixo consumo; utilização de eletrodomésticos com baixo consumo; ventilação natural e iluminação natural. “Outras medidas, como o uso de materiais de baixo impacto ambiental, o emprego de construção sustentável e a criação de hortas orgânicas (Figura 45) também estão presentes nas pousadas e fazem parte da tentativa de minimizar os impactos sobre o meio ambiente” (CARVALHO, 2014, p. 52). Além da preocupação com os resíduos e equipamentos das próprias pousadas, elas também participam de iniciativas e projetos ambientais com a comunidade e funcionários, promovendo assim uma conscientização ambiental e formando multiplicadores nesses lugares com um maior conhecimento sobre o seu lugar e questões ambientais presentes nele. (CARVALHO, 2014).

Figura 45: Horta Agroecológica orgânicas– Pousada do Toque



Fonte: www.pousadadotoque.com.br

A área da Rota Ecológica tem sido valorizada nos últimos anos não só pelos turistas assim como por parte do governo, que vem enxergando nessa área novas oportunidades de crescimento econômico e desenvolvimento para o estado de Alagoas. Talvez este processo esteja ocorrendo pelas novas dinâmicas que o turismo vem passando nos últimos anos, em que há uma procura por um turismo alternativo ao turismo de massa, que procure unir a contemplação da beleza cênica dos lugares com serviços de qualidade, relações e novos sentidos existenciais para suas viagens (ZAOUAL, 2008). Uma proposta inicialmente criada pelas pousadas da Rota Ecológica e que após esse primeiro interesse da iniciativa privada, o setor público começa a fazer ações para divulgar essas localidades como melhor opção para o desenvolvimento local.

Entende-se que um dos principais papéis do Estado está na intermediação de conflitos que acontecem na sociedade. Por vezes tomando partido para um determinado grupo influente e outras vezes por pressões maiores que seu próprio poder acaba tendo que se voltar em favor de outros grupos, normalmente os marginalizados. A sociedade civil aparece então como uma esfera diferente de todas as outras existentes, daí que o papel do Estado passa a servir para mediar conflitos entre esta classe e as demais. “Se a sociedade civil possui leis próprias de desenvolvimento e integração, não é por isso que pode dispensar o estado, no mínimo como poder de racionalizar seus excessos e suas carências” (GIANNOTTI, 1995, p.7).

Apesar de na maioria das vezes a convivência entre sociedade civil e Estado se apresentar de modo conflitante, este último ainda é de fundamental importância para a própria existência da primeira. O Estado apesar de apresentar em sua aparência como fornecedor do bem estar comum, beneficiando em teoria a maioria das pessoas, na prática e essência favorece aos grupos dominantes da sociedade através de um discurso social e aceitável aos olhos de todos.

Poucos são ingênuos a ponto de pensar que o poder público sempre foi exercido em vista de interesses comuns: o fundo público e a própria estrutura jurídica e burocrática mais serviram aos interesses das classes dominantes do que àqueles das classes dominadas (GIANNOTTI, 1995, p.10).

A opinião divulgada pelo Estado como beneficiador de uma totalidade maior não passa de uma forma de tornar pública muitas vezes uma necessidade estritamente privada e de interesse de poucos. Talvez saber diferenciar o que é necessidade coletiva de pretensões de privacidade se torna essencial para uma mudança, não necessariamente radical dos alicerces que nossa sociedade ainda está estabelecida (GIANNOTTI, 1995).

Com isso, percebe-se que mesmo políticas públicas atualmente estarem sendo direcionadas a promoção das pousadas da Rota Ecológica nos municípios envolvidos, sabe-se que a lógica mercadológica é que está em jogo. Caso novos interesses entrem em jogo nestes lugares, o modelo de turismo de massa ainda pode crescer e se desenvolver nesses lugares. A área que integra as pousadas da Rota Ecológica no litoral norte alagoano é peculiar se comparada ao restante do litoral de Alagoas como um todo.

Em algumas circunstâncias, especialmente de interesse econômico o Estado se faz presente na divulgação, promoção do lugar. Porém quando se trata de fornecimento de obras de infraestrutura básica, saúde, educação e demais serviços essenciais não só à população, mas a qualquer atividade econômica que tente se estabelecer em um lugar o poder público se torna ausente. É o paradoxo da ausência e da presença das instâncias públicas compartilhando o mesmo espaço. São diversos poderes que atuam ora em benefício de uma classe dominante, ora por pressão popular ou da lógica de mercado de outra classe marginalizada.

A partir de 2011, a área em que a Rota Ecológica está estabelecida, começou pela primeira vez a ser alvo de alguma referência por parte do governo de Alagoas, principalmente após a Lei Nº 7.231, de 7 de Janeiro de 2011. Esta Lei dispõe sobre a política de desenvolvimento sustentável do turismo em Alagoas, abrangendo, dentre outros, os municípios de Porto de Pedras, São Miguel dos Milagres, e o povoado de Barra de Camaragibe pertencente a Passo de Camaragibe. Para estes lugares em específico, a referida lei prevê prioridade para a instalação de pousadas com o mesmo estilo das que já existem, e que se assemelham aos empreendimentos associados à filosofia dos roteiros de charme (ROTEIROS DE CHARME, 2012).

Nesta mesma Lei, para o restante do litoral norte alagoano, continua o incentivo ao modelo de turismo de massa, caracterizado principalmente pelos empreendimentos tipo *resorts*

e de segunda residência (ESTADO DE ALAGOAS, 2011), acompanhando assim a lógica da política nacional do Prodetur (BANCO DO NORDESTE, 2011). Além disso, a promulgação da mencionada lei, na prática suas prescrições são apenas um incentivo e sugestão voltados a uma espécie de ideal que orientaria a instalação desse modelo mais brando de turismo para a região da Rota Ecológica.

De forma realista, não se trata de uma proibição à implantação de empreendimentos do turismo de massa, ou de qualquer outro modelo ligado a essa forma de turismo que pretendam se estabelecer nesses lugares. De fato, no que diz respeito especificamente ao desenvolvimento do turismo na região, a iniciativa privada ligada às pousadas em questão, observam muitos problemas, conforme foi identificado por Camêlo (2012):

Constatou-se grande insatisfação dos donos de pousadas com o poder público local, com problemas tais de estrutura turística, atendimento hospitalar inadequado, problemas de conservação das vias de acesso, precariedade da sinalização turística, fragilidades na segurança pública, problemas de acesso aos meios de comunicação (principalmente *internet*) e deficiências sérias no fornecimento de energia. Na realidade, todos os entrevistados afirmaram que o poder público não exerce nenhum esforço de gestão desta parte do Pólo de Turismo Costa dos Corais (CAMÊLO, 2012, p. 12).

A área em que a Rota Ecológica está localizada está inserida em um programa do governo federal maior, o Polo de Turismo Costa dos Corais, que apesar de sua fragilidade ambiental incentiva o turismo de massa com instalação preferencial de meios de hospedagem do tipo *resort*. Porém, como visto neste capítulo, este trecho vem caminhando por outro viés de produção do espaço turístico e trabalhando outra concepção de turismo, baseado em pousadas caracterizadas como do tipo charme, por toda sua filosofia e conceitos. A Rota Ecológica estaria no meio desse corredor do litoral norte alagoano voltado ao turismo de massa tentando se transformar em um “polo de turismo alternativo” já que “O modelo de desenvolvimento turístico adotado pelas políticas de turismo do Nordeste é baseado na criação de polos e corredores turísticos” (CRUZ, 2002, p. 134).

Esses lugares precisam de um turismo que agregue mais valor à comunidade local e que esteja de acordo com a ideia de sustentabilidade e não apenas com o foco em crescimento econômico a todo custo. Infelizmente o que fez com que esses locais ainda não evoluíssem para

modelos vinculados ao turismo de massa foi a própria iniciativa dos primeiros empresários que lá chegaram, com uma visão diferente de desenvolvimento turístico local, apoiado nas bases da sustentabilidade, e não uma orientação do próprio governo. A oferta dessas pousadas da Rota Ecológica na verdade pode ter evoluído devido às fragilidades do poder público estadual e municipal, que por falta de poder na tomada decisões talvez privilegiasse o turismo de massa neste trecho do litoral norte alagoano (CAMÊLO, 2012).

Após a chegada dessas pousadas, com um estilo diferenciado das demais, tendo como foco a preservação e conservação do meio ambiente, atendimento exclusivo, clientela de padrão elevado e exigente, interação com as comunidades dos destinos, e, principalmente, com a realização de um evento no período do réveillon – Tamo Junto –, que será abordado a seguir, toda a Rota Ecológica teve um impulso e salto de desenvolvimento turístico e visibilidade nacional e internacional, o que antes era um lugar isolado do litoral de Alagoas e pouco frequentada pelos próprios alagoanos.

3.3 Novos empreendimentos e eventos na Rota Ecológica - O Réveillon Tamo Junto (TJ)

Na área em que está estabelecida a Rota Ecológica novos empreendimentos vêm surgindo no mesmo padrão que as pousadas iniciais com características de charme, conforto, luxo e exclusividade, além de manter características ambientais locais preservadas, o contato com a comunidade local é favorecido, e a gastronomia é o carro chefe dos estabelecimentos, prestando qualidade e serviços personalizados (Figura 46).

Figura 46: Novos empreendimentos da região que vem surgindo nos últimos anos depois das pousadas da Rota Ecológica com padrões parecidos



A: Alto do Tatu – Tatuamunha – Porto de Pedras **D:** Buda Bistrô – São Miguel dos Milagres
B: Pousada Marceneiro – Passo de Camaragibe **E:** Restaurante No Quintal – Praia do Toque
C: Cokoloco Day Use – Praia do Patacho **F:** Bar da Praia – Praia do Marceneiro

Fonte: A: www.tatuamunha.com (2015); B: www.pousadamarceneiro.com.br (2015); C: www.cokoloco.com.br (2015); D: www.budabistro.wix.com.br (2015); E: www.destemperados.com.br (2015); F: LTTD UFAL 2013 (última foto).

O lugar é classificado por algumas revistas especializadas em turismo como a *Host & Travel* (2005) como uma “ilha de bom gosto e sofisticação, sem se render à badalação de grandes *resorts*” e essa é a característica principal da rota, ser diferente do que propõe a maior parte dos modelos relacionados ao turismo de massa, ter o foco no turista como protagonista da viagem e não apenas como um espectador, tornando-o assim um viajante (MENDONÇA, 2003). O calor humano também faz parte de seus produtos ofertados apesar de toda pompa dos serviços oferecidos dentro das pousadas que fazem parte desta Rota.

Como mencionado acima, a gastronomia é o carro chefe de apresentação das pousadas da Rota Ecológica aos seus hóspedes e dos novos empreendimentos que vem surgindo nessas locais e seguindo o mesmo padrão:

A gastronomia acabou se tornando o combustível dessa ação em cadeia que está transformando aquele pedaço de praias alagoanas, antes ocupado por fazendas de coqueiros, em refúgio para pousadas de charme (HOST & TRAVEL, 2005).

Apesar de todo impulso que esses lugares têm presenciado nos últimos anos, com o avanço do turismo e demais equipamentos vinculados a esta atividade econômica há muito que se melhorar e tomar precaução. Por se tratar de um trecho considerado sensível ambientalmente, e por estar inserido na APA Costa dos Corais, tendo em Porto de Pedras o santuário do peixe-boi marinho sob a responsabilidade do ICMBio, sem a presença ativa do poder público municipal, estadual e federal “[...] será difícil para o turismo conseguir resultados que melhorem a vida de todos se o poder público ficar de braços cruzados” (HOST & TRAVEL, 2005).

Um grande evento que acontece nessa área e que a cada ano promove toda a Rota Ecológica é réveillon Tamo Junto (TJ). Essa festa é um dos principais eventos da Rota Ecológica e que ao longo das entrevistas desta pesquisa foi citada pela maior parte dos residentes. Vale salientar que tal evento é ligado a uma rede de famílias com tradição no ramo do turismo, vinculados à rede do Hotel Ponta Verde e outros segmentos de restaurantes e entretenimento em Alagoas. Esse evento que se tornou umas das principais referências do lugar, o que começou de pequeno porte para atrair um público jovem e majoritariamente de fora do estado de Alagoas, hoje é um grupo que se identifica como uma agência e que vem promovendo diversos eventos na capital alagoana e interiores, deixando sua marca nos eventos que realiza e assim eles se conceituam:

Olá, somos a agência Tamo Junto! Somos Alagoanos de raiz, mas do mundo como essência! Nosso ideal é criar momentos inesquecíveis para unir pessoas e celebrar a vida. O nosso foco é ter o seu sorriso como maior recompensa do nosso esforço. Pensamos que pra quem acredita em Milagres o impossível é apenas uma questão de ponto de vista. Uma viagem, um lugar, uma festa e um sonho constante na cabeça de cada um. Nós acreditamos em Milagres e você? Tamo Junto! (TAMOJUNTO, 2015)

Apesar de todos os benefícios nesse período do ano para os moradores da Rota Ecológica há relatos também dos diversos incômodos que este evento com o seu perfil de turistas tem trazido para o lugar. Os moradores de Barra de Camaragibe, povoado pertencente ao município de Passo de Camaragibe, criticam o direcionamento e vinculação da festa de réveillon apenas com o nome do município de São Miguel dos Milagres, já que a sede da casa principal da feste fica no sítio em Oiteiro na praia de Marceneiro, povoado localizado em de Passo de Camaragibe. Segundo os entrevistados de Barra de Camaragibe o município oferece suas belezas naturais, porém o que é divulgado e lembrado para este evento é apenas São Miguel dos Milagres. Uma prova dessa situação é a própria placa na entrada de Barra de Camaragibe sinalizando o começo da Rota Ecológica como Rota Ecológica dos Milagres (Figura 47). Esta mesma placa com o slogan da agência TJ está espalhada em pontos estratégicos da estrada desde o aeroporto de Maceió, vias urbanas e estradas de Maceió com sentido para o litoral norte.

Figura 47: Placa na entrada do povoado de Barra de Camaragibe, indicando o início da Rota Ecológica



Fonte: LTTD UFAL 2015

O evento que ocorre no período do réveillon tem a duração de uma semana com festas todos os dias ao longo das praias da Rota Ecológica (Figura 48). As vendas dos ingressos ou passaportes, como são chamadas pela organização do evento, é feita apenas pela *internet*, os combos, que são os pacotes para todas as festas variam de valor de acordo com o lote e gênero, os masculinos são mais caros que os femininos, dentro deste combo o cliente tem direito a entrada na festa e bebidas inclusas, os valores variam de R\$ 1890,00 no primeiro lote, a R\$ 3380,00 no último lote de ingressos por pessoa para o feminino, e de R\$2490,00 no primeiro lote, a R\$ 3390,00 no último lote de ingressos por pessoa para o masculino. A agência dá prioridade à venda dos ingressos em combo, que seria os ingressos de todas as festas da semana juntos, e caso restem vagas, a agência vende avulso por dia de festa. Fato que não ocorreu na venda do réveillon 2015/2016, em que todos os ingressos de combo dos quatro lotes foram vendidos em apenas vinte e cinco minutos contados a partir do horário de abertura de venda no site em agosto de 2015.

Uma semana de muita alegria, amizade, paixão e diversão à beira mar da Rota dos Milagres...aqui a água é cristalina e morninha. Aqui a felicidade está em todo lugar e contagia. Aqui pessoas são elas mesmas e a energia é transmitida pela areia nos pés descalços. Aqui as festas são Open Bar. Esse é o nosso estilo de vida... Queremos te oferecer novas experiências em novos lugares, experimentar os sabores e as delicias da nossa região. Fique descalço... pule as 7 ondas e faça seus pedidos, pois aqui MILAGRES acontecem !!!Tamo Junto? (TAMOJUNTO, 2015).

Figura 48: Divulgação nas redes sociais do Réveillon 2015 pela agência TJ



Fonte: www.reveillondosmilagres.com.br

Alguns moradores trabalham para o evento e possuem barracas de comidas típicas do lugar, como a tapioca. Durante este período também há um maior fluxo de visitantes às piscinas naturais da Rota Ecológica como um todo (Figura 49). Esses passeios também são ofertados por associações e pescadores locais, além da visita ao projeto da associação de condutores do peixe-boi marinho no povoado de Tatuamunha em Porto de Pedras, realizado de forma associativa com o apoio do ICMBio como visto anteriormente.

Figura 49: Passeio das piscinas naturais – São Miguel dos Milagres



Fonte: Alex Uchôa na página da Associação Jangadeiros dos Milagres na rede social Facebook

Durante o período deste evento, em uma visita no réveillon 2013/2014, fica evidenciado que os lugares durante o dia permanecem pacatos com o fluxo maior nas praias dos turistas (Figura 50). A badalação maior fica a noite que é o horário que as festas têm início, cada dia em um lugar diferente da Rota Ecológica.

Figura 50: Bar da Praia – Praia de Marceneiro – Passo de Camaragibe



Fonte: LTTD/UFAL Dezembro 2013

O evento do réveillon promovido pela agência TJ é uma das atrações que mais movimentam esses lugares e junto às pousadas da Rota Ecológica formam um atrativo para um público diferenciado a procura de produtos e serviços de alto padrão. Segundo os próprios moradores entrevistados é o evento que traz o maior número de turistas durante o ano para a Rota Ecológica. Ou seja, em poucos dias de um evento o lugar se dinamiza a tal ponto de mudar a dinâmica de uma cidade em curto espaço de tempo. A população no geral não se identifica com esta festa, apesar de compreender os benefícios que ela traz para o seu lugar e dos moradores do povoado de Barra de Camaragibe reivindicar os créditos debitados a festa, que vem sendo vinculada apenas ao município de São Miguel dos Milagres.

Neste estudo, constatou-se a percepção das comunidades da Rota Ecológica sobre o réveillon Tamo Junto como um desdobramento do turismo promovido pelas pousadas da Rota Ecológica, e sendo visto este, como o principal evento do ano para esses lugares, beneficiando empresários locais e os empresários de fora do lugar ligados ao trade turístico. Os moradores da Rota Ecológica veem este desenvolvimento turístico com a esperança de que esta atividade traga melhorias para as condições de vida locais e de melhorias para os municípios e povoados envolvidos, como poderá ser observado nas falas dos moradores no terceiro capítulo.

Fechando este capítulo, registramos a nossa percepção de que há elementos novos associados ao turismo e ao lazer na Rota Ecológica que parecem indicar que a área está passando por um processo de mudança que pode destoar da oferta inicial das pousadas foco deste estudo. Este é o caso do Tamo Junto, que reúne milhares de pessoas em um período de apenas poucos dias do ano, em torno do réveillon, com comportamentos e consumo que se distanciam da oferta das pousadas da área. A diferença é tão grande, que há pousadeiros que não aceitam hospedar pessoas que vem para o Tamo Junto. O estudo foi realizado tendo-se como foco compreender como a população residente percebe a presença das pousadas no seu lugar. O Tamo Junto merece estudos separados, devido suas especificidades que o diferencia da oferta das pousadas.

4 UMA PERCEPÇÃO CRÍTICA DAS COMUNIDADES LOCAIS RESULTANTE DA TURISTIFICAÇÃO DAS POUSADAS DA ROTA ECOLÓGICA

Este último capítulo trata de como as comunidades da Rota Ecológica percebem a inserção das pousadas estudadas no lugar onde eles vivem, de que forma estes empreendimentos contribuem para o desenvolvimento local, e quais as alterações negativas que a população faz crítica à presença destes meios de hospedagem nos seus municípios.

Antes da chegada das Pousadas da Rota Ecológica, essa parte do litoral alagoano se apresentava dominada pelas características naturais e por pequenos povoados relativamente isolados entre si. As pessoas se conheciam pelo nome e quase não havia casos de violência. Apenas alguns poucos viajantes é que passavam pelos povoados, mas nada permanente. Eles se estabeleciam em pensões ofertadas pela própria comunidade, como as pensões Santo Antônio, a Pousada do Gordo e a Pousada das Acácias em São Miguel dos Milagres, o Hotel Vitória surgido no final dos anos 1970 e a Pousada São Geraldo que data dos anos 1980 em Porto de Pedras (BULGARELLI, 2013).

Esses lugares tinham sua paisagem predominantemente natural com extensos coqueirais e linhas de praia quase inabitadas, exceto pela presença de pescadores e marisqueiras, que tiravam seu sustento dos mares. O mar, na realidade, para os moradores desses lugares da Rota Ecológica sempre foi local de trabalho e não de lazer, assim como é visto pelos turistas que frequentam esses lugares. Antes da chegada do turismo, essas populações não tinham a referência do lazer na praia como forma de diversão.

Após a chegada das pousadas da Rota Ecológica, muitos aspectos relacionados às dinâmicas do espaço local mudaram, como se verá neste capítulo. Como nos diz Rodrigues (1999), o cotidiano de povoados desse tipo normalmente apresenta alterações causadas pelo turismo que de certo modo jamais podem ser revertidas, seja em aspectos culturais, ambientais, sociais ou econômicos, como veremos mais adiante.

Ao longo do texto serão tratados aspectos culturais, ambientais, sociais e econômicos de transformações causados por essas pousadas e o turismo desencadeado por elas sobre estas comunidades. Intercalando as principais características de mudanças ou de permanências, são destacadas as vozes das pessoas, assim como a interligação com a teoria existente sobre o tema

e outros estudos que também tiveram o foco na percepção das comunidades receptoras de turismo em outras partes do mundo.

Vale ressaltar que o posicionamento das pessoas entrevistadas revela que a comunidade não é composta apenas por meros moradores desses lugares, mas essas pessoas já se apresentam como seres sociais críticos a análise da sua realidade. São cidadãos com uma percepção politizada dos espaços públicos do seu convívio e que vem lutando pela execução de seus direitos territoriais. Além disso, esse estudo observa a importância da proteção às condições de vida local em favor da coletividade, de maneira que estes lugares se desenvolvam através do turismo e demais atividades econômicas presentes, mas que suas singularidades culturais e de vida não sejam perdidas em favor de interesses particulares

4.1 Percepções dos moradores das comunidades da Rota Ecológica

A percepção geográfica foi o instrumento usado nesse estudo, a partir do roteiro de entrevistas, que norteou as respostas dos moradores sobre a sua percepção da inserção do turismo das pousadas da Rota Ecológica em suas vidas. Essa percepção nada mais é do que a análise que a comunidade faz da sua interação com as atividades do turismo presentes nos seus lugares onde vivem. Por possuírem características parecidas de formação, ficou evidenciado neste estudo que toda a Rota Ecológica se apresenta de forma parecida na percepção dos entrevistados. Talvez o fato de se apresentarem com traços culturais, ambientais, sociais e econômicos parecidos tenha ocorrido devido tanto à estrutura de colonização, como por seu afastamento das rodovias principais que cortam essa parte do estado de Alagoas, como visto no segundo capítulo deste texto. Entretanto, como já demonstrado em outras partes deste trabalho, a área que forma a Rota Ecológica vem passando por uma mudança significativa com base em uma forma de desenvolvimento turístico singular, associado a uma orientação alternativa de turismo.

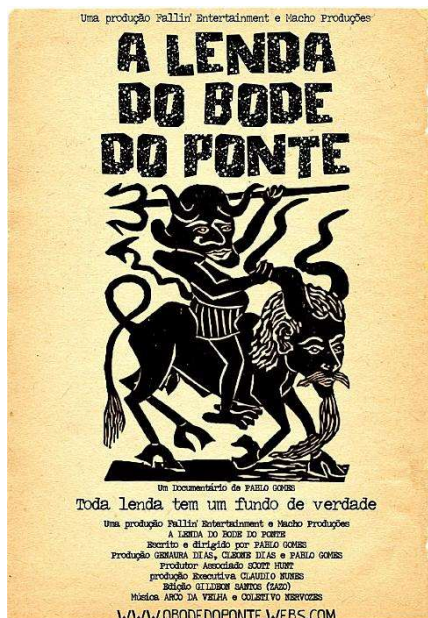
A expansão de modelos alternativos de uso do espaço por parte do turismo parece identificar sinais da crise pela qual a sociedade pós-industrial vem passando nos últimos tempos, não aceitando mais modelos universais e em busca das peculiaridades de cada lugar

(ZAOUAL, 2008). Assim, esses lugares vêm promovendo através de seus meios de hospedagem um intercâmbio intercultural, seja entre visitantes e a comunidade, seja entre os donos das pousadas da Rota Ecológica e a população local, dessa forma assegurando até certo ponto maior durabilidade social e ecológica, como exemplifica pelo morador E5 de São Miguel dos Milagres, quando ele fala sobre sua percepção em relação à interação cultural do turismo na Rota Ecológica: “Gera emprego, renda e conhecimento né? Isso aí...porque tem pessoas que aprende com a cultura de fora né. Gera emprego, renda e conhecimento”.

São lugares ainda considerados calmos pela maior parte dos entrevistados. Além disso, apresentam certa preservação de seus traços culturais, aspectos folclóricos e lendas. Por exemplo, a lenda do Bode do Ponte (Figura 51) representa, para os entrevistados, uma das histórias mais contadas na cidade e tendo sido presenciada segundo boa parte dos moradores especialmente do município de São Miguel dos Milagres, local onde existe a casa associada a essa lenda. Na fala a seguir é possível perceber como os residentes descrevem sua experiência em relação a essa história:

Uma vez eu escutei um grito, ai...eu escutei...eu escutei perto, isso é bem essa história do Bode do Ponte, correu tanto que foi uma miséria [...] a gente veio tudo a pé, quando a gente escutou o grito a gente num [*sic*] sabia se foi o boi o que foi, só sei que a gente correu o tanto que....esse foi o Bode do Ponte, veio pegar a gente, e ainda existe a casa lá (E6 morador de São Miguel dos Milagres).

Figura 51: Cartaz do documentário da lenda do Bode do Ponte



Fonte: www.obodedoponte.webs.com

É comum os aspectos culturais de uma comunidade, sejam relacionados ao patrimônio imaterial ou material, como histórias folclóricas, danças, culinária, traços arquitetônicos, tornarem-se um atrativo em lugares turísticos, especialmente com a nova tendência em oferecer cultura e tradição nos produtos turísticos atualmente (RODRIGUES, 2006). Na área da Rota Ecológica as pousadas locais oferecem, como um complemento do segmento padrão de sol e mar, também aspectos relacionados à cultura local.

Essa valorização dos aspectos culturais dos destinos turísticos surgiu, em parte, junto com o conceito de turismo sustentável, em que em um dos seus princípios, de acordo com o documento da EUROPARC (2007), relaciona-se à valorização do patrimônio natural e cultural para sua manutenção como atrativo nos destinos, diferentemente dos produtos culturais que são vendidos por modelos massivos de turismo, que se apresentam mais como uma encenação de uma realidade maquiada do que como uma dimensão cultural genuína dos lugares turísticos, como exemplificado por Archer e Cooper (1998, p.93), no seguinte trecho: “As danças tradicionais e o artesanato artístico cedem lugar a imitações baratas para satisfazer às necessidades dos visitantes e para proporcionar ao residente um rendimento com o menor

esforço possível”. As alterações dessa orientação de turismo baseado na valorização das culturas locais, tende a ser positivo, como constatou Bramwell (2003), ao fazer uma análise no Mediterrâneo a respeito do aumento de autoestima dos moradores de Malta após a inserção do turismo cultural neste destino.

No que diz respeito à importância dos aspectos culturais para o turismo em uma localidade, este estudo identificou que apesar da orientação turística local ser de natureza alternativa, pouco se tem feito, na visão de alguns entrevistados, em relação à preservação dos aspectos culturais dos três municípios envolvidos no circuito de pousadas da Rota Ecológica, principalmente por falta de ações e incentivos do poder público local que incentiva a cultura local apenas em épocas de apresentações em feiras de maior visibilidade, não dando continuidade aos trabalhos no restante do ano:

Era pastoril dos homens, a gente tinha uma chegança, a gente tinha aqui um pagode, e tudo isso ai foi morrendo por conta do apoio, as liderança não apoia [*sic*], porque tudo isso a gente sabe que vem um...um apoio, só que não é repassado [...] E1 morador de São Miguel dos Milagres.

Então ele banca tudo só pra poder acontecer, porque como São Miguel dos Milagres é um dos municípios muito visto na Rota Ecológica né, em relação do meio ambiente, então, turista, ai então uma cidade turística então o prefeito não deixa cair, então ele investe por conta disso, mas ai passou aquilo ali... E1 morador de São Miguel dos Milagres.

O que vem ocorrendo nesses lugares, infelizmente é o esquecimento das tradições pelas novas gerações. Este fato vem acontecendo não por causa da chegada das pousadas da Rota Ecológica, mas sim pelo encaminhar natural das sociedades atuais que não valorizam aspectos tradicionais. Tal aspecto está refletido nesse sentido nas vozes abaixo:

Os mais idosos que gostavam disso foram parando por conta da idade né; os novos que vieram não se interessaram, a dar seguimento [...]. E12 morador de Barra de Camaragibe.

Eu acho que não, porque essas pessoas que vem dessas pousada, [*sic*] é o mais que eles querem no município, é ver as brincadeiras, é ver alguma coisa, mas é o município mesmo é a...eu acho, eu penso assim que seja o povo mesmo as tradição [*sic*] que mudou [...]. E8 morador de Porto de Pedras.

Complementando essa visão de reconhecimento que certas manifestações culturais locais estão desaparecendo, os entrevistados desejam a preservação de suas tradições, como mencionado pelo entrevistado E3, que é morador e empresário do setor de turismo de São Miguel dos Milagres: “Quero um negocinho [sic] pra fazer a apresentação das coisas importantes no nosso município...”, parecendo reconhecer que as manifestações culturais locais têm algum apelo turístico.

Alguns autores explicam que em muitos lugares ao redor do mundo o turismo pode ser o elemento que irá garantir a manutenção de certas tradições originais que atraem os turistas, obviamente se esta atividade for bem gerenciada e planejada (ARCHER; COOPER, 1998).

Na Rota Ecológica, com base nas falas de quatro dos entrevistados, parte do empresariado local, não só o composto pelas pousadas, mas do restante do trade turístico parece apoiar e desejar dar continuidade a esses aspectos de cunho cultural dos três municípios, inclusive para divulgação e como mais uma forma de atrativo para os turistas que são seus clientes, como se pode deduzir das falas abaixo:

Melhorou mais, porque as vezes as pousada [sic] chama esse pessoal pra fazer os evento[sic] na [sic] pousadas, turista gosta né, turista pergunta, curiosos [sic]. ‘Aqui tem isso, tem aquilo’, mas tem e as vez [sic] aí a quadrilha não cuida tão bem, a quadrilha, pra [sic] dançar num hotel, nas pousadas, sempre monta, eles são chamados. E9 morador de Porto de Pedras

O turista gosta. Não é? O turista gosta. Não sofreu nada sobre isso, e até assim, eles são convidados pra [sic] dançar nessas pousadas, entendeu? E5 morador de São Miguel dos Milagres

Não. Sofreu não, nenhuma alteração não. Sofreu não até porque é...eles preferem a cultura daqui sem nenhuma alteração. E6 moradora de São Miguel dos Milagres.

Não, inclusive eles chama [sic] até eles pra [sic] dançar lá, as vezes chama E11 morador do povoado de Barra de Camaragibe pertencente ao município de Passo de Camaragibe

Na percepção desses moradores da área que forma a Rota Ecológica, eles veem como positivo a inserção da cultural local na oferta turística, pois esses empreendimentos têm não só valorizado a cultura local como também têm apoiado projetos para dar continuidade a aspectos culturais locais.

Segundo um entrevistado, uma das pousadas já tentou realizar várias vezes eventos voltados à valorização das manifestações folclóricas e culturais locais, porém até o momento sem sucesso, com a falta de apoio do poder público tem sido identificada como o maior entrave. “A pousada do Toque ainda tentou fazer isso várias vezes. Quando tinha o projeto, ela levava o...a quadrilha pra [sic] incentivar, queria criar quadrilha pra [sic] fazer isso” E2 morador de São Miguel dos Milagres.

Transpareceu na fala de vários entrevistados que, apesar de as pousadas terem uma visão mercadológica, elas ajudam a fortalecer valores e patrimônios culturais das comunidades, estimulando uma participação ativa da população na atividade turística local. Por estarem inseridas na orientação de turismo alternativo, com características similares, por exemplo, às ofertas do *slow tourism* (HEITMANN; POVEY; ROBINSON, 2011), as pousadas da Rota Ecológica contribuem para a manutenção do folclore local.

Quanto à percepção da população local em relação ao meio ambiente, esse estudo verificou que as pessoas da Rota Ecológica, antes da chegada das pousadas, possuíam pouca ou quase nenhuma preocupação com as questões ambientais. De certo modo, isto pode ter acontecido pelo fato das comunidades dessa área viverem com seus recursos, de haver pouca interferência externa que pudesse causar danos ambientais significativos, e da pouca atuação dos órgãos de meio ambiente em tempos anteriores.

Antes das pousadas, assim questão de meio ambiente nunca teve assim fiscalização nem nada não. E4 morador de São Miguel dos Milagres.

Não existia registro antes de...de poluição. Porque era tudo nativo, não podia nem fazer registro. Hoje, mais ou menos eles cobram. E5 morador de São Miguel dos Milagres.

Olha o meio ambiente era bem digamos o seguinte, bem deserto, digamos o seguinte não tinha nenhum tipo de poluição, tipo na praia, esgotos, no rio de ter isso de ter aquilo, ter o lixo que existe hoje, foi as pousadas? Não, não é que seja as pousadas. E3 morador de São Miguel dos Milagres.

Esses lugares eram pouco habitados e ao longo da linha de praia não havia ocupação massiva tanto de moradores, quanto de estabelecimentos comerciais. Realidade hoje que tem mudado, mesmo que ainda em pequena escala. Com a chegada das pousadas no início dos anos

2000, esses lugares foram e estão sendo pouco a pouco transformados. Turistas começaram a aparecer e trouxeram com eles uma nova visão de mundo e comportamentos para esses destinos, como exemplificado pela fala abaixo:

E...isso em 2002 eu tava [sic] de frente a pousada do Toque, nuns [sic] curral, tem vários curral [sic] lá de frente lá, e eu...eu joguei o plástico. Uma turista foi pegou o plástico, foi lá: ‘Bom dia’ eles são sempre bem educado [sic], bom dia. Eu acho que era, já era boa tarde já, ai ela ‘boa tarde’, boa tarde, ‘quem é o responsável por aqui, você é o dono dali?’ Não. ‘Mas quem é o responsável da obra?’ Não, sou eu, pronto. ‘Olhe o senhor está errado, olhe aqui, esse saco aqui vai levar quinhentos anos pra [sic] acabar’. Foi uma coisa que ela fez comigo e eu nunca esqueci. E agora veio a lembrança, quer dizer, ela reeduca. E5 entrevistado de São Miguel dos Milagres.

Com base nessa fala, percebe-se a influência dos visitantes nas comunidades locais, o que por muitas vezes pode ser positivo – como no caso acima relatado – porém também pode trazer modificações negativas para os destinos turísticos (CRUZ, 2003; KNAFOU, 1996; MOSCARDO; PEARCE, 2002; PANOSSO NETTO, 2010; PEARCE, 2003) trazendo novos comportamentos para o lugar, chocando os residentes locais com algumas atitudes não compatíveis com os modos de vida deles, como no caso analisado por Sirakaya; Sonmez; Teye (2002) em Gana na África em que os residentes ganeses, principalmente de regiões rurais, ficam chocados com os comportamentos de alguns turistas ao verem mulheres usando roupas curtas expondo suas partes íntimas, homens com orelhas furadas, entre outros comportamentos que os ganeses consideram como ‘sujos’ e imorais.

Ainda nas relações com o meio ambiente, ficou claro que o problema ambiental maior, na percepção de alguns entrevistados atualmente não é causado pelas pousadas da Rota Ecológica e sim pelos próprios membros da comunidade, que ainda não possuem educação para tratar de conservação e preservação ambiental, como transparece nas seguintes falas, e pelo poder público, que não cumpre suas obrigações institucionais:

Num [sic] é a pousada, mas é a questão da evolução, da ocupação desenfreada e da falta de estrutura pelo poder público, de canalizar a rede de esgoto, de fazer um reservatório pra todo despejo e dejetos, não tem. E2, morador de São Miguel dos Milagres.

Mas isso eu não vou reclamar do turismo não, eu posso reclamar dos meus conterrâneos. E8, morador de Porto de Pedras.

[...] o lixo é sempre do pessoal da comunidade, [...] as pousadas não têm nada a ver com a poluição. E10, morador de Barra de Camaragibe.

Fica claro através desses depoimentos uma percepção de que as pousadas da Rota ecológica parecem não causar alterações ambientais significativas. Os entrevistados entendem que estes empreendimentos na verdade procuram preservar os recursos naturais locais, não só por questões de filosofia e concepções, mas também como por necessidade de sobrevivência dos seus meios de hospedagem. Esse tipo de entendimento emerge como pode ser visto nas vozes abaixo:

Eles preserva [*sic*], o pessoal das, eles preserva [*sic*], eles não degradam. Não danifica, eles tentam preservar o máximo, a questão dessa aí. E1 morador de São Miguel dos Milagres.

Eu acho que não, eu acho que não, eu acho que eles trouxeram só melhorias né? Sem atrapalhar em nada, sem trazer poluição, sem trazer maltrato no meio ambiente. E3 morador de São Miguel dos Milagres.

Eles têm preservado né, preservando que é justamente trazer os turistas pra eles, porque se não preservar... porque atrai mesmo, o turista é... a paisagem daqui natural né aí se eles não contribuírem pra isso, se destruir aí já era né. É ruim pra [*sic*] todo mundo. E4, morador de São Miguel dos Milagres.

As pousadas também colaboram para não poluírem. As pousadas, mais a Associação, ONG, Yandê e amigos, aí faz mutirão e limpa as praia [*sic*]. A escola também [...]. E9 morador de Porto de Pedras.

As pousadas na sua frente são organizadas, têm local de lixo, elas não prejudicam o meio ambiente, nem geram e nem trás. E10 moradora de Barra de Camaragibe.

Não, pra aqui mesmo não, não, pra aqui mesmo do meu município num [*sic*] causou nenhum mal. Eu só vejo que ela só fez o bem. E12 morador de Barra de Camaragibe.

Os moradores visualizam que infelizmente o maior causador de problema ainda é a própria população “... o cidadão comum é irresponsável ...”, como diz o entrevistado E2, morador de São Miguel dos Milagres. Assim como o poder público local que tampouco realiza ações e projetos de saneamento e de preservação e conservação do meio ambiente. Enquanto isso, o ICMBio é quem tem feito este papel de gestor e interlocutor em relação aos problemas ambientais nos municípios da Rota Ecológica. O ICMBio tem realizado ações ambientais

nesses lugares, como limpeza de praias (Figura 52), o estabelecimento de um diálogo com pescadores e pousadeiros da Rota Ecológica, entre outras atividades ligadas às comunidades e questões ambientais destes três municípios. Recentemente, surgiram iniciativas locais ligadas ao meio ambiente e há um reconhecimento da importância da ação do ICMBio, como se vê nas falas que se seguem:

Hoje temos uma associação aqui que a gente cuida da nossa praia, da medida do possível a gente cuida [...]. E3 morador de São Miguel dos Milagres.

Agora pode ser que com o ICMBio agora vai, ficar vai, atuando aqui, pode ser que tenha fiscalização de alguma coisa. E4 morador de São Miguel dos Milagres.

Figura 52: ICMBio em ações de limpeza nas praias de Porto de Pedras



Fonte: Movimento Cidade Verde Facebook

Através do trabalho com o peixe-boi marinho, e da sua interface com o turismo e as comunidades locais, o ICMBio vem proporcionando uma nova realidade para as comunidades receptoras, em relação ao trato com os problemas ambientais.

Um dos entrevistados percebe uma relação direta entre a ação das pousadas e o enfrentamento de alguns problemas ambientais locais. Segundo ele, a própria comunidade se vê mais consciente e educada do que antes da chegada das pousadas, ao se referir aos benefícios da ação das pousadas para o meio ambiente:

Isso aí falta muito, pessoas que veve [sic] nessa área de turismo, chegar na colônia, ‘ói [sic] marca uma reunião, quero falar com o povo do município, vocês mermo [sic] que veve [sic] aqui, que tem as suas casinha [sic] perto, num [sic] jogue o lixo na praia, num [sic] jogue fato de peixe né, ter que preservar a praia que é de vocês mermo [sic], isso aqui...vocês é quem veve [sic] o dia a dia aqui com...na praia de vocês, vocês que são nativo [sic] daqui...’ faltou e ainda falta um pouco isso. E12 morador de Barra de Camaragibe.

Obviamente, é do interesse dos donos das pousadas que os problemas ambientais sejam resolvidos, pois é importante para a manutenção da atratividade turística nesses lugares. Entretanto, sua ação parece estar influenciando a formação de uma consciência relativa à necessidade da conservação ambiental, aspecto que normalmente não está associado ao turismo de massa. As pessoas entrevistadas falam com entusiasmo e orgulho sobre a sua comunidade. Yi-Fu Tuan, em sua obra “Espaço e lugar” (1983, p.194) chama atenção para o fato de nas antigas cidades pequenas, como Atenas e outras polis gregas, as pessoas sentiam orgulho dos seus lugares: “Outro fator que acentuava o sentido de orgulho da cidade era o pequeno número de habitantes. Todas as pessoas se conheciam”. Segundo a visão deste autor, o orgulho dos lugares esteve sempre atrelado ao número de habitantes, lugares menores favorecem a este sentimento. Verifica-se nas falas de quatro entrevistados que residem na Rota Ecológica um certo orgulho pelo seu lugar:

Não sairia daqui pra [sic] canto nenhum. E2 morador de São Miguel dos Milagres.

Você quando chegou aqui me procurando pra [sic] dar essa entrevista isso é uma satisfação muito grande, de você levar uma história de vida de um cara que chegou a ser caseiro e hoje é um empresário. Então isso pra eles tenho certeza, é muito importante ele fica muito satisfeito. E3 morador de São Miguel dos Milagres

A terra é tão boa que eu voltei, então até hoje estou aqui. E8 morador de Porto de Pedras.

Sou nativo daqui, eu queria ver isso melhorar bastante. Então nesse sentido eu me orgulho de ser camaragibano, filho da Barra, e...vê isso aqui, eu queria ver isso aqui crescer mais. E12 morador de Barra de Camaragibe.

Nota-se que apesar da chegada das pousadas da Rota Ecológica, e dos turistas que nelas se hospedam e circulam pelas comunidades locais, o sentimento de pertencimento ao lugar por parte dos entrevistados parece não ter sido perdido. Esta é uma situação que é diferente do que vem ocorrendo em lugares em que o turismo de massa com o modelo *resort* foi estabelecido. Por exemplo, em sua tese, Brandão (2013, p.222) constatou que em que nas três praias – Praia do Forte-BA, Porto de Galinhas-PE e Pipa-RN - por ele pesquisadas cerca de “[...] 30% dos entrevistados não se sentem acolhidos em seus lugares na convivência com turistas”.

Outro ponto interessante relacionado à área da Rota Ecológica é que mesmo após a chegada das pousadas e o turismo desencadeado por elas, os laços de cooperação entre os moradores ainda parecem existir: “Eu creio que...é como os clientes mesmo diz assim né, que chega assim aqui e diz: vocês trabalham muito aqui na amizade né, na mão, eu confio em você”, que ainda aqui existe caderneta, ainda...ainda existe caderneta, é na amizade” – entrevistada E6, moradora de São Miguel dos Milagres. A interação entre as pessoas dessas comunidades parece ainda não foi perdida, existindo, assim, de certo modo, uma comunidade, como na concepção de Bauman (2003), que envolve segurança e confiança. Em lugares muito turistificados com base no turismo de massa, os laços de segurança e confiança terminam sendo perdidos, tanto por causa dos tipos de empreendimentos massivos que descaracterizam os lugares, como pelo intenso fluxo de turistas que normalmente não estão interessados nos residentes, os quais terminam ficando marginalizados das atividades turísticas, que se apropriam do lugar.

Um fato interessante observado durante este estudo, é que a maior parte dos residentes entrevistados ao se referir às pousadas da Rota Ecológica, identificam os nomes dos donos desses estabelecimentos, demonstrando assim que parece haver uma maior interação entre o empresariado e a comunidade na qual seus empreendimentos estão inseridos. “O seu Nilo [dono da Pousada do Toque] comprava muito, mas o negócio dele foi crescendo, hoje quem abastece ele [com pescados] é um amigo meu aqui do Toque...” diz E12 pescador em Barra de

Camaragibe. Um contexto como esse parece impensável se se tratasse de um turismo de *resorts*, por exemplo, quando normalmente os proprietários vivem em outros países, não estabelecendo uma mínima relação de proximidade com as pessoas da comunidade. Mais uma vez, parece que o modo como a atividade turística vem sendo inserida na Rota Ecológica tem a ver com o *slow tourism*, o qual promove certo equilíbrio entre os aspectos sociais locais e os interesses econômicos representados pelas pousadas, pequenos hotéis e restaurantes locais (CONWAY; TIMMS, 2012; HEITMANN; POVEY; ROBINSON, 2011), o que implica uma maior interação entre os empreendimentos de turismo e as comunidades em que estão estabelecidas.

Ao serem questionados sobre o que seria para eles a Rota Ecológica, os entrevistados possuem a noção da palavra relacionada a preservação, ecologia e ao contato com a natureza, além de saberem que ela está relacionada às pousadas locais, que elas estão localizadas nas proximidades da linha de praia, oferecendo conforto e luxo aos seus hóspedes como característica principal. Um entrevistado associou as características internas das pousadas às características do entorno, realçando a dimensão ecológica local: “Aqui você vai estar interno, com um conforto interno e externo tá mais ecológico né isso?” E2 morador de Porto da Rua em São Miguel dos Milagres. Eles percebem uma relação entre o termo Rota Ecológica e a questão de preservação da natureza e meio ambiente. Talvez este fato se dê pela ligação deste termo com o conceito de ecoturismo (SILVA, 2007), que é mais difundido na sociedade como produtos ecologicamente sustentáveis e de contato direto com a natureza, como transparece na fala de um dos entrevistados:

A Rota Ecológica que eu imagino, primeiramente que temos grandes e belíssimas praias, principalmente essas pousadas de charme né, que é a Rota Ecológica, digamos o seguinte, preserva a nossa praia, eles são envolvidos em vários projetos da nossa região, de cuidar da praia, de cuidar dos manguezais, ter uma série de cuidado de como fazer sua pousada que não invada a área da marinha, que não atrapalhe o turista circulando, então eu acho que isso é Rota Ecológica, que tem uma certa ecologia em cuidar de todo o sobrevivente da nossa região, então é isso que eu acho que é Rota Ecológica. E3 morador de São Miguel dos Milagres.

Durante a realização deste estudo, foi possível perceber que a população local está bastante conectada com as ações desenvolvidas com a APA Costa dos Corais. Talvez esse fato

resulte do grande número de reuniões que a APA oferece com participação popular na área da Rota Ecológica, incentivada pelo ICMBio. Por exemplo, as reuniões do conselho dessa APA são muito concorridas (Figura 53). A APA Costa dos Corais tem o objetivo principal de garantir a conservação dos ambientes marinhos ecologicamente importantes, ao longo da área que se estende da foz do rio Meirim, em Maceió (Alagoas), até a foz do rio Formoso, no município de Rio Formoso (Pernambuco), com ênfase na proteção dos recifes coralígenos, praias e manguezais, buscando compatibilizar a conservação desses ecossistemas com o desenvolvimento de atividades econômicas locais, principalmente o turismo (DUDA, 2013).

Figura 53: Reunião do Conselho Consultivo da APA Costa dos Corais – ICMBio, AMITUS, Instituto YANDÊ - 2014



Fonte: www.icmbio.gov.br

Apesar de terem uma visão geralmente positiva sobre as pousadas, os entrevistados também expressaram alguma crítica sobre elas e suas atividades. Um aspecto que foi mencionado é o impedimento de alguma delas de acesso à praia e mar por parte dos pescadores e outras pessoas das comunidades que se situam em frente a alguns desses estabelecimentos. Neste ponto, as críticas são parecidas com o que ocorre em destinos dominados pelo turismo de massa, daí a importância da ação da sociedade civil organizada e do poder público, no sentido de proteger os interesses das comunidades locais (ARAUJO, 2009). Alguns pousadeiros,

segundo alguns entrevistados, não deixam espaço de acesso à praia, nem mesmo a pedestres, próximo aos seus estabelecimentos:

Teve um tempo que teve uma pousada aqui próximo, a dona da pousada tava [sic] botando rolos de coqueiro pra [sic] não passar carros, não passar moto... E6 morador de São Miguel dos Milagres

Se você tiver acesso, a passagem...e foram pedidos alguns donos de pousadas aqui não querem que pessoas fiquem na orla, em frente as pousadas, isso existe assim, aqui existe. E2 morador de São Miguel dos Milagres.

O sítio é meu, eu fiz minha pousada, num [sic] quero que tu passe [sic] por aqui, tem outros caminhos e daqui pra frente nessa rota que tá acontecendo, vai acontecer...vai acontecer de fechar ali tudo e a gente ter acesso, mas muito longe... E8 morador de Porto de Pedras.

Nas entrevistas chegou a ser dito mais de uma vez que alguns pousadeiros pagam aos pescadores e marisqueiros locais para não frequentarem aquele trecho de praia para a prática de suas atividades. Por muitas vezes, até as jangadas (Figura 54) ficam impedidas de ficar na praia em frente a determinadas pousadas, como relatado pelo entrevistado E5, que é morador de São Miguel dos Milagres: “[...] e o dono da pousada pagou, pras os pescadores tirarem a jangada e depois botou a cerca na beira, praticamente, quase não dava”. Essa conduta por parte do empresariado local precisa ser reavaliada e conduzida a uma melhor relação entre iniciativa privada e comunidade receptora. Apesar desses problemas, que são considerados pontuais até mesmo pela população local, a forma de inserção das pousadas da Rota Ecológica nesta área tende a ser mais benéfica se comparada ao turismo de massa.

Figura 54: Jangadas a beira mar – Povoado de Porto da Rua – São Miguel dos Milagres



Fonte: LTTD/UFAL 2015

Cabe ressaltar, porém, que as pessoas das comunidades locais têm noção dos seus direitos de acesso livre ao ambiente de praia, e sabem que determinados espaços são de uso público e devem permanecer abertos e com livre acesso, o que parece estar implícito na afirmação: “[...] a maré é pra [sic] todo mundo”, E6, moradora de São Miguel dos Milagres, que trabalha em associações locais. Como as áreas da planície litorânea localizadas próximo às praias nos três municípios em questão sempre foram povoadas por pescadores, ainda hoje é comum ver as cabanas de pesca para guardar jangadas e utensílios dos pescadores. Pontualmente, tem havido tentativas de impedimento de residentes permanecerem na praia por pousadeiros e donos de terrenos do lugar que planejam construir casas e empreendimentos beira-mar. Situações como esta naturalmente afetam as características que haviam do lugar antes de as pousadas chegarem e preocupação nesse sentido pode ser sentida na fala de alguns entrevistados.

O posicionamento de alguns entrevistados indica a existência de uma visão crítica e mais politizada entre eles em relação às mudanças que os lugares da Rota Ecológica tem passado por causa do turismo das pousadas. Tal fato talvez esteja acontecendo neste trecho do litoral, pela presença de organismos como o ICMBio que faz sempre reuniões e consultas públicas sobre a situação local, e pela ação de outros organismos que vem atuando buscando fomentar a participação da população local, tentando ajustar os seus interesses com os interesses da iniciativa privada local. Pelo turismo ainda acontecer nesses lugares em pequena escala, e

pela relação mais próxima existente entre os pousadeiros e as comunidades – se comparado com o turismo de massa, mais impessoal –, o que permite aos residentes conhecer quem são as pessoas que estão por trás da oferta turística, os moradores locais parecem mais aptos a entender as mudanças que estão em curso no lugar.

Por outro lado, a discussão sobre esse embate entre comunidade local e pousadeiros em torno do acesso a determinados trechos de praia onde se localizam algumas pousadas têm favorecido o surgimento de ajustes em relação a como os residentes se relacionam com o seu lugar, o qual vem se redefinindo na relação com as lides do turismo. Nesse contexto, algumas mudanças e demandas das pousadas têm beneficiado os pescadores. Vários deles adaptaram seus barcos de pesca e jangadas para atender a demandas por passeios às piscinas naturais locais. Assim, algumas características intrínsecas das rotinas dos lugares da Rota Ecológica têm mudado por causa do turismo e percebidos de forma positiva por alguns entrevistados:

Os pescadores mudou [*sic*], pra melhor né. Por que? Porque hoje eles faz [*sic*] o transporte dos turista até as piscina [*sic*] [...] Ele carrega o turismo, faz parte do turismo agora, aí pronto, tem gente até bem melhor, e se arriscando menos né... E5 morador de São Miguel dos Milagres.

Inclusive vai até a jangada vão pra lá, levar os turista [*sic*] pra lá, aí né pra piscina, ai aqui na Barra e lá me Marceneiro, eles ganham dinheiro, ai botam as banquinhas nas jangadas vão tudo pra lá. E12 morador de Barra de Camaragibe.

Convém observar que a renda das populações locais vem sendo incrementada pelo turismo em muitos lugares, como assinalado por Archer e Cooper (1998, p.88), quando estes autores afirmam, ao analisarem as alterações nas dinâmicas econômicas provocadas pelo turismo em lugares periféricos e com pouco desenvolvimento: “Em tais lugares uma grande parte da população vive da agricultura de subsistência ou são pescadores, e quando se envolvem na indústria do turismo sua renda familiar sofre um acréscimo bastante grande em termos relativos”. Adaptações desse tipo, para se ajustarem às novas demandas locais trazidas pelo turismo, parecem ser benéficas para a população anfitriã, o que obviamente leva a mudanças nos lugares nos quais habitam.

Os benefícios econômicos que a atividade turística traz aos lugares é um fato. Até destinos que por vezes percebem os malefícios sociais, culturais e ambientais que o turismo

causou, não anula a importância econômica que o turismo trouxe para os seus lugares. Como exemplo disto, um estudo sobre o turismo de massa em Itacaré-BA (OLIVEIRA, 2008) mostrou que o retorno econômico do turismo foi enfatizado diversas vezes por pessoas da comunidade local que foram entrevistadas: “Quando foi perguntado se o turismo aumenta a renda, o poder de compra e a oferta de emprego em Itacaré, 100% dos entrevistados responderam que sim” (OLIVEIRA, 2008, p.76), apesar de também nesta mesma pesquisa, terem observado o aumento do custo de vida em 80% dos entrevistados.

No caso da Rota Ecológica, alguns entrevistados apresentaram reclamações em relação à chegada dessas pousadas, especificamente no que diz respeito a uma relativa perda do poder sobre o lugar dos residentes, o que altera importantes aspectos do cotidiano desses lugares. Por exemplo, alguns entrevistados comentaram que as pessoas que vem de fora (pousadeiros) querem sobrepor seus interesses ao que já estava estabelecido no lugar anteriormente ao turismo, o que afeta negativamente a forma pela qual a população autóctone vivencia seu lugar e o percebe. Transparece nas falas abaixo uma crítica direta a mudanças desse tipo, denunciando que os pousadeiros parecem ser portadores de um desejo de moldar os costumes e culturas do lugar à sua vontade e interesses:

Os donos das pousadas acha [*sic*] que porque chega no lugar, quer deixar só pros[*sic*] turistas, e não pros [*sic*] nativos né. E4 morador de São Miguel dos Milagres.

É...e mudou pelo fato de...chegou de fora já quer mandar no lugar, a reclamação sempre é essa, não é nem daqui já chegou mandando, a reclamação sempre é essa, agora não mudou tanto. E6 morador de São Miguel dos Milagres.

Ainda em relação a um relativo incomôdo frente à presença das pousadas em seu lugar, os moradores se queixam do que eles denominam de “invasão de pessoas diferentes”, reclamação recorrente durante o estudo, especialmente por parte dos moradores de São Miguel dos Milagres, que são os mais afetados pela chegada dessas pousadas, uma vez que os povoados desse município são a principal referência geográfica da oferta das pousadas da Rota Ecológica, como aparece em vários tipos de mídia. Situações como essa têm sido reportadas na literatura. Por exemplo, Krippendorf (2009, p. 15) afirma que “Essas populações têm cada vez mais a

impressão de que são invadidas por esse desenvolvimento e, ao mesmo tempo, dele excluídas, embora esse comentário esteja relacionado ao turismo de massa. Entretanto, mesmo ofertas relacionadas de alguma forma ao eixo do turismo alternativo podem trazer alterações que podem incomodar parte dos residentes das comunidades anfitriãs.

Não se pode deixar de se ter uma visão crítica sobre como o turismo pode mudar os lugares onde se inserem, mesmo que sejam formas de turismo que se distanciem do turismo de massa, que às vezes formam verdadeiros enclaves, como é o caso dos *resorts*, os quais negam completamente o lugar do seu entorno. Em relação a este estudo, alguns dos entrevistados, que já foram funcionários de pousadas da Rota Ecológica, falam da humilhação que passaram no início da chegada desses empreendimentos no lugar, como bem caracterizado na fala a seguir:

Somos trabalhadores, somos pacatos, mas eu digo isso por experiência de vida que eu fui funcionário de algumas dessas pousadas, então eles diziam assim, o...os meus patrões diziam assim: 'lugar bom de ganhar dinheiro é aqui no interior, porque as pessoas são muito humildes, são bestas [*sic*]' então isso me machucava. El morador de São Miguel dos Milagres.

Além da negação de direitos básicos trabalhistas, e da carga extra de horário de trabalho, principalmente nos períodos de alta temporada, como alegado por alguns entrevistados, muitos dos funcionários se sujeitavam a condições como a relatada acima, pois não tinham outra fonte de renda. Situações como essa podem afetar severamente a forma como os residentes pré-existentes às pousadas se sentem em relação ao seu lugar. Mas atualmente, segundo o relato desses mesmos ex-funcionários, a situação já está sob controle, pois ela vem sendo devidamente fiscalizada. Fatos como estes parecem indicar que mesmo ofertas turísticas que se diferenciam do turismo de *resorts* podem alterar os lugares anfitriões, mas que os residentes podem encontrar formas de lidar com problemas emergentes, o que é mais difícil no caso do turismo de massa.

No caso da Rota Ecológica, mesmo criticando alguns dos problemas de relacionamento que surgiram entre os pousadeiros e empregados do lugar, alguns entrevistados, principalmente de São Miguel dos Milagres, denotam aceitar atualmente a presença das pousadas no seu lugar, reivindicam uma boa convivência entre pousadas e a comunidade:

Porque tem que conviver né. Porque quando chegam, o pessoal já tá [sic] aqui há tempo. Num [sic] é chegar e... é o mesmo que a pessoa chegar na sua casa e botar você pra fora [...]Eles compra [sic] é o terreno, não compram a praia né? E4 morador de São Miguel dos Milagres.

Quer dizer, em São Miguel dos Milagres, Porto da Rua as pousada [sic]deu mais ênfase lá. E12 morador de Barra de Camaragibe.

Além de desejarem uma convivência harmônica com os residentes, os pescadores reivindicam sua permanência nas praias com suas palhoças de guardar seus objetos de pesca (Figura 55), ambientes estes com forte carga identitária dos lugares ocupados pelas pousadas, uma vez que a pesca era, e de alguma forma ainda é, uma importante atividade econômica da região. Assim, mudanças desencadeadas pelas pousadas nas proximidades da linha-de-praia podem alterar profundamente o sentido de lugar dos povoados dessa parte de Alagoas.

Em Porto de Pedras, lugar em que a colônia de pescadores é maior e mais ativa, já existe uma mobilização por parte dos próprios pescadores para resolver este tipo de conflito junto à União, como pode ser visto abaixo:

Mas ai a gente vai resolvendo uma parte aqui pelo STU [sic] e vai...no patrimônio da união, cada lugar que tiver pescadores vai fazer as suas palhoça [sic], pra [sic]livrar desse tipo de coisa. O dono comprou ali, o patrimônio é da união e eles vão cederem pra colônia de pescadores, é aqui um pedaço, vocês fazem suas palhoças aqui, tomado de conta [sic] pela colônia o presidente que vai ficar recolhendo e talvez desse jeito melhore as coisas. E8 pescador de Porto de Pedras.

Figura 55: Palhoças dos pescadores locais – Praia do Patacho – Porto de Pedras



Fonte: LTTD/UFAL 2013

Junto a estas reclamações, a lei do silêncio no povoado de Porto da Rua (São Miguel dos Milagres), que concentra a maior parte do fluxo turístico, também tem gerado um embate entre moradores e empresários. O problema é que o tipo e o volume da música ouvida pela população local e, às vezes, por visitantes por um dia, que trazem aparelhos de som de alta potência, nas proximidades das pousadas, parece conflitar com o tipo de música ouvida dentro e nos arredores das pousadas. Nesse sentido, um dos entrevistados comentou: “Aí quando colocaram ali a faixa ai disseram: ‘não foi o juiz que mandou não, foi esses pousadeiros daí que fica achando ruim a zuada [*sic*], num [*sic*] sei o quê”” diz E6 moradora de São Miguel dos Milagres.

Além disso, os entrevistados percebem que os empresários das pousadas têm um poder de voz maior perante o poder público local. Foucault (2012, p.173) argumenta que “A sociedade é um arquipélago de poderes diferentes” e que existe uma hierarquia entre tais poderes, alguns se sobrepondo aos demais. No caso da área da Rota Ecológica, a iniciativa privada possui maiores poderes de interferir junto ao poder público para defender os seus interesses, e resultados assim conseguidos terminam por interferir no funcionamento cotidiano das comunidades anfitriãs.

Mesmo quando a população local se reúne em associações e em demais organizações da sociedade civil sua voz continua praticamente inaudível como diz Krippendorf (2009), já que para este autor até em lugares já com um desenvolvimento fortalecido é difícil que os residentes possam falar abertamente e claramente suas opiniões e serem atendidos, e desta forma ter de volta a sua soberania.

Na maior parte das vezes a população não possui conhecimento ao certo sobre o funcionamento das atividades dessas pousadas e tem consciência de que o padrão estabelecido por elas é totalmente diferente da realidade local, inibindo o acesso por parte dos residentes até de ficar próximo aos lugares da praia em que elas estão localizadas, o que implica mudanças profundas em lugares nos quais, antes da chegada das pousadas, os autóctones tinham muito mais liberdade na sua vida cotidiana. As três falas que se seguem são contundentes no sentido de mostrar como os entrevistados percebem mudanças sérias em relação a como a comunidade

passa a se relacionar com os lugares agora alterados pela presença das pousadas e dos turistas que nelas se hospedam:

Geralmente nem todos, num [sic] sei, mas talvez ele nem goste de dividir o lugar, o espaço de lazer né com um nativo, mas acho que eles compreende [sic]. E5 morador de São Miguel dos Milagres.

Num [sic] sabe nem do que se trata, assim porque né fica pra lá as pousada né? Porque geralmente essas pousada [sic] é mais o pessoal de fora. Quem é daqui que pode ir pra uma pousada dessa né? Eu mesma eu não conheço, nenhuma eu nunca fui não... E7 morador de Porto de Pedras.

Tem uns que vão né? Tem uns que tem vergonha de tá lá, as vezes vem perguntando ‘cadê fulano de tal? Vai lá, fazer o que lá? Num [sic] conheço o pessoal de fora, não sei o quê muito ruim’ tem uns que vai pra [sic] conhecer né, e tem uns que tem vergonha, ‘vou nada, o pessoal de dinheiro, rico, fazer o quê lá?’ E11 morador de Barra de Camaragibe.

E esta inibição perante a presença de turistas nessas comunidades anfitriãs, faz com que a comunidade acabe também não frequentado determinados espaços destinados a turistas, mas que também fazem parte dessas comunidades. Com isso, em relação à frequência de uso dos mesmos lugares antes da chegada do turismo, os moradores da Rota Ecológica parecem evitar os lugares com turistas como algumas praias mais badaladas e restaurantes, como pode ser observado nos depoimentos abaixo:

Tipo...frequentava né...tipo a praia mesmo, frequentava a praia e hoje o meu modo de lazer não é como antes [...] Acho assim que os lugares assim, negócio de festa, tem umas festas aqui...tipo a Rave, tem, vai quem tem dinheiro, fora os...que vão trabalhar que não tem dinheiro. Outra coisa pelo menos aqui, acho que não. Só mesmo a praia. E6 de São Miguel dos Milagres.

O pessoal não frequenta muito a do Patacho, tem muita pousada. E9 morador de Porto de Pedras.

Conforme pode-se constatar, não é só a parte positiva das pousadas que a população local vê como afetando o lugar deles, a comunidade também percebe o inconveniente trazido

pelo turismo e desencadeado por essas pousadas. Por exemplo, um dos entrevistados faz um comentário que parece denotar aspectos não plenamente conhecidos por eles, associados ao turismo das pousadas, e que pode afetar negativamente o cotidiano desses lugares: “Não tem como separar quem vem bom e quem vem ruim, vai, vem tudo junto” E4 morador de São Miguel dos Milagres. Fatos semelhantes ocorrem na maior parte dos destinos turísticos, em maior ou menor escala, como observado por Archer e Cooper (1998), Brandão (2013) e Oliveira (2008). O fato é que uma vez inserido no mundo do turismo, o lugar muda e não volta mais a ser como era antes, como lembrado por Rodrigues (1999).

Além disso, há na percepção dos moradores uma “invasão” de pessoas de fora do lugar, que trazem comportamentos até então não vistos localmente, como o uso de drogas e o aumento da violência: “O pessoal daqui eles num [sic] faz roubo, o pessoal daqui eles não assalta, as pessoas daqui eles não invadem, mas o pessoal de fora faz tudo isso” E1 Morador de São Miguel dos Milagres. Entretanto, esse tipo de acontecimento parece não estar diretamente associado às pousadas em estudo, mas ser resultado da visibilidade que elas proporcionaram à esses lugares, atraindo criminosos e comportamentos relacionados.

Acrescentando a esses tipos de malefícios, uma parte dos entrevistados também percebe que ainda falta um maior retorno social dos empresários de turismo para o lugar em que estão estabelecidos:

Então nesse sentido, o que...eu volto a dizer, o que ainda falta desses empresários, desses empreendedores aqui do município que vieram explorar aqui essa região, de uma maneira, de uma maneira...vamos dizer econômica, vieram explorar sim, porque eles tão atrás de lucros, num [sic] é isso? É...é eles participarem da vida social das pessoas. E2 morador de São Miguel dos Milagres.

Como visto no segundo capítulo, apenas uma pousada pertencente à Rota Ecológica chegou a fazer um programa social direcionado à comunidade local, porém por problemas externos e políticos o projeto foi desvinculado da pousada e se tornou hoje uma instituição separada dessas pousadas, ou seja, o Instituto Yandê (Figura 56). A fala do entrevistado acima, denota de alguma forma a existência de um fosso e distância social entre os pousadeiros, com os seus interesses comerciais, e as pessoas da comunidade, nas suas vidas cotidianas.

Figura 56: Instituto Yandê – Povoado do Toque – São Miguel dos Milagres



Fonte: Instituto Yandê - Facebook

Com referência a se os turistas procuram estabelecer contato e conhecer a população local, há uma divisão que varia de acordo com as personalidades dos visitantes. As localidades que fazem parte deste estudo são bastante frequentadas por artistas e outras pessoas famosas que circulam livremente nas ruas locais. Quanto à presença de artistas e famosos no lugar, eles já se dizem acostumados e por isso não há tumulto quando essas pessoas estão por lá, como pode ser analisado através da voz dos três entrevistados que se seguem:

‘Oxe, fulano de tal tá em São Miguel’ entendeu? Mas não é de invadir a privacidade. E1 morador de São Miguel dos Milagres.

A gente já é acostumado com esses artistas, com algumas pessoas famosas, a gente sempre tem...mas pras [sic] pessoas é uma celebridade, as pessoas fica [sic] tudo encantado, fazem foto..vão pra praça, vão...é assim, então isso é bom, isso é muito bom. E2 morador de São Miguel dos Milagres.

Principalmente pras [sic] pousadas vem muita gente famosa. Às vezes a pessoa nem percebe, trabalhando lá nem percebe. E11 morador de Barra de Camaragibe pertencente à Passo de Camaragibe.

Com base nesses relatos, e considerando também comentários colhidos durante a pesquisa de campo, a relação entre turista e residente não é apenas unidirecional, ou seja, só com a percepção dos visitantes no lugar por parte da comunidade; também foi mencionado que alguns turistas buscam estabelecer contatos com pessoas da comunidade, curiosos sobre o modo de vida do lugar.

Outros turistas, no entanto, são direcionados a fazer as atividades programadas e oferecidas pelas pousadas, ficando reservados e não mantêm contato com pessoas das comunidades locais. Os que procuram contato, principalmente com os pescadores, buscam saber como é a vida no lugar, comportamento, etc, como se pode constatar no relato abaixo:

Então tinha gente que filmava, tinha gente que vinha do Rio, São Paulo ia pra casa dele ouvir a história dele que levaram até filmagem da família dele toda é...ele falando de toda vida dele, como era Porto da Rua hoje, ontem e como é hoje é....como era a vida dele antes e como é hoje, então isso aí é muito importante. E3 de São Miguel dos Milagres.

No turismo de massa, composto principalmente por turistas psicocêntricos, normalmente os turistas não têm um interesse genuíno de estabelecer contatos com os residentes dos lugares visitados. Entretanto, turistas alocêntricos, frequentemente associados a tipos alternativos de turismo, muitas vezes querem conhecer verdadeiramente o lugar, caminhar pelas ruas e conversar com as pessoas do lugar.

Os moradores da Rota Ecológica de modo geral ficam felizes em receber turistas e visitantes, apesar de pontuarem a perda de privacidade e tendo consciência de que para que o desenvolvimento do lugar aconteça é inevitável que incômodos existam, demonstrando assim que de acordo com o modelo Irridex de Doxey (1975) visto na metodologia, as comunidades estão no estágio de Apatia, podendo passar ainda para a Irritação em relação ao turismo e os turistas, caso se dê outro direcionamento na orientação de turismo destes lugares ou os problemas já expostos pela população local não sejam resolvidos e apenas ampliados.

A fase de Apatia das comunidades, que estão na área da Rota Ecológica, se justifica pela percepção das pessoas entrevistadas em ainda considerar o turismo das pousadas da Rota Ecológica com mais benefícios do que malefícios para os seus lugares. Durante a pesquisa, as respostas dos entrevistados foram em favor do turismo, apesar de já tecerem críticas aos pontos

negativos em relação a esta atividade, mas ainda não apresentam através da interpretação das suas falas irritação e antagonismo com os turistas e com o turismo das pousadas da Rota Ecológica. Porém, com o avanço de um turismo de caráter predatório e principalmente vinculado a características massivas da atividade, a percepção das comunidades com o passar do tempo poderá chegar aos últimos estágios deste modelo.

Por enquanto a comunidade vê os visitantes como pessoas educadas e simpáticas (Figura 57), transparecendo assim que essa relação com turistas e visitantes parece ainda estar em um bom nível de convívio e de modo pacífico como explica o entrevistado E8 de Porto de Pedras:

Porque eu nunca ouvi, nunca ouvi um turista machucar ninguém aqui na nossa região, nunca vi passar um turista xingar alguém, e...eles passam tomando banho, tem os lazeres lá próprios deles, mas nunca vi ninguém reclamar, porque o mar é pra todos né? Então até hoje eu não ouvi não.

Figura 57: Turistas nas praias da Rota Ecológica – Porto da Rua – São Miguel dos Milagres



Fonte: LTTD/UFAL 2015

Quanto à perspectiva de futuro, a população local tem noção que caso o crescimento da atividade turística na Rota Ecológica seja maior do que já é, e com base em modelos parecidos com o que tem ocorrido no restante do litoral norte, isto pode afetar a tranquilidade do lugar, com poucas e restritas opções de lazer para os nativos. Associando o crescimento turístico de massa com a geração de diversos problemas, Yázigi (1999, p.155) afirma: "[...] de pouco adianta que o município entre na frente turística se, simultaneamente, não estiver combatendo seus adversários, a pobreza, a degradação do território, as tecnologias erradas ou o mau uso da memória". No caso da Rota Ecológica, parece que problemas como esses mencionados por Yázigi, mais associados à negligência do poder público do que à presença das pousadas, são uma realidade local.

De alguma forma, os entrevistados percebem a diferença que pode haver entre o turismo das pousadas, e o que poderia ocorrer se fosse turismo de massa, como transparece nessa fala: "E se tivesse mais estrutura tenho certeza que não seria assim. Seria horrível, seria como uma cidade, muito poluída, e...não ia ter muito...ia ter mais iria tá lá embaixo, mas hoje Graças a Deus tá lá em cima" diz E6 sobre a sua percepção de uma outra realidade urbana na Rota Ecológica. A moradora explica o seu sentimento em relação à padronização dos centros turísticos, formando lugares padronizados pela organização, simetria, tonando-se assim de certa forma "plastificados". Provavelmente ela se refira ao desenvolvimento urbano nas grandes cidades, as quais, segundo Yázigi (2003, p. 11), "[...] ainda insistem em copiar cegamente, os modelos vigentes de desenvolvimento metropolitano[...]", com o turismo de massa e de grande escala também desempenhando um certo papel nesse tipo de urbanização.

O processo de urbanização nestes lugares turísticos só ocorreu pela chegada da atividade turística, especialmente com a chegada das pousadas da Rota Ecológica nesta região. Pois, até a infraestrutura básica urbana, como acesso à internet, telefonia móvel, energia elétrica com melhor qualidade e melhorias de pavimento era escasso nesses municípios. Esta dinâmica vai de acordo com o que Mullins (1991) aborda sobre a urbanização pelo turismo. Este autor irá afirmar que cidades urbanizadas pelo turismo apresentam um rápido crescimento se comparadas a outras cidades que tiveram sua urbanização não causada pela atividade turística. No caso do que vem ocorrendo nos municípios pertencentes a Rota Ecológica, esta urbanização

ainda acontece em pequena escala, o que pode ser rompido com o crescimento do turismo nesses lugares, seja por formas massivas ou por não planejamento e fiscalização das formas de turismo já existentes.

Desta maneira, mesmo com um tipo de urbanização local tradicional (Figura 58) com núcleos lineares bem adensados e a apresentação de estruturas urbanas de pequena escala, já se constata na Rota Ecológica a chegada de investidores e pessoas de fora, para investir em terrenos e empreendimentos de desenvolvimento urbano, assim como ocorre em modelos massivos de turistificação em que os residentes vão perdendo espaço e poder sobre os seus lugares gradualmente. Assim com o tempo e a chegada desses novos padrões de urbanização, esta linearidade poder ser rompida e se apresentarem novas configurações urbanas. É interessante como um dos entrevistados relaciona mudanças no seu lugar a decisões tomadas em outro país: “Se você tiver dinheiro, você tá nos Estados Unidos, ver tão bonito, tão lindo, que você quer comprar um terreno na praia do Patacho, e hoje tá aí, no nosso Porto de Pedras maravilhoso...praia do Patacho cheio de pousada” E8 morador de Porto de Pedras.

Figura 58: Casas populares e arruados do município de São Miguel dos Milagres



Fonte: Blog cariocandoporai.com

De modo similar a outros destinos turísticos, os preços abusivos de terrenos e de aluguéis começam a ser praticados, por conta do crescimento do turismo, fazendo com que a população local comece a ocupar terrenos cada vez mais distantes da linha de praia (Figura 59),

passando a habitar lugares muito diferentes, se comparados com as áreas próximas ao mar. Problemas semelhantes foram identificados em outros lugares por Krippendorf:

Ao final, chega-se, às vezes, à situação em que o preço dos terrenos e os aluguéis pagos pelos estrangeiros são tão elevados que um autóctone não pode mais se dar ao luxo de morar na própria comunidade, e muito menos de construir uma casa para morar (2009, p.77).

Figura 59: Ocupação de encostas no povoado de Marceneiro – Passo de Camaragibe



Fonte: LTTD/UFAL 2015

A valorização dos terrenos da Rota Ecológica nos últimos anos tem afetado a população local na medida em que estes moradores não possuem renda suficiente para comprar terrenos, como mencionado por um dos entrevistados: “Hoje os conterrâneos, os moradores não têm condições de comprar um terreno, porque se tornou muito caro, não temos condições” El morador de São Miguel dos Milagres. Até mesmo o aluguel das casas tem aumentado e com isso dificultado a vida dos residentes: “Até os aluguel [*sic*] tá caro...” El morador de Barra de Camaragibe, uma situação que tem consequências para a forma como as pessoas se relacionam

como o seu lugar, agora ressignificado economicamente por causa do turismo, o que deve ter implicações para como esses moradores se sentem em relação ao seu próprio lugar.

Quem tem comprado terrenos nesses lugares, especialmente os localizados nas proximidades da linha de praia, são pessoas de fora do lugar que constroem casas de segunda residência, loteamentos ou outros empreendimentos relacionados ao turismo, como pode ser observado pela voz de um morador:

Eu mesmo não posso comprar um terreninho, antigamente era dois mil reais, mil reais, hoje em dia é vinte mil, cinquenta mil, cem mil pra... pra [sic] pedir dinheiro eu não posso comprar terreno. Só compra aqueles grandão [sic], empresário que pode comprar terreno hoje em dia nessa área de praia. E9 morador de Porto de Pedras.

Muitas pessoas dessas comunidades que formam a Rota Ecológica passam assim a viver em condições de favelização e marginalização, como usualmente ocorre em lugares turísticos de massa já consolidados, como ocorre em boa parte das praias do litoral nordestino, em praias afastadas de grandes centros urbanos e consideradas paradisíacas pela pouca ocupação urbana. O depoimento abaixo ilustra as mudanças que vêm ocorrendo na dinâmica espacial da área da Rota Ecológica, como consequência da valorização da terra como resultado do avanço do turismo na região:

Você só pode comprar um terreno se for lá por trás daquela chã [apontando para o terreno localizado no alto] tá vendo aquela chã ali, lá por trás daquela chã, e se for sozinho, se tiver as casas lá você não compra mais, e na beira da praia aonde faz a orla, você não compra um terreno [...]. E8 morador de Porto de Pedras.

Pode-se deduzir desse comentário algumas mudanças pelas quais as pessoas das comunidades locais enfrentam e que influenciam a forma como elas percebem o seu próprio lugar, diferentemente de quando o turismo das pousadas ainda não tinha chegado a esses locais. Na Rota Ecológica a ação das forças da especulação ainda está em sua fase inicial e se tomadas as devidas atitudes e providências este ponto pode não se tornar um problema tão grave para estes lugares. A especulação imobiliária em destinos turísticos é uma das alterações negativas que esta atividade pode causar nos lugares em que se instala. Esse tipo de problema é reconhecido por Panosso Netto:

Imaginemos uma praia deserta do nordeste brasileiro que é ‘descoberta’ pelo turismo. Rapidamente ocorre uma valorização exorbitante dos terrenos obrigando quem já vive na localidade há anos, talvez décadas, a vender suas terras, pois não consegue mais suportar o aumento dos impostos e as ofertas tentadoras de compra (2010, p.83).

Outro aspecto importante da relação entre o turismo e a dinâmica dos lugares onde ele se instala é o trabalho, particularmente como se comportam as atividades pré-existentes ao turismo, como uma dimensão indissociável do lugar. Nesse sentido, uma das descobertas deste estudo é que o mar, na percepção dos entrevistados, sempre foi visto como local de trabalho e não como lugar de lazer. A Figura 60 ilustra a contradição entre duas mulheres marisqueiras locais que vem do mar, ao mesmo tempo em que um casal desfruta do lazer na praia. Uma cena como essa pode não corresponder plenamente à visão pela qual as pessoas de grandes centros urbanos costumam ter dos destinos turísticos, normalmente vistos unicamente pelas lentes coloridas do lazer. As praias e o mar como ambientes normalmente relacionados ao trabalho dos autóctones pode ser evidenciado nos três municípios que compõem a Rota Ecológica, como mostram as falas dos três entrevistados que se seguem:

Você não via banhistas nativos na praia daqui, você não via isso. Não via...porque a praia era reservada única e exclusivamente para pescadores, não era pra [sic] banhistas e não tinha, não tinha nenhum tipo de exploração. Assim explica E2 morador de São Miguel dos Milagres.

Os pessoal [sic] vão direto pra praia, tirar marisco e num [sic] dá problema nenhum, não pode dar né, porque é uma coisa que eles não pode [sic] é como diz interferir no coisa [sic] desse pessoal pra lá, pra praia né, num [sic] pode né? E7 morador de Porto de Pedras.

Antes eles iam ao mar a trabalho, pescar, embarcar massunin, mas lazer e diversão não, agora que eles estão mais. E10 moradora de Barra de Camaragibe.

Figura 60: Marisqueiros e turistas na praia de Porto da Rua – São Miguel dos Milagres



Fonte: LTTD/UFAL 2015

Torna-se evidente com este estudo que após as pousadas da Rota Ecológica é fato que essas comunidades têm presenciado transformações econômicas, sociais, culturais e ambientais em seus lugares. De locais pacatos e normalmente habitados apenas por nativos, passaram a ser destinos turísticos de padrão internacional de conforto e luxo, atraindo pessoas cujo comportamento no lugar contrasta diretamente com as rotinas diárias do cotidiano dos autóctones, o que emprega novas características aos lugares visitados, com implicações para a forma como os nativos usam e percebem o seu próprio lugar. Uma das consequências do turismo das pousadas para os nativos da Rota Ecológica é os lugares que eram frequentados tradicionalmente pelas pessoas do lugar estão sendo reduzidos, como percebido por três dos entrevistados:

As pessoas cederam os seus lugares pra [*sic*] pessoas de fora [...] então foram cedendo e hoje poucos pescadores tem casa na praia, foram tirados, colocados em conjuntos habitacionais, ou em favelas, que aqui a gente já tem favelas. E2 morador de São Miguel dos Milagres.

Não fechando a área que eu possa trafegar na minha pesca, não fechando isso...eles podem passar sabe ai quantos anos? Trezentos. E8 de Porto de Pedras.

Vai cada vez fechando o espaço da comunidade, entrar ali tomar um banho e levar seu filho pra [*sic*] tomar um banho no sábado ou domingo. E9 morador de Porto de Pedras.

Apesar desses incômodos causados pelo turismo, os próprios moradores também observam que o turismo traz desenvolvimento e, por isso, veem que esta atividade será bem-vinda, não interferindo de forma radical nos espaços da população autóctone, no que diz respeito ao desenvolvimento dos seus trabalhos tradicionais e de moradia. Em uma perspectiva mais ampla e geral, este estudo mostra que os entrevistados ainda aceitam bem a atividade turística em seus lugares nos moldes que as pousadas da Rota Ecológica têm proporcionado. Esse entendimento transparece na fala de um dos entrevistados:

Eu mesmo a minha opinião pessoal eu me sinto muito bem, porque eu vejo que o município tá recebendo divisa, o bugueiro ganha se não tiver o agenciador, vai vender um refrigerante, o outro vai vender um almoço, um cara passa ali na esquina compra um artesanato, e assim sucessivamente, e as pessoas gostam, tem uma aceitação muito boa com os turistas. E2 de São Miguel dos Milagres.

Diante dessa realidade, outra questão pontuada pelos entrevistados é que com a chegada do turismo, as pessoas não dependem mais de uma única fonte de renda, agora vários membros da família trabalham em diversas atividades da economia local para colaborar com a renda, inclusive com o turismo, variando do trabalho dos marisqueiros e pescadores até o transporte náutico dos visitantes (Figura 61). A diversificação nas fontes de renda trazida pelo turismo é importante para a dinâmica econômico, social e cultural de um lugar, evitando que haja dependência estritamente de um setor da economia. A fala do entrevistado que se segue mostra como a realidade mudou na Rota Ecológica com a chegada do turismo, trazendo alterações na forma como as pessoas nativas se relacionam com o lugar:

Não é mais como antigamente, só dependia da pesca muitas vez [sic], você saia pra [sic] pescar, a esposa e os filho [sic] ficava esperando que você voltasse pra [sic] vender o peixe pra [sic] comprar farinha, pra [sic] fazer a comida, pra [sic] você almoçar cinco seis hora [sic] da noite né? E12 morador de Barra de Camaragibe.

Figura 61: Marisqueiros e Jangadeiro (ao fundo) que levam o “turismo”



Fonte: LTTD/UFAL 2015

Mesmo que os moradores não consigam distinguir em profundidade a diferença entre o tipo de turismo que vem sendo estabelecido na Rota Ecológica por essas pousadas e as ofertas de turismo massivo como o caso dos *resorts*, é possível perceber em suas falas que eles entendem que os segmentos de turismo como, por exemplo, o praticado em Maragogi – município localizado próximo à Rota Ecológica – não são desejados para o seu lugar.

Como visto no segundo capítulo, só após a chegada das pousadas da Rota Ecológica é que a comunidade despertou para oferecer serviços de interesse para o turismo. O fato é que quem deu início ao turismo na área foram as pousadas alvo deste estudo:

É que todos são pessoas de fora, não é? Eles foram quem aplicaram, foi quem deram inguinição né? Colocaram a primeira marcha pra...a abertura do turismo aqui porque se...se fossemos esperar pelos nativos, ele num [*sic*] tinha nem visão, nem uma...uma assessoria técnica, né isso, o Sebrae quem aqui de respeito, para que eles pudessem investir e ter a criatividade de acreditar nisso aí, a partir do momento que essas pessoas vieram de fora, italianos, japoneses, argentinos, que começaram, até belgas tem aqui, tem um belga também, investiu no município, hoje, essa ramificação já está atingindo

os nativos, que hoje temos aqui nativos que já tem pousadas também. É...é...como se diz, vendo o exemplo dessas pessoas que vieram de fora. E2 morador de São Miguel dos Milagres

O estudo mostra que antes da chegada dessas pousadas nos três municípios as principais fontes de renda são um consenso entre os entrevistados: eles sobreviviam da retirada de coco, da pesca e do trabalho na prefeitura. São lugares que viveram isolados do turismo por bastante tempo e que agora com as novas tendências da atividade turística, essa área tem se tornado o foco das atenções de diversas pessoas interessadas nessa atividade.

A área que forma a Rota Ecológica é marcada pela pobreza da população, normalmente dependentes de trabalhos informais (Figura 62) e por sua dependência dos programas sociais do governo como visto na tabela de características socioeconômicas do segundo capítulo. Após a chegada das pousadas da Rota Ecológica esta situação vem se modificando, porém o processo de mudança desencadeado pelo turismo ainda pode se desenvolver muito e novos formatos de turismo ainda podem se instalar.

Figura 62: Morador de Porto de Pedras



Fonte: LTTD/UFAL 2015

Devido à sua pequena escala, obviamente as pousadas têm limitações no que diz respeito ao desenvolvimento através do turismo nesses lugares. Não se pode negar que a ajuda vinda do governo federal, na forma de programas sociais, tem forte contribuição para a melhoria de vida local como avaliado por um de seus residentes, apesar das pessoas também visualizarem entre seus conterrâneos dependência desses programas: “Melhorou sim, que isso o governo dá um auxílio, é um auxílio isso aí, mas hoje é meio de vida” afirma E1 morador de São Miguel dos Milagres. Entre esses programas do governo, talvez um dos mais importantes seja o do defeso para os pescadores da Rota Ecológica, já que com o dinheiro do defeso o pescador se arrisca menos em sua profissão e ajuda na aquisição de equipamentos de pesca:

Não tinha defeso do pessoal, licença especial não tinha pra eles e hoje em dia...ajudou muito o pescador, antigamente o cara ou ia [sic] ou tinha que ir mesmo, eu ia [sic] arriscando a vida, arriscava a vida no tempo de inverno agora, ia [sic] arriscar a vida pra [sic] dar de comer os filhos né? Vivia daquilo ali, ia [sic] pro mar brabo, ia [sic] pra fora, arriscado ir e não voltar, aconteceu muitas vezes, morreu um menino aí, a mãe dele morreu mais o pai dele chegou lá, a onda bateu o barco virou ele veio em cima do caco da jangada, perdeu o filho...hoje em dia não, tem o defeso já é pra isso pra ele não arriscar [...] E11 morador de Barra de Camaragibe.

Hoje também tem uma coisa que melhorou muito em relação tem esse programa do governo, o bolsa família, tem lugar que tem o defeso que dá condições da gente comprar os apetrecho [sic] de pesca, porque se a gente dependesse só da pesca, é que nem a gente usa aquela palavra, é assando e comendo, num [sic] dá pra você fazer nada, hoje o governo já de esse sub...esse recurso pra comprar alguma coisa pra sua jangada, já compra o seu motor, já compra os seus apetrecho [sic], parece que no sentido geral melhorou muito [...] E12 morador de Barra de Camaragibe

Independentemente das mudanças sociais e econômicas causadas pelos programas sociais do governo federal, o comércio e os serviços demandados pelos turistas e pela própria população após a chegada das pousadas da Rota Ecológica têm contribuído melhorar as fontes de renda dos autóctones, o que transparece na fala de um dos entrevistados: “Porque sem o turismo, a gente praticamente né, é quase nada [...] Hoje com as pousadas assim...com todo trabalho, melhorou muito...em si. Hoje pode dizer que são rico” E6 moradora de São Miguel dos Milagres. A partir desta fala percebe-se a importância que a atividade turística possui para a vida econômica da Rota Ecológica. Novos postos de trabalho surgiram, assim como o comércio local também foi modificado. Em casos como este, Panosso Netto (2010, p. 82) argumenta que “Não estamos falando em gerar ‘milhões de dólares’, mas sim em proporcionar

ao menos uma renda mínima para os trabalhadores do turismo que, antes dessa atividade, não tinham perspectiva alguma de trabalho”. Mudanças desse tipo colocam a relação dos residentes nativos com o seu lugar em uma nova perspectiva; as rotinas diárias e as formas de se relacionar com o seu lugar e de percebê-lo mudam.

Ao trazerem mudanças para o comércio local, as pousadas contribuem adicionalmente para mudanças nos lugares estudados. Muitos dos pousadeiros fazem compras nos lugares e contribuem direta e indiretamente com os lugares em que se instalam:

Todas pousada [sic] , eu, pelo meu conhecimento, todas pousada [sic] elas consome os produto [sic] daqui, daqui da região, ela não...não...só investe dinheiro fora daqui, o que a gente não tem aqui mesmo, que é objeto...coisas industrializadas, mas o que é da gente aqui eles consome tudo da gente, então os fruto do mar, como é...é produtos agrários, agricultura, ai é todos daqui, agora o que não não tem aqui, tem que buscar fora, entendeu? E1 morador de São Miguel dos Milagres.

Eles compram peixe nas peixaria [sic] do município eles compram, compra o polvo do pescador, compra o lagostinho, o pescador quando vem saindo da praia, eles têm comprado muito meu, lagostinho, polvo, a tainha eles têm comprado, se é melhoria eu não sei, mas eles compram, mas se ele não compra eu tinha que vender mesmo né? E8 morador de Porto de Pedras.

Os artesãos, inclusive os artesãos eles faz [sic] produto aqui, negócio de concha tudo, aquelas cortina [sic] e vende bastante artesanato na pousada [...] E11 morador de Barra de Camaragibe.

Não...pra tudo isso melhorou até pros artesão [sic] melhorou mais ainda porque o artesanato, o pessoal, o turismo das pousada [sic] ele...ele mesmo que vão lá e compra...eles bota [sic] nas pousada [sic] dele, muitas vezes até divulgado pro [sic] turista [sic] que vem de fora, vê aquela coisa “da onde foi que...foi daqui mesmo da região e tal” aí isso aí pra gente foi ótimo, foi bom E12 morador de Barra de Camaragibe.

Os turistas que se hospedam nas pousadas da Rota Ecológica também movimentam a economia local, especialmente no período da alta temporada:

Quer um exemplo, quando chega o turismo ai, ele sai pra [sic] fazer compra no nosso município, aqui no...nos amigo [sic] que eu tenho aqui que tem os seus mercadinho [sic] tá entendendo? E12 morador de Barra de Camaragibe.

O turista é rico né [...] Esses cara [sic] ele compra muito, madeira rústica, móvel. Essas coisas eles compram muito, entrega pra São Paulo o pessoal aí. Entrega lá em São Paulo, em todo Brasil. E5 morador de São Miguel dos Milagres.

Dada a importância do turismo das pousadas da Rota Ecológica para estes lugares, durante a pesquisa pôde ser observado que todos os entrevistados ou trabalharam ou conheciam alguém que trabalhou ou trabalha em uma dessas pousadas da Rota Ecológica, como refletido abaixo na fala dos próprios entrevistados:

O pessoal...o dono dessa pousada que o meu menino trabalha, não falta trabalho. E7 de Porto de Pedras.

E agora com as pousadas têm pessoas que trabalham nelas daqui da comunidade. E10 de Barra de Camaragibe.

Fica claro, portanto, que após a chegada das pousadas da Rota Ecológica houve mudanças em todos os setores de vida da população local, como abertura de vagas de emprego fixo e renda: “Com a pousada, ele tem pelo menos um salário mínimo fixo todo mês, então houve uma mudança sim” E2 morador de São Miguel dos Milagres. Esse comentário apenas confirma o que os estudos sobre a relação entre o turismo e as comunidades anfitriãs relatam, como observado por Theobald (2002, p.81):

Ao longo de toda história registrada, de certa forma o Turismo teve um impacto sobre tudo e todos os que estiveram em contato com ele. Num plano ideal, esses impactos deveriam ter sido positivos, no tocante aos benefícios obtidos tanto pelas áreas de destino quanto por seus residentes. Esses impactos positivos significariam para o local resultados tais como melhorias nas condições econômicas, uma promoção social e cultural e a proteção dos recursos ambientais. Teoricamente, os benefícios do Turismo deveriam produzir ganhos muito superiores aos seus custos.

Além disso, pessoas das comunidades da Rota Ecológica deixaram suas atividades de origem para trabalhar com turismo, por acreditar que a atividade seja mais rentável, como pode ser refletido nas seguintes falas:

Gera, gera porque eu conheço alguns que eles pararam de fazer outros tipos de trabalho pra [sic] trabalhar no turismo... E8 morador de Porto de Pedras

Deixou a pesca, vai trabalhar de vigilante e assim tem algumas pessoa [sic] que trocou a sua atividade, vivia pescando e agora trabalha na pousada, de vigia, deixou a pesca, pra tá numa pousada dessa E9 morador de Porto de Pedras.

Em relação às condições de vida atuais, comparadas com as condições de vida de antes da chegada das pousadas da Rota Ecológica, os entrevistados enfatizaram que as pousadas trouxeram melhorias como resultado dos empregos que elas ofertam, em uma localidade sem muitas perspectivas de empregos formais:

Desenvolveu assim muito porque você sabe que o turismo, ele traz assim muita coisa né, traz assim mais as vezes renda pras [sic] pessoas que vende alguma coisa, né? E eu acredito que trouxe, porque é como eu já falei pra você, ele num [sic] gera emprego pro pessoal né? Quer dizer que isso ai é bom né? E7 moradora de Porto de Pedras.

Em estudos que tiveram como foco o turismo de massa, as reclamações dos residentes são mais enfáticas, como por exemplo no estudo de Brandão (2013, p.233) em que o entrevistado morador de Praia do Forte – BA, camelô, fala de um dos aspectos negativos dessa orientação de turismo, em referencia à ocupação dos espaços públicos locais:

Por que não podemos ficar ‘espalhados’ pela Avenida? Essa concentração aqui atrapalha muito, pois todo mundo vende praticamente as mesmas coisas. Se cada um tivesse o seu canto, uns ali perto do Souza [famoso restaurante local], outros ali no ‘larginho’ e outros aqui mesmo, seria bem melhor. Prá [sic] mim, é a força dos grandes [referindo-se aos agentes econômicos] que tá [sic] por trás disso.

No caso da Rota Ecológica, as mudanças locais são mais difundidas espacialmente, por duas razões principais, a saber: 1) o poder público está ausente, não interferindo no sentido de disciplinar a urbanização dos povoados da Rota Ecológica; sendo assim, as atividades turísticas não são direcionadas para lugares em particular; 2) devido ter uma componente alternativo, os efeitos do turismo das pousadas em questão penetram de forma mais ampla em grande parte do recorte espacial da Rota Ecológica.

De modo geral, os entrevistados reconhecem a importância da chegada da atividade turística em seu lugar, através das pousadas da Rota Ecológica, particularmente por elas ofertarem emprego e por contribuir para a geração de ocupação e renda para muitos residentes. Lickowish (2000) argumenta que normalmente em lugares menos desenvolvidos, os habitantes percebem mais diretamente os aspectos positivos do turismo por suas contribuições sociais, de

como, por exemplo, o turismo pode contribuir para se manter um certo nível de atividade econômica no lugar, evitando assim a migração da população para outros lugares.

Apesar disso, os residentes de comunidades que se turistificam também terminam por reconhecer alguns pontos negativos da chegada do turismo em seus lugares, percebendo que as alterações causadas pela atividade turística “[...] referem-se à gama de modificações ou seqüência de eventos provocados pelo processo de desenvolvimento turístico nas localidades receptoras” (RUSCHMANN, 2000, p. 34). Na realidade, no caso do turismo das pousadas da Rota Ecológica as mudanças são amplas, incluindo tanto mudanças positivas quanto negativas, como se pode verificar nas falas abaixo de entrevistados para este estudo:

Ela contribui em todos os sentidos. Os serviços essenciais, como estrada, como serviços de telefonia móvel, serviços de telefonia fixa, rede de água que ainda não temos rede de esgoto, mas a de água, de eletricidade [...] faltou energia, se fosse depender de mim, o simples usuário a empresa iria colocar uma certa restrição pra [sic] se deslocar de lá pra vim fazer, mas como tem um empreendimento como um hotel, faltou energia [...] então ele tem que atender, ele atendendo a pousada, vai me beneficiar também. E2 morador de São Miguel dos Milagres.

Ah! Contribui pra melhor pra [sic] alguns e pra pior pra [sic] outros, mas contribui. Aos dois lados eles contribuiu, porque pra [sic] aqueles que ele deu emprego contribuiu pra [sic] aquele que ele forçou tirar uma embarcação de frente da pousada dele, não contribuiu. E8 pescador e morador de Porto de Pedras.

Porque já livra da pessoa sair daqui pra cidade como aí vai pra cidade aí vai depender de aluguel e no caso, um menino desse mesmo meu tinha que se largar e ir simhora [sic] pra Maceió. Pra [sic] viver de aluguel né? Tá entendendo, aí já fica aqui. E7 moradora de Porto de Pedras.

E as vez [sic] a pessoa compra pra [sic] fazer uma pousada, pra [sic] fazer uma coisa pra [sic] trazer o quê? Pra [sic] trazer ganho pra gente, vai empregar um filho meu né, um neto, aí isso tudo pra mim isso é...isso é como é que diz é...benefício pra gente. E12 morador de Barra de Camaragibe.

Houve porque teve mais trabalho né, aí, houve a mudança, aí, passa menos tempo parado. Os pedreiros ganham mais, os eletricitas, o peixe dá [sic] pra [sic] vender o peixe num preço melhor E4 morador de São Miguel dos Milagres.

Então eu creio que a população das...da região de Passo a Porto de Pedras não agradeceria só os políticos, principalmente aos empresários, se não fosse os empresários essa estrada tava [sic] do jeito que era antes. E3 morador de São Miguel dos Milagres.

Então foi através dos investimentos dos pousadeiros por reclamação do turista que chegou reclamando [...] que é uma coisa por causa de sinalização, então eles foram a

procura e com a ajuda também de abaixo assinado pra melhoria da pista. E6 moradora de São Miguel dos Milagres.

Como visto os malefícios destes empreendimentos ao menos na percepção da população é mínima, especialmente se comparada com a dinâmica que as pousadas da Rota Ecológica tem provocado no espaço habitado das comunidades em que estão inseridas. Na medida em que as pousadas da Rota Ecológica possuem pouca rejeição por parte da comunidade receptora, os donos dos empreendimentos fazem pressão junto ao governo municipal e empresas responsáveis por serviços públicos para que melhorem a infraestrutura local. Como o poder de voz dessas pessoas é maior do que a população isolada, boa parte das melhorias nas estradas de acesso, energia e telefonia só aconteceu devido a essas pousadas, pois talvez na ausência destas, essas melhorias demorassem mais tempo para chegar. Assim, há uma visão generalizada entre os entrevistados deste estudo segundo a qual as pousadas da Rota Ecológica, pelo menos até o momento, parecem ter trazido mais benefícios do que malefícios para os lugares e as pessoas das comunidades envolvidas.

Como visto, muitas das reclamações citadas pelos entrevistados para este estudo, são relacionadas às questões estruturais dos municípios que formam a Rota Ecológica, problemas que foram identificadas tanto pela população quanto pelo empresariado local, no estudo desenvolvido por Carvalho (2014). Todos observam uma grande falta de vontade política para resolver os problemas locais e de investimentos direcionados a obras de infraestrutura dos povoados e municípios envolvidos na Rota Ecológica.

Mais uma vez, é um fato incontestável que toda a área que faz parte da Rota Ecológica veio vislumbrar um maior desenvolvimento após a chegada das pousadas e às melhorias na renda como resultado dos auxílios de programas sociais do governo. Com o surgimento das pousadas e por causa das suas reivindicações, diversos serviços básicos como telefonia, internet, luz, estradas (Figura 63) etc., foram melhoradas mais rapidamente por causa da presença desses empreendimentos:

Eles corre atrás, que a gente era esquecido, que era o oco [sic] do mundo, como era o final do mundo, então aqui deixa pra lá, deixa pra depois, então vamo [sic] cuidar os governante [sic] lá né maiores, ‘vamo [sic] cuidar de lá’ que tão passando mais

gente, e aqui ficava atrás, como dizia assim, Maragogi é cidade muito bonita, foi lembrada a mais tempo porque era a...a..BR né? E aqui AL ficava esquecido, litoral né? Ficava esquecido porque final do mundo,entendeu? E1 morador de São Miguel dos Milagres.

Figura 63: Estrada da AL 101 Norte, principal acesso aos municípios da Rota Ecológica, recém pavimentada



Fonte: LTTD/UFAL 2015

E mesmo assim, a maior parte desses serviços básicos ofertados ainda carece de melhorias fundamentais. Nos lugares da Rota Ecológica em que a presença das pousadas ainda é incipiente essa estrutura é quase inexistente, como exemplificado na seguinte fala: “A telefonia da Barra de Camaragibe que é um caos, o telefone aqui num [sic] funciona pra nada...” E12 morador de Barra de Camaragibe. Em outros lugares, no entanto, os próprios pousadeiros não desejam a melhoria de certos tipos de infraestrutura, como estradas pavimentadas de acesso até as pousadas e praias: “Eu escutei muitas vezes até o Nilo falar que não adianta fazer a estrada de...de acesso até a pousada, por causa de roubo, o carro não vai correr tanto...” E6 moradora de São Miguel dos Milagres. Porém, isto se deve também por estes empresários já visualizarem uma maior possibilidade de especulação imobiliária na área da Rota Ecológica, que provavelmente seria acentuada com a pavimentação das pequenas estradas que proporcionam acesso da AL-101 Norte até as pousadas, as quais estão relativamente afastadas desta rodovia principal.

Mais uma vez, na perspectiva do custo de vida local, para muitos moradores entrevistados houve uma mudança após a chegada das pousadas da Rota Ecológica, porém outros observam que a inflação no preço dos produtos não foi resultado apenas da chegada das pousadas, mas também pela conjuntura econômica do país: “Eu não sei se foi por conta das pousadas, mas mudou, pois aumentou e eu acredito que é por conta da inflação e não dos turistas” E10 moradora de Barra de Camaragibe. Os que observam o aumento nos preços dos produtos dos municípios reclamam que o preço é padronizado para todos, turistas e residentes, e que isto prejudica a população de menor poder aquisitivo:

Não há diferenciação, você dizer assim, pra o turista é tanto, pra os nativos é tanto, não existe. Isso é preço tabelado, pra o turista e para o nativo. E2 morador de São Miguel dos Milagres.

Os conterrâneos hoje é...é todos os objeto, produto, a gente até toma susto ‘Gente eu não sou turista não’ quando a gente vai fazer a compra, mas assim é isso, a inflação daqui subiu por conta disso, que a gente até... ‘nossa gente eu fui comprar é pra uso de casa, eu não sou turista’ muita gente ainda fala isso... E1 morador de São Miguel dos Milagres.

Normalmente, com o turismo problemas desse tipo tendem a ser amplificados à medida que o turismo se desenvolve, como nos diz Panosso Netto (2010, p.83):

Uma região que não foi preparada para o turismo e que, de repente começa a receber visitantes, pode ter seus produtos básicos inflacionados pelo aumento da procura. Desta forma, os comerciantes locais esperam lucrar mais com a venda de tais produtos, porém, o preço aumenta não somente para os turistas, mas também para os residentes do destino que [...] têm os empregos no setor de turismo que pagam menos.

Desta forma abaixo o Quadro 13 que apresenta uma síntese com as opiniões dos moradores da região da Rota Ecológica entrevistados nesta pesquisa para facilitar o entendimento da percepção dessas comunidades sobre o turismo das pousadas da Rota Ecológica e suas interferências no cotidiano dos seus lugares:

Quadro 13: Síntese da percepção da população local sobre a inserção das pousadas da Rota Ecológica – AL

Aspectos Socioeconômicos	
Ponto Positivos	Pontos Negativos
Empregos, diretos e indiretos por causa do turismo;	Tentativas de impedimento de acesso a alguns trechos de praia, principalmente em lugares onde os pescadores frequentam e deixam seus equipamentos de trabalho;
Fornecimento de pescados às pousadas;	Inibição dos moradores em frequentar determinados trechos da orla dos seus povoados;
Adaptação de jangadas para fazer passeios às piscinas naturais locais dos três municípios;	Relativa perda de poder perante a iniciativa privada;
Alternativas de renda para os autóctones (Coco, Pesca, Prefeitura);	Ainda pouco envolvimento das pousadas em projetos sociais direcionados a população local - os que existem eles percebem como insuficientes;
Trabalho para pedreiros, eletricitas e demais trabalhadores da construção civil na construção de empreendimentos ligados ao turismo;	Ocupação de terrenos mais distantes da orla por alguns moradores, pois a frente de praia está valorizada pelo turismo, não só das pousadas, por parte de segundas residências;
Estrutura das pousadas em pequena escala, que favorece a permanência das características peculiares dos lugares (pequenos povoados do lugar são parte dos atrativos turísticos locais);	Aumento de preços de alguns produtos básicos e de pescados;
Dinamização do comércio local;	A percepção, e menção, a respeito desses problemas de alguma forma parece indicar que de alguma forma os entrevistados guardam uma certa reserva sobre o que o turismo está fazendo com o lugar deles.
Melhoria em estradas, fornecimento de energia, e de operadoras de telefone, ainda que seja insuficiente, especialmente nos povoados de Passo de Camaragibe, como Barra de Camaragibe e Marceneiro.	----- ----- ----- ----- ----- -----
Aspectos Culturais	
Pontos Positivos	Pontos Negativos
Valorização e incentivo dos aspectos culturais tradicionais e folclóricos dos lugares pelas pousadas da Rota Ecológica	----- ----- -----
Aspectos Ambientais	
Pontos Positivos	Pontos Negativos
Implantação de projetos relacionados à educação ambiental voltados às comunidades locais, especialmente pela iniciativa do ICMBio	----- ----- -----

Continuação

Presença das pousadas da Rota Ecológica em campanhas e projetos de educação ambiental	----- -----
Maior conscientização da comunidade em relação a questões ambientais após a chegada das pousadas da Rota Ecológica	----- ----- -----

Fonte: Elaboração própria

Este estudo mostra que a percepção dos moradores a respeito da chegada das pousadas da Rota Ecológica e conseqüentemente o turismo por elas desencadeado, ainda é favorável ao desenvolvimento desta atividade no lugar onde moram. Tal fato talvez se dê pelo turismo das pousadas da Rota Ecológica estar mais alinhado a uma forma alternativa de desenvolvimento turístico. Formas alternativas de turismo permitem um maior envolvimento da população local na atividade, o que contribui para o desenvolvimento de uma percepção por parte dos nativos do lugar sobre as mudanças negativas que o turismo pode causar. São populações menos iludidas pelo mito do desenvolvimento supostamente proporcionado pelo turismo, como por muitas vezes é divulgado por órgãos públicos.

Por outro lado, o que pode ser observado é que o poder público, tanto em nível local quanto estadual, na maioria das vezes é negligente quanto às necessidades das comunidades anfitriãs, prevalecendo interesses particulares em detrimento das necessidades coletivas. Nesse sentido, convém ressaltar que as universidades vêm desempenhando um importante papel na divulgação das vozes locais, normalmente marginalizadas, e divulgando os problemas que fazem parte do cotidiano de muitos lugares que são explorados pelo turismo na Rota Ecológica. Apesar disso, muitas ações do próprio setor público, às financiadoras de pesquisas como esta, que podem contribuir para o planejamento do desenvolvimento turístico, muitas vezes são simplesmente ignoradas. A respeito disso, fica como reflexão o posicionamento de Yázigi que argumenta: “Afinal para que órgãos de pesquisa financiam trabalhos como este se, na hora de votar uma lei na câmara, a opinião de um vereador analfabeto vale mais que toda a universidade e o CNPq juntos?” (YAZIGI, 2001, p. 290).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo examinou a percepção da população autóctone das comunidades litorâneas localizadas ao longo do trecho do litoral alagoano pertencente aos municípios de Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras, entre a foz do rio Camaragibe e a foz do rio Manguaba, sobre a inserção de 13 pousadas nos lugares que eles habitam, especificamente na área conhecida localmente como Rota Ecológica.

Levando-se em consideração a percepção dos 12 entrevistados para este estudo, constatou-se que de uma forma geral há uma relativa aceitação das referidas pousadas na Rota Ecológica, assim como em relação à perspectiva de chegada de mais pousadas nessa parte de Alagoas. Com base no índice de irritação proposto por Doxey (1975) – Irridex –, os indivíduos que já moravam nestes lugares antes do início da chegada das referidas pousadas parecem se situar na fase de apatia. Por exemplo, verificou-se que os entrevistados tendem a valorizar os visitantes. Em parte porque dentre eles há artistas, desportistas famosos e outras celebridades, o que parece conferir um certo status à esses lugares, conseqüentemente com possíveis efeitos sobre a autoestima dos residentes antigos. Em parte também porque as pousadas e os seus hóspedes geraram emprego, ocupação e aumento da renda local, em lugares com poucas possibilidades de desenvolvimento econômico.

Outro aspecto que pode também estar contribuindo para a mencionada atitude perceptiva dos entrevistados em relação ao turismo das pousadas da Rota Ecológica é que esses estabelecimentos hoteleiros apresentam características construtivas, locacionais e operacionais que implicam menores alterações negativas sociais, culturais, econômicas e ecológicas nesses locais, favorecendo uma visão positiva da atividade. Entretanto, essa forma de perceber as pousadas do lugar e os turistas que se hospedam nelas, pode mudar à medida que o ciclo de vida desse lugar turístico avance, podendo vir a surgir algum tipo de irritação dos residentes frente ao turismo.

Fenômeno desse tipo poderá acontecer, principalmente, com a mudança gradual do perfil do turismo da Rota Ecológica, em direção a uma oferta de turismo de massa, como também para a expansão do turismo de segunda residência, que até pouco tempo atrás era pouco

expressivo nessa área de Alagoas. Atualmente a construção de condomínios e a abertura de loteamentos está em pleno desenvolvimento em toda área que comporta a Rota Ecológica. Somem-se a isso comentários feitos por vários entrevistados, dando conta de terem ouvido falar da possível construção em breve de *resorts* na área da Rota Ecológica. Nesse sentido, sentiu-se leves indícios, captados nas entrelinhas das falas dos entrevistados, de uma certa preocupação com essa perspectiva, que, se materializada, poderá levar à emergência no futuro, de uma fase irritação frente à turistificação da Rota Ecológica sobre outra orientação mercadológica.

A urbanização turística dos municípios da Rota Ecológica trouxe equipamentos de infraestrutura básica para a região que até pouco tempo, especialmente antes da implantação das pousadas, não existia nas comunidades. Sobre estes aspectos a visão da chegada destas pousadas é vista de forma positiva. De lugar pacato tornou-se um lugar turístico que vem atraindo visitantes do mundo inteiro, trazendo assim novas dinâmicas econômicas e sociais para a região das pousadas da Rota Ecológica e comunidades locais.

Apesar da visão largamente positiva dos entrevistados em relação às pousadas da Rota Ecológica, foi percebido que na prática é a iniciativa privada que detém o poder de decisão sobre o que vem sendo feito nestes lugares em relação a atividade turística. Por exemplo, as falas dos entrevistados frequentemente sugerem que a comunidade receptora demonstra alguns incômodos provocados pelas pousadas aos residentes desses lugares, porém é observado que as reclamações são pontuais e que pelo envolvimento e engajamento da população com o turismo local, através de organizações da comunidade civil e ONGs, vem sendo contornadas. Essa é uma situação bem diferente do que ocorre em lugares onde há o predomínio de uma orientação de turismo voltado a formas massivas, no qual a participação e envolvimento popular não são favorecidos, o que termina por gerar mais rapidamente antagonismo entre os residentes e a atividade turística.

O estudo identificou, por outro lado, que a comunidade local absorveu bem a ideia do seu lugar como lugar turístico e, com base nisso, vem oferecendo serviços para a atividade turística, o que contribui para uma melhor condição de vida local. São restaurantes simples, pequenas pousadas e estabelecimentos comerciais que direta ou indiretamente oferecem

serviços demandados pelo turismo, dinamizando a economia destes pequenos povoados litorâneos.

Esses tipos de mudanças pelos quais os povoados da Rota Ecológica vêm passando por causa do turismo das pousadas, é um tipo de turismo que se diferencia substancialmente do turismo de massa, no conteúdo da oferta, na forma de inserção no lugar e no relacionamento com as pessoas e comunidades locais. Na verdade, o desenvolvimento turístico alinhado a uma tendência alternativa vem ganhando força nas últimas décadas, com mais vigor a partir da década de 1990. São ofertas turísticas guiadas por formas relativamente brandas de ocupação, uso do solo, estabelecimento de laços horizontais com os lugares, e inclusão de parte da população local como mão-de-obra, à semelhança do que vem ocorrendo na Rota Ecológica. Apesar dos aspectos negativos, alguns dos quais identificados pelos entrevistados para este estudo, geralmente são mudanças menos nocivas se comparados às ofertas de turismo de massa já amplamente estudados e conhecidos.

Claramente associado a essa tendência de desenvolvimento turístico recente em praticamente todo o mundo, o tipo de oferta turística e experiência proporcionadas aos visitantes pelas pousadas da Rota Ecológica, tem gerado uma percepção que até certo ponto se diferencia do turismo de massa. A diferença principal parece estar no maior envolvimento da população da Rota Ecológica com o turismo, gerando assim uma aproximação entre a iniciativa comercial e as comunidades. Constatou-se, assim, que a Rota Ecológica está mais alinhada a uma orientação alternativa de turismo do que a uma orientação massiva. Essa característica parece ser o fator principal que tem contribuído para que os entrevistados tenham desenvolvido uma percepção relativamente positiva sobre o turismo das pousadas em questão, apesar das críticas feitas.

Em relação aos pontos positivos socioeconômicos que os entrevistados identificaram em relação às pousadas da Rota Ecológica, mencionaram que foi através delas que a atividade turística pôde se desenvolver nessa parte do litoral alagoano e empregar, direta e indiretamente, indivíduos da população local, fazendo, assim, com que mais pessoas passassem a trabalhar e a ter renda por causa do turismo. Outro aspecto socioeconômico mencionado foi que pescadores locais passaram a fornecer pescados rotineiramente às pousadas, e alguns outros adaptaram suas

jangadas para fazer passeios às piscinas naturais, também gerando alternativas de renda para os autóctones. Pedreiros, eletricitas e demais trabalhadores da construção civil também passaram a trabalhar neste setor na construção de empreendimentos ligados ao turismo.

Além disso, a presença dessas pousadas, juntamente com as propostas do ICMBio, faz com que as questões ambientais e ecológicas que afetam as comunidades presentes na Rota Ecológica sejam melhor trabalhadas, contribuindo com a conservação do meio ambiente. Os aspectos culturais locais também são relativamente valorizados e incentivados por parte dos pousadeiros, que veem o patrimônio cultural local como um importante elemento dos atrativos disponíveis para seus hóspedes.

Outro ponto positivo percebido pelos entrevistados ainda em relação as mudanças socioeconômicas locais é que a estrutura das pousadas, geralmente de pequena escala, é benéfica para o lugar, pois os pequenos povoados do lugar são parte central dos atrativos turísticos locais. Além disso, a chegada do turismo também dinamizou o comércio local e contribuiu para a abertura de novas lojas que atendem tanto a população local quanto aos turistas, sem precisar fazer maiores deslocamentos para comprar alguns tipos de produtos. Após a chegada das pousadas, na percepção dos moradores também houve melhoria em estradas, fornecimento de energia, e de operadoras de telefone, ainda que seja insuficiente, especialmente nos povoados de Passo de Camaragibe, como Barra de Camaragibe e Marceneiro.

Considerando-se as críticas que são muito difundidas, a respeito das alterações negativas que o turismo normalmente causa nos lugares nos quais ele se implanta, essa variedade de benefícios percebidos pelos entrevistados, residentes da Rota Ecológica, claramente influenciaram uma visão amplamente positiva sobre o desenvolvimento turístico nos lugares onde moram. De uma forma geral, os entrevistados não comunicaram uma visão de que o turismo das pousadas tivesse se apropriado do lugar deles, apesar das críticas pontuais que foram feitas. De certa maneira, já era de se esperar que fosse assim, considerando-se que a oferta turística dessas pousadas está associada a orientação alternativa do desenvolvimento turístico. A situação provavelmente seria bem diferente se a área da Rota Ecológica tivesse sido turistificada por turismo de massa, incluindo *resorts*.

Apesar desses aspectos positivos, pontuações negativas, especialmente em relação aos aspectos socioeconômicos já são verbalizadas por essas populações como: tentativas de impedimento de acesso a alguns trechos de praia, principalmente em lugares onde os pescadores frequentam e deixam seus equipamentos de trabalho; inibição dos moradores em frequentar determinados trechos da orla dos seus povoados; relativa perda de poder perante a iniciativa privada; pouco envolvimento das pousadas em projetos sociais direcionados a população local - os que existem eles percebem como insuficientes; ocupação de terrenos mais distantes da orla por alguns moradores, pois a frente de praia está valorizada pelo turismo, não só das pousadas, por parte de segundas residências; aumento de preços de alguns produtos básicos e de pescados. A percepção, e menção, a respeito desses problemas de alguma forma parece indicar que de alguma forma os entrevistados guardam uma certa reserva sobre o que o turismo está fazendo com o lugar deles.

Para concluir, consideramos que o processo de turistificação dos 23 km que forma a Rota Ecológica, com base em pousadas exclusivas e de relativo pequeno porte, é um fenômeno muito complexo, que demanda mais estudos para que possa ser melhor compreendido. Este trabalho tem a limitação de ser largamente exploratório, e de ter se baseado principalmente na percepção de um grupo relativamente pequeno de autóctones dos lugares da Rota Ecológica, mesmo que eles tenham sido selecionados de forma criteriosa, por entendermos que eles poderiam ajudar na compreensão de como o turismo das pousadas em questão têm alterado os lugares litorâneos da Rota Ecológica.

Apesar dessas limitações, entendemos que o estudo proporcionou acesso a um universo do cotidiano dessa parte de Alagoas que, mesmo com as mudanças pelas quais vem passando por causa do turismo, não tem recebido grande atenção da academia. Diante dessas considerações, entendemos ser necessário que outros estudos também sejam desenvolvidos sobre esta área, envolvendo o exame de outras dimensões do contexto local, como, por exemplo, a relação das pousadas com o território, o comportamento do poder público em relação às políticas públicas de turismo, envolvimento de instituições ambientais e sua relação com as pousadas da Rota Ecológica, dentre outras questões relevantes sobre este destino turístico.

REFERÊNCIAS

ABOUTUTILA. Disponível em: <<http://www.aboututila.com/AccomInfo/Lavender-House/>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

A LENDA DO BODE DO PONTE. Disponível em: <www.obodedoponte.webs.com>. Acesso em: 01 nov. 2015.

ALAGOAS. **Plano de Desenvolvimento Integrado do Turismo Sustentável PDITS - Pólo Costa Dos Corais**. Secretaria do Estado de Turismo. Versão Preliminar. Indústrias Criativas – estratégias e projetos, novembro/2011.

ALAMI, Sophie; DESJEUX, Dominique; GARABUAU-MOUSSAOUI, Isabelle. **Os métodos qualitativos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

ALTO DO TATU. Disponível em: <<http://www.tatuamunha.com/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2001.

ARAÚJO, Lindemberg Medeiros de. **Planejamento Turístico Regional: participação, parcerias e sustentabilidade**. Maceió: EDUFAL, 2009.

ARAÚJO, L.; BRAMWELL B. Partnership and regional tourism in Brazil. **Annals of Tourism Research**, v.29, n.4, p. 1138-1164, 2002.

ARAÚJO, Lindemberg Medeiros de; MOURA, Flávia Barros Prado. A expansão do turismo na zona costeira nordestina: crescimento econômico, degradação ambiental e erosão cultural. In: CORIOLANO, Luzia Neide M. T.; VASCONCELOS, Fábio Perdição. (Orgs.). **O turismo e a relação sociedade-natureza: realidades, conflitos e resistências**. 1. ed. Fortaleza: EdUECE, 2007, p. 94-114.

ARCHER, Brian; COOPER, Chris. Os impactos positivos e negativos do turismo. In: THEOBALD, William F. **Turismo global**. São Paulo: Senac, 1998.

ASSOCIAÇÃO DE HOTÉIS ROTEIROS DE CHARME. **Passo 1:** Identificando o Charme. Disponível em: <<http://www.roteirosdecharme.com.br/candidaturas.php>> Acesso em: 25 mai.2012.

ASSOCIAÇÃO JANGADEIROS DOS MILAGRES. Disponível em: <<https://www.facebook.com/1557800831108257/photos/pb.1557800831108257.-2207520000.1449497642./1565818420306498/?type=3&theater>>. Acesso em: ago. 2015.

ASSOCIAÇÃO MILAGRENSE DE TURISMO SUSTANTÁVEL (AMITUS). Disponível em: <<https://www.facebook.com/Amitusal/?fref=ts>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

AUGÉ, Marc. **Não lugares:** introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Pólo Costa dos Corais.** Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/prodetur/polos/gerados/prodetur_polos_alagoas.asp> Acesso em: 10 out 2011.

_____. **Regulamento operacional do Prodetur/NE II.** Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/PRODETUR/Downloads/docs/rop_1_parte_geral.pdf> acesso em 10/10/2011.

_____. **Regulamento operacional do Prodetur/NE II.** Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/PRODETUR/Downloads/docs/rop_1_parte_geral.pdf> Acesso em: 10 out 2011.

BANCO DO NORDESTE. Disponível em: < <http://www.bnb.gov.br/pdits>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

BARBOSA, Luciana Maciel; CORIOLANO, Luzia Neide. Rede de territórios solidários e turismo de base local no Ceará – Brasil. **Revista Geográfica de América Central.** Costa Rica, p. 1-26, 2011. Disponível em: <www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/download/.../1779>. Acesso em: 01 jun 2014.

BARBOSA, Luciana Maciel; CORIOLANO, Luzia Neide. Socialização de saberes em territórios solidários do turismo. In: CORIOLANO, Luzia Neide (Org.). **Turismo, território e conflitos imobiliários**. EdUECE, 2012, p.59-83.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. **O despertar do turismo: uma visão crítica dos não-lugares**. São Paulo: Aleph, 2001.

BARRETTO, Margarida. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campinas: Papirus, 1995 (Coleção Turismo).

BAUER Martin W; GASKELL; George (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e ambivalência**. 3ª ed. Trad: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BERDOULAY, Vicente; ENTRIKIN; J. Nicholas. Lugar e Sujeito: perspectivas teóricas. In: MARANDOLA JR, Eduardo; WERTHER, Holzer; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

BIHU, Wu.; MIN, Zhang ; XIAOLI, Pan. **Research on residents' perceptions on tourism impacts and attitudes: a case study of Pingyao Ancient City**. Conference of the International Forum on Urbanism. "6th Conference of the International Forum on Urbanism (IFoU): TOURBANISM, Barcelona, 25-27 gener" Barcelona: IFoU, 2012, p.1-10.

BLOG CARIOCADOPORAI. **Rota Ecológica**. Disponível em: <<http://www.cariocandoporai.com.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2016

BLOG VIAJE NA VIAGEM. **Alagoas Rota Ecológica**. Disponível em: <<http://www.viajenaviagem.com/2007/07/alagoas-rota-ecologica>>. Acesso em: 10 out. 2012.

BOYER, Marc. **História do turismo de massa**. Trad: Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2003.

BRAMWELL, Bill. Maltese responses to tourism. **Annals of Tourism Research**. 30 (3), 581-605, 2003.

BRANDÃO, Paulo Roberto Baqueiro. **Territórios do turismo, territórios de todos?: Um estudo comparado sobre urbanização e formação de territórios em balneários turísticos do Nordeste do Brasil**. 2013. Tese (Doutorado) – UFPE, Recife. Disponível em: <<https://www.ufpe.br/posgeografia/images/tese%20ppgeo%20ufpe%20paulo%20r%20b%20b%20rando%202013.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo sustentável e alívio da pobreza no Brasil: reflexões e perspectivas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2005. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/tu000017.pdf>>. Acesso em: 01 nov 2013.

_____. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Marcos_Conceituais.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2015.

_____. **Plano nacional de turismo 2007/2010: uma viagem de inclusão**. Brasília: MTur, 2007.

BUDA BISTRÔ. Disponível em: < <http://budabistro.wix.com/chef#!contato-e-localiza/c1f2z> >. Acesso em: 01 nov. 2015.

BULGARELLI, Claudio. **Livro de ouro da hotelaria alagoana**. Maceió: Ideias de Comunicação, 2013.

BUTCHER, Jim. **The moralisation of tourism**. London: Routledge, 2003.

BUTLER, Richard.W. The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources. **Canadian Geographer**, vol. 24, nº 1, p. 5-12, 1980.

CAMÊLO, Ana Rísia Soares. **Relatório Final de Pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica**. Universidade Federal de Alagoas (Ufal)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). 2012.

_____. **Gestão institucional do turismo no polo costa dos corais nos municípios de Passo de Camaragibe, São Miguel dos Milagres e Porto de Pedras – Alagoas**. Originalmente apresentada como monografia ao curso de Geografia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió: AL, 2013.

CAMÊLO, Ana Rísia Soares; SILVA, Thassia Ramalho Perciano da. **Relatório de Pesquisa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica**. Universidade Federal de Alagoas (Ufal)/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). 2012.

CARDOSO, Fernando H. Prefácio. IN: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo, CARAÇA, João (Orgs). **A crise e seus efeitos: as culturas econômicas da mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do Mundo**. Editora Hucitec: São Paulo, 1996.

CARVALHO, Renata Kelly Alves de. **Pousadas de charme como uma alternativa para o turismo sustentável em São Miguel dos Milagres – AL**. Maceió, AL, 2014. 63 f.: Monografia (Bacharelado em Geografia) – Universidade Federal de Alagoas, Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente, Maceió, AL, 2014.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Trad: Klauss Brandini Gerhardt. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2002.

COKOLOCO. Disponível em: < <http://cokoloco.com.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

CONWAY, Dennis; TIMMS, Benjamin F. Slow Tourism at the Caribbean's Geographical Margins. *Tourism Geographies: An International Journal of Tourism Space, Place and Environment*, 14:3, p. 396-418, 2012. Disponível em:<<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14616688.2011.610112#abstract>>. Acesso em: 11 jun 2014.

COOPER, C.; HALL, C. M.; TRIGO, L. G. G. **Turismo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

CORDEIRO, I.; BENTO, E.; BRITTO, C. Turismo e desenvolvimento sustentável: considerações sobre o modelo de resorts no litoral nordeste do Brasil. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p.355-369, dez. 2011.

CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira, et. al. **Arranjos Produtivos Locais do Turismo Comunitário**: atores e cenários em mudança. Fortaleza: EdUECE, 2009.

COSTA DO SAUIPE. Disponível em:<<http://www.costadosauipe.com.br/>>. Acesso em: 01 mai. 2015.

COSTA, Carlos. An Emerging Tourism Planning Paradigm? A Comparative analysis between town and tourism planning, **International Journal of Tourism Research**, vol.3, n. 6, pp. 425- 441, 2001.

COUTO, Maria Emília de Gusmão; NASCIMENTO, Bárbara Thomaz Lins do. **A imagem do lugar**: experiências metodológicas. Maceió: EDUFAL, 2013.

CROCIA, Nilson. **Manual de geografia do turismo**: meio ambiente, cultura e paisagens. Recife: Editora Universitária UFPE, 1998.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Introdução à Geografia do Turismo**. 2ed. São Paulo: Roca, 2003.

_____. Planejamento Governamental do Turismo: convergências e contradições na produção do espaço. In: LEMOS, A. I. G. de; ARROYO, M.; e SILVEIRA, M. L. **América Latina: cidade, campo e turismo**. 1ª ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciências Sociales (CLACSO); São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

DESTEMPERADOS. Disponível em: <<http://www.destemperados.com.br/experiencias/no-quintal-maravilhoso-la-de-casa>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

DOXEY, G.V. A causation theory of visitor-resident irritants, methodology and research inferences. The impact of tourism. **Sixth Annual Conference Proceedings of the travel research association**. San Diego, CA, 1975.

DUDA, J. I. M.; ARAUJO, L. M. Polos de turismo no Nordeste do Brasil: crescimento, desenvolvimento e escassez de conhecimento. **Caderno Virtual de turismo**. Rio de Janeiro, v. 14, n.3, p.204-218, dez. 2014.

DUDA, João Itácito de Morais. **Polos de turismo em regiões subdesenvolvidas: estudo de caso do polo Costa dos Corais, Alagoas**. Dissertação (Mestrado) Maceió, AL: UFAL, 2013.

ESTADO DE ALAGOAS. **Lei Nº 7.231**, de 7 de janeiro de 2011. Disponível em: <<http://www.gabinetecivil.al.gov.br/legislacao/leis/leis-ordinarias/2011/lei-ordinaria-7.231>>. Acesso em 03 jul. 2012.

ESTADO DE ALAGOAS. SECRETARIA DE ESTADO DO TURISMO (Setur-AL). Institucional: PRODETUR-PDTIS. Disponível em: <<http://www.turismo.al.gov.br/institucional>>. Acesso em 01 fev. 2013.

EUROPARC. **A Carta Europeia de Turismo Sustentável em Áreas Protegidas**. 2 ed. França, 2007. p. 1-24.

EVANS, Ade. Sustainable and Alternative Tourism. In: ROBINSON, Peter; HEITMANN, Sine; DIEKE, Peter U.C. (Orgs.). **Research themes for tourism**. UK: MPG Books Group, 2011, p 69-86.

FERRARE, Josemary Omena Passos et. al. **Inventário do Patrimônio Arquitetônico do município de Passo de Camaragibe – AL**. Maceió, AL: UFAL, 2010.

FERRARE, Josemary Omena Passos et. al. **Inventário do Patrimônio Arquitetônico (Sede urbana de Porto de Pedras)**. Maceió, AL: UFAL, 2005.

FOUCAULT, Michel. As malhas do poder. In :FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos: VIII** Segurança, Penalidade e Prisão. (Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FRAGA, Felipe Ferreira. **A Expansão do Turismo em São Miguel dos Milagres – AL:** contribuições e obstáculos ao desenvolvimento local. Dissertação (Mestrado) João Pessoa, PB: UFPB, 2013.

G1 ALAGOAS. **Pastoril dos Homens mantém folclore em São Miguel dos Milagres, AL.** Disponível em:< <http://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/09/pastoril-dos-homens-mantem-folclore-em-sao-miguel-dos-milagres-al.html>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

GASKELL; George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER Martin W; GASKELL; George (Orgs). **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som:** um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GIANNOTTI, José Arthur. **Observações exploratórias sobre o público e o privado.** Salvador: Sarah Letras, 1995.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução: Raul Fiker. São Paulo: editora UNESP, 1991.

GODFREY, Kerry G. Tourism and the environment. **Annals of Tourism Research**, vol. 38, p. 1663-1680, 2011.

GOMES, Pablo. **A lenda do bode do ponte.** 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=f-csjtvsckw>>. Acesso em: 01 set. 2015.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar:** elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GRAY, B. **Collaborating:** finding common ground for multiparty problems. San Francisco: Jossey, Bass, 1989.

GUIA QUATRO RODAS. Disponível em: <<http://viajeaqui.abril.com.br/estabelecimentos/br-al-sao-miguel-dos-milagres-atracao-praia-patacho>>. Acesso em: 30 mai. 2014.

GUNN, Claire A. **Tourism planning** basics, concepts, cases. Washington, DC: Taylor and Francis, 1994.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Trad: Adail Ubirajara sobral e Maria Stela Gonçalves. 23ªed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

HEITMANN, Sine; POVEY, Ghislaine; ROBINSON, Peter. Slow food, Slow cities and Slow Tourism. IN: DIEKE, Peter U.C.; HEITMANN, Sine; ROBINSON, Peter. (Orgs). **Research themes for tourism**. UK: MPG Books Group, 2011, p 114-127.

HIDDEN EUROPE 25. **A manifesto for slow travel**. p-10-14. 2009. Disponível em: <http://www.slowtraveleurope.eu/data/downloads/hiddeneurope_25_slowtravel.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2014.

HOST & TRAVEL. **Milagres do Charme**. Jun. 2005. Disponível em: <<http://revistahost.uol.com.br/turismo-sustentavel/milagres-do-charme-2.html>>. Acesso em: jul. 2015.

HOTEIS. Disponível em: <http://www.hoteis.com/ho211888/jake-s-praia-do-tesouro-jamaica/?pos=HCOM_BR&locale=pt_BR>. Acesso em: 02 nov. 2015.

HOTEL RIU CARIBE. Disponível em: <http://www.riu.com/pt/Paises/mexico/cancun/hotel-riu-caribe/index.jsp?src=gbr_BR_ppc_Riu_BR_Hoteles_America_googleadwords_Riu_BR_Riu_Caribe&gclid=CIqJ3aSOisYCFVcSHwodwAEA6w>. Acesso em: 01 mai. 2015.

IBEROSTAR. Disponível em: <<http://www.iberostar.com/pt/hoteis/praiia-do-forte/iberostar-bahia>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

ICMBIO. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/apacostadoscorais/destaques/70-conapac-consolida-renovacao-de-suas-representacoes.html>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA – IBGE. **Cidades -Alagoas:** Passo de Camaragibe, 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=270650> > Acesso em: 26 abr. 2014.

_____. **Cidades -Alagoas:** Porto de Pedras, 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=270740&search=alagoas|porto-de-pedras>> Acesso em: 26 abr. 2014.

_____. **Cidades -Alagoas:** São Miguel dos Milagres, 2010. Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=270870&search=alagoas|ao-miguel-dos-milagres>> Acesso em: 26 abr. 2014.

INSTITUTO YANDÊ. Disponível em: <<https://www.facebook.com/institutoyande/?fref=ts>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

IPHAN. **Plano de Ação para as Cidades Históricas:** Patrimônio Cultural e Desenvolvimento Social, 2009. [Manual].

ITAPEMA JORNAL. Disponível em: <<http://www.itapemajornal.com.br/2015/03/ecoturismo-e-esportes-de-aventura.html>>. Acesso em: 02 nov. 2015.

KASPARY, Manuela Grace de Almeida Rocha; ARAUJO, Lindemberg Medeiros de. Local responses to tourism development on the North-Eastern coast of Brazil: the case of the municipality of Maragogi in Alagoas State. **Scientia Plena**, vol. 9, nº 5, pp. 1-11, 2013.

KHANNA, Parang. **O segundo mundo:** impérios e influência na nova ordem global. P 15-31. Trad: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

KNAFOU, Remy. Turismo e território: Por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr A.B.(Org.). **Turismo e geografia: Reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 62-74.

KOROSSY, Nathalia. Do “turismo predatório” ao “turismo sustentável”: uma revisão sobre a origem e a consolidação do discurso da sustentabilidade na atividade turística. **Caderno Virtual de Turismo**, Vol. 8, Nº 2, (2008). Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path%5B%5D=238&path%5B%5D=178>>. Acesso em: 01 set. 2013.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Tradução: Contexto traduções. 3ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LANDIM et al. **Uma reflexão sobre as abordagens em pesquisa com ênfase na integração qualitativo-quantitativa**. RBPS 2006; 19 (1): 53-58. Disponível em: <<http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/961>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

LICKORISH, Leonard J. **Introdução o turismo**. Tradução de Fabíola de Carvalho S. Vasconcellos. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

LINDOSO, Dirceu. **Formação de Alagoas Boreal**. Maceió: Edições Catavento, 2000.

LYON, David. **Pós-modernidade**. 2ª ed. 1ª ed: 1998. Trad: Euclides Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.

MARANDOLA JR, Eduardo. Sobre ontologias. In: MARANDOLA JR, Eduardo; WERTHER, Holzer; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

MARIANI, Milton. Percepção dos turistas e moradores do município de Bonito: o lugar, os sujeitos e o turismo. **Turismo – Visão e Ação**, Balneário Camboriú-SC, ano 5, n.11: 27-40, abr/set 2002.

MARSON, Duncan. From Mass Tourism to Niche Tourism. In: ROBINSON, Peter; HEITMANN, Sine; DIEKE, Peter U.C. (Orgs.). **Research themes for tourism**. UK: MPG Books Group, 2011, p 1-15.

MASTER-ECOPOLIS. **Um território desejável**: compromisso integrado para a Costa dos Corais. Alagoas: 2010.

MENDONÇA, Maria Luiza M. **Turismo sustentável**: classes sociais e subjetividade. In: MONTORO, Tânia Siqueira (Org.). **Cultura do turismo: desafios e práticas socioambientais**. Brasília: Thesaurus, 2003.

MINISTÉRIO DO TURISMO. Disponível em:<
<https://www.flickr.com/photos/ministeriodoturismo/16406431939/> >. Acesso em: 01 mai. 2015

MOSCARDO, Gianna; PEARCE, Philip L. Análise do turismo comunitário: fazendo as perguntas certas. In: BUTLER, Richard W.; PEARCE, Douglas G. **Desenvolvimento em turismo**: temas contemporâneos. Trad: Edite Sciulli. São Paulo: Contexto, 2002.

MOVIMENTO CIDADE VERDE. Disponível em:
<https://www.facebook.com/movimentocidadeverde/photos_stream>. Acesso em: ago.2015.

MULLINS, Patrick. Tourism Urbanization. **International Journal of Urban and Regional Research**. Queensland, v,15, n.3, p-326-342, set. 1991.

MURPHY, Peter E. **Tourism**: A community approach. Nova Iorque: Methuen, 1985.
Disponível em:<https://books.google.com.br/books?id=QjDseptVZ_IC&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Peter+E.+Murphy%22&hl=pt-BR&sa=X&ei=zR5nVYHKH4uhNteSgIAH&ved=0CC4Q6AEwAg#v=onepage&q&f=false> . Acesso em 20 jun 2014.

NICOLETTI, Lenita. **Turismo e desenvolvimento local sustentável**. In: MONTORO, Tânia Siqueira (Org.). *Cultura do turismo: desafios e práticas socioambientais*. Brasília: Thesaurus, 2003.

OLIVEIRA, Elton Silva. **Impactos socioambientais e econômicos do turismo e suas repercussões no desenvolvimento local: o caso de Itacaré –Bahia**. Dissertação (Mestrado) Ilhéus, BA: UESC, 2008.

OLIVEIRA, Livia de. O sentido de lugar. In: MARANDOLA JR, Eduardo; WERTHER, Holzer; OLIVEIRA, Livia de. (Orgs). **Qual o espaço do lugar?** São Paulo: Perspectiva, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Código Mundial de Ética para o turismo**. 1999. Disponível em: <http://ethics.unwto.org/sites/all/files/docpdf/brazil_0.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2015.

_____. **Barómetro OMT del turismo mundial**. Vol. 4, 2006. Disponível em: <<http://www.world-tourism.org/facts/wtb.html>>. Acesso em: 01 mai. 2013

PANOSSO NETTO, Alexandre. **O que é turismo**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

PEARCE, Douglas G. **Geografia do turismo: fluxos e regiões no mercado de viagens**. São Paulo: Aleph, 2003.

PLOG, S. C. Why destination areas rise and fall in popularity? **The Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly**, 14, 55-58, 1973.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas In POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3ª ed. Trad. Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2012.

POUSADA ACAYU. Disponível em: <<http://www.casaacayu.com.br/portugues/index.php/localizacao>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA ALDEIA BEIJUPIRÁ. Disponível em: <<http://www.aldeiabeijupira.com.br>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA BORAPIRÁ. Disponível em: <<http://www.borapira.com.br>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA CÔTÊ SUD. Disponível em: <<http://www.pousadacotesud.com.br>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA DA AMENDOEIRA. Disponível em: <<http://www.pdamendoeira.com.br>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA DO SONHO. Disponível em: <<http://www.pousadadosonhoalagoas.com>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA DO TOQUE. Disponível em: <www.pousadadotoque.com.br>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA INFINITO MAR. Disponível em: <<http://www.pousadainfinitomar.com.br>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA MARCENEIRO. Disponível em:
<<http://www.pousadamarceneiro.com.br/pt/pousada.php>>. Acesso em 02 nov. 2015.

POUSADA ORIGAMI. Disponível em: <<http://www.pousadaorigami.com.br>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA PATACHO. Disponível em: <<http://pousadapatacho.com.br>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA RICACHO DOS MILAGRES. Disponível em:
<<http://www.riachodosmilagres.com.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA VILLA PANTAI. Disponível em: <<http://www.villapantai.com.br/>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

POUSADA XUÊ. Disponível em: <<http://www.pousadaxue.com.br/site>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

PRAIA DE PORTO DA RUA. Disponível em:<<https://www.google.com.br/search?q=praia+de+porto+da+rua-al>>. Acesso em 25 set 2015.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

RAMOS, Silvana. Turismo e desenvolvimento local: uma “viagem de inclusão?”. In: RAMOS; Silvana Pirillo; CERDAN; Lluís Mundet i. **Turismo, políticas e desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Asterisco, 2010.

RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar. 2ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. “Turismo e territorialidades plurais – lógicas excludentes ou solidariedade organizacional”. In: LEMOS, Amália Inês et al. **América Latina: cidade, campo y turismo**. San Pablo: Clacso, 2006.

_____. Território, patrimônio e turismo com base local – uma relação inequívoca. In: SEABRA, Giovanni (Org.). **Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional**. Paraíba, 2007.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Arquitetura do Lugar: uma visão bioclimática da sustentabilidade em Brasília**. São Paulo: Nova Técnica Editorial, 2011.

ROTEIROS DE CHARME. Associação de Hotéis Roteiros de Charme. Em: <<http://www.roteirosdecharme.com.br/hoteis.php>>. Acesso em 14 de setembro de 2012.

ROUX, Michel. O re-encantamento do território (o território nos rastros da complexidade). In: SILVA, Aldo Aloísio Dantas da; GALENO, Alex (Orgs.). **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

RUSCHMANN, D. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente.** São Paulo: Papirus, 2000.

RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente.** Campinas: Papirus, 1997.

SAN ALFONSO DEL MAR. Disponível em:
<http://www.sanalfonso.cl/galeria_fotografica/index.html>. Acesso em: 01 mai. 2015.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método.** São Paulo, Nobel, 1985.

_____. **A redescoberta da natureza.** São Paulo: USP, 1992. Disponível em:<http://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/08/AREDESCOBERTA-DANATUREZA_MiltonSantos1992.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2015.

_____. **Pensando o espaço do homem.** 5ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

_____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **Da totalidade ao Lugar.** 1ª ed. 2ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia.** 6ªed. 1ª ed. 1988. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SEPLANDE. **Perfil Municipal:** Passo de Camaragibe. Maceió: Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico,2014. Disponível em:
<<http://informacao.seplande.al.gov.br/perfil->

municipal/relatorios/Municipal_Passo%20de%20Camaragibe_2012.pdf>. Acesso em: 26 abr 2014.

_____. **Perfil Municipal:** Porto de Pedras. Maceió: Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico, 2014. Disponível em: <http://informacao.seplande.al.gov.br/perfil-municipal/relatorios/Municipal_Porto%20de%20Pedras_2012.pdf>. Acesso em: 26 abr 2014.

_____. **Perfil Municipal:** São Miguel dos Milagres. Maceió: Secretaria de Estado do Planejamento e do Desenvolvimento Econômico, 2014. Disponível em: <http://informacao.seplande.al.gov.br/perfil-municipal/relatorios/Municipal_S%e3o%20Miguel%20dos%20Milagres_2012.pdf>.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Edson Vicente. Ecoturismo, turismo rural e patrimônio cultural. In: SEABRA, Giovanni (Org.). **Turismo de base local: identidade cultural e desenvolvimento regional**. Paraíba, 2007.

SILVA, Genaura Dias. **Memórias de São Miguel dos Milagres**. Sem editora: São Miguel dos Milagres, 2012.

SILVA, Maria Emília Martins; ANJOS, Francisco Antônio dos. Gestão da sustentabilidade em Meia Praia – Itapema (SC) – sob a percepção dos visitantes e agentes locais. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.5, n.2, mai/ago-2012, pp.223 244.

SILVEIRA; Carla Borba da Mota. Turistas de resorts: cotidianidades e rupturas. In: CASTILHO; Cláudio Jorge Moura de; VIEGAS; Jeanete Magalhães (Orgs). **Turismo e práticas socioespaciais: múltiplas abordagens e interdisciplinaridades**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social**. 2ª Ed. Trad: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

TAMO JUNTO. Disponível em: < <http://www.reveillondosmilagres.com.br/>>. Acesso em ago. 2015.

TEYE, V; SONMEZ, S; SIRAKAYA, E. Resident Attitudes toward Tourism Development. **Annals of Tourism Research**. 29(3),2002, p. 668-688. Disponível em:< http://libres.uncg.edu/ir/uncg/f/s_sonmez_resident_2002.pdf>. Acesso: 20 jun 2014.

THEOBALD, William F. (org.). **Turismo Global**. 2. ed. Traduzido por: Ana Maria Capovilla; Maria Cristina Guimarães Cupertino e João Ricardo Barros Penteado. São Paulo: SENAC, 2002. Tradução de: Global Tourism.

TREASURE BEACH HOTEL. Disponível em: <www.treasurebeachhotel.com>. Acesso em: 02 nov. 2015.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Trad.: Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

URRY, John. **O olhar do turista – lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. Trad: Carlos Eugenio Marcondes de Moura. 2ª. ed. São Paulo: SESC/Studio Nobel, 1996.
WIKIALAGOAS. Disponível em: <<http://www.wikialagoas.al.org.br>>. Acesso em: 12 dez. 2012.

XAVIER, Herbe. **A percepção geográfica do turismo**. São Paulo: Aleph, 2007.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo: uma esperança condicional**. 2 ed. São Paulo: Global, 1999.

_____. **A alma do lugar: Turismo, planejamento e cotidiano**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **Civilização urbana: planejamento e turismo**. São Paulo: Contexto, 2003.

ZAOUOAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, Vol.8, n.2: 1-14, 2008. Disponível em: < <http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=view&path%5B%5D=341>>. Acesso em: 01 out. 2014.

ZMEXCURSÕES. Disponível em: <http://www.zmexcursos.com.br/home/tours_post/ouro-preto-minas-gerais/#ad-image-0>. Acesso em: 02 nov. 2015.

APÊNDICE I
ROTEIRO DE ENTREVISTAS DA ROTA ECOLÓGICA

Ocupação/negócio:

Povoado:

Município:

Masculino ()

Feminino ()

Ano de nascimento ()

Local de nascimento:

Tempo de residência no lugar:

Se nascido em outro lugar, por que veio morar neste município?

QUESTÕES

1) Se alguém pedisse para o senhor falar sobre o que é o _____ (nome do lugar), o que o senhor(a) diria?

2) Pelo que o senhor(a) se lembra, como era o/a _____ antes dele se tornar um lugar turístico?

3) Como o senhor se sentia vivendo em/no _____ antes dele se tornar um lugar turístico?

→ OBS.: mostrar as fotos das pousadas da Rota Ecológica.

4) O senhor já tinha ouvido falar da Rota Ecológica?

Se sim: Na sua percepção, o que é a Rota Ecológica?

5) Tanto quanto o(a) senhor(a) se lembra, antes da chegada das pousadas da Rota Ecológica as pessoas de _____ (nome do município) costumavam ir às praias locais nos momentos de lazer?

Se sim: Na sua visão, as pessoas de _____ (nome do município) continuam indo às praias locais como antigamente?

Por favor, comente a sua resposta.

6) Em sua visão, os pescadores locais enfrentam algum problema de acesso ao mar por causa das pousadas da Rota Ecológica?

Por favor, comente sua resposta.

7) Na sua visão, as pessoas de _____ mudaram o seu jeito de ser por causa do turismo das pousadas da Rota Ecológica?

Por favor, comente sua resposta.

8) Em sua visão, o turismo das pousadas da Rota Ecológica trouxe alguma mudança para a vida das pessoas de _____?

Se sim: O(a) senhor(a) poderia falar um pouco como foi essa mudança?

Se não: Por que não?

9) Em sua visão, a chegada das pousadas da Rota Ecológica trouxe algum tipo de incômodo para o dia-a-dia das pessoas de _____?

Por favor, comente sua resposta.

10) Em sua opinião, os turistas das pousadas da Rota Ecológica procuram conhecer vocês aqui do lugar?

Se sim: o(a) senhor(a) poderia falar como isso acontece?

Se sim: Em sua visão, como as pessoas de _____ se sentem com a presença dos turistas das pousadas da Rota Ecológica na sua comunidade?

11) Em sua opinião, com a chegada do turismo das pousadas da Rota Ecológica os moradores de _____ continuam frequentando os mesmos lugares que antes frequentavam?

Se não: por que não?

12) O(a) senhor(a) sabe se existe algum tipo de folclore, lenda ou festa tradicional em _____?

Se sim: quais os mais conhecidos?

Se sim: alguma dessas manifestações (folclore, lenda ou festa tradicional) sofreu alterações por causa do turismo das pousadas da Rota Ecológica?

Se sim: o(a) senhor(a) poderia comentar que alterações aconteceram?

Se não: por que não?

13) Pelo que o(a) senhor(a) se lembra, antes da chegada das pousadas da Rota Ecológica de quê as pessoas de _____ sobreviviam?

14) Na sua visão, com a chegada das pousadas da Rota Ecológica houve alguma mudança na atividade dos pescadores, agricultores, artesãos, pedreiros, eletricitistas etc. em _____?

Por favor, comente sua resposta.

15) Em sua visão, com a chegada do turismo das pousadas da Rota Ecológica houve alguma melhoria na renda das pessoas de _____?

16) Em sua opinião, o turismo das pousadas da Rota Ecológica gera emprego e renda para as pessoas do _____?

Por favor, comente sua resposta.

17) Na sua percepção, com a chegada do turismo das pousadas da Rota Ecológica houve alguma melhoria nas estradas, telefonia, energia e abastecimento de água em/no _____?

Por favor, comente sua resposta.

18) Na sua visão, depois da chegada das pousadas da Rota Ecológica o preço dos terrenos de _____ aumentou?

Se sim, isso afeta a vida das pessoas do lugar e como?

Se não, por que não?

19) Pelo que o(a) senhor(a) sabe, os donos das pousadas da Rota Ecológica compram produtos e serviços locais?

Se sim: o(a) senhor(a) poderia informar quais produtos e serviços?

20) Pelo que o(a) senhor(a) sabe, os turistas que ficam nas pousadas da Rota Ecológica compram produtos e serviços locais?

Se sim: o(a) senhor(a) poderia informar quais produtos e serviços?

21) Na sua percepção, com a chegada do turismo das pousadas da Rota Ecológica o custo de vida mudou para as pessoas de _____?

Por favor, comente sua resposta.

22) Em sua opinião, as pousadas da Rota Ecológica contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento de _____?

Por favor, comente sua resposta.

23) Tanto quanto o(a) senhor(a) se lembra, como era o meio ambiente em _____ antes da chegada das pousadas da Rota Ecológica?

24) Na sua visão, em relação à questão ambiental, as pousadas da Rota Ecológica trouxeram alguma coisa boa para _____ (nome do município)?

Por favor, comente sua resposta.

25) Na sua visão, as pousadas da Rota Ecológica causaram algum tipo de problema ambiental em _____ (nome do município)?

Por favor, comente sua resposta.

26) Em sua opinião, como o(a) senhor(a) vê a crescente divulgação sobre _____ com a chegada das pousadas da Rota Ecológica?

27) Com base na sua percepção, o senhor gostaria que mais pousadas como essas da Rota Ecológica fossem construídas em _____?

Se sim: Por que?

Se não: Por que não?

28) Com base na sua percepção do turismo das pousadas da Rota Ecológica, _____ é um lugar melhor pra se viver hoje ou era melhor antes da chegada das pousadas?

Por favor, comente sua resposta.

*Muito obrigado pela sua
contribuição com esta pesquisa!*

ANEXO A

Examples of discussions and definitions related to mass tourism

Reference	Examples of discussion surrounding mass tourism
Cohen (1972)	Mass tourists have a higher likelihood of experiencing culture shock because of the mass tourism method of confining the tourist to a bubble
Murphy (1985)	Mass tourism not only means a larger number of tourists; it also means the concept of mass merchandising
Poon (1993)	The trend for demand to move away from mass tourism to more alternative niche forms
Shaw and Williams (1994)	The negative effects of mass tourism: spatial and temporal polarization, dependency and external control, intense environment pressure
Wheeler (1994)	The future trend for mass tourism to continue to grow in popularity and increase in scale, raising the term 'mega-mass tourism'
Vanhove (1997)	Mass tourism contains two characteristics: participation of large numbers of tourists, and a standardized, rigidly packaged and inflexible product
Wang (2000)	The lure of consumption: a synopsis of the discussions surrounding mass packaged tourism degenerating the significance of places and events
Richards (2001)	The distinction and popularization of high culture and mass culture in cultural attractions
Shaw and Williams (2002)	The association between high sustainability costs and mass tourism. The total sustainability costs of mass tourism may be less when compared to the same amount of tourists spread over a larger geographical area, as with forms of niche tourism
Clarke (2004)	Gives a chronological example of the movement from the traditional perception of mass tourism to the development of sustainable tourism have utilized parts of the infrastructure within mass tourism
Bramwell (2004)	Mass tourism as a quantitative notion since its increase in the 1960s. Focuses on an evaluation of the impact of mass coastal tourism and that of alternative coastal tourism. Mass tourism as a product that can adapt to the growing demands of modern tourists by offering a wider variety of supplementary products
Urry (2005)	The development of mass travel by train in the second half of the 19th century. This revolution caused further class distinction in forms of

Continuação

	tourism, where destinations became ridiculed and mocked through the term 'mass'
Pender (2005)	Mass tourism as a relatively young phenomenon that is reaching the end of immaturity and entering early maturity
Beaver (2005)	Mass tourism as defined by the words 'large scale'. Also noted is the incorrect assumption of tourism as 'not being sustainable', helping to develop a definition for the term
Page and Connell (2005)	Emphasizes the work of Clarke (1997) as mass tourism and sustainable tourism as polar opposites, but containing similar components. Sustainable tourism as the future core component of mass tourism
Holloway and Taylor (2006)	Use of the word 'masses' and development in relation to the Ford Model T car and mass production to mass consumption
Beech and Chadwick (2006)	Identification of traditional seaside resorts as a clear indication of the development of mass tourism. Interesting here is their identification of the misunderstanding of the benefits of mass tourism towards the host population (the realistic impacts of more tourists)
Digance (2006)	While defining the concept of pilgrimage, the first example of mass tourism is suggested as being the initial medieval pilgrimages between 500 and 1500 CE.
Van Egmond (2007)	Sustainable tourism should not be solely attributed to small-scale tourism. Mass tourism should not be considered 'unsustainable' because of the size and components of development
Holden (2008)	The movement from mass tourism to alternative tourism as characterized by the tourist's over-familiarity with the concept of 'mass destination'
Obrador Pons et al. (2009)	The movement away from the image of mass tourism as an evil of capitalism and globalization. Mass tourism as having the ability for greater depth and the ability to develop the self (meaning and significance in leisure and lifestyle from this type of tourism activity)

Fonte: Marson (2011)